

YURI ARAUJO DE MELLO

Broadcasting yourself: a construção do sujeito por
meio da fala de si no YouTube



YURI ARAUJO DE MELLO

Broadcasting yourself: a construção do sujeito por
meio da fala de si no YouTube

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Linguística e Língua Portuguesa Exemplar apresentado para exame de qualificação.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin

Bolsa: Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico
(CNPq)

ARARAQUARA – S.P.
2018

YURI ARAUJO DE MELLO

Broadcasting yourself: a construção do sujeito por meio da fala de si no *YouTube*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Linguística e Língua Portuguesa Exemplar apresentado para exame de qualificação.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin

Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Data da defesa: 23/ 01/ 2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin
Unesp – Araraquara (SP).

Membro Titular: Profa. Dra. Israel de Sá
UFU – Uberlândia (MG).

Membro Titular: Prof. Dr. Luciane de Paula
Unesp – Araraquara (SP).

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

de Mello, Yuri

Broadcasting yourself: a construção do sujeito por meio da fala de si no YouTube / Yuri de Mello – 2018
197 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin

1. Análise do Discurso de linha francesa com Michel Foucault. 2. Linguística da Enunciação. 3. Teorias das Mídias . 4. Produção de Subjetividades. 5. Semiologia na linguagem. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A meus amados pais Eili Araujo da Silva e Jorge Alexandre Vargem de Mello, que me ensinaram a falar...

AGRADECIMENTOS

Tendo em vista a laicidade da instituição e a liberdade religiosa a qualquer crença, que deveria existir efetivamente, agradeço este percurso ao meu Deus;

Aos meus pais Eili Araujo da Silva e Jorge Alexandre Vargem de Mello, os amores da minha vida, que me mostraram que o amor pode ser imensurável e que com ele todos os sonhos podem se tornar reais;

Ao meu irmão Igor e minha “cunha” Karina, por estarem sempre presentes;

À minha amada orientadora, professora e amiga Maria do Rosário Gregolin, por me permitir alcançar lugares que nunca imaginei e por me ensinar a aproveitar cada momento. Afinal, a vida é um sopro;

Às minhas tias mais amadas Marlene (mil “beijo”) e Bárbara, que tornam minha vida mais feliz: família não se liga por outros laços além do amor;

Ao meu avô Edi e Márcia, por sempre confiarem em mim e tornarem tudo especial;

À Minha (Dona Marta) e ao meu “Téia” (seu “Silva”), meus padrinhos amados, e toda sua família (em especial Elaine e Felipe);

À minha família;

Ao meu melhor amigo ariano Diego Teixeira Araújo, para além da amizade, lealdade e por tornar todos os momentos inesquecíveis, por ser um divisor de águas na minha vida, tornando-a mais plena;

Ao meu melhor amigo de infância e meu cantor lírico mais querido David Monteiro de Azevedo, por ser meu irmão dado pela vida, em todos os momentos;

À minha melhor amiga ariana Marina, que tornou o percurso mais leve, prazeroso e, principalmente, possível;

À família Esteves e Tomel por todo carinho;

Aos meus amigos Ericksson, Dalila, Puka, Henrique, Guilherme, Flávia Salvatore, Bruno, Igor, Marcel, Aline Moreira, Taciane, Camilinha, Renatinha, Paty Antonio, Cinthia, Helô, Jéssica, Ana, Paty Falasca, Víctor, Tamires, Daniel, Sílvia, Monique, Carol, Marina Lara, Tamis, Tiago Rodrigues, Thalles, Luiza Bedê, Radá, Cezinaldo, Nathália, Victória, Milady, Claudimar, Fer, Luiza, Raimara, Carlos Eduardo (e todos do *CLG*), Alexandre, Elaine, Isadora, Tali, Mariana, Isabela Martins e a todos que não estão aqui;

À dona Noêmia, seu Amaro, Thiago e toda sua família

Aos meus professores Vanice, Luzmara, Carlos, Nilton, Denise, Toni, Cleudemar, Regina, Renan, Ivânia, Pedro;

Ao Renan e Luzmara, pelas contribuições valiosas no exame de qualificação;

Aos professores Luciane de Paula e Israel de Sá, por aceitarem a participar desse momento tão caro a mim;

Aos meus professores da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, em especial, Marina Mendonça, Gladis Massini-Cagliari, Cássia Sossolote, Rosane Berlink, Cristina Fargetti, Daniel Costa, Nildi, Jean Portela, Fabiane, Adalberto, Maria Lúcia e Paulo Andrade;

Aos meus amigos da Academia Zeus (da minha terrinha: Rio de Janeiro), em especial à Taís e Cláudio;

Aos meus amados sogros Sílvia Sidnei, pelo carinho, cuidado, suporte e, sobretudo, por serem minha família;

Ao meu amor Richard Esteves Tomel, por me mostrar que a felicidade não se vende, não se compra, não se conquista. Vive-se, todos os dias.

Ao CNPq, pelo auxílio para feitura deste trabalho;

Ao GEADA, por me abrigar nesse projeto de felicidade;

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a constituição deste trabalho. Muito obrigado!

Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever.
(FOUCAULT, 2008b, p. 20).

RESUMO

Pode-se afirmar que a prática de fala é um elemento da linguagem que sempre esteve presente dentro das problematizações do homem na sociedade, especialmente quando esta fala se trata sobre nós mesmos. A prática da fala de si e da vida, de ordem pública ou privada, não é uma exclusividade de nossa contemporaneidade. Essa prática de linguagem está presente ao longo da história e remonta, inclusive, ao convencional berço de nossa civilização ocidental. Desde as longas falas pautadas em um trabalho minucioso da arte retórica às declarações na internet, fazendo com que este ambiente seja tensionado pela mescla mútua do público e privado. Para tanto, toma-se como *corpus* de pesquisa dois vídeos produzidos por dois canais brasileiros do *YouTube*, um produzido por Kéfera Buchmann e outro por Felipe Neto. Esses sujeitos se colocam diante das câmeras para mostrarem suas habilidades performáticas, retóricas e, sobretudo, para estetizarem suas vidas ao narrar fatos de seu cotidiano, ao contar “intimamente” suas lembranças e ao dar suas opiniões sobre temas diversos, principalmente temas referentes a si mesmos. Dessa maneira, localizados na área que compreende a Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a se baseia nas reflexões de Michel Foucault e outros autores, pretende-se lançar um olhar discursivo atravessado sobre o sujeito falando com o intuito de compreender como os sujeitos podem construir subjetividades fazendo uso de práticas enunciativas de si nos meios digitais. Então, tentaremos observar como a prática enunciativa (de si) e seus elementos constitutivos podem ser observados sob a perspectiva discursiva com Michel Foucault a partir das materialidades dos enunciados analisados metodologicamente a partir da Análise do Discurso de linha francesa e das ferramentas oferecidas pela Linguística da Enunciação e Teorias das Mídias. Conclui-se que os sujeitos que se aluem pela multiplicação de efeitos de verdade nos meios digitais.

Palavras – chave: Análise do Discurso de linha francesa, Michel Foucault, Linguística da Enunciação, Mídias, Subjetividades

RÉSUMÉ

On peut affirmer que la pratique de la parole est un élément du langage toujours présent dans les problématiques de l'homme dans la société, spécialement quand la parole s'agit de nous-mêmes. La pratique de la parole de soi et de la vie, dans l'ordre public ou privé, ne sont pas une exclusivité de notre contemporanéité. Cette pratique du langage est présente à travers de l'histoire qui peut remettre au berceau de la civilité occidentale. À partir des longues paroles travaillées minutieusement dans l'art rhétorique jusqu'aux déclarations sur l'internet, un lieu de tension où l'espace public et l'espace privé se mélangent. De cette façon, on choisit comme *corpus* de recherche deux vidéos produits par deux chaînes brésiliennes de l'*YouTube*, une chaîne produite par Kéfèra Buchmann et l'autre chaîne produite par Felipe Neto. Ces sujets se placent en face des caméras pour montrer leurs habilités de performance, rhétoriques et, surtout, pour devenir leurs vies plus esthétiques quand ils racontent les faits du quotidien quand ils parlent "intimement" leurs souvenirs, quand ils donnent leurs opinions sur les thèmes divers, principalement les thèmes liés à eux-mêmes. Ainsi, on part de l'Analyse du Discours française, plus spécifiquement celle basée sur les réflexions de Michel Foucault et les autres auteurs, on prétend observer le sujet en train de parler, pour comprendre comment les sujets peuvent construire les subjectivités en utilisant les pratiques énonciatives de soi sur l'internet. Donc, nous essaierons observer comment les pratiques énonciatives (de soi) et ses éléments constitutifs peuvent être observés par l'Analyse du Discours avec Michel Foucault à partir des matérialités des énoncés analysés méthodologiquement par l'Analyse du Discours française et par les instruments de la Linguistique de l'Énonciation et les Théories des Médias. On conclut que les sujets sont divisés par la multiplication des effets de vérité dans les médias numériques.

Mots-clés: L'analyse du discours française, Michel Foucault, Linguistique de l'Énonciation, Médias, Subjectivités.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação gráfica do sujeito discursivo

Figura 2: Circuito comunicacional apresentado por Saussure, 2006, p. 19

Figura 3: Signos apresentados por Saussure (2006, p. 133) em sistema.

Figura 4: Timer do comercial da cerveja Colorado presente antes do vídeo no YouTube

Figura 5: Jovem com um controle remoto que tem a “autonomia” de escolher o que vai assistir nos canais de televisão – Imagem produzida pela *Apple Box Productions, Inc.*

Figura 6: triângulo para analítica do poder

Figura 7: Kéfera nos momentos iniciais de seu vídeo

Figura 8: Kéfera cita uma frase em caixa alta

Figura 9: Kéfera procura por defeitos em frente ao espelho

Figura 10: Kéfera respondendo a indagação do porquê a mulher persegue a si mesma

Figura 11: Kéfera opta por açúcar ao invés do adoçante.

Figura 12: Kéfera mostra a negação de sua amiga em te ajudar.

Figura 13: Kéfera ao simular uma amiga falsa

Figura 14: Felipe Neto antes de começar efetivamente o seu vídeo

Figura 15: Felipe Neto encena outro sujeito ao falar que gosta de fazer dieta

Figura 16: Felipe Neto ao falar do seu corpo quando estava engordando

Figura 17: Kéfera dá boas vindas ao seu público para mais um vídeo de sua série “Kéfera responde”

Figura 18: Kéfera simula um “tiro” nas redes sociais.

Figura 19: Kéfera lê os comentários de seus seguidores com auxílio do celular

Figura 20: Kéfera fala sobre os males que atingem as pessoas idosas.

Figura 21: Kéfera fala sobre a velhice

Figura 22: fotograma da Cinderela

Figura 23: momento de suspensão do vídeo de Felipe Neto

Figura 24: Felipe explica gestualmente o que seria um homem com os testículos grandes.

Figura 25: Felipe Neto lê um comentário de um sujeito que dá apoio a ele

Figura 26: Felipe Neto lê um comentário de um sujeito que se encontra no meio termo

Figura 27: Felipe Neto lê um comentário de um sujeito que é contrário a ele

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ANÁLISE DO DISCURSO DENTRO DE UM CAMPO DO SABER	17
2.1.	Prelúdio a uma discussão.....	17
2.2	Da Linguística saussuriana à AD francesa: Saussure e seu gesto fundador	20
2.3	Análise do(de) Discurso(s): Pêcheux e seu gesto fundador	27
2.4	Foucault na Análise do Discurso	34
2.5	As Semiologias e a Análise do Discurso	40
2.5.1	Uma Semiologia com Roland Barthes.....	42
2.5.2	Semiologia Histórica com Courtine: Foucault e ou na Análise do Discurso?	47
3	LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO COM MICHEL FOUCAULT: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	54
3.1	Benveniste e Linguística da Enunciação, ou teorias da enunciação?	55
3.1	Visões sobre enunciação: embasamentos.....	58
3.2	Da subjetividade na língua para a subjetividade no discurso: enunciação-enunciado com Bakhtin, Pêcheux e Authier-Revuz.....	66
3.3	Da subjetividade na língua para a subjetividade no discurso: enunciação-enunciado com Michel Foucault	75
4	METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO CORPUS	91
4.1	De um passeio pelas mídias tradicionais à estadia no <i>YouTube</i>	91
5	ANÁLISES DAS CONSTRUÇÕES DO EU NA ENUNCIÇÃO DE SI	118
5.1	Meu eu, meu corpo: sou o que digo ser.....	118
5.2	“Decifra-me ou te devoro”: entrada às subjetividades	144
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
	REFERÊNCIAS	174
	ANEXO – TRANSCRIÇÃO DAS MATERIALIDADES AUDIOVISUAIS	177

1 INTRODUÇÃO

[...] *Os mundos virtuais se propõem como instrumentos de conhecimento de si e de autodefinição de grupos humanos, que podem então constituir-se em intelectuais coletivos autônomos e autopoieticos [...] os mundos virtuais põem as inteligências em comunicação e acompanham as navegações dos indivíduos e dos grupos no conhecimento coletivo [...] (LÉVY, 2007, pp. 88-89; grifo nosso).*

A quase onipresença presença dos meios tecnológicos digitais na vida dos sujeitos contemporâneos é inquestionável, tornada um dos principais traços de nossa atualidade. Com o surgimento das redes mundiais de computadores pessoais que estabeleceram comunicações mediadas e imediatas, possíveis por *interfaces*¹ digitais, os sujeitos puderam imergir dentro de universo em constante mudança. Desde o seu surgimento, que remonta a década de 1990, a internet democratizada já delineava a extensão desse novo espaço do homem: *World Wide Web*. Neste tecido ou rede (*web*) imenso, vasto, variado (*wide*) mundial (*world*) ou sujeitos promovem trocas, ligam-se por informações suportadas por diversas materialidades de linguagem, tais como imagens, sons, textos verbais ou *hipertextos*². Nesse mar de elementos linguísticos são criados verdadeiros mundos, porosos e ilimitáveis, como o *YouTube*.

Para além de um repositório de produções audiovisuais que marca seu surgimento em 2005 (por Jared Karim, Chad Hurley e Steve Chen), hoje, sob o poder do *Google*, o *YouTube* tornou-se um lugar de interações sociais, um lugar de fala, onde o sujeito se define por suas práticas enunciativas com efeitos *autopoieticos*. Do grego *auto* “próprio” e *poiesis* “origem”, esse processo, surgido no campo da Biologia (na década de 1970) e posteriormente realocados aos estudos das Ciências Humanas, pode ser entendido, *grosso modo*, como uma atividade de se produzir a si mesmos. Nesse sentido, com o fim de observar como os sujeitos, por meio de práticas enunciativas

¹ Podemos definir *interface* como intermédio comunicativo, ou seja, é um modo como ocorre uma comunicação entre dois pontos distintos que não podem interagir diretamente. Caracterizado por um *software* presente em um suporte tecnológico que é controlado por comandos promovidos por uma pessoa.

² *Hipertexto* é um sistema de organização da informação em que certas palavras, imagens etc. ligam-se a outros documentos visualizáveis quando selecionados por comandos do sujeito.

realizadas por si mesmos – as *falas* – constroem subjetividades para si (e para os outros) no *YouTube*.

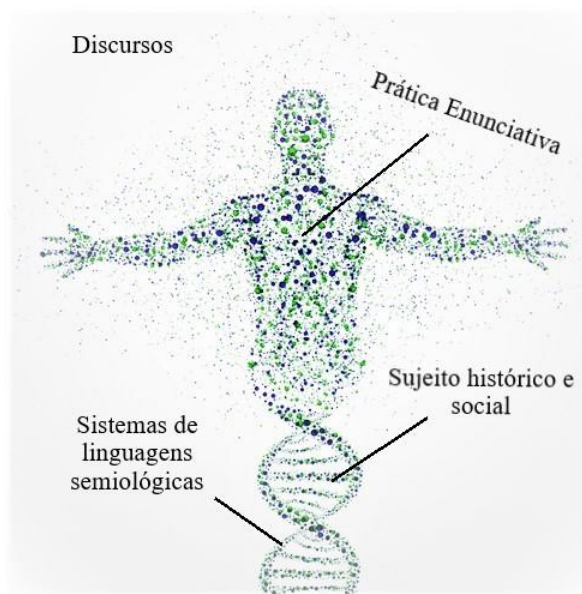


Figura 1: Representação gráfica do sujeito discursivo³

Observa-se que os sujeitos que se localizam nos meios digitais se constroem por discursos são pontos de enunciados que constroem os sujeitos, ligam-nos a determinados discursos, enquanto outros enunciados continuam dispersos, em confronto. Os sujeitos, assim, constroem-se de maneira tensiva, por embates discursivos, de enunciados. Como fica claro na figura apresentada, todos esses pontos de discursos constroem, sedimentam, mesmo por algum momento, o sujeito. Entretanto, os discursos não estão dispersos abstratamente na sociedade, na história, eles possuem uma materialidade com a qual o sujeito se defrontará, “apropriar-se-á”. Nesse sentido, os sistemas de linguagens semiológicas oferecem aos discursos materialidades que tornam possíveis seu funcionamento em práticas enunciativas realizadas pelos sujeitos nos meios digitais.

Partindo do olhar da Análise do Discurso de linha francesa (também chamada de AD), mais especificamente a que se baseia nas reflexões de Michel Foucault e outros autores, em diálogo com outras teorias pertinentes à análise do nosso objeto, cujo *corpus* de análise se constitui dois canais brasileiros do *YouTube*, um produzido por

³ A figura pode ser encontrada no endereço <https://www.jamesgmartin.center/2017/02/citing-genetics-power-rock-music-physicist-says-diversity-crossbreeds-excellence/>

Felipe Neto (em seu canal homônimo) e outro por Kéfera Buchmann (em seu canal *5inco minutos*). Cada um desses sujeitos são possuidores de um dos maiores canais do *YouTube* do Brasil e ambos começaram a criar conteúdos youtubológicos para seus canais em 2010 e, desde então, podem ser tomados como um dos principais influenciadores, como usualmente se julgam, de uma grande parcela de jovens e adultos. Ocupando esse lugar privilegiado, não somente no âmbito digital, mas na vida de muitos usuários que os assistem e os seguem fielmente. Esses sujeitos que abordam temas diversos referentes à atualidade de seus seguidos, principalmente assuntos que relacionam com suas próprias vidas, que servem como um exemplo de experiência vivenciada relatada pela fala, um espelho ou, o que é mais recorrente, um exemplo a ser seguido. Assim, observamos que a construção desses sujeitos funciona, justamente, pela fala diante das lentes *YouTube*: suas falas verbais, a qualidade de suas vozes, suas expressões faciais, seus gestos acompanhados de edições dos vídeos e todos os traços suprasegmentais que são constitutivos da enunciação constroem, concomitantemente, os sujeitos que veem seus vídeos. Dessa maneira, para entender um pouco mais sobre a proposta do presente trabalho, dividimos em quatro capítulos, da seguinte forma:

No Capítulo 1, *Análise do Discurso dentro de um campo do saber*, pontuaremos o lugar da Análise do Discurso de linha francesa dentro dos estudos científicos da linguagem. Abordaremos traços que são presentes dentro do campo da Linguística e são continuados por uma de suas ramificações: Análise do Discurso, como a transdisciplinaridade que as identificam desde o surgimento da Linguística saussuriana. Falaremos sobre a noção de linguagem, importante à compreensão da dissertação, a formação da Análise do Discurso como um campo de estudos científicos, a inserção de Michel Foucault dentro dos estudos discursivos e sobre as problematizações contemporâneas visíveis no interior da Análise do Discurso a partir das pesquisas laboradas por Jean-Jacques Courtine sobre uma Semiologia Histórica que se desenvolve dentro dos estudos discursivos.

No capítulo 2, *Linguística da Enunciação com Michel Foucault: aproximações e distanciamentos*, discutiremos o objeto complexo da enunciação capturados dentro de alguns estudos. Como ponto de partida às reflexões, partiremos dos trabalhos de Émile Benveniste, considerado como fundados dos estudos enunciativos dentro do campo da Linguística. Passearemos por algumas teorias tradicionais da área emergente que compreende a Linguística da Enunciação e por estudos que possuam como principal objeto a enunciação. Problematizaremos uma abertura teórica que permite considerar

outros autores que podem ser trazidos para o interior de seu quadro epistemológico de pertinência, sendo assim possível chamar este campo de *Teorias da Enunciação*, fato que reforça sua heterogeneidade constitutiva. Por fim, problematizaremos da subjetividade na língua à subjetividade na linguagem com os estudos de Michel Foucault vistos sob as lentes da Análise do Discurso linha francesa, ou seja, da Linguística.

No capítulo 3, *metodologia e descrição do corpus*, trataremos mais propriamente do objeto midiático que tomamos para labor no trabalho de dissertação. Dialogaremos com os estudos de mídias a partir dos principais trabalhos realizados. Falaremos sobre o funcionamento das mídias tradicionais e as regularidades das práticas midiáticas que são presentes nas novas mídias. Abordaremos desde o espetáculo, a indústria cultural e outros temas diversos que fazem parte das mídias até os estudos das novas mídias e a pontualidade da mídia digital do *YouTube*, em seu funcionamento, em sua estrutura, fato que marca o surgimento (e possibilidade) de novas enunciabilidades contemporâneas.

No capítulo 4, *análises da construção do eu na enunciação de si*, analisaremos mais propriamente o funcionamento das enunciações do nosso *corpus* de pesquisa. A análise da materialidade audiovisual será feita a partir da seleção de uma totalidade de quatro vídeos, dois vídeos que são respectivos ao canal *5inco minutos* sustentado por Kéfera Buchmann e o outro canal (homônimo) sustentado por Felipe Neto, em que teremos como materialidade analítica as enunciações dos sujeitos que funcionam como elementos fundamentais à prática de construção de subjetividades nos meios digitais.

2 ANÁLISE DO DISCURSO DENTRO DE UM CAMPO DO SABER

2.1. PRELÚDIO A UMA DISCUSSÃO

[...] Quais são os problemas que a linguística em sua forma moderna pode introduzir no pensamento geral, na filosofia, se vocês querem e, mais precisamente, nas ciências humanas? (Michel Foucault, 2000a, p. 160)

Análise do Discurso. Pensá-la nos dias atuais é, sem dúvida, considerar a heterogeneidade que a constitui. É entrar em um campo tentacular, de entremeios. É pensar em uma Análise do Discurso com desenvolvimento singular, dentre as várias que possuem ou, a partir da mesma base, delinearam sua história singular. Nesta perspectiva, por um trabalho de *mise en place* desse determinado campo do saber e, sobretudo, para colocar as lentes através das quais observaremos nossos objetos, o presente capítulo que abre a dissertação de mestrado propõe pensar em um determinado suporte teórico e metodológico que é a Análise do Discurso e explicitá-la como dentro de uma determinada disciplina científica, que é a Linguística, sobre a qual nossas reflexões também se apoiarão.

Dessa maneira, a importância da questão levantada por Michel Foucault em fins dos anos 1960, com relação às problemáticas impostas à ciência da linguagem e sua relação com outros domínios do saber (Ciências Sociais, Psicologia e, principalmente, com saberes que não possuem especificamente o *status* de saber científico) nos é muito valiosa e atual – eixo temático (complexo) que guiará este capítulo da dissertação: Análise do Discurso de linha francesa com Michel Foucault e outros saberes.

Evidentemente, delimitar o campo de atuação de um determinado saber, principalmente quando este em sua constituição possui como estrutura basilar a interdisciplinaridade, é uma tarefa um tanto laboriosa. Contudo, esta atitude metodológica é de suma importância. O delineamento do lugar de fala, mesmo que em suas margens suas linhas não sejam completamente nítidas e nunca terminalmente desenhadas, oferta aos participantes do trabalho certos óculos, por meio dos quais se pode observar, talvez com maior nitidez, uma movimentação teórica. Esta pode ser brevemente definida como a escolha de caminhos de pensamento a serem tracejados a

partir da base teórica e metodológica da Análise do Discurso de linha francesa⁴, comumente também chamada de AD, lugar de ida e de volta, de onde se pode construir pontes dialógicas e, atravessando-as, pode-se tocar outras áreas do conhecimento, dentro e fora dos domínios da Linguística. Tal prática pendular (de partida e retorno) permite ao analista visualizar melhor o objeto de discursos que adota.

Longe de ser um trabalho cujo objetivo é o ilusório e inatingível fechamento permanente, um fim, ele pretende ser um meio, ser fio ou, melhor, mais um fio de água, que (per)corre, em calma e conturbações, em (dis)curso. Pretende-se ser uma *sentença-rio*, que se comunica, mesmo que por um fino filete de água, com outros rios, em que qualquer ruído de água, desde um pequeno flúmen, que se movimenta à calma, aos mais aparentes mares e oceanos, que guardam em si seus mistérios, evoca a fertilidade, em combate às secas, fazendo florescer toda sorte de vegetação, como nos iluminou João Cabral de Melo Neto (1999)⁵.

Ainda segundo Michel Foucault (1969), principalmente a partir da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* (por vezes referido como CLG), Ferdinand de Saussure e seus sucessores no século XX propuseram uma nova proposta de análise linguística. A inauguração do método estrutural pelos leitores de Saussure, com um novo modo de fazer ciência, permitiu com que os estudos sobre a língua atingissem aquilo que Foucault chama de *limiar de cientificidade*. Foucault, então, observa determinadas características ao analisar a construção dos saberes na história. Ele sequencia, assim, determinadas obediências que a Linguística teve de tomar para ultrapassar os limites que a cercavam para fora do *campo da ciência*:

- a) Técnicas de formalização dos conceitos, métodos e limites epistemológicos;
- b) Relação com as teorias da comunicação;
- c) Relação com outros campos do saber

⁴ Atualmente, as configurações da Análise do Discurso (ou ainda Análise de Discursos, se quisermos pautar mais explicitamente outros objetos além dos textos políticos escritos que marcam sua fundação da AD pelo gesto de Michel Pêcheux) possui muitas ramificações de leitura. Cabe, pois, a necessidade de especificar qual a linha adotada. Nesta dissertação, considera-se o campo de estudos da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a que se baseia nas reflexões de Michel Foucault e outros autores, com os quais manteremos diálogos e que também nos servirão subsídios teórico-analíticos.

⁵ Vide o poema “rios sem discurso”, de João Cabral de Melo Neto (1999).

As assertivas do linguista genebrino nos atentam ao fato de que a constituição da *nova ciência*, ou ainda da *ciência-piloto* das ciências humanas, está em conjunção com a análise proposta por Michel Foucault. Podemos observar com clareza que o alicerce basilar do *Curso de Linguística Geral* se encontra inicialmente no Positivismo, corrente filosófica, política e ética surgida na França do século XIX pelos ‘pensadores John Mill e Auguste Comte.

Tais ideias pregam que somente por meio do conhecimento dos dados concretos (positivos) se poderia atingir o conhecimento verdadeiro, válido, à verdadeira ciência. Contrapõe-se, assim, às ideias teológicas e mitológicas para explicar fatos da realidade do homem. Considera-se, pois, a observação dos fatos e a elaboração das leis (naturais) que regem os fenômenos. Com base em métodos científicos válidos, que se querem exatos, há a recorrência ao paradigma de cientificidade da época, um *paradigma da exatidão*. Busca-se o “como” das coisas, de maneira lógica, coerente e justificável, portanto, que não pode restringir-se em si mesma. Com isso, a Linguística e outras ciências não se objetivariam rigorosamente como uma ciência fechada.

A *prática transdisciplinar*⁶ não é hodierna e inerente a algumas áreas da Linguística hoje – como é na AD –, mas é encontrada desde os primórdios de sua fundação. Justamente essa prática é um elemento que marca o rompimento do *feixe*, posicionando-a dentro de um *verdadeiro científico*, de modo a se edificar sobre um rigor teórico, com a explicitação de procedimentos metodológicos à análise do objeto, precisamente definido e delimitado.

Dessa maneira, a Linguística no século XX delimita o campo de atuação do linguista, pela formalização de teorias e metodologias (item “a”), o objeto de estudo não é somente um meio para se chegar a outro objeto, como o fez os estudos comparativos, o objeto é considerado em seu aspectos mais relevantes, colocando-o em diálogo com outros domínios de saberes (item “b”), o que evidencia que o objeto linguístico não é nem simples nem exclusivo de uma área (item “c”). Do mesmo modo, a Análise do Discurso francesa possui preocupações semelhantes com relação ao seu objeto discurso, como se pretenderá ver na seção seguinte. Assim, a Análise do Discurso seria um desdobramento possível de diferentes áreas, dentre elas, da Linguística.

⁶ Compreende-se *prática transdisciplinar* como sendo uma abordagem científica plural, por meio do estabelecimento de relações entre diferentes domínios do saber. Entretanto, o relacionamento entre diferentes disciplinas é feito cautelosamente, de modo que cada qual conserve sua singularidade e, concomitantemente, desvele suas porosidades e pontes de contato possíveis.

2.2 DA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA À AD FRANCESA: SAUSSURE E SEU GESTO FUNDADOR

Ao realizar o gesto de fundação da área que receberia o rótulo de Linguística, o genebrino pormenoriza definições conceituais, domínios de atuação do linguista e o objeto da ciência da linguagem. Muito já se discutiu a respeito de seus escritos póstumos, realizados pelas mãos de Bally e Sechehaye, entretanto, o retorno a alguns pontos que Saussure apresenta nos auxiliará em reflexões ulteriores no presente trabalho de dissertação, mesmo que por eles passemos bem brevemente.

A relação que a Linguística possui com outras ciências evidencia, desde pronto, sua heterogeneidade fundante. Saussure aventava, nesse sentido, que “a Linguística tem relações estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe oferecem dados. *Os limites que a separa das outras ciências não aparecem nitidamente [...]*” (SAUSSURE, 2006, p. 13, grifo nosso). Com seus parâmetros, tanto de ordem teórica quanto metodológica, conferem-lhe especificidade e uma identidade, capaz de fazer circular *enunciados verdadeiros*⁷: uma *disciplina*, que podemos definir como “[...] conjuntos de enunciados que tomam emprestado de modelos científicos sua organização, que tendem à coerência e à demonstratividade, que são recebidos, institucionalizados, transmitidos e às vezes ensinados como ciências [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 200).

No *Curso de Linguística Geral* a linguagem possui duas faces inconcebíveis uma sem a outra. Por um lado, ela seria de cunho coletivo, uma *instituição social*, produto em contínua transformação, que implica um sistema de mais estabilidade por ser convencionalizado socialmente e, ao mesmo tempo, uma prática atual, de contínua mudança. Em síntese, “[...] a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 16).

Saussure percebe que a linguagem possui uma historicidade do passado ao presente ou do presente, ou seja, o autor, como muitos poderiam argumentar, não

⁷ A noção de *enunciados verdadeiros* constitutivos de um domínio do saber científico pode ser ancorado na definição do conceito de disciplina apresentado por Foucault n’*A ordem do discurso*. Segundo o autor “[...] uma disciplina se define como domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isso constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor [...]” (2008a, p. 30).

desconsidera a história e, nem muito menos, a atuação do sujeito dentro dos estudos da linguagem – dizê-lo seria um equívoco –. Por vezes o autor utiliza o termo “evolução” para abordar o tema da linguagem, dizendo que ela evoluiria ao longo do tempo até chegar à nossa atualidade. Além dessa visão naturalista, há procedimentos linguísticos em que o linguista se debruça apenas sobre o presente.

O linguista observa dois enfoques diferentes para análise (histórica) da materialidade linguística: a *sincronia* e *diacronia*. Porém, o fenômeno sincrônico possui desassemelhanças com o diacrônico. O primeiro se refere ao campo das simultaneidades e, o segundo, ao campo da substituição (de um elemento por outro) ao longo do tempo. A base teórica do *Curso*, pois, não exclui, de fato, a existência de uma reflexão sobre o sujeito, a história e o espaço. Há um tipo de sujeito, um tipo de história. Concorde-se quando Foucault diz que:

[...] longe de ser anti-histórica, a análise sincrônica nos parece mais profundamente histórica, já que integra o presente e o passado, permite definir o domínio preciso em que poderá repetir uma relação causal, possibilitando passar finalmente à prática (FOUCAULT, 2008b, p. 166).

Quando se destina a falar de social, Saussure (2006, p. 21) não se atém ao silêncio. Ele argumenta que os indivíduos constituiriam uma *instituição*, em que todos os elementos possuem em comum a obediência a um conjunto de regras e normas estabelecidas para o funcionamento do coletivo, de maneira organizada. Dentro da instituição, todos os indivíduos interagem e mantêm contato porque haveria, entre eles, algo que os unem. Esta união seria possível, assim, por meio da língua e linguagem, ela se configuraria como uma espécie de *meio-termo* entre os indivíduos, por meio do qual todos poderiam produzir signos ligados a conceitos e sentidos apreendidos, sem grandes problemas, por toda coletividade.

O *meio-termo* de que fala o genebrino, noção que chamará mais adiante de *fato social*, é constitutivo do conceito de língua e linguagem. Ela permite que se coloque o objeto no cerne das reflexões e problemáticas das ciências humanas. Pois, na visão do linguista, não é somente na e por meio da língua que os sujeitos podem realizar procedimentos de trocas informativas, como se pode observar na figura abaixo, na seção do *CLG* que se intitula “lugar da língua nos fatos da linguagem”:



Figura 2: Circuito comunicacional apresentado por Saussure, 2006, p. 19

Neste esquema apresentado no *CLG*, pode-se pontuar mais nitidamente alguns fatores importantes. Além do esquematizado funcionamento de um circuito comunicacional humano, em que se envolvem um *indivíduo A* em diálogo com um *indivíduo B*, em que produzem fisiologicamente, e por processos cerebrais, a língua. Eles fazem uso consciente dos fatos da linguagem, dos signos, tomados a partir da associação psíquica entre as imagens acústicas atreladas a conceitos, associados às representações. Em síntese, Saussure (2006, p. 20) considera três grandes partes que são de suma importância para a produção do *signo linguístico*:

- a) As partes físicas que se compõem pelas ondas sonoras da língua;
- b) Os elementos fisiológicos que envolvem a produção (fonação, aparelho articulatório etc.); e recepção (audição, quando se trata da fala);
- c) A ordem psíquica, responsável pela ligação de conceito e imagem acústica.

Os *signos linguísticos* de que fala o autor são da ordem da língua, podem ser definidos brevemente, e de maneira simplória, como a junção de um significado e um significante, como podemos observar na figura abaixo:



Figura 3: Signos apresentados por Saussure (2006, p. 133) em sistema.

É importante também considerar que quando Saussure desenvolve sua teoria sobre os signos, tanto da língua como aqueles que fariam parte de um outro domínio, mas que possuiriam em comum a base significante e significado, possuem uma significação de ordem social e histórica. Nesse sentido, o autor promove um deslocamento de pensamento, em que propõe aos estudos das ciências humanas uma nova configuração:

Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que *não é livre* [...] está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. A todo instante, solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher [...]. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro* [...] (SAUSSURE, 2006, p. 88; grifo nosso).

Com a passagem supracitada, pode-se ver em um primeiro momento que a Linguística se constitui como uma ciência que não pretende colocar o homem como aquele que possui todo e qualquer controle sobre sentidos de suas próprias produções. Ele é afastado da centralidade do “dominador” do sentido, da língua e dos fatos sociais – uma ferida é aberta. Em seu lugar, é colocado um outro objeto, concreto e analisável cientificamente, segundo aquilo que se compreende como estatuto de cientificidade no momento da publicação do *Curso de Linguística Geral*.

Todos os elementos que fazem parte da vivência do homem em sociedade possuem uma significação social e histórica. Saussure (2006) os nomeia de signos, e para a língua, *signos da língua*. Encontra-se assim uma distinção daquilo que é considerado o signo social, ou, como preferimos, *signo da linguagem* e *signos da língua*. Estes dois elementos, apesar de serem gestados pelas práticas do homem, eles não são obedientes às vontades dos indivíduos. Com a Linguística, esse “poder” deles foi destituído. Os signos pertencem à história, ao social, à *coletividade*. Todos estes elementos são necessários para “[...] estabelecer os *valores* cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 132, grifo nosso).

Evidentemente que Saussure não foi ingênuo ao ponto de pensar que os signos apreendidos no seio social sejam apenas a união entre um significante e um significado, ou ainda a ligação entre um som e um conceito. A ideia de valor apresentado pelo linguista se dirige a pensar que ele é um elemento de *significação*, no sentido de que ele oferece aos indivíduos certos processos de produção de sentidos.

Ao mesmo tempo, os indivíduos submetem os sentidos às suas práticas linguageiras, pois eles encontram-se instalados, bem como os significantes linguísticos, dentro de um campo de possibilidades, ou seja, mudam-se e se apreendem diferentes sentidos conforme às ações da *coletividade*, assim, “[...] o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 135; grifo nosso): uma semiologia ou conjuntos de sistemas semiológicos por Saussure são pensados. E “[...] na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz característica, como faz o valor e a unidade [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 140-141; grifo nosso).

Um importante elemento levantado por Saussure, e se crê que sua vigência ainda está presente em muitos lugares da linguística, principalmente no campo em que se instala este trabalho, abriga-se na noção de *relação* ou *redes de relações*. As condições que conectam os elementos, sendo eles colocados em *relação*, subjaz a vários conceitos apresentados por Saussure, dentre eles o próprio conceito de valor, *langue*, este em oposição a *parole* etc. E como muito já foi trabalhado, as produções linguísticas vistas por Saussure podem ser divididas em dois objetos distintos. Por um lado, teríamos a *langue*, objeto abstrato, coletivo e mais estável, portanto, que faria parte do escopo do objeto da Linguística no início do século XX.

Este objeto, abstrato, seria concretizado pela *parole*, objeto mais concreto, individual e mais instável, portanto ele seria margeado dos estudos da linguagem. Entretanto, ao tomar a *langue* dentro do escopo dos estudos da linguagem na época, apesar de ser um objeto abstrato, é necessário que possua uma natureza concreta para ser analisada – apesar da suspensão da *parole*, sua atividade é pressuposta –. Assim, elementos como o sujeito e a história, como já foi visto até aqui, não foram exatamente *excluídos* das preocupações de Saussure. Pode-se dizer que o autor considera um tipo de história (mesmo das sucessões teleológicas, dos paradigmas) e um tipo de sujeito: o *indivíduo*.

Entretanto, todos esses elementos problematizados por teorias da linguagem mais contemporâneas – o sujeito e a história –, foram postos em suspenso, colocados subjacentes às análises. Tal procedimento epistemológico saussuriano, o *corde*, buscou responder a urgência de formalizar uma ciência que se relacionasse com os outros saberes (como aponta Foucault no item “c”, por nós apresentado na página 14). A base, pois, seria de máxima objetividade e exatidão, mais *positiva*. Eles só foram retomados e reelaborados mais posteriormente, com o desenvolvimento de algumas áreas dentro da

Linguística, como a Sociolinguística, os estudos da enunciação e (ou) Análise do Discurso.

Apesar de voltar o objeto da ciência no início do século XX para o sistema estável e coletivo da língua, Saussure expande suas reflexões para outros domínios que, no presente trabalho, se restringirá à breve passagem que ele dedica a *Semiologia*. Se na Linguística, a proposição foi estudar a vida dos signos (linguísticos) na ordem da língua (*langue*), a futura ciência chamada *Semiologia* (do grego *semeion*, signo) seria o estudo de todas as possíveis manifestações de linguagem na vida social, não contidas pela ordem do verbal escrito. Ela seria:

[...] *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*
 [...] Ela nos ensinará em que consistem os *signos*, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a *Semiologia* descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará destarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (SAUSSURE, 2006, p. 24; grifo nosso).

Segundo a perspectiva apresentada no excerto acima, a *Semiologia* parte de dois pressupostos básicos e, cremos, muito valiosos às movimentações e aos desdobramentos teóricos que o campo da Análise do Discurso francesa pautada nas reflexões de Michel Foucault toma atualmente. O primeiro ponto é pensar em um conceito de linguagem mais amplo, em sentido *lato*, não restrito apenas à ordem do verbal, do escrito ou do enunciado posto pela prática da *fala fisiológica*⁸, mas como uma grandeza verdadeiramente heteróclita, multifacetada, como apregoa ainda o linguista. Independente das diversas materialidades que a corporificam, todas elas são materialidades linguísticas ou, como aventa Saussure (2006, p. 24), são *fatos semiológicos*⁹.

⁸ Utilizamos o termo *fala fisiológica* para especificar, à esteira saussuriana, a enunciação pela prática que consiste em produzir, por uma corrente de ar em sentido externo, que ao passar pelas pregas vocais e pelas obstruções que dificultam a saída de ar da boca (língua, abertura, fechamento, arredondamento da boca etc.) sons do sistema linguístico, conceito bem mais próximo de *parole*, para Saussure. Pretendemos, assim, pensar em uma diferenciação entre a fala como uma produção comunicacional e fala em um outro campo conceitual, que será desenvolvido posteriormente no presente trabalho de dissertação.

⁹ Compreendemos no presente trabalho *fatos semiológicos* como sendo uma positividade da significação da linguagem, o objeto concreto formado na e pela linguagem. Flores et al. (2008, p. 41) fala sobre um “*fato enunciativo da linguagem*” como sendo aquilo que cria o objeto a ser analisado, portanto, um ponto de vista, um produto da interpretação e começo de toda e qualquer análise. Acredita-se que, um *fato semiológico* é, sobretudo, um *fato de linguagem*.

Já o segundo pressuposto que podemos observar, que dialoga e é complementar ao primeiro, é considerar que todas as manifestações do homem em sociedade, com seus objetos e tudo que o rodeia e constitui sua existência são construídos por signos: ou seja, relação entre materialidade e sentidos. A língua poderia ser considerada como sendo uma dentre os mais variados sistemas semiológicos. Para Saussure (2006, p. 24, grifo nosso): “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e *é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas*”. Dessa maneira, com a realização de um “pensar com Saussure”, os ritos, as formas de polidez, as ações humanas, o *discurso* seriam todos eles constituídos pela linguagem, portanto, trabalhos, sobretudo, com unidades da linguagem, pois, tanto a visão da língua, como um tipo de sistema semiológico, quanto os outros tantos sistemas semiológicos, que são construídos pela linguagem, todos eles possuem sua base elementar nos signos.

Para Saussure, a ciência chamada Semiologia possui um espaço bem delimitado, na Linguística – apesar desta estar subordinada àquela –. Ela tem, então, como principal objetivo a descrição das regras regentes e das leis que fazem funcionar esses signos, ambientados não mais na ordem da *langue*, mas na linguagem em funcionamento no seio social, no discurso. Mesmo que Saussure tenha expressado a não existência desta ciência, ele marca efetivamente os caminhos iniciais a serem percorridos pelos *semiólogos da linguagem*

Neste sentido, segundo ele, “quando a Semiologia estiver organizada, deverá averiguar se os *modos de expressão* que se baseiam em signos inteiramente naturais – como a pantomima – lhe pertencem de direito [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 82). Ou seja, se pantomima, que poderia ser considerada como a arte de manifestar sentidos por meio de gestos, expressões faciais e toda sorte de *expressão*¹⁰, faria parte das preocupações semiológicas, estando ela ainda dentro do escopo da Linguística. Importa também os traços suprasegmentais da linguagem, portanto, o próprio *signo da linguagem*. Desse modo, segundo Michel Foucault (2000a, p. 166): “A linguística permitiu, enfim, analisar não somente a linguagem, mas os discursos, isto é, ela permitiu estudar o que se pode fazer com a linguagem [...]”.

¹⁰ Por *expressão*, Saussure compreende como certas atitudes que são postas como regras pela coletividade e que os indivíduos devem seguir, pois “[...] todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 82).

Acredita-se, assim, que quando se estuda a unidade do discurso e seus efeitos de sentido, trabalha-se, sobretudo, com a linguagem. Sabe-se que nem a linguagem e nem o discurso são elementos abstratos, mas corporificados. E será que tal concretude não é, senão, um signo, composto por uma materialidade que possui, produz e reproduz sentidos? Pensar com Saussure só evidencia o quanto ele está presente em nosso fazer da Análise do Discurso de linha francesa, mesmo que não usemos *ipsis litteris* todos os seus postulados, nós o reatualizamos e, por vezes, o contrapomos em nossos trabalhos.

2.3 ANÁLISE DO(DE) DISCURSO(S): PÊCHEUX E SEU GESTO FUNDADOR

As origens desse campo transdisciplinar que posteriormente ficou conhecido como Análise do Discurso de linha francesa, ou ainda AD, simplesmente, remete a meados dos anos 1960. Neste momento a França presenciava o ápice do estruturalismo francês, momento em que os estudos linguísticos eram baseados a partir do *corte epistemológico* operado por Ferdinand de Saussure, baseado principalmente na diferenciação dicotômica *langue* e *parole*, cuja eleição do objeto da ciência era a *langue*, um sistema que se define por ser coletivo, mais abstrato e estável, passível de análises. Com o CLG, os trabalhos que se faziam até então partindo de análises comparativas de línguas sofrem uma cisão, passa-se a uma linguística da descrição da língua pautada em um rigor teórico, que põe em *suspensa*¹¹ os jogos de sentidos e instabilidades, portanto, é deixado à margem nas análises o *sujeito*¹² e uma noção de história, como já visto anteriormente.

As mudanças ocorridas nos anos que compreendem este período, como por exemplo a Guerra do Vietnã, que além do conflito bélico, com a intervenção dos Estados Unidos, foi também marcado por um intenso conflito ideológico, ambos transmitidos mundialmente pelas redes de tecnologia midiática. Ou, mais significativa, o

¹¹ Nota-se que há uma diferenciação entre a suposta e sacralizada ideia de exclusão saussuriana e suspensão. Acredita-se que Saussure não exilou efetivamente o sujeito e a história da Linguística, porque há uma certa noção de “indivíduo”, social, ou *coletivo*, e história, ou *tempo*. O que o genebrino operou foi uma escolha metodológica para a realização do trabalho de *fundar* uma ciência, uma estratégia metodológica.

¹² Apesar de aqui se utilizar o termo sujeito, Saussure utiliza com frequência o termo *indivíduo*, mais psicologizante, homogeneizado e consciente de seu dizer. A categoria teórica *sujeito* se volta mais, justamente, à noção compreendida pela Análise do Discurso de linha francesa.

episódio que ficou conhecido como o *maio de 68*¹³, quando uma geração de jovens universitários e intelectuais promoveram uma *insurreição teórica* contra a centralidade disciplinar e cisão entre ciência e política. Neste momento um tanto caótico, desenvolvia-se no solo francês um “[...] *gosto pelas margens e pelas descompartmentalizações interdisciplinares* [...]” (COURTINE, 1999, p. 11; grifo nosso).

Dessa maneira, já em fins dos anos 60, a Linguística foi marcada por uma intensa crise epistemológica em um contexto sócio-histórico também intenso. Com a delimitação do objeto e, principalmente, pelas leituras que foram feitas de Saussure, impediu qualquer possibilidade de se trabalhar a língua para além do nível da frase, do enunciado, das *estruturas linguísticas*. As problemáticas históricas que eram colocadas continuamente às ciências incitavam-nas a se movimentar para uma crítica à sociedade. Tornou-se necessária a revisitação do *corte* feito e os consequentes elementos deixados em suspenso naquele momento: a *História*, o *Sujeito* e o *Discurso*.

Para ultrapassar o nível do enunciado e fazer estourar o espartilho que segurava o objeto da Linguística na beleza da obviedade, considerou-se colocar o (novo) objeto da Linguística em um universo mais opaco, conotativo, posto em um jogo de inferências, implicações, pressuposições e prognósticos a partir dos indícios linguísticos. Florescia o desenvolvimento de uma teoria da enunciação centralizada nas práticas dos sujeitos em sociedade. Florescia, nesse contexto, uma *Linguística da frase*.

A enunciação que ora foi considerada como processo, uma ação, ora como uma enunciação enunciada, uma prática pressuposta ao “produto”, ou enunciado, permitiu com que se desenvolvesse, justamente, os elementos deixados à margem por Saussure. Um sujeito, que enuncia, produz e se constitui pela enunciação, localizado em um tempo, que compreende sua existência e um espaço, que compreende sua localização – *ego, hic, nunc*¹⁴ – faz aparecer o processo da *parole*, ou, melhor, do *discurso*.

De uma concepção muito restrita a uma concepção muito ampla sobre estas categorias, a passagem de uma da *Linguística da frase* a uma *Linguística do discurso*, como um campo das estratégias do sujeito na língua, evidencia que a enunciação não é

¹³ Courtine (1999, p. 13) ainda observa que o movimento estudantil midiaticizado conhecido por *Maio de 68* na França provocou uma *revolução discursiva*, uma nova maneira de olhar foi posta em voga pela *modernização das estruturas e transformação das mentalidades*, foram, assim, “[...] os últimos ecos das línguas de madeira (do discurso político estereotipado)”.

¹⁴ Em uma tradução ao Português Brasileiro, corresponderia às famosas categorias da enunciação “eu”, “aqui” e “agora”.

um conceito absolutamente consolidado, mas o *signo de um problema* (GREGOLIN, 2003).

Em uma pequena história do surgimento da AD, presente no texto *Elementos para uma história da Análise do Discurso na França*, Denise Maldidier (1997) observa um gesto de dupla fundação desta disciplina, centrada principalmente no encontro da *Linguística* com o *materialismo*. Ao contrário do que acontece em outras disciplinas e outros campos do saber, à Análise do Discurso de linha francesa pode ser atribuída uma fundação ou, melhor, um *ato de fundação* (MALDIDIER, 1997). Esta dupla fundação da área de que fala a autora, que se consolida ao longo da década de 1970, refere-se a duas figuras expoentes, pautadas nas figuras de Jean Dubois e Michel Pêcheux. Entretanto, independente um do outro, ambos elaborarão aquilo que vai se chamar *Análise do Discurso*: pela problematização do objeto, cuja própria disciplina faz referência, e o dispositivo analítico.

Para Jean Dubois, teórico ligado à universidade e um lexicógrafo de renome, reconhecido pela Linguística Francesa, a Análise do Discurso seria uma sequência “natural” da Linguística. Dubois constrói um *corpus* de contraste que o leva a relacionar modelos usuais e não-usuais da linguística, guiado por um *princípio estrutural*. Denise Maldidier (1997, p. 22) observa que ambos os autores são movidos por uma *marca do estruturalismo*, baseando-se sobre uma base invariante (sintaxe) e sobre uma seleção combinatória (léxico), o método de distribuir e constituir o *corpus* era centrado sobre a palavra, como se o objeto e o método para defini-lo fossem inseparáveis.

Dubois busca controlar as variantes e invariantes produzidas pelo sujeito, fazendo aparecer as regularidades significativas dos discursos contrastados pelo *corpus* construído. Nesse sentido, o autor “[...] dá lugar à enunciação: esta excluída na AAD69¹⁵ [...]” (MALDIDIER, 1997, p. 22), pois, além das tipologias discursivas, para ele, a enunciação aciona a noção de sujeito, atrelada a uma noção psicologizante: *uma operação de salvamento do sujeito*¹⁶ é posta.

O movimento que Pêcheux faz não é, pois, uma continuação “natural” da Linguística, mas sim um verdadeiro rompimento com os trabalhos que se faziam até então. O autor retoma os elementos deixados em suspenso por Saussure e os reformula, conjuga-os com outras referências teóricas e insere o sujeito em suas preocupações.

¹⁵ A autora faz referência à obra publicada por Michel Pêcheux, intitulada *L'Analyse Automatique du Discours*, em 1969.

¹⁶ Tal termo, como evidencia Maldidier (1997, p. 22), foi utilizado por Kuentz, na revista *Langue Française*, nº 15, 1972. Pêcheux a utiliza para se referir às leituras que se fizeram de Benveniste.

A formulação da noção de discurso que, em uma base marxista e enviesado por um olhar althusseriano, propõe uma *teoria não subjetiva do discurso* (ou *parole*, reformulada por Pêcheux).

O teórico-militante se distancia das evidências empíricas, presas na interioridade textuais. Para ele, o discurso é sempre construído a partir de hipóteses histórico-sociais, determinado e apreendido nas suas relações com a história. Tal é o princípio de construção do *corpus discursivo*: a *condição de produção* (histórica, social, econômica etc.) *do discurso*. Assim, segundo Malmidier (1997, p. 21): “[...] um tal objeto discurso representava, no campo da linguística, um verdadeiro deslocamento”. Com isso, inaugura-se um novo campo do saber em que é proposto como objeto o próprio *discurso*, “cuja espessura opera a articulação entre o linguístico e o histórico” (GREGOLIN, 2003). Fernandes (2007, p. 10) alude: “todo campo do saber edifica-se pautado em um rigor teórico a partir da definição de aspectos metodológicos, e focaliza um objeto que lhe é específico. Para Análise do Discurso, enquanto disciplina, o próprio nome efetua referência a seu objeto de estudos: o discurso”.

Desde sua fundação, a Análise do Discurso se configura como um campo transdisciplinar dentro de uma “Linguística do Discurso”, com uma relação estreita entre a Linguística e outras disciplinas. Pêcheux, em um artigo publicado com Catherine Fuchs (1975), delinea o quadro epistemológico da AD francesa, que se basearia nos seguintes campos do saber científico:

- a) *Materialismo histórico*, que engloba teoria das ideologias, das formações sociais e suas transformações históricas que permitem movimentar as ideologias e *interpelar* os sujeitos em sociedade;
- b) *Linguística*, como uma teoria necessária à compreensão dos mecanismos sintáticos e semânticos dos processos de enunciação dos sujeitos e observação de como a materialidade linguística, atrelada ao materialismo histórico, podem produzir determinados efeitos de sentidos apreendidos socialmente;
- c) *Teoria do discurso*, como uma teoria das determinações históricas que fornecem ao sujeito condições para produção de enunciações possíveis e efeitos de sentidos atualizados à sua prática e recuperáveis na história. Esta

oferece um suporte para a descrição e interpretação desses efeitos de sentido. Esses três campos (materialismo histórico, linguística e discurso) ainda seriam atravessados por uma teoria sobre o sujeito;

- d) *Teoria do sujeito*, baseada nas releituras feitas por Jacques Lacan da psicanálise desenvolvida a partir das teses de Sigmund Freud. Assim, a Análise do Discurso dos anos 1960, centrada principalmente nas figuras de Saussure, Marx e Freud, evidencia a íntima relação entre o linguístico e o histórico.

Em época de revisitações, revisões e reformulações teóricas, Pêcheux centrou seus estudos em quatro autores fundamentais que serviriam posteriormente para a consolidação do alicerce transdisciplinar da Análise do Discurso: *Louis Althusser*, com suas leituras das teses marxistas; *Mikhail Bakhtin*, com sua teoria sobre o caráter dialógico da linguagem e da heterogeneidade do discurso; *Jacques Lacan*, com suas leituras das teses freudianas em torno do inconsciente, em que explicita que este possui como base a linguagem; e, por fim, *Michel Foucault*, com suas reflexões sobre o funcionamento do discurso e do sujeito como produções históricas, sociais, políticas. Em suma:

O que se pode depreender do percurso de Michel Pêcheux na elaboração da Análise do Discurso é que ele propôs uma forma de reflexão da linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios (ORLANDI, 1990, p. 7).

Deve-se explicitar que Michel Pêcheux, articulador das ideias que se encontravam latentes naquele momento, não apenas adotou conceitos formulados por outros autores, como também os questionou, reformulou-os, lançou um olhar crítico para o produto da efervescência intelectual do período, adaptou-os dentro do campo científico dos estudos da linguagem. Gregolin explicita (2003):

As contribuições de Althusser, Foucault, Lacan e Bakhtin vão operar essa articulação entre regiões do conhecimento no alicerce da AD. Levando esses pilares para a reflexão sobre a articulação entre língua, sujeito, discurso e história, Michel Pêcheux constituiu o edifício da Análise do Discurso em movimentos teórico-analíticos nos quais o seu pensamento se aproximou desses outros quatro pensadores. Essas

aproximações não devem ser vistas de forma estanque pois, como é próprio da natureza do fazer científico, cada um desses pensadores dedicou-se à construção de saberes dentro das ciências humanas e, por isso, movimentaram-se, alargando e retificando conceitos, fazendo e refazendo rumos. Do mesmo modo, ao levar para a Análise do Discurso ideias elaboradas por esses pensadores, Michel Pêcheux não operou apenas uma transferência de conceitos fabricados em outros lugares; ao contrário, ele os interpretou e re-elaborou, criando diferenças.

A Análise do Discurso, além de uma concepção teórico-metodológica do analista da linguagem, ou seja, um dispositivo analítico, ela é uma disciplina já consolidada dentro do campo da Linguística e que possui como fio condutor o próprio discurso, este entendido na concepção foucaultiana como um mecanismo de produção de sentidos sócio-históricos realizado por sujeitos pontuados em um determinado lugar, também construído pela história, de onde produzem enunciados a partir de uma *rede de discursos*. O discurso é ao mesmo tempo uma “exterioridade” à língua (interdiscurso), pois se envolve em lutas dentro da História que evidencia opacidades do sentido e uma interioridade à linguagem, pois precisa dela para assegurar sua materialidade (intradiscurso), como já preconizava Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2008).

Pode-se dizer que o conceito de discurso que está na base da Análise do Discurso de linha francesa, a partir de Pêcheux, encontra-se na articulação entre o linguístico e histórico. Este que é marcado de descontinuidades de sentido e aquele que confere a esses sentidos históricos materialidades, ou seja, confere-lhes *regularidades*. É nesse entremeio que o discurso funciona e revela logo sua ligação com os saberes, com os poderes e com as verdades e subjetividades. O discurso é apreendido na interioridade e exterioridade da língua.

A produção de discursos que circulam na sociedade não se dá de maneira aleatória e nem muito menos sem “rédeas”. Ela é, por outro lado, controlada sócio-historicamente por certos procedimentos discursivos que obedecem a uma certa *ordem do discurso* vigente, que tem por função controlar, normatizar e regular discursos a partir da articulação entre saberes e poderes, ou seja, esta ordem marca as condições de enunciações. Assim, para Foucault, analisar discursos não se restringe a uma análise linguística formal, mas se volta, primeiramente, para a análise das condições de emergência de enunciados, de discursos.

[...] em toda sociedade a produção do *discurso* é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2008a, p.9; grifo do autor).

Foucault esclarece que o discurso funciona em um determinado arranjo social, em que nem tudo pode ser dito em qualquer lugar, em qualquer momento histórico e por qualquer sujeito. Em toda sociedade devem existir instituições responsáveis pela sua manutenção e que estabelecem certas *vontades de verdade* que regem a emergência de discursos.

Após 1970, com a Análise do Discurso já constituída, o cenário social a partir da década que compreende os anos 1980 teve um drástico deslocamento, provocando novamente muitas instabilidades. As configurações políticas, econômicas e sociais transformaram-se gradualmente, à medida que novos se impuseram à sociedade. Com a inserção de um novo modelo econômico capitalista sob a égide da globalização, outros domínios foram abarcados: o domínio social e o domínio político, principalmente. Novos meios de comunicação e modos de se comunicar foram colocados à disposição. Um movimento revolucionário da indústria audiovisual foi estampado repentinamente, instalando o crivo da imagem, ou da imagem em movimento em consonância com o aparecimento de novas identidades e subjetividades. Novas relações de trabalho foram estabelecidas que, em consequência, promoveu o desaparecimento da “classe operária”, elemento essencial à discussão marxista sobre a *luta de classes*, elemento essencial da teoria desenvolvida por Michel Pêcheux até então. E a problemática que se impusera à AD a partir de 1980 era, justamente, um complexo objeto de discurso: a imagem. Barthes (2001, p. 132) diz:

[...] a imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impõe a significação de uma só vez, sem analisá-la, sem dispersá-la. Mas isto já não é uma diferença constitutiva. A imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa: como a escrita, ela exige uma *léxis*.

A palavra “*léxis*”, termo advindo do Grego para significar o termo “palavra”, campo abstrato, em contraponto a *práxis*, que estaria na ordem das materialidades. Ao observar que a forma imagem se insere potencializada, como um crivo, para uma sociedade frenética de informações, ou seja, com a instalação dessa nova configuração

social, a centralidade da análise ideológica e discursiva centrada apenas na materialidade linguística escrita, de Michel Pêcheux, tornou-se insuficiente ao mundo que se construía, baseado na heterogeneidade, multiplicidade e multiplicação incessante de objetos de discursos. Evidentemente Pêcheux não ficaria alheio a essas transformações. No texto publicado em 1981 (apud GREGOLIN, 2006), “Delimitações, inversões e deslocamentos” ele afirmaria a importância da imagem e do som na produção de sentidos e, principalmente, no funcionamento do poder.

Em outro texto, *O discurso: estrutura ou acontecimento* (?), de 1983, Michel Pêcheux analisa a acontecimentalização do enunciado *on a gagné* proferido na vitória das eleições presidenciais francesas de 1981. Enunciado que teria sua irrupção no campo futebolístico, agora aparece em um “novo dito”, no campo da política. Era chegado o tempo de declinar os ouvidos ao som das mídias, do discurso ordinário, da *língua de vento* das mídias.

Segundo Gregolin (2006, p. 154), as principais mudanças teóricas dos rumos da Análise do Discurso – já pensado como análise de discursos – foram realizados no colóquio *Materialités Discursives*. E de lá até aqui, as materialidades do discurso continuamente causam movimentações tectônicas à teoria do discurso francesa. Antes de se pensar que os abalos sísmicos causam transtornos ou destruição, eles causam, antes, novas extensões territoriais, novas redefinições, limites, em que o analista do discurso se encontra no epicentro das instabilidades.

No interior do congresso, duas figuras especiais alçaram durante os debates teóricos: a figura de Mikhail Bakhtin e a figura de Michel Foucault, cujas ideias se farão de base às nossas reflexões. O teórico russo traz consigo a noção do outro no discurso. A noção de alteridade rompe com qualquer noção de discurso homogêneo: a heterogeneidade, assim, é constitutiva do discurso (ideias desenvolvidas principalmente a partir das reflexões de Jacqueline Authier-Revuz, com base em Bakhtin).

2.4 FOUCAULT NA ANÁLISE DO DISCURSO

Neste processo, são notórios os pontos que distanciam Pêcheux e Foucault em sua teoria, principalmente no período anterior aos anos 1980, quando o militante francês (Michel Pêcheux), em desencanto com a política e a insustentação teórica, quando no

cenário social aparecem novas, complexas e fluídas materialidades por meio das tecnologias midiáticas. Porém, existem certas coincidências com relação ao funcionamento enunciativo. Gregolin (2006, p. 124) sintetiza ou, melhor, sumariza em três pontos significativos:

- a) *Língua e discurso*: a língua, considerada como um campo de virtualidades que possuem uma materialidade que é ela própria e discurso, compreendido como universo do acontecimento, ligado à história e ao poder, e que estabelece com outros discursos relações de sincronia, relacionam-se intimamente;
- b) *Relações enunciativas*: os enunciados se relacionam uns com os outros de maneira a estabelecerem um conglomerado de dimensões múltiplas, mais ou menos estável à superfície, de circulação de sentidos repetíveis;
- c) *Discurso e sujeito*: talvez este seja o ponto mais capital em ambas perspectivas teóricas. O sujeito que é inserido no discurso, perpassado por ele e, por suas práticas, o faz circular. Ele não é pensado como individual, fundador e origem do sentido. Ele é, antes, uma dispersão lugares pensados pela história.

Courtine possui um importante papel neste período e nos rumos atuais da Análise do Discurso no Brasil. Ele teria criticado a noção de *formação discursiva* de Michel Pêcheux e propõe pensá-la, a partir da teoria desenvolvida por Michel Foucault, os discursos e suas formações são porosas, móveis. O teórico e epistemólogo poderia ser pensado como um gestor responsável por levar o pensamento foucaultiano para o centro da Análise do Discurso francesa.

É importante ter em vista que, diferente de Michel Pêcheux, Foucault nunca se propôs se inserir em uma determinada área do saber, nem muito menos inaugurar ou repousar no interior do campo que compreende a Análise do Discurso – ele era, antes, um *pirotécnico*, que caminhava por dentre os saberes científicos (e não científicos) e causavam pequenas explosões, cujas proporções, muitas vezes, movimentavam outras *placas*. Gregolin (2006, p. 156; grifo da autora) sintetiza: “Assim, a partir de 1980, apoiando-se em Foucault e Bakhtin, os trabalhos de análise do discurso focalizarão a “discursividade” a partir dos fenômenos linguísticos (como as relativas e a

coordenação) interrogando os limites da gramática, o ponto de passagem à *ordem do discurso*”.

Pode-se observar que os trabalhos de Michel Foucault ressoaram nos meios intelectuais do período como uma pista de mão dupla. Por um lado, a adesão da teoria sobre saber, poder, discurso e sujeito desenvolvida por Foucault se deu de maneira inquestionável pelos intelectuais franceses, para os quais sua figura se tornou a uma “repaginada necessária”. Em contraponto, por outros, notadamente Michel Pêcheux, sua teoria foi consentida de maneira dosada, para quem o teórico se tornou um *adversário estimulante*.

Para fins didáticos, a obra de Foucault pode ser dividida em três momentos (GREGOLIN, 2006):

- a) *Arqueologia do Saber*: momento em que Foucault tenta entender as condições de emergência de discursos de saber em uma determinada época e como esses saberes objetivam e subjetivam sujeitos por meio de recortes históricos precisos (de longa, média e curta duração);
- b) *Genealogia do Poder*: por meio de leituras de Nietzsche, principalmente, Foucault observa a articulação entre saberes (locais, descontínuos, não legitimados) e poderes na fabricação e controle de sujeitos em uma sociedade já pulverizada pelos micropoderes;
- c) *Genealogia da Ética (e Estética da Existência)*: momento em que Foucault analisa a “produção inventiva de si” (REVEL, 2005), ou seja, uma prática ética da produção de subjetividades. A ética refere-se a prática individualizada de como cada um constrói a si mesmo como sujeito moral por meio, justamente, de *relações* que o sujeito estabelece com outros sujeitos e dispositivos, como as imposições institucionais prescritivas advindas da família, igreja etc., de modo a obedecer um “código”, conjunto de regras impostas ao sujeito para que ele possa se relacionar com os outros sujeitos e, principalmente, consigo mesmo, em sua (condição de) *existência*. Além disso, dentro deste quadro repousa a noção da invenção estética de si, de tornar ou fazer da própria vida uma obra de arte. Nesse sentido, Gregolin (2006, p. 58; grifo nosso) facilita a compreensão ao

sintetizar precisamente a noção de sujeito para Michel Foucault: “o sujeito é, portanto, o lugar para onde Foucault olhará na construção de sua obra. Ele é seu objeto, seja enquanto objeto de saber, seja enquanto objeto de poder, seja enquanto objeto de construção identitária [...]” (GREGOLIN, 2006, p. 58).

No período que se convencionou chamar de arqueológico, momento da obra foucaultiana em que o autor (e)labora um método de análise de discursos, dentro do qual se discute sobre os estatutos dos saberes por meio de um jogo íntimo com o poder, pode-se notar que há a redefinição do objeto da história, não mais tomada de maneira documental (documento histórico). A *monumentalização* dos objetos da história em Foucault, em diálogo com historiadores da *Nova História*, a materialidade histórica pôde ser tomada sob diferentes pontos de vista, diferentes efeitos de sentido puderam ser delineados no pilar de olhares e discursos heterogêneos. O enunciado, *grosso modo* visto como a unidade discursiva, não mais se restringiria à materialidade linguística, nem outra própria unidade delineada e fechada, mas por meio da qual se estabeleceriam *redes de relações* com enunciados e discursos outros, em uma complexa – e nem sempre tão evidente – *rede discursiva*.

Pensar nas redefinições do conceito de história não é tão fácil, principalmente quando este conceito é olhado a partir de uma determinada *corrente do olhar*. As relações que se estabeleceram entre a História e o *olhar*, neste caso do estruturalismo, não se deram sem grandes problemáticas, principalmente quando este *gorjeou o canto do cisne* e “cantou” um novo *campo do signo*, mas que continuam a dar seus ecos na atualidade – ainda se podem encontrar, no campo estratégico de batalha travada entre estruturalistas e historiadores, alguns resquícios e escombros.

Segundo Michel Foucault (2000), no texto intitulado “Retonar à História”, o autor evidencia que o estruturalismo não se tentou desviar da história, combatê-la ou negá-la. Ao contrário, pretendeu-se oferecer às pesquisas históricas um método mais sistemático, aplicáveis a muitas áreas do saber (como na Linguística, Biologia, Antropologia, Etnologia, Literatura etc.), um olhar com todo seu rigor científico para as ciências humanas. Tal fato tornaria cabível pensar em uma sociedade de maneira estrutural, cujos elementos constituintes podem ser aplicados e generalizados. Instala-se uma *economia científica*, que ultrapassa o indivíduo, “[...] o estruturalismo não leva em conta a liberdade ou iniciativa individual [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 285) e abrange o máximo de objetos possíveis. Entretanto, entre a maioria de seus adversários, em

comum acordo, reconheciam que “[...] o estruturalismo tinha desconhecido a própria dimensão da história e ele seria de fato anti-histórico” (FOUCAULT, 2000, p. 284). Isto marcou o declínio do império estruturalista em uma época que se precisava sair das estruturas – afinal, “*as estruturas não saem às ruas*”.

A declividade estrutural causada pelas determinações históricas e políticas permitiram novas configurações do olhar para este objeto um tanto complexo – muito mais do que se pensava até então. Tornar viva a totalidade do passado, visto como episódios sequenciais e consequenciais das sucessividades teleológicas coerentes foram deixadas de lado. Nesse sentido, “[...] uma análise é estrutural quando ela estuda um *sistema* transformável e as condições nas quais suas transformações se realizam” (FOUCAULT, 2000, p. 290; grifo nosso). Assim, não mais cabia pensá-la como um sistema, mais fechado, das estabilidades. A história não mais é vista sob a égide do *tempo* e do *passado*, mas da *mudança* e do *acontecimento*. Uma *história serial*.

Em uma pesquisa histórica que se propõe serial, os acontecimentos e os conjuntos de acontecimentos históricos constituem o tema e o objeto central de análise. Dessa maneira, o delineamento do *corpus* não seria uma categoria prévia ao trabalho do analista histórico, marcada por divisões em períodos, épocas, formas de cultura etc., mas teria como pressuposto teórico a noção de que a história é construída de *ditos*, *não-ditos* e *meio-ditos* (ou parcialidades, em um jogo de aparências e embaciamentos, invisibilidades), pelas opacidades documentais, por acontecimentos e dispersões destes acontecimentos naquilo que se pode chamar história. O trabalho deste *novo historiador* é encontrar um certo número de *relações* desta concepção de *nova história*. Segundo Foucault (2000, p. 291):

[...] A história serial permite de qualquer forma fazer aparecer diferentes estratos de acontecimentos, dos quais uns são visíveis, imediatamente conhecidos até pelos contemporâneos, e em seguida, debaixo desses acontecimentos que são de qualquer forma a espuma da história, há outros acontecimentos invisíveis, imperceptíveis para os contemporâneos, e que são de um tipo completamente diferentes [...].

O ordenamento de um conjunto de fatos, coisas e objetos dispersos, mas que não são iguais, mas análogos, permitem visualizar as interações sociais de maneira diferente do que se fazia até então. A “ruptura decisiva” com a coesão histórica, elevam as práticas dos sujeitos ao nível de *episódios da história*, ou das histórias. A importância

não é dada somente à morte de um rei e sua sucessão, ou do “descobrimento” de um país, mas sim a uma certa inversão econômica, ao aumento do consumo de proteínas, à elevação da taxa de natalidade de um país, ao navio que aporta ao cais, aos acontecimentos e ao sujeito movido por seus desejos, sua ética, suas subordinações e resistências, sujeito que é invisível para uma história das sucessões tranquilizadoras. Em síntese:

A História tradicional, em sua linearidade, é uma forma de proteger a soberania do sujeito e as figuras gêmeas da antropologia e do humanismo. Aliando-se a teorias (da psicanálise, da linguística, da etnologia) que descentraram o sujeito em relação às leis de seu desejo, às formas de sua linguagem, às regras de sua ação, ou aos jogos de seus discursos míticos e fabulosos. Foucault propõe que a História (olhada em sua dispersão e descontinuidade) não seja mais *o lugar do repouso, da certeza, da reconciliação – do sono tranquilizado* (GREGOLIN, 2006, p. 165; grifo da autora).

A história não mais é tomada como um conjunto coeso e coerente de sucessividades consequenciais das práticas humanas, dos grandes eventos históricos, exclusivamente. Ou seja, não é vista mais sob o ponto de vista de uma única e grande continuidade dos eventos considerados “mais importantes” em detrimento de uma descontinuidade aparente e renegada. Ela é vista, a partir de então, como um emaranhado de descontinuidades sobrepostas, latentes e concomitantes, dos eventos conflituosos, tortos, das práticas dominantes, dominadoras, mas também das dominadas, que também dominam e resistem à dominação. A história do presente, do cotidiano e da história de longas durações:

A história não é, portanto, uma duração; é uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros. É preciso, portanto, substituir a velha noção de tempo pela noção de [...] *durações múltiplas*, e cada uma delas é portadora de um certo tipo de *acontecimentos*. *É preciso multiplicar os tipos de acontecimentos como se multiplica os tipos de duração*. Eis a mutação que está em vias de se produzir atualmente nas disciplinas da história (FOUCAULT, 2000, p. 294; grifo nosso).

Nesta esteira, desde conceito de *nova história* em congruência com as reflexões desenvolvidas por Michel Foucault, principalmente com relação a sua empreitada de realizar um *diagnóstico do presente*, Courtine, junto a pesquisadores brasileiros, tais como Carlos Piovezani, Vanice Sargentini, Maria do Rosário Gregolin entre outros,

tracejam os desdobramentos atuais da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a que se baseia nas reflexões de Michel Foucault e outros autores. Pensa-se na hipótese do surgimento de uma *Semiologia História* dentro das pesquisas discursivas.

2.5 AS SEMIOLOGIAS E A ANÁLISE DO DISCURSO

O tema da Semiologia dentro da área que compreende a Linguística não é uma questão de hoje. Como já foi visto, ela foi colocada em presença dentro deste campo do saber pelo autor cujo nome faz referência à sua fundação: Ferdinand de Saussure. Para ele, os signos seriam fundamentais ao funcionamento dos sentidos no seio social, eles seriam, pois, elementos que permitiriam o funcionamento dos (efeitos de) sentidos produzidos pelos sujeitos.

A Semiologia seria uma ciência que estudaria as regras de funcionamento desses signos na sociedade. Entretanto, com a intensa produção midiática e de signos não-verbais, a necessidade de pensar o não linguístico e os novos objetos discursivos tornaram-se uma problemática atual colocada aos estudos do discurso das mídias, que “[...] fazem deslizar a tradição e instauram outros sentidos: nessa tensão dialética entre o dado e o novo as significações fulguram como um lampejo que só pode ser apanhado na transitória aparição do *acontecimento discursivo*” (GREGOLIN, 2008, p. 21; grifo nosso).

Pensar no acontecimento dentro da Análise do Discurso e, principalmente, relacioná-lo ao pensamento foucaultiano é, justamente, refletir sobre uma certa noção de história. Neste sentido, o *acontecimento* é fulcral à Análise do Discurso francesa e, em especial, para compreensão da *Semiologia Histórica*. Pensá-lo seria se direcionar à emergência de enunciados postos em uma cadeia de relações, que eles estabelecem com outros enunciados.

Enunciado, tomado no presente labor, é uma categoria teórica (e prática) fundamental e imprescindível tomada por Courtine dos trabalhos de Michel Foucault. Segundo Gregolin (2011, p. 86, grifo da autora) explicita: “[...] o “enunciado”, na análise arqueológica de Michel Foucault, não é exclusivamente linguístico, tem natureza *semiológica* [...]”. Ou seja, ele possui íntima relação com a história. A indagação

fundamental que Michel Foucault faz em sua *Arqueologia do Saber* (2008b) para o processo de irrupção de enunciados é, justamente: *quais são as condições políticas, econômicas, sociais e, em especial, históricas para o aparecimento de um enunciado e não outro em seu lugar?* Dessa maneira, o enunciado possui uma espessura histórica das diferentes temporalidades (de longa, curta e média duração). Entretanto, o presente trabalho buscará privilegiar uma historicidade do presente, a instância do *acontecimento*, que emerge em um determinado feixe da história, materializado em imagem, no audiovisual, em discurso.

Contudo, não se deve atribuir ao conceito de *événement* como algo da ordem do efêmero que se esfacela e desaparece momento de sua aparição. Mas ao contrário, a acontecimentalização do enunciado, ou *acontecimentalização enunciativa*, possui uma singularidade, pois ela acontece em um determinado momento da história, o lugar específico e os sujeitos, singularizados, possuem uma concretude fixada nas representações, na cultura. No momento que estes objetos e subjetividades são mostrados, outros, em detrimento, são silenciados e, por vezes, apagados. Neste jogo de emergência do enunciado e sobreposições, os acontecimentos possuem a qualidade de se repetirem, de serem *representificados*, ressignificados¹⁷. Sobretudo, são eles, também, *monumentos* de contemplação, de recordação, de criação de significados e interpretações, de criação de *memória* e de retorno desta, um verdadeiro *mito da linguagem*. Tal é, pois, a natureza do *acontecimento discursivo* com Michel Foucault.

Antes mesmo de falar sobre o que se entende por Semiologia Histórica com Michel Foucault na Análise do Discurso, suporte teórico e operatório que será utilizada para reflexões ulteriores, é cabível pensar que a noção de Semiologia abordada na presente dissertação não foi nem pensada nem elaborada de maneira repentina na contemporaneidade dos estudos discursivos. Após a alusão feita por Ferdinand de Saussure é observável outra movimentação teórica dentro dos estudos da linguagem, ainda anterior a Jean-Jacques Courtine. No caso, trata-se dos estudos semiológicos realizados por Roland Barthes, quando assumiu para si a problemática de analisar objetos de discursos para além do linguístico verbal escrito.

¹⁷ É importante deixar claro que o termo “ressignificação”, aqui posto, não está sendo colocado de modo que exista um significado para um enunciado e ele, ao entrar novamente em discurso, é atribuído a ele outro significado novo, único. Os enunciados possuem uma materialidade que produz significações. As ressignificações acontecem quando esta materializada, um *já-dito*, reaparece como um novo, envolto pelas significações regulares encontradas lá e com outras novas, atribuídas aqui. Assim, pois, não há existência de um enunciado original, completamente autêntico.

2.5.1 Uma Semiologia com Roland Barthes

O termo *mito* é muito caro aos estudos das ciências humanas de maneira geral, como na Antropologia, nos estudos etnográficos, nos estudos literários, clássicos ou helenísticos. Ou ainda na Linguística, visto como elemento de uma Semiologia desenvolvida a partir das reflexões de Roland Barthes, em seu livro *Mitologias* (2001).

O elemento *mito* seria um conjunto complexo de significação que nos comunica algo. Ele é, sobretudo, uma mensagem cultural, histórica. Uma mensagem em discurso. Segundo o autor: “[...] tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado pelo discurso [...]” (BARTHES, 2001, p. 131). Dessa maneira, pode-se inferir a partir desta colocação que todos os objetos encontrados em sociedade são suscetíveis de discursivização, esta entendida como um processo por meio do qual um sujeito, por práticas sociais, coloca *em discurso* objetos, que se ligam à história, à cultura de uma sociedade, a outros objetos e outras práticas também o produziram e o produzem. Assim, “[...] a mitologia só pode ter fundamento histórico, visto que é uma fala escolhida pela história: não poderia surgir da natureza das coisas” (BARTHES, 2001, p. 132).

Há, pois, uma construção de uma rede de relacionamento entre objetos, entre as práticas que enunciam estes objetos e produz uma *fala mítica*. Nesse sentido: “[...] pode conceber-se que haja mitos muito antigos, mas não eternos; *pois é a história que transforma o real em discurso*, é ela que comanda a vida e a morte da *linguagem mítica* [...]” (BARTHES, 2001, p. 132; grifo nosso).

Em síntese, a partir do nosso olhar do teórico, percebe-se que há a construção de uma rede de objetos que se constroem a partir das relações entre as práticas que enunciam estes objetos. Percebe-se, assim, a produção de um lugar no discurso, que é a *fala mítica*. Entretanto, esta mesma fala não é restrita, ou seja, ela não se confunde com uma execução de uma operação estritamente linguístico-verbal, tal como pensava Saussure, ela localiza-se na ordem da histórica, “[...] pode conceber-se que haja mitos muito antigos, mas não eternos; *pois é a história que transforma o real em discurso*, é ela que comanda a vida e a morte da *linguagem mítica* [...]” (BARTHES, 2001, p. 132; grifo nosso). É uma *fala* que é produzida pela história, na história, pelo no discurso e no discurso, “[...] a fala mítica é formada por uma matéria *já* trabalhada em vista de uma

comunicação apropriada [...]” (BARTHES, 2001, p. 132). A fala mítica é, sobretudo, uma *fala semiológica*. Ela está, em sua materialidade constitutiva, para além do estritamente verbal, a fotografia, o gesto, a vestimenta, o rito e a língua constroem-na, “[...] a flecha apresentada para significar uma provocação é também uma fala [...]” (BARTHES, 2001, p. 132).

A noção de mito desenvolvida pela teoria barthesiana depende de uma visão, ou uma *ciência*, mais extensiva e abrangente que a Linguística pensada à esteira saussuriana, o mito está na ordem de uma *Semiologia*. Segundo Barthes (2001, p. 133), “a semiologia é uma ciência das formas, visto que estuda as significações independente do seu conteúdo [...]” (BARTHES, 2001, p.133). Assim, estudar os processos de significações na linguagem expressam, sobretudo, a recorrência à Semiologia, vista como um subsídio teórico e analítico.

Barthes (2001) entende que os processos de significação, com esses novos objetos que foram impostos aos estudos da linguagem, possuem uma unidade, tal como pensava Ferdinand de Saussure. O próprio *mito* seria, então, uma unidade concreta formada pela associação de um significante e um significado, um *signo* mítico. Assim, a Semiologia consideraria que todos os elementos de significação estariam ligados associativamente, de modo que sua materialização tomasse um, ou alguns, sentidos de um conjunto virtual. O mito seria uma *fala roubada e restituída* por alguém. Segundo Barthes (2001, p. 147):

[...] O mito é uma fala *roubada e restituída*. Simplesmente, a fala que se restitui não é exatamente a mesma que foi roubada: trazida de volta, não foi colocada em seu lugar exato. É esse breve roubo, esse momento furtivo de falsificação, que constitui o aspecto transitivo da fala mítica.

Com o excerto acima, pode-se pensar que quando Barthes elabora a sua ideia de que o mito seria uma *fala roubada* e uma *fala restituída* há duas noções subjacentes a este conceito teórico e operacional de análise semiológica: a enunciação e o acontecimento de uma materialidade posta em circulação. Nesse sentido, o mito ou, melhor dizendo, uma *fala mítica* não possuiria nada de original ou autêntica, ela é um “roubo” da fala de alguém, daqui ou de alhures, de agora ou de um então.

Ao ser restituída, a fala mítica possui sua singularização de significação, possui o seu estatuto de enunciação, única, tal qual pensava Benveniste. E o acontecimento, em Barthes, caminhará de encontro a esse “momento furtivo”. Porque a fala mítica já fora

falada por outrem, envolta de uma outra égide de significação. No momento de sua emergência, as (novas) materialidades de signos, que estão em congruência com uma prática realizada por um sujeito, estaria envolta por um “novo uso” que, ao mesmo tempo, restitui-a e a adultera, forja-a novos sentidos, ressignifica-a. E é “a história [que] condiciona o mito em dois pontos: *na sua forma, que é apenas relativamente motivada*, e no seu *conceito que é histórico por natureza [...]*” (BARTHES, 2001, p. 158; grifo nosso).

A história, vista desta ótica, é bipartida, ela tanto possui por função a constituição de novos objetos e para eles ela atribui novas significações, novos sentidos, todos assegurados por ela mesma. Contudo, Barthes fala de uma “relativa motivação” do signo. Ele considera que exista uma certa ligação entre a materialidade e aquilo que ela poderia expressar. O sujeito, assim, adquire uma certa liberdade e um relativo poder nos agenciamentos com os sentidos, que, pelo uso, tendem a se tornarem também mais usuais, mais regulares, mais “naturais”. Nesse sentido, o autor apresenta a noção de *prestidigitação do mito*, ou seja, o mito não seria mais que uma representação do real e um escoamento deste, “[...] uma hemorragia, ou, se se prefere, uma evaporação; em suma, uma ausência sensível” (BARTHES, 2001, p. 163) de modo a torná-lo natural. Dessa maneira, sintetiza Barthes (2001, p. 162-163):

[...] A semiologia ensinou-nos que a função do mito é transformar uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade [...] a todos os níveis de comunicação humana, o mito realiza a inversão da *anti-physis* em *pseudo-physis*.

No campo da Filosofia, *physis* significaria uma organização de todas as coisas que existem de maneira natural, podendo se referir, inclusive, à origem das coisas, também concebidas de maneira natural. Nesse sentido, quando o autor fala do mito, este processo caminhará de modo a ir contra aquilo que seria “natural”, o mito naturaliza aquilo que é representação. Uma imitação do real?

No texto “A retórica da imagem”, Barthes (2014) diz que a etimologia da palavra *imagem* deveria ser ligada à raiz *imitari*. Isto é, a imagem deveria ser considerada como uma imitação, uma representação. Assim sendo, considera-se que ela se encarrega de veicular certas significações aos sujeitos em sociedade. Para tanto, o autor toma como *corpus* a materialidade propagandística para análise do funcionamento da imagem, decompondo-a em *três mensagens* que se dirigirão à compreensão dos

sentidos por ela produzidos e seus efeitos de significação. Contudo, primeiramente ele evidencia uma divisão que compõe as imagens em circulação em dois elementos:

- a) *Elemento linguístico*: quando as imagens são produzidas, por vezes elas são acompanhadas de uma materialidade verbal escrita ou, se expandíssemos, para a materialidade audiovisual, por elementos verbais e não-verbais. O elemento linguístico, assim, atrela à imagem ou à imagem em movimento novos sentidos ou efeitos de sentidos outros por sua espessura de *signos típicos*, como dentro de um sistema, bem como a imagem (signo imagético), o gesto (signo gestual) etc.;
- b) *Elemento imagético*: diferente dos elementos que se constroem dentro do sistema linguístico, os imagéticos ou componentes de outros sistemas semiológicos não possuem uma linearidade, os signos são descontínuos e não sequenciais ou concomitantes. Pode-se dizer que há uma condensação de significação mais evidente nessas materialidades. Entretanto, cada elemento formam um conjunto coerente de modo a expressar uma significação global, pautados em um saber cultural, antropológico.

Tendo em vista essa divisão, nas definições barthesianas pode-se observar que as imagens são produzidas e possuem sua significação de maneira social, de modo que, tanto os elementos linguísticos que acompanham a imagem, quanto as próprias materialidades imagéticas, são obedientes a um sistema, conjunto de virtualidades que oferecem aos sujeitos a possibilidade de produzir sentidos e, ao mesmo tempo, ele mesmo assegura o sentido. O autor então verifica o funcionamento dessa profusão semiológica através da transposição da noção de sistema de signos proposto por Saussure. E argumenta:

[...] Sabe-se que os linguistas eliminam da linguagem toda comunicação por analogia, da “linguagem” das abelhas à “linguagem” gestual, pois essas comunicações são duplamente articuladas, isto é, definitivamente fundamentadas sobre uma combinação de unidades digitais, como são os fonemas [...] (p. 27).

No excerto acima, nota-se que o autor reforça a ideia pregada primeiramente por Saussure, de que o problema semiológico é, sobretudo, um problema de linguagem. Faz parte do escopo da Linguística observar o funcionamento dos signos no seio da vida

social. Nesse sentido, tendo em vista que a imagem forma uma série de signos descontínuos cujos elementos formam uma significação global, Barthes (2014) discute a hipótese de que uma imagem como a fotografia carregaria em si três tipos de mensagens:

- a) *Mensagem linguística*: nota-se que com frequência as imagens comportam um espaço para a materialidade verbal, uma legenda, o lugar de circulação. Há nela uma função denotativa de modo a tentar estabelecer uma fixação dos flutuantes, “[...] uma espécie de grampo que impede os sentidos conotados de proliferarem [...]” (BARTHES, 2014, P. 34). Tratar-se-ia de uma metalinguagem aplicada a alguns aspectos da imagem apresentada, de modo que a imagem e a palavra estariam em uma relação de complementaridade;
- b) *Mensagem icônica codificada ou imagem denotada*: ao lado do caráter utópico da denotação, a imagem comporta uma transmissão de mensagem literal ou informativa de modo relacional, cujos elementos, principalmente concernente à fotografia, destinam-se a registrar, o que reforça o “mito do natural”. Segundo Barthes: “[...] a imagem denotada naturaliza a mensagem simbólica, ela torna inocente o orifício semântico [...] da conotação [...]” (BARTHES, 2014, p. 39). Assim, a codificação da imagem, a denotação imagética é, sobretudo, um efeito de sentido;
- c) *Mensagem não codificada ou retórica da imagem*: a imagem seria atravessada por diferentes sentidos que se organizam em campos associativos e se materializam em articulações paradigmáticas. Os significantes podem ser compreendidos como *conotadores* e o conjunto de significantes como *retórica*. Comparada à noção de *lexia*, que possui uma funcionalidade de significação de um comportamento linguístico, ela pode expressar diferentes léxicos quando interpretados. Assim, “[...] a conotação não é senão sistema, ela não pode definir-se em termos de paradigma; a denotação icônica não é senão em termos de sintagma; ela associa elementos sem sistema: os *conotadores* descontínuos são ligados, atualizados, “falados” através do sistema de denotação: o mundo descontínuo dos símbolos mergulha na história da cena denotada como num banho lustral de inocência” (BARTHES, 2014, p. 44).

Sob esta perspectiva, constata-se que a semiologia tomada pela esteira barthesiana se fundamenta pela noção de que os elementos significativos – signos – estariam organizados de modo a formarem todo um sistema de significação complexo, ambíguo e polissêmico. Tal sistema, chamado de sistema semiológico, é formado pelas práticas sociais, as quais são permitidas pelo discurso, cujos sistemas de significação e efeitos de sentido obedecem suas condições de possibilidade. Assim, a imagem é, pois, envolta de muitos sentidos interpretáveis, pois ela mesma implica uma *cadeia flutuante de significados*. Em sua superfície, ela produz sentidos os quais são escolhidos pelo leitor interpretar uns e/ ou outros. Entretanto, Barthes (2014, p. 24) observa que as sociedades desenvolvem certas técnicas que se destinam a fixar essa *cadeia flutuante dos significados*, de modo a combater “o terror dos signos incertos”. Desse modo, “[...] o trabalho do pesquisador se reduz a uma lexicografia: é preciso reunir e descrever o maior número possível de atos significativos (por exemplo, os gestos) [...]” (TODOROV, 1971, p. 34).

2.5.2 Semiologia Histórica com Courtine: Foucault e ou na Análise do Discurso?

No início dos anos 80, principalmente com a publicação da do número 62 da revista *Langages* com estudo realizado por Jean-Jacques Courtine “Le discours communiste adressé aux chrétiens”, o autor evidencia uma transformação na circulação do discurso político. Com as mudanças e desenvolvimentos de tecnologias midiáticas e mediáticas, as veiculações das práticas dos sujeitos tornaram-se mais performáticas, a veiculação do verbal, acompanhado da imagem dos políticos, dos gestos, vestimentas, olhares. Uma nova sintaxe é construída, cujos elementos não se restringem à ordem daquela noção de língua surgida no início do século XX e continuada pela empreitada estruturalista. O crivo da imagem provoca novos tremores e movimentações à Análise do Discurso francesa. Desse modo, “[...] desde o início dos anos 80, a História e a Linguística levaram a AD para novos caminhos – a História, impondo novas reflexões sobre o *corpus*; a Linguística trazendo elementos novos sobre a heterogeneidade da linguagem [...]” (GREGOLIN, 2006, p. 184).

Em um texto publicado por Michel Pêcheux em prefácio à dissertação de Jean-Jacques Courtine publicada na *Langages*, número 62, sob o título de “O estranho espelho da Análise do Discurso”, é um contexto de grandes retificações e revisadas teóricas. Neste momento, teóricos abordam que o militante Pêcheux teria sofrido um duplo desencantamento. O primeiro seria de ordem política, com relação ao Partido Francês que, no momento das eleições presidenciais, houve uma desarticulação da esquerda francesa e a própria desarticulação de Pêcheux do partido. E outra de ordem teórica.

Em sua fundação, o projeto teórico da Análise do Discurso de linha francesa possui uma dupla função, as quais se determinavam mutuamente: de um lado encontrava-se o desenvolvimento de uma nova teoria linguística que pudesse problematizar o funcionamento da língua e, de outro, como um modo de ler as transformações sociais, políticas e históricas que aconteciam em atualidade. Ao eleger o discurso político escrito como objeto de investigação discursiva, o científico e o político tornaram-se dois lados de uma mesma moeda. A teoria, surgida da confluência entre a ciência e a política, é, a partir de então, um modo de intervenção político-social apostado pelo embasamento científico, “neutro”, cujo movimento pendular faz com que a política reflita a ciência e a ciência a política.

Esse percurso de ida e retorno produziria um jogo de espelho, ou um *estranho espelho*, entre a superfície aparente da obviedade textual, em que se poderia explicar um texto a partir de um dispositivo sofisticado de leitura, com um método rigoroso e preciso de análise – rotulada de Análise (automática) do discurso –, e a política partidária (da esquerda) sustentada pela ciência. Porém, a homogeneidade do *corpus* analítico para o funcionamento dessa maquinaria de leitura não supria a necessidade nem a complexidade dos objetos que apareciam no contexto social. Era necessário, então, considerar as heterogeneidades discursivas que permitiriam recuperar os fios contraditórios e conflituosos que produzem a história.

A análise do discurso deve, então, descrever as diferentes heterogeneidades materiais do discurso e interpretá-los em seus diferentes domínios de formulação e circulação na sociedade, em que produzem efeitos de sentidos advindos, principalmente, da dubiedade necessária ao funcionamento dos enunciados: o intradiscurso, que poderia ser compreendido como a própria materialidade que dá corporeidade ao discurso, e o interdiscurso, a história e a memória social que oferta às materialidades determinados sentidos a serem apreendidos nas práticas dos sujeitos em sociedade. Pêcheux, assim,

propõe-se a observar os efeitos de um real histórico a partir dessas considerações e um real da língua, a partir do entendimento dos mecanismos sintáticos, linguísticos das materialidades verbais escritas. Era necessário, pois, despedaçar o espelho, torná-lo em cacos, fragmentos, para que, ao invés de observar os objetos através dele, por reflexos às vezes embaçados, pudessem ser vistos diretamente, sem muros, sem espelhos. Então, podia se observar a partir de agora como “[...] a linguagem significa na história [...]” (SARGENTINI, 2011, p. 34).

A partir do imperativo de que *era chegado o tempo de partir os espelhos* na Análise do Discurso, Courtine, com sua análise das práticas políticas na contemporaneidade, observa que o discurso possui uma heterogeneidade constitutiva. A leitura que o autor faz sobre a noção de *formação discursiva* (ou FD) e sobre o *interdiscurso*, postuladas no livro *Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault, Courtine mostra como os enunciados são divididos dentro de uma FD, também heterogênea, pois “[...] uma formação discursiva é sempre assombrada pelo seu antagonista [...]” (GREGOLIN, 2011, p. 24). Nesse sentido, em contraponto à noção homogeneizante dos *corpora*, fortemente pautadas em teses althusserianas, Courtine, em sua prática de *ler com Foucault*, observa que os discursos é o lugar da *contradição*. Segundo Courtine (1986, p. 179):

[...] A contradição é um princípio de incompatibilidade, uma lei que rege a derivação e a coexistência dos enunciados. Como os sentidos são divididos por essa existência da contradição, toda formação discursiva é um espaço de dissensões múltiplas, um conjunto de oposições cujos níveis e papéis devem ser descritos. Analisá-las é definir a forma que assumem, as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandam. Em suma, segundo Foucault, ao levar em conta essa existência incontornável da contradição, o analista consegue apreender *o discurso em suas asperezas múltiplas*.

Pela ótica do autor, a *contradição* não seria aquilo que distanciaria os enunciados de um mesmo espaço de funcionamento, colocando-os em polaridades, ela é, antes, um conceito operatório para as análises das materialidades, que devem ser descritas, analisadas e interpretadas. A *contradição*, pois, revela os jogos em que os discursos se envolvem para a produção de efeitos de sentido. Assim, é notória a interlocução que Courtine possui com Michel Pêcheux e, mais evidentemente, com Michel Foucault. Deste, a principal noção de que o autor se servirá será a de *enunciado* posto na *arqueologia foucaultiana*. Grosso modo, Michel Foucault, o enunciado é:

- a) Singular e repetível, de um lado é um gesto e de outro se liga a uma memória;
- b) Envolve-se em uma rede de outros enunciados, anteriores e posteriores;
- c) Produz-se na ordem do acontecimento. “[...] O acontecimento é pensado como emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido [...]” (GREGOLIN, 2011, p. 26).

Dessa maneira, os estudos de Courtine caminham na direção em que se dedica à análise das materialidades discursivas que estão para além daquelas que se baseiam estritamente nas materialidades linguísticas escritas, como encarado por Pêcheux. Ele se ocupará, sobretudo, das *línguas de vento* que são ventiladas pelos suportes midiáticos, pelos discursos ordinários, prosaicos, cotidianos. Com transformações tecnológicas e sociais que se fez presente principalmente a partir dos anos 80, notadamente as mudanças nas técnicas audiovisuais de comunicação, as *línguas de madeira* (herméticas e duras) do direito e da política foram associadas às *línguas de vento* (flexíveis e fluidas) das mídias. Tal associação metamorfoseia a fala pública e, conseqüentemente, o *homos politicus*. Iserido a partir de agora na fluidez da modernidade e do descentramento da pós-modernidade, sua fala, seu corpo, seus gestos tornam-se um recurso para produção e veiculação de efeitos de sentido. A fala não é mais aquilo que é produzido pelo aparelho fonador, mas seu corpo, seus gestos, suas roupas e todos os elementos semiológicos constituem essa *fala mítica*, como diria Barthes.

Assim, a Análise do discurso precisa se reorientar e incorporar:

- a) Uma *pragmática do discurso*: que possibilite analisar a recepção e a circulação;
- b) Uma *semiologia histórica*: análise de materialidades sincréticas em sua espessura histórica.

Pensar em uma *Semiologia Histórica* em diálogo com o campo que compreende a Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a que se elabora a partir das reflexões de Michel Foucault, é o mesmo que se inserir em um domínio teórico conflituoso e profícuo. Levar em consideração as problemáticas que os objetos

contemporâneos impõem a AD hoje é, também, repensar no problema da análise da linguagem, que se estende a outros domínios que não são contidos pelo fechamento sistemático, pela elaboração de um instrumento de exame do presente, este analisado por meio de suas materialidades concretas. O ponto de partida é as problematizações que se referem às positivities imagéticas capturadas a partir das lentes dos estudos da linguagem. Pela consideração de que as imagens possuem uma natureza antropológica e histórica, elas estabelecem relações dentro de uma trama de associações, que atualizam redes de memórias construídas socialmente e historicamente.

Neste sentido, Gregolin (2008, p. 21) sintetiza dizendo que a:

A *semiologia histórica* proposta por Courtine nos mostra que, por movimentos de *intericonicidade*, as imagens travam um embate com a memória, fazem deslizar a tradição e instalam outros sentidos: nessa tensão dialética entre o dado e o novo as significações fulguram como um lampejo que só pode ser apanhado na transitória aparição do acontecimento discursivo.

Poder-se-ia entender a memória como aquela entendida pelos teóricos da *nova história* e que também se encontra presente nos trabalhos de Courtine. Ela seria um conjunto complexo, pré-existente ao acontecimento de um enunciado e exterior ao sujeito, quem não consegue mais conter os sentidos. Estes enunciados formam um campo de associações com outros enunciados, uma verdadeira série de “tecidos de índices legíveis” (GREGOLIN, 2006, p. 157), que constitui um corpo social e histórico de traços, ou seja, ela constrói uma memória discursiva. Nesta perspectiva, “[...] é a partir da *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, 1969), que propõe uma redefinição do documento enquanto monumento e do enunciado enquanto nó de uma rede [...]” (GREGOLIN, 2006, p. 157; grifo da autora).

A Semiologia Histórica pensada por Courtine e desenvolvida dentro do campo da Análise do Discurso busca responder às problemáticas atuais que se impõem a este campo do saber: como analisar objetos tão híbridos e complexos como os textos midiáticos contemporâneos, que são construídos pela articulação incessante e frenética de linguagens diversas, como materialidades imagéticas, textuais, sincréticas, áudio-visuais etc., em um espaço tão fluido como as mídias?

Por meio da relação que as imagens mantêm uma com a outra e esta relação com a memória social, esses enunciados revogariam o direito do seu acontecimento, que os singularizam em sua atualidade por abrir feixes na história. Eles deslizam sentidos que

possuem uma tradição, por isso recuperados, mas não necessariamente são os mesmos, as condições de sua aparição os transfiguram, os individualizam nestas redes de memória, uma *memória visual*. Courtine, então, promove movências teóricas e metodológicas para a elaboração do conceito de *intericonicidade*, uma interdiscursividade de natureza imagética pela consideração de que “[...] toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um “sempre já” da imagem [...]” (COURTINE, 2013, p. 43).

Neste sentido, o autor não estaria colocando a Análise do Discurso e Michel Foucault – pela noção de enunciado – lado a lado. Ele estaria (re)lendo Foucault dentro do campo que compreende a Análise do Discurso, ou, mais especificamente, analisando discursos com Michel Foucault, “[...] em um sentido onde o discurso tanto pode ser um fragmento de imagem quanto uma centelha de linguagem [...]” (COURTINE, 2013, p. 42).

O autor privilegiaria a análise das discursivizações do corpo dentro de uma Semiologia Histórica, em que se pretende analisar as transformações das representações do corpo ao longo da história a partir dos indícios por ele deixados. Gregolin (2011, p. 31) observa que as transformações técnicas dos meios áudio-visuais serão responsáveis pelas mutações do corpo e, conseqüentemente, nas representações dos sujeitos [...]. Isso evidencia sua ligação com o discurso, com a memória, com a cultura, ligando-se com o *verdadeiro* de cada época. Em resumo, trata-se de “[...] converter os indícios que libera o percurso do olhar sobre o corpo em *signos*, pela *enunciação de um discurso que atribui aos caracteres percebidos um estatuto significante, dotando-os de um sentido [...]*” (COURTINE, 2013, p. 49; grifo nosso).

Na conversão de indícios, de elementos mínimos significativos em signos, estamos lidando, sobretudo, com a materialidade não do linguístico verbal, escrito, mas com a materialidade da linguagem, que a partir de uma *enunciação discursiva* os sentidos podem ser percebidos, descritos e analisados. “[...] O saber é deste fato uma combinação de visível e de enunciável de cada momento histórico [...]” (COURTINE, 2013, p. 58).

Levando em consideração as problemáticas contemporâneas que atualmente são impostas a este domínio do saber e que fazem parte do escopo do campo que compreende a Análise do Discurso de linha francesa com Michel Foucault, como podemos compreender a criação e funcionamento de subjetividades nos meios digitais,

mais especificamente no *YouTube*, por meio de uma *enunciação de si*, uma enunciação que está no campo discursivo, em que envolve um sujeito, que produz e é produzido por enunciados? Estes percursos de pensamento serão vistos no capítulo seguinte.

3 LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO COM MICHEL FOUCAULT: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Como foi explicitado no capítulo anterior, pretendeu-se observar que o funcionamento de uma *Semiologia Histórica* com Foucault, partindo dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa realizada atualmente no Brasil. Ela funciona como uma ferramenta metodológica para análise de discursos que estão para além do estritamente verbal. Pensar com Foucault, hoje, permite muito mais do que realizar procedimentos teóricos e analíticos dentro de um domínio disciplinar. Com o intuito de encontrarmos abrigo, talvez como hóspedes, a disciplina AD francesa se configura muito mais como uma grande casa, usufruímos dos serviços por ela prestados e, por vezes, são feitos retoques, manutenções e ampliações, novas janelas e portas são construídas. Como afirmamos no capítulo anterior, Jean-Jacques Courtine promoveu uma nova entrada à Análise do Discurso.

Tendo em vista a base epistemológica que constitui a Análise do Discurso e, de modo mais amplo, a Linguística, a transdisciplinaridade é sua principal característica. Michel Foucault, em uma de suas entrevistas (2006) definiu-se como não como um filósofo com seu pertencimento à Filosofia, não como um historiador com seu pertencimento à História e sua tradição ou, ainda à Psicologia ou ao Direito, com seu pertencimento em ambas as áreas, o estudioso definiu-se como um *pirotécnico*. Assim como a pirotecnia que se define como um procedimento para confecção de fogos de artifícios, ele, em seus estudos, quer causar pequenas explosões em todas essas áreas, fato que revela o paradoxo do seu pertencimento e não-pertencimento a todas essas áreas. Nesse sentido, queremos, neste capítulo, abrigarmo-nos, mesmo que brevemente, em outras residências, ou grandes “hotéis”, nos quais buscaremos encontrar novos horizontes, para melhor compreendermos o funcionamento de nosso *corpus*. A pergunta que sustenta a visitação a outros domínios dos estudos da linguagem é: é possível pensar no funcionamento de uma enunciação de si com Michel Foucault?

A problemática da *enunciação* não é hodierna dentro do campo da Linguística. Desde os postulados de Benveniste, principalmente, e dos caminhos apontados por Ferdinand de Saussure, no *CLG*, de onde Benveniste partiria para o desenvolvimento de suas reflexões sobre o funcionamento da linguagem, já se demarca uma certa historicidade do objeto tratado. Sendo assim, crê-se que seja profícuo algumas

considerações, mesmo que breves, dos trabalhos de Benveniste e seus desdobramentos na Linguística hoje.

3.1 BENVENISTE E LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO, OU TEORIAS DA ENUNCIÇÃO?

Atualmente, dentro da Linguística, os estudos que se propõem tratar do funcionamento da enunciação com base nas práticas dos sujeitos em interação na sociedade, o nome de Benveniste, seja para se associar a ele ou para dele se distanciar, é um dos primeiros nomes a ser lembrado e citado. Considerado com gestor dos estudos enunciativos, mais especificamente os que laboram com base na categoria teórica *enunciação*, algumas de suas reflexões, principalmente as que se encontram nos *Problemas de Linguística Geral I* (1995) e *Problemas de Linguística Geral II* (2006) podem ainda nos ser muito atuais, mesmo que por ele seja tomado na presente dissertação como um estopim para reflexões concernentes ao assunto.

Ao abordar o tema da *enunciação*, Benveniste observa que para analisar o funcionamento dessa categoria, é preciso observar sua íntima relação com a *representação*. No texto “Tendências recentes da linguística geral”, o autor expressa que “[...] todos os tipos de língua adquirem direitos iguais de representar a linguagem [...]” (BENVENISTE, 1995, p. 6). Entende-se que Benveniste, quem caminha na mesma esteira que Saussure, concebe que “representar a linguagem” é o mesmo que representar um real por meio de signos linguísticos. O signo é, então, o representante do real. Assim, “[...] para o falante há, entre a língua e a realidade, adequação completa: o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade [...]” (BENVENISTE, 1995, p. 57). O autor conclui que:

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. *Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento*. Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento é reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento de comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 1995, p. 26, grifo nosso).

Observa-se que a linguagem poderia ser tomada como um elemento bipartido. Seus procedimentos de “trocas” e de “diálogo” possuem, concomitantemente, uma materialidade concreta, com a qual os sujeitos praticariam a enunciação, portanto, instalando-se em um campo do significante. E é, além disso, um campo das virtualidades, dos procedimentos de sentidos que se atualizam e reatualizam através da *fala* do sujeito. Esta visão que Benveniste apregoa permite vislumbrar a aproximação entre sua concepção de enunciado e aquela desenvolvida pela Análise do Discurso francesa, na medida em que cada discurso atualiza e reatualiza outros discursos, “outras realidades”, na espessura de seu *acontecimento*, em que a linguagem seria uma peça imprescindível a seu funcionamento. A formação e circulação de discursos na sociedade possuiriam, pois, a linguagem como sua materialidade primeira. Ela expressa, além de uma “realidade”, um regimento discursivo que torna tais ou tais significações (e interpretações) possíveis.

Nesse sentido, as interlocuções entre os sujeitos em enunciação são, sobretudo, modos de representação por meio da linguagem e na linguagem. Ela é entendida, segundo uma visão benvenistiana, como aquilo que possui por principal função o dever de dizer “alguma coisa”, de falar algo. Ela coloca os sentidos os sentidos em jogo. Assim, para que o linguista (ou analista de discursos) possa trabalhar com essa categoria tão efêmera, volátil, cujo elemento é inapreensível e inclassificável em sua totalidade, o sentido, a significação, volta-se, sobretudo, para a *materialidade enunciativa*, pois somente ela poderá determinar uma situação objetiva e conceder ao estudioso um *corpus* de análise.

Para Benveniste, na medida que enunciação pode ser tomada como um processo linguístico por meio de uma apropriação da língua pelo falante, o enunciado seria o seu produto, em que se incluem as categorias de pessoalidade, de temporalidade e de espacialidade. Nesse sentido, o “[...] enunciado tem existência em um determinado momento em que a língua é mobilizada por um locutor” (FLORES et. al, 2009, p. 107), ou seja, na *enunciação*.

No Livro que se intitula *Introdução à Linguística da Enunciação* (2008), Flores e Teixeira buscam delinear de maneira introdutória – como o título já faz referência – um campo de estudos cujo objeto seria a enunciação. Para tanto, esses estudiosos trazem diferentes teorias que tomam como objeto a enunciação e as classificam dentro de um quadro das *Teorias da enunciação*. Entretanto, pontua-se a importância da diferenciação dos termos Linguística da Enunciação (no singular) e Teorias da Enunciação (no plural).

Flores e Teixeira (2008), ao apresentarem essa proposta epistemológica, postulam a hipótese de que as diferentes teorias da enunciação teriam alguns traços de contato que as fariam pertencentes a uma Linguística da Enunciação: como um ponto de convergência na dispersão teórica. Os argumentos utilizados pelos autores para essa afirmação são:

- a) Problematizam, cada um a seu modo, a dicotomia *langue/ parole*;
- b) Preocupam-se em formular um domínio conceitual do termo enunciação (e, cremos, enunciado);
- c) Discutem a subjetividade na linguagem, em que estabelecem relações com a linguística, com a filosofia das ciências etc. A Linguística da Enunciação não é nem da ordem da língua, nem da ordem da fala, mas da linguagem (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 102).

Porém, evidenciam em uma nota de rodapé que a eleição de autores que fariam parte do escopo das teorias enunciativas não é realizada por uma adesão necessária aos pressupostos saussurianos, mas ao contrário, a escolha é feita porque todos esses autores contemplam o objeto que esta área faz referência: a enunciação. Nesse sentido, o que se procede são dois recortes teóricos-metodológicos:

- a) *Retorno a Saussure*: neste ponto de vista, a teoria saussuriana se comporta como um alicerce para o desenvolvimento de reflexões, seja tanto para convergir com o pensamento posto pelo genebrino, quanto para se distanciar de seus postulados estabelecidos no *CLG*;
- b) *Posicionamento do autor*: para os estudos enunciativos, o posicionamento do autor é de suma importância para a análise da enunciação.

Essas hipóteses aventadas por Flores e Teixeira mostram que a heterogeneidade marca a constituição desse campo de estudos que elegem a enunciação como objeto de trabalho. É frequente que em muitas linhas de estudos dentro do campo da Linguística há a eleição da enunciação como objeto ou, o que é ainda mais comum, quando este é

tangenciado nas análises da linguagem. Isso se deve ao fato de que as *Teorias Enunciativas* possuem uma abertura teórica, o que possibilita novas análises e visões sobre tal objeto complexo. Nesse sentido, é visível que em muitos trabalhos há uma espécie de “apropriação” das teorias da enunciação, principalmente em seções que se dedicam às análises do *corpus* eleito, porém, é muito infrequente a referência a esta área de estudos. Além disso, por vezes, muitos estudiosos ainda repudiam princípios teóricos e cometem anacronismos. Nesta linha de raciocínio, Valdir Flores e Marlene Teixeira (2008, p. 9) sintetizam:

[...] esta introdução à linguística da enunciação está longe de ciência harmoniosa, mito da modernidade, na qual a ignorância, a angústia, a inibição ou o sintoma não encontram lugar. Fica o convite a quem aí quiser abrir outras trilhas.

Como se trata de uma *disciplina* emergente dentro dos estudos da linguagem, lembramos, evidentemente, de Foucault (2008b), ao dizer que ela se define como um domínio de objetos, métodos, instrumentos que constitui um sistema anônimo para o surgimento de proposições novas. Em se tratando de uma disciplina, existe ainda *autores cânones* que servem para a delimitação e afirmação no domínio do verdadeiro dentro de um campo do saber¹⁸. Assim, exporemos sinteticamente o quadro que nos é oferecido por Flores e Teixeira (2008).

3.1 VISÕES SOBRE ENUNCIÇÃO: EMBASAMENTOS

O primeiro nome que começa a delinear o quadro teórico de pertinência das Teorias da Enunciação seria o do pós-saussuriano Charles Bally. Discípulo de Saussure, o autor se debruça sobre o objeto *parole*, deixado em suspenso pelo genebrino para a formalização do campo científico da Linguística. Ao tratar da estilística da língua francesa, parte do princípio de que a linguagem é capaz de expressar sentimentos e intenções do sujeito, cabendo a esse estudo analisar sua expressão. Diz o autor:

¹⁸ Na *A ordem do discurso* (2008a) Foucault nos mostra que os discursos não funcionam de maneira aleatória na sociedade, mas sofre certo número de controle *interno* e *externo* para sua distribuição e funcionamento. A *disciplina*, assim definida, seria um *procedimento de exclusão interna* ao discurso.

[...] se a língua é o acervo dos signos e das relações entre os signos, enquanto todos os indivíduos lhes atribuem os mesmos valores, a fala é o funcionamento desses signos e de suas relações para expressar o pensamento individual: é a língua em ação, a língua realizada. (BALLY, s/d, p. 95 apud FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 17).

Bally identifica no enunciado duas partes, uma que comportaria o *dictum*, que se referencia à base sintática oracional, o **enunciado**; e o *modus*, a atitude que o sujeito falante opera sobre o *dictum*, a **enunciação**. Assim, ao tratar da estilística na língua, o autor não trata apenas do enunciado, mas da presença da enunciação na materialidade linguística.

O segundo nome que desponta nos estudos enunciativos corresponderia à figura de Roman Jakobson, junto de seu famoso trabalho sobre os *shifters* observados a partir das lentes de uma dada teoria comunicacional. Por meio dessas lentes comunicacionais, o autor verifica que o sujeito não fala de qualquer maneira, mas faz uso de certas modulações linguísticas para a atingir certos efeitos e ter sucesso na sua comunicação. Seria aquilo que o estudioso nomeia por *funções da linguagem*.

Jakobson observa a existência de um suporte linguístico-comunicacional que tornaria a interação humana possível, cuja base seria a relação entre os indivíduos mediados por códigos enquadrados em certas funções. Nesta teoria supõe-se a existência do sujeito que faz uso da linguagem para se comunicar e produzir sentidos, em enunciação. Flores e Teixeira (2008, p. 24) argumentam que “[...] o sujeito que nesse quadro tem lugar é o sujeito falante, mesmo que, em linhas gerais, se possa considerar as funções da linguagem como representações linguísticas daquele que fala”.

Nesse sentido, quando Jakobson desenvolve seu trabalho sobre os *shifters*, ele considera dois conceitos derivados da teoria peirceana sobre os signos: símbolo e índice. O primeiro corresponderia à associação a um objeto por uma regra convencional. O segundo corresponderia a uma relação de existência com o que representa. Segundo Flores e Teixeira (2008), os *shifters* combinam os dois conceitos: o código diz respeito à convencionalidade do símbolo e à mensagem da relação existencial com o objeto. Assim, na esteira de Saussure, *eu* seria um símbolo convencionalmente aceito porque teria sua existência na língua (bem como “*ich*”, “*ego*”, “*je*”, “*I*”, “*yo*” etc.). Ou seja, no código, “*eu*” possuiria uma relação existencial com o objeto que é referenciado na mensagem, ou seja, diz respeito a quem enuncia, portanto e sobretudo, está em relação com o uso da língua.

O terceiro nome que os autores elencam é justamente o mesmo que abriu este capítulo: Émile Benveniste. Segundo os autores, as reflexões benvenistianas podem ser consideradas as mais importantes dentro de um quadro de pertinência aos estudos enunciativos. Benveniste é, “[...] considerado o linguista da enunciação e consequentemente o principal representante do que se convencionou chamar de *teoria da enunciação* [...]” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 29)¹⁹.

Como foi visto no capítulo anterior, uma das grandes rupturas ocorridas dentro do campo da Linguística foi tratar dos elementos deixados em suspenso devido ao corte epistemológico operado por Saussure, como a *parole* (fala ou discurso) e os elementos que a ela perpassam, como uma teoria sobre o sujeito e a história. Abordar temas exteriores ao sistema linguístico é começar a quebrar o espartilho que reforça a visão da língua considerada como uma estrutura apenas em seu caráter interno, imanente – e Benveniste assim o fez. Em seus trabalhos, nota-se uma relação dual que mantém com o pensamento do linguista genebrino: de *ruptura* e *continuidade*. A ruptura foi realizada quando, em sua teoria, são trabalhados fatores que estão fora do objeto de pertinência pensado por Saussure, como tratamento da presença da subjetividade na linguagem, do funcionamento da língua em ato pelo sujeito, da *parole*, traduzida em seu trabalho como discurso (instância da enunciação). A continuidade está presente porque conserva, em seu labor teórico, algumas concepções de Saussure, como as de estrutura, de relação, de signo.

Para entender os modos de significação, o autor observa dois níveis da língua. O primeiro seria o *semiótico*, cuja perspectiva é interna ao sistema linguístico. Neste nível, direciona o seu olhar para o signo em seus elementos decomponíveis, distintivos e significativos, que estabelecem uma relação de oposição paradigmática com outros elementos dentro do sistema, fato que lhe confere valor significativo. O segundo corresponde ao *semântico*. Neste nível a significação é dada pela atividade que o locutor realiza sobre a língua. Para tanto, a unidade das operações sintagmáticas é a *palavra*, que se articulam à frase, unidade do discurso (compreendido por Émile Benveniste como o lugar de inserção do sujeito na língua). Assim, considera-se que em Benveniste há a presença de uma contraditória dualidade teórica, por um lado é *ortodoxa*, por considerar os postulados de Saussure e *inovadora*, por deles se distanciar.

¹⁹ Segundo os autores, o reconhecimento do trabalho de Benveniste como sendo o principal dentro dos estudos enunciativos não estabelece hierarquias teóricas, no sentido de que este trabalho fosse o melhor

Mikhail Bakhtin também é um dos nomes que se encontra dentro do quadro das teorias da enunciação. Segundo Flores e Teixeira (2008, p. 45), a escolha dos teóricos foi feita não pela relação que estabelecem com o pensamento saussuriano, mas pelo desenvolvimento de uma reflexão sobre o enunciado e enunciação²⁰ dentro de seus estudos e, também, pela captura da interação (e constituição mútua) dos sujeitos²¹ em situação dialógica²², pois “[...] a proposta do filósofo é ver a língua imersa na *realidade enunciativa concreta* [...]” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 48, grifo nosso).

Para pensar o diálogo e o sujeito, o autor realiza uma crítica ao *objetivismo abstrato* do pensamento saussuriano, que se interessa pelos elementos internos da língua a fim de garantir sua unicidade e ao sujeito uma homogeneidade e certo poder sobre a língua. A quebra desse paradigma permite que a língua seja vista sob uma nova ótica, como se pode ver abaixo:

- a) A língua não é mais vista como um sistema de regularidades imutáveis, subordinada à ação do indivíduo, empírico, ela liga-se, então, à uma *realidade social, histórica e ideológica*, ou seja, vincula-se a um determinado contexto enunciativo;
- b) A língua, por esse motivo, é considerada um objeto mutável, pois ao longo do tempo ocorrem mudanças estruturais, e movente, pois não se considera apenas o sentido das palavras, mas processos de significação²³ e efeitos de sentido que elas tomam na interação;

em detrimento de outros, mas pelo reconhecimento à filiação epistemológica, de modo que Benveniste viria inaugurar uma perspectiva teórico-analítica dentro dos estudos científicos da linguagem.

²⁰ Com isso, o campo teórico da Linguística da Enunciação marca sua heterogeneidade e transdisciplinaridade, pela possibilidade de se trabalhar a enunciação dentro de outros domínios do saber.

²¹ O *eu* seria constituído pelo reconhecimento de *tu*, e este instaurado pelo *eu*, que se volta a si. Ou seja, o “*eu*” se constrói pela presença do outro. Assim, o sujeito compreendido por Bakhtin é tomado em interação com o outro. Nesse processo, é atribuído a ele o papel criativo, pois ele atua expressivamente sobre a língua e a desestabiliza para compor sentidos.

²² É importante evidenciar que a noção de diálogo, para Bakhtin, não se restringe ao processamento lógico-semântico, mas se refere à materialização de enunciados no e pelo discurso através de um autor posicionado ideologicamente que a realiza e que, portanto, estabelece certas regularidades de enunciados dentro de *gêneros discursivos*, em *diálogo* com diferentes vozes sociais.

²³ Flores e Teixeira (2008) nos mostra que a significação é trabalhada por Bakhtin pelos conceitos de *tema* e *significação*. O primeiro corresponderia ao ato individual não reiterável da enunciação, ou seja, é uma expressão de uma dada situação contextual que produziu a enunciação. O segundo seria, pois, o aparato que serve à realização do tema, portanto, reiterável e repetíveis.

- c) A compreensão entre os sujeitos não é vista como uma ação passiva, mas é um ato *ativo e responsivo*.

Com isso, pode-se observar que dentro de seus trabalhos se verifica uma concepção outra de sujeito que enuncia. O sujeito compreendido por Bakhtin é tomado em interação com o outro. Nesse processo, é atribuído a ele o papel criativo, pois ele age expressivamente sobre a língua e a desestabiliza para compor sentidos na interação entre um *eu*, constituído pelo reconhecimento de *tu*, e este instaurado pelo *eu*, que volta a si. Ou seja, o *eu* seria constituído pela presença do outro. Em síntese:

[...] podemos afirmar que, em Bakhtin, o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso. É essa instância superior que determina a compreensão. Cada diálogo acontece de acordo com a compreensão-resposta do terceiro que diálogo tem, nele, uma forma não-aritmética que dá existência ao diálogo. A palavra é sempre também a palavra do outro. (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 59).

Oswald Ducrot estaria também nos domínios da Linguística da enunciação, pois, ao desenvolver seus trabalhos na área que se compreende atualmente por *Pragmática Linguística*, o autor preocupa-se, sobretudo, com o sujeito da enunciação veiculado pelo enunciado linguístico concreto, a partir do qual se dirige às questões da enunciação e da subjetividade presente na materialidade linguística.

Para tanto, o autor faz uma distinção entre o que ele chama de *frase* e *enunciado*. Ambos elementos estariam incutidos dentro do produto da enunciação, porém, o primeiro corresponderia ao conjunto de leis léxico-semânticas que pertencem a um domínio linguístico estrito, das regras e leis para o funcionamento da mútua inteligibilidade entre os enunciadores, ou seja, ao campo da *gramática*. Já o segundo elemento corresponde à inserção deste conjunto de regras – a *frase* – a um determinado contexto de realização enunciativa, portanto, o sentido seria produzido nos contornos de sua produção.

O sujeito da enunciação compreendido dentro dos trabalhos de Ducrot busca quebrar com a noção de unicidade e individualidade psicológica propagado em muitos trabalhos em linguística. Para o autor, o sujeito é um efeito de sentido produzido pelo enunciado, fato que marca a possibilidade de existência de mais de um enunciador na enunciação. Neste processo, pode-se dispor de duas personagens: o locutor e o

enunciador. Locutor são as marcas de personalidade presentes no enunciado, não se confunde, pois, com a noção de sujeito fisiológico que produz o enunciado. Ele é a instância responsável pela produção da enunciação. Já o enunciador remete a uma forma de *polifonia argumentativa* existente no enunciado e seria, antes, uma visão, um ponto de vista instaurado pelo locutor na enunciação, que pode ou convergir ou divergir da visão dos enunciadores presentes no enunciado. Dessa maneira:

[...] a enunciação é um acontecimento que se constitui pelo aparecimento de um enunciado; o sentido do enunciado que apareceu comunica a qualificação/ descrição da enunciação (do acontecimento). Descrever semanticamente esse sentido é levar a compreender porque o sujeito pode efetivamente, ao produzir um enunciado, realizar este ou aquele ato [...] (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 68).

Jacqueline Authier-Revuz é mais um dos autores considerados dentro do campo de uma Linguística da Enunciação. Ela se vincula principalmente ao pensamento de Émile Benveniste, por produzir uma teoria, à moda benvenistiana, com um movimento de tradição e inovação. Ao considerar concomitantemente a enunciação e a língua, ela distancia-se de Saussure porque produz uma teoria que trata da enunciação que esteja para além da análise interna da língua e retorna porque “[...] isso não pode se dar por um ato de dissolução do objeto tal como é definido por Saussure” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 73). Nesse movimento de ida e volta, o sujeito estaria posto como ponto de intersecção.

Quando elabora o conceito de *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva* do discurso, a autora marca fortemente a alteridade. O que se chama de heterogeneidade mostrada são as marcas linguísticas do outro no enunciado, facilmente detectadas pelo uso de aspas, discurso direto, indireto etc. Já a heterogeneidade constitutiva não é marcada de maneira tão evidente. Ela considera que o sujeito não é exterior ao discurso, mas constitutivo e condição necessária ao seu aparecimento e funcionamento. Para tanto, ela recorre a teorias vindas às teoria de Bakhtin (e do chamado Círculo de Bakhtin), Freud e Lacan.

É importante explicitar que Jacqueline Authier-Revuz, no momento em que produz o seu trabalho sobre a heterogeneidade no discurso nos anos 1980, ela se vinculava ao grupo pecheutiano que, de certo modo, assentavam suas análises pela problemática da *contradição* presente no discurso e das *falhas de interpretação*

ideológica, de modo a criticar o método automático de análise de discursos. Tal crítica influenciou muito os desenrolares dos trabalhos pechetianos de então.

O sujeito, assim, é entendido como *sujeito dividido* que possui uma *fala heterogênea* em um contexto necessariamente dialógico. O discurso, sob esta perspectiva, pode ser entendido como um processo de efeitos de sentido produzido por sujeitos atravessado por vozes sociais, constitutivamente divididos pela presença do outro no dizer e clivado pelo inconsciente. No processo de significação, os sujeitos *respondem* a um *já-dito*, enunciado antropológico historicamente e ideologicamente construído e em constante movência. Todo discurso, assim, é um *discurso-resposta*²⁴. Porém, “[...] sua análise não se detém propriamente em verificar as repercussões não-linguísticas da constituição do sujeito e do discurso pelo outro” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 84). Ao desenvolver seu trabalho, ela busca destituir o sujeito como fonte de seu dizer para explicitar a própria natureza que a linguagem possui de se referenciar a si mesma, ou seja, a linguagem, ela mesma, é sua própria metalinguagem. Para refletir sobre essa autoreferenciação linguística, a autora estabelece a díade *autonímia*, quando o locutor faz menção ao próprio signo para descrevê-lo metalinguisticamente, mas não o usa para interagir, *conotação autonímia*, que diz respeito ao uso do signo na interação²⁵. Com isso, “[...] a vantagem de sua abordagem é a de conferir uma espessura ao sujeito enunciativo, não reduzido à ilusão subjetiva plena [...]” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 85).

Flores e Teixeira (2008) deixam claro que as teorias da enunciação não necessariamente obedecem a uma continuidade epistemológica. Elas são diferentes entre si, cabendo ao teórico o gesto de relacioná-las por determinados critérios para a realização do fazer científico. Posto isso, o quadro que se constrói é tomado como sendo a Linguística da Enunciação, ou Teorias da Enunciação, tal fato que não exclui a possibilidade de se trabalhar com outros autores, mas muito pelo contrário. A abertura teórica dentro dos estudos enunciativos permite que se trabalhe com autores diversos, desde que eles tratem ou tangenciem seu principal objeto, a enunciação e, por extensão, o sujeito que toma a palavra e (se) enuncia. Este é o pressuposto básico para o fazer das Teorias da Enunciação. Explicitam os autores: “[...] o que caracteriza a linguística da

²⁴ A essa recorrência teórica de Authier-Revuz a autores que não estão dentro do Linguística tradicional é por ela chamada de *modalização autonímica* (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 78).

²⁵ Nesta diferença entre *autonímia* e *conotação autonímica*, Flores e Teixeira (2008) observam a passagem de um *signo de semiótica simples* para um *signo de semiótica complexa*.

enunciação é a abordagem do fenômeno enunciativo na linguagem desde o ponto de vista que considere o sujeito que enuncia [...]” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 99).

Evidencia-se, assim, que essa linguística prevista pelos autores supracitados possui nítidas filiações com os trabalhos de Émile Benveniste, apesar de abrir possibilidades para outras abordagens enunciativas. Sendo assim, considera-se que o sujeito da enunciação se envolve em um campo da *irrepetibilidade*, pois sua prática enunciativa é única, liga-se a uma condição temporal (o agora, tempo do *ego*), a uma inscrição topográfica (espaço de localização do *ego*) e, sobretudo, a enunciação ocorre por uma atitude do sujeito na língua, sendo este o *eu* em diálogo com um *tu* (pessoalidade). O que é repetível, portanto, são os instrumentos oferecidos pelo *aparelho formal da enunciação*, ou seja, “[...] é da ordem do repetível apenas a organização do sistema da língua [...]” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 100).

Na leitura dos trabalhos enunciativos, a preocupação que a maioria dos autores dedicam às análises são para o entendimento do sistema da língua – uma Linguística da Enunciação cujo objeto de estudo somente é possível na e pela língua, em continuidade com as reflexões benvenistianas. Tal fato fica ainda mais claro quando Flores e Teixeira (2008) dizem que “[...] o objeto da linguística da enunciação é todo o mecanismo linguístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se auto-referencia no uso. A enunciação é, pois, o que constitui esse processo” (p. 106).

Salvas as tautologias, o objeto de que trata o campo da Linguística da Enunciação é a própria enunciação. Mas a problemática que é instaurada no presente trabalho de dissertação é: é possível compreender o objeto das Teorias da Enunciação instalada no campo discursivo, lugar onde se interseccionam o sujeito e a história?

Entretanto, apesar da centralidade do sujeito na Linguística da Enunciação, e isso fica evidente nos próprios textos de Benveniste, ela não se preocupa em realizar um estudo aprofundado cujo objeto primeiro seria o sujeito. Com relação a esta categoria teórica (e filosófica), o que se estuda dentro deste domínio de estudos são as suas marcas, deixadas na materialidade do enunciado linguístico, em que o processo, que é a enunciação, refere-se a ele pela relação ao tempo e ao espaço da enunciação. Assim, “[...] apesar da redundância, vale insistir: a linguística da enunciação estuda a enunciação do sujeito e não o sujeito em si” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 108).

Entretanto, entendemos no presente trabalho que para o estudo da enunciação e enunciado dentro do campo da Análise do Discurso de linha francesa com Michel Foucault, em diálogo com as Teorias da Enunciação, o estudo do sujeito possui um

papel fundamental para a compreensão do funcionamento enunciativo. Segundo os autores

[...] campo constitutivamente heterogêneo, sempre é possível a ele acrescentar um certo olhar sobre a enunciação ou uma interface ainda não abordada. Trata-se de uma dispersão, para usar um termo foucaultiano (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 110, grifo nosso).

Desse modo, o presente trabalho pretende ser um ponto em meio essa dispersão científica. Entretanto, se “o estudo da linguagem do ponto de vista enunciativo contempla o *uso* relativo a tempo, espaço e sujeito da enunciação e a consideração de que enunciar é um ato singular de utilização da língua e como tal deve ser analisado” (FLORES et al., 2008, p. 11), esta dissertação pretende observar um sujeito, que faz uso da linguagem, com todos seus sistemas semiológicos que estão para além da língua, está para produção de si. Sendo assim, observar em Foucault o funcionamento de uma teoria da enunciação, ou levá-lo para o interior de uma Linguística da Enunciação, pode ser muito frutífero. Sob esta ótica, a enunciação (e a inscrição da subjetividade na linguagem) não funcionaria somente pela língua, mas pela linguagem e todos seus elementos suprasegmentais, de outras ordens semiológicas. Problematiza-se assim a própria linguagem como uma prática positiva pela análise da historicidade do sujeito e da heterogeneidade da materialidade dos discursos.

3.2 DA SUBJETIVIDADE NA LÍNGUA PARA A SUBJETIVIDADE NO DISCURSO: ENUNCIÇÃO-ENUNCIADO COM BAKHTIN, PÊCHEUX E AUTHIER-REVUZ

Dentro do campo dos estudos discursivos, muitos teóricos se referem a unidade teórica e metodológica “discurso” como sendo um elemento que estaria na exterioridade da língua e da linguagem, por ser apreendido no seio social, cujos aspectos históricos e ideológicos (a depender da perspectiva adotada) colocam em evidência os discursos em diferentes contextos sociais de realização. Porém, como se pôde ver até o presente momento da dissertação, a linguagem pode ser pensada em um sentido muito mais amplo que aquela pregada pelas teorias tradicionais da Linguística, mas que mesmo assim estabelece com ela pontos de contato e continuidade. Nesse sentido, observar a enunciação e o enunciado considerando aspectos históricos, sociais e, principalmente, a

própria linguagem como condição necessária às práticas de subjetivação não é ir ao exterior, mas observar que todos esses elementos discursivos são constitutivos da linguagem. Pois, como aventa Beth Brait (1994, p. 4-5).

[...] a análise do discurso é o nome comum sob o qual se abrigam, de forma explícita ou implícita, diversos e não homologáveis caminhos do estudo da significação, e de forma mais precisa, os diversos enfoques enunciativos, ela aparece como uma dimensão do estudo da linguagem que tanto pode ser assumida teoricamente por diferentes semânticas, de abrangência frástica ou transfrástica, como ainda pode envolver objetos outros além do verbal, dependendo necessariamente do conceito de linguagem aí implicado [...]

Com o excerto acima, pode-se observar que a Análise do Discurso (de linha francesa) também pode ser considerada uma teoria enunciativa, em que se encontra uma certa noção de linguagem em suas bases. Porém, a autora elenca algumas “falsas expectativas” que se cria quando se trabalha dentro desse campo do saber que, desde pronto, são dissolvidas. São elas:

- a) *Homogeneidade*: a consideração de que o discurso seja um elemento cujo o funcionamento é a estabilidade semiótica e semântica é derrubada. O espaço do funcionamento discursivo é heterogêneo e multifacetado. Abordar o discurso, assim, implica conceituá-lo, explicar o conceito de linguagem que está sendo trabalhada a partir dele. Cada linha analítica do discurso caminha para uma heterogeneidade do objeto, condição que é necessária para o trabalho com a significação e apreensão de efeitos de sentidos, observados a partir de empreendimentos interpretativos e analíticos;
- b) *Imanência teórica*: trabalhar com o discurso dentro da área da AD implica, justamente, considerar o sujeito como um dos elementos privilegiados ao labor do analista. Trabalhar com esta categoria institui como necessidade a busca de exteriores teóricos à Linguística – uma vez que esta não se dedicou a sua conceituação e funcionamento, ou seja, não se desenvolveu uma teoria sobre o *sujeito* (como a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia e outros), apesar de que este elemento estivesse presente em muitos trabalhos sob o título de “sujeito”, “pessoa”, “indivíduo” etc –. Nesse sentido, “[...] importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente

marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes. Assim, as noções de polifonia e heterogeneidade também constituem objeto de reflexão e são necessárias para se compreender o que chamamos de sujeito discursivo”. (FERNANDES, 2007, p. 11). Dessa maneira, quando se trabalha com a significação, o analista faz um movimento pendular de interior-exterior à Linguística, de acordo com o objeto trabalhado. A AD pode ser encarada como uma “[...] *teoria da linguagem que se propõe a trabalhar a significação nos diversos sistemas significantes e mesmo no entrecruzar que possibilita o sentido*” (BRAIT, 1994, p. 5; grifo nosso).

- c) *Não identidade teórica*: Assumir a heterogeneidade teórica constitutiva desse campo do saber significa um posicionamento para o estudioso da linguagem, um posicionamento interdisciplinar, pela necessidade de se localizar em um *entrelugar* de uma(s) e outra(s) disciplina(s). É um posicionamento transdisciplinar, pois as atravessa sem a elas pertencer necessariamente. Somos linguistas, também.

Brait (1994) explicita que a ideia de análise do discurso de enfoque enunciativo implica uma bipartição teórica cujos discursos fundadores marcam a heterogeneidade de estudos: por um lado estão os estudos que se dedicam à análise do funcionamento linguístico pela presença da subjetividade na linguagem a partir de formas linguísticas; aqui encontram-se os trabalhos de Émile Benveniste e de estudiosos que se baseiam em seus trabalhos. Em um outro pólo estão os estudos que comportam a dimensão histórica que determinam os processos semânticos de significação, a dimensão ideológica etc.

Entretanto, apesar de os estudos enunciativos e os estudos discursivos à primeira vista parecerem totalmente opostos, ambos dialogam e convergem em alguns aspectos teóricos. Benveniste quando instaura a noção de que a língua possui formas que permitem ao sujeito se inscrever na linguagem via enunciação, em que aponta para o discurso, ele abre uma fissura teórica: um sujeito faz a passagem da língua ao discurso, ao exterior à forma. O redimensionamento do objeto da linguística operada pelo trabalho de Benveniste permite observar o funcionamento de um dos sistemas semiológicos que foram amplamente privilegiados ao longo de todos esses anos pela Linguística: a língua. Neste ponto polêmico e problemático encontramos nele um ponto de contato (e de distanciamento): o sujeito.

Em torno da ideia de subjetividade empreendida por Benveniste, o autor não se dirige a uma teorização do sujeito, o estudioso observa nele um falante que faz uma *apropriação enunciativa*, ou seja, o sujeito que faz uso da língua, vista, nesta perspectiva, como um conjunto de virtualidades autônomas, arbitrária e sistematicamente construída, que o antecede e o sucede. Sem envolvê-lo – o sujeito – em questões sociais e históricas de *apropriação enunciativa*.

O sujeito, assim, flutua independente do dimensionamento sócio-histórico em que está inserido – aqui, encontra-se um distanciamento. Flagrar o sujeito perpassado pela história e nela localizado é desvinculá-lo do poder intencional do falante, é destituí-lo da contenção do sentido e da significação, esta que se vincula em primeira instância a uma trama de discursos, uma rede de regimentos discursivos. A presença do sujeito no discurso é, tanto para os estudos enunciativo-discursivos de tradição benvenistiana quanto de tradição francesa (especialmente com Michel Foucault), uma forma de retratá-lo na linguagem e depreender, de acordo com a perspectiva teórica, o que dela é constitutivo. E para sermos também saussurianos, o objeto *sujeito da linguagem* possui sua formação baseada em uma dicotomia que cremos mover muitos trabalhos que tratem da enunciação-discurso e que, conseqüentemente, produz esse objeto. Por um lado, existe a noção de que o sujeito é origem de seu discurso e fonte de seu dizer e, por outro, de que o sujeito é uma produção discursiva e seu dizer controlado por regimentos discursivos ou por uma *ordem do discurso*. A subjetividade, pensada nessa segunda perspectiva, tratada na presente dissertação é, pois, central neste trabalho.

Brandão (1994), para falar da subjetividade na linguagem, parte para o campo da filosofia para depreender o conceito, uma vez que não se encontra uma formulação conceitual dessa categoria analítica no campo da Linguística. O deslocamento do conceito é, em princípio, do exterior.

Dessa maneira, para falar da “*subjetividade no discurso*”, a autora parte para o campo da Filosofia para compreender a concepção de sujeito que é utilizada nos estudos da linguagem aponta determinados pontos de deslocamento ao longo da história:

- a) A primeira concepção depreendida pela Filosofia remonta às reflexões gregas acerca da relação entre o sujeito, o real e o conhecimento. Para os filósofos, a inteligibilidade parte do princípio de que o conhecimento já estaria inscrito nos objetos, nos homens e no próprio conhecimento, ponto originário desse movimento de desvelação da verdade que seria o *Ser*. O sujeito possui em sua

interioridade a verdade, a originalidade. Esta perspectiva observa nele uma homogeneidade da criação divina, cujo ato de conhecer-se é, antes, um reconhecimento daquilo que está em seu interior por práticas exteriores, é um deslocamento do afastamento a uma aproximação divina: o ser já é dado *a priori* por Deus;

- b) Pelo deslocamento da concepção de sujeito como ponto fixo original do *ser*, a cisão ocorre pelo movimento do exterior a uma interioridade do *cogito ego sum*. Assim, a verdade e o conhecimento não são reconhecidos a partir do real que se encontra no exterior, o desenvolvimento do sujeito como um produtor perceptivo e produtivo de conhecimento pelo labor de sua *consciência* permite a criação da concepção de subjetividade a partir da filosofia humanista. O real passa a ser tomado como uma força interna que possui uma inteligibilidade, também interna. Há, assim, a separação do *Sujeito* e *Objeto*, que a partir de agora passam a ser tomados independentemente. O sujeito é capaz de *representar* o real pela apropriação que ele faz dos objetos no mundo pelo conhecimento. Assim, os objetos da realidade e a própria realidade seriam o resultado do ato de representação do sujeito. Pela percepção, o sujeito apropria-se do objeto que para ele é heterogêneo, pelo processo de racionalização torna-o ideia, homogêneo à sua consciência, ou seja, uma *representação*. A “operação representativa descartiana”, que se baseia na identidade interna do ser a partir do corte do real pela atividade de homogeneização operada pelo *ego* será amplamente criticada por Hegel e, por essa crítica, obtém-se outro deslocamento. Para Hegel, a realidade é uma contradição e tal é que define, ou melhor, constrói o ser. A subjetividade não está na identidade interna do sujeito, mas é construída a partir de relações dialéticas, oposições internas entre contraditórios cujo resultado é o próprio sujeito. A identidade está na relação opositiva que o ser mantém com o outro. A dialética, assim, é o movimento utilizado para se chegar a verdade e ao real. E o sujeito é tomado nessa dinamicidade dialética;
- c) O último deslocamento da concepção de sujeito está em Foucault, em que a subjetividade não nasce a partir da noção de representação pensada por Descartes, mas do próprio surgimento da noção de homem. A concepção de

subjetividade nasce, principalmente, a partir do século XIX com o surgimento de certos saberes que vão objetivar e subjetivar sujeitos. Ao estudar o sujeito, Foucault o toma a partir das relações que este estabelece em suas diferentes práticas discursivas ao longo das épocas, que o localizam em regularidades que lhe conferem certo *status* e o dispersam nas opacidades da história. Desse modo, o sujeito é entendido como uma produção histórica dos jogos discursivos, destituído da homogeneidade e da supremacia sobre os sentidos.

Segundo Brandão (1994), bem como se verifica dentro dos estudos filosóficos, nos estudos da linguagem também se podem verificar algumas ramificações no que diz respeito às concepções de subjetividade, na linguagem. Segundo a autora, pode-se verificar duas grandes tendências:

- a) Ligada à concepção clássica positiva e cartesiana, a língua seria uma representação do real, ou uma função representativa do real. A condição de verdade do enunciado corresponde às coisas existentes no mundo, assim, a centralidade das discussões estavam voltadas para as formas de representação do real e não no sujeito;
- b) O paradigma clássico de língua é deslocado quando a apreende enquanto uma função demonstrativa, ela é desvendada em sua estrutura. Assim, o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada na linguagem, e esta passa a ser condição necessária para a construção da subjetividade. Assim, por meio da apropriação da linguagem o sujeito pode nela se inscrever e a partir dela se inserir no mundo. O Eu se constitui e é constituído, representa-se e é representado quando fala.

Assim, sintetiza a autora:

[...] vemos nessas duas tendências, o deslocamento de uma concepção de sujeito que constitui o mundo, separando, classificando-o, nomeando-o, detentor de certezas, marcado pela preocupação da transparência e da identidade, para um sujeito que, ao produzir linguagem, é constituído pela linguagem, é falado pela linguagem, se entretece na trama da linguagem (BRANDÃO, 1994, p. 19-20).

Na diferenciação que a autora faz a respeito do sujeito, como aquele bem delimitado e delineado pelas tradições filosóficas e tradição cartesiana, principalmente, e aquela teoria da linguagem em que o sujeito é produzido pelos processos de linguagem dentro de uma rede linguística que fala do sujeito, fala pelo sujeito e, principalmente, no sujeito, permite considerar que as práticas de subjetividades do sujeito por processos discursivos só são possíveis na e por meio da linguagem. Nesta perspectiva, os lugares que os sujeitos ocupam e criam no discurso são criadas concomitantemente na linguagem. As práticas de subjetividades praticadas pelos sujeitos por processos discursivos, todas elas são praticadas linguisticamente, enunciativamente.

Sobre a subjetividade na linguagem, Benveniste possui um importante trabalho, que é retomado pela autora em questão. Nesse ínterim, Brandão (1994) explicita que os trabalhos de Émile Benveniste colocam a problemática da subjetividade no interior dos estudos linguísticos quando interessa para o autor não o enunciado, o dado apenas, mas o processo enunciativo que está presente e pode ser recuperado na análise da materialidade enunciativa que, na ótica benvenistiana, é a materialidade verbal.

Na concepção de Benveniste, a enunciação pode ser considerada como um lugar de realização do sujeito na linguagem, processo por meio do qual o sujeito se constitui por um processo de apropriação linguística quando faz referência a si, quando se fala “eu”. Tal processo de alocação institui, necessariamente, um eu em relação a um outro – “tu”, a quem se dirige o enunciado produzido por um eu –. Há o interesse, pois, pela construção do homem em sua prática. No texto “Da subjetividade na linguagem, Benveniste diz que:

[...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. *É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem* (BENVENISTE, 1995, p. 285, grifo nosso).

E o “homem falando” seria um fio condutor dos estudos benvenistianos. E este que fala e de quem se fala seria, justamente, o “eu”. Assim, a centralidade de todo processo enunciativo está em eu (pessoa subjetiva), pois o tu (pessoa não subjetiva) não está na unicidade do eu. “Ele” é a não pessoa não subjetiva, pois se encontra fora do

processo enunciativo e não se refere especificamente a um indivíduo. Dessa maneira, “[...] Benveniste vê no EGO o centro da enunciação e restringe a ele a noção de sujeito quando afirma que a constituição da subjetividade vai se fazendo à medida que se tem a capacidade de dizer *eu*” (BRANDÃO, 1994, p. 21, grifo nosso). Em síntese, Benveniste conclui (1995, p.286) que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego””.

Porém, como observa a autora, se a subjetividade é constitutiva e característica da linguagem, ela se constrói mesmo quando não se produz a forma linguística *eu*, como em discurso relatado, científico, discurso do esquizofrênico, do louco, do autor ficcional, do sujeito cotidiano tomado prosaicamente. Nesse sentido, mesmo que Benveniste não tenha pretendido sair das formas da língua verbal – em que na leitura de seus trabalhos fica evidente que seus estudos se propõem analisar as formas e os lugares na língua em que o sujeito pode se inserir –, seus postulados abrem outras abordagens enunciativas. Nesse sentido, apesar de ser “[...] na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no *exercício da língua* [...]”(BENVENISTE, 1995, p. 288), pretende-se observar o *eu* que enuncia “suas” subjetividades ao falar eu, no discurso, no exercício não da língua, mas da linguagem.

Em contraponto ao trabalhado por Benveniste, Pêcheux propõe uma teoria não subjetiva da enunciação, cujo pilar teórico são as teses althusserianas acerca da ideologia, como já foi visto no capítulo anterior. O sujeito é então entendido não mais como fonte e *origem* de seu dizer, ou a “causa de si”, os sentidos, tal como o sujeito. Ele é, antes, construções histórico-ideológicas que se estabelecem na sociedade.

Os sentidos, como evidencia em *Les Vérités de la Palice* (que foi traduzido ao Português como *Semântica do Discurso*, Pêcheux afirma que os sentidos são produzidos de acordo com a posição que o sujeito estabelece dentro de uma formação ideológica e de uma formação discursiva, portanto, os sentidos são cambiáveis, mesmo que (à primeira vista) pareça ser um mesmo enunciado. Eles são colocados em jogo no terreno dos processos sócio-históricos, ou seja, os sentidos não estão em si mesmos, mas são efeitos de práticas enunciativas, históricas e sociais.

O sujeito pecheutiano é determinado pela posição que ele ocupa dentro de uma dada formação ideológica e discursiva. Assim, ele é deflagrado em sua condição social e histórica que orienta sua ação individual. Sua linguagem, portanto, é permitida, ou

proibida, segundo uma *formação discursiva*, que guia *tudo aquilo que pode e deve ser dito, ou excluído do dizer*.

Interpelado pela ideologia, “cada sujeito é assujeitado no universal como singular e insubstituível”. Brandão (1994) vê uma ambiguidade constitutiva do sujeito pensada por Pêcheux para sua teoria de Análise do Discurso, que se situa, de modo paradoxal, entre:

- a) *Subjetividade assujeitada* às coerções das formações ideológica e discursiva;
- b) *Subjetividade singular* que ocupa um lugar específico dentro das formações conjugada com sua história.

Assim, o sujeito nem é totalmente assujeitado e nem totalmente livre, mas seu espaço de constituição é tenso, bem como as relações de intersubjetividades na interação. Em Pêcheux, essa tensão se dá em dois níveis:

- a) *Inconsciente*: espaço do funcionamento da ideologia, em que o sujeito apaga qualquer elemento que remeta ao exterior de sua formação discursiva;
- b) *Consciente ou pré-consciente*: O sujeito possui a possibilidade de operar escolhas linguísticas no momento de dizer. A enunciação, então, se conjuga com as operações que o sujeito estabelece com a linguagem, movidas pelo que pode ou não dizer dentro de uma formação discursiva. Desse modo, o sujeito possui a ilusão de que é a origem de seu dizer, de soberano e fonte do sentido.

Para Jacqueline Authier-Revuz, localizada em um entremeio, ou uma heterogeneidade teórica que vai desde o dialogismo bakhtiniano à Psicanálise, o sujeito é construído não na homogeneidade de seu dizer mas, ao contrário, na *heterogeneidade da linguagem*, “[...] que é consequência de um sujeito dividido, sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente” (BRANDÃO, 1994, p. 24).

As descobertas de Freud teriam causado ao sujeito mais uma das *feridas narcísicas*, operadas, por exemplo, por Copérnico, ao declarar que a terra não é o centro do universo e, assim, também não é o sujeito; e Darwin, ao declarar em sua teoria evolutiva que o homem não é criação divina, mas por seleção entre espécies biológicas.

Portanto, o homem é destituído da tese platônica de que é, em última instância, uma imitação divina, da perfeição e do poder. Freud, ao falar da existência do inconsciente, o “eu” também perde sua centralidade que estava sendo deslocada em vários campos do saber ao longo da história.

Conforme já discutimos anteriormente, com base nessa teoria, Authier-Revuz formula seus conceitos de *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva*. A primeira corresponderia às marcas linguisticamente explícitas utilizadas por um sujeito, como o uso de aspas, pontos, formas que mostram explicitamente o falar do outro; aqui se encontra o confronto entre a identidade e alteridade do sujeito. Já a segunda não é mostrada explicitamente, mas de maneira mais sutil e velada. O lugar é no discurso, que faz funcionar noções de interdiscurso, diálogo etc., pois todo discurso mantém relação com outros discursos em uma convergência ou divergência ou, também, nem um nem outro, é tensivo.

Quando o sujeito toma para si o dizer do outro instaurando ilusoriamente a unidade, ele constrói também uma ilusória homogeneização em sua fala na relação com o falar do outro. Pela apropriação explícita da linguagem, evidencia o desejo que o sujeito possui de dominância e soberania sobre os sentidos. Nesta perspectiva, segundo Authier-Revuz, existe uma negociação entre a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva: localizar o outro para circunscrever seu próprio território é mais uma prova de que o sujeito foi/ é destituído da contingência dos sentidos. “[...] Afetado por um sujeito que divide, ou melhor, que tem que dividir seu espaço discursivo com o outro, o sentido subjetivo, se torna heterogêneo, bloqueando a tendência natural à homogeneização do sentido” (BRANDÃO, 1994, p. 25). Este sujeito dividido, clivado, tenta incessantemente harmonizar vozes em seu dizer para uma ilusória coerência.

3.3 DA SUBJETIVIDADE NA LÍNGUA PARA A SUBJETIVIDADE NO DISCURSO: ENUNCIÇÃO-ENUNCIADO COM MICHEL FOUCAULT

Na presente dissertação buscamos compreender as construções de subjetividades nos meios digitais quando o sujeito, instalado no espaço digital do *YouTube*, toma a

palavra e fala de si, enuncia-se. Nesse sentido, a categoria teórica e analítica *enunciação* tornou-se de suma importância. É somente por meio dela que o sujeito pratica discursivamente e linguisticamente (via linguagem) a si mesmo enquanto sujeito discursivo e discursivizado. É possível, assim, a hipótese de uma *enunciação discursiva* com Michel Foucault, cujas categorias enunciativas básicas ao seu funcionamento são norteadoras nos trabalhos foucaultianos: o sujeito, o tempo e o espaço. Desse modo, de uma subjetividade na linguagem para produção de si na língua, em que:

[...] cada um fala a partir de si. Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanação irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo [...] (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Benveniste observa a individualidade na enunciação, que emana e retorna ao sujeito por uma prática singular, o sujeito quando fala “*eu*” estabelece, na língua, uma diferenciação com relação aos outros, mas subordinado ao aparelho formal que é a língua, pois somente a língua ofereceria ao sujeito um lugar de fala. A língua é a voz do próprio sujeito “irreduzível”, o “*eu*” não separável, o “*eu*” centralizado. Ela oferece ao sujeito um conjunto de *espaços vazios* para que ele mesmo preencha:

- a) *Sujeito*: o conceito de sujeito só estaria estabilizado nos estudos da linguagem a partir dos estudos discursivos desenvolvidos na segunda metade do século XX, porém, considera-se que em Benveniste há um *sujeito da enunciação*, que é justamente o *indivíduo*, o “*eu*” (e todas as formas linguísticas que retornam a ele, como os pronomes, formas verbais etc.), a *pessoa* do espaço semiótico da língua, o *ego*;
- b) *Tempo*: o tempo da enunciação benvenistiana se encontra no momento em que o sujeito (empírico) enuncia, as produções linguísticas se voltam para o momento de referência do presente. É no presente o tempo do discurso para Benveniste, ou seja, o momento de realização do sujeito, o *agora (nunc)*;
- c) *Espaço*: na língua também é possível observar que o espaço em que o sujeito se realiza faz referência ao lugar do agora, momento da enunciação, ou seja, refere-se ao *aqui (hic)*;

Ao falar sobre o texto “aparelho formal da enunciação”, de Benveniste, Flores et al. (2008) no livro *Enunciação e Gramática* observam que há dois planos distintos interligados. O primeiro plano seria o das generalidades, pois toda estrutura linguística de qualquer língua oferece aos sujeitos a possibilidade de se colocar, ou seja, todas possuem um aparelho formal. O segundo plano seria com relação ao sujeito, pois o aparelho é sempre único na medida em que a enunciação também o é, pois a cada instância de uso o tempo e espaço são irrepetíveis. Encarada dessa maneira, “[...] a enunciação é um estudo que prevê que estrutura e sujeito não são disjuntos, mas que estão imbricados e implicados”. (FLORES et al., 2008, p. 19).

Posto em pauta que “[...] a hipótese primeira da metodologia enunciativa: o observável é a maneira pela qual o sujeito se marca naquilo que diz” (FLORES et al., 2008, p. 41) e, que, para a Análise do Discurso o sujeito fala não somente pela língua, mas pela linguagem, cujos efeitos de sentidos são assegurados pelos discursos. Essa possibilidade de considerar a AD com Michel Foucault como suporte para de análise de *atos enunciativos*²⁶ é dada pelos próprios autores quando dizem que:

O método de análise pertence a cada teoria em particular. Cada teoria enunciativa constrói recursos metodológicos próprios sem que isso implique algum tipo de generalização para o campo [...] Com isso, queremos dizer que não há, em Linguística da Enunciação, um método, um objeto ou mesmo um conceito qualquer que seja universalmente válido para todas as teorias da enunciação. Cada teoria forja seu instrumental metodológico (FLORES et al., 2008, p. 39-40).

Levando em consideração que o campo da Análise do Discurso de linha francesa com Michel Foucault é, sobretudo, um suporte teórico e metodológico, podemos observar o funcionamento da enunciação-enunciado sob o ponto de vista foucaultiano?

Sabe-se que dentro dos estudos discursivos, em especial, nos estudos foucaultianos, a própria arquitetura teórica oferece conceitos operatórios e metodologias analíticas. Nesse lógica, quando revolvemos o solo teórico dos trabalhos de Michel Foucault para compreender o funcionamento de uma enunciação-enunciado sob o ponto

²⁶ Segundo Flores et al. (2008, p. 41), “[...] constitui um fato enunciativo de linguagem todo fenômeno que servir para explicitar a maneira pela qual o sujeito se marca naquilo que diz. Neste caso, é possível fazer um corpus de fatos, entendido como uma reunião de mecanismos que coloca em relevo as maneiras de o sujeito se marcar naquilo que diz”.

de vista discursivo, desenhamos, concomitantemente, procedimentos metodológicos de análises enunciativo-discursivas.

O primeiro aspecto que se deve considerar e explicitar é que Michel Foucault possui uma base epistemológica que difere daquela presente dentro dos trabalhos de Émile Benveniste e seus sucessores. Não se pretende, em suma, observar o funcionamento de um sistema linguístico que oferece ao sujeito a possibilidade de inscrever sua subjetividade na materialidade formal quando da língua ele se apropria por um ato individual. A língua, então, é entendida como um espaço para a construção de enunciados e enunciações possíveis. Entretanto, Foucault (2008b, p. 96) alerta que “[...] língua e enunciado não estão no mesmo nível de existência [...]”.

O enunciado, pensado pelo autor, possui uma natureza outra, não possui uma existência material do mesmo modo que a língua, não se apresenta dos mesmos objetos que são apresentados por ela – “[...]se bem que seja sempre dotado de uma certa materialidade, e que se possa sempre situá-lo segundo coordenadas espaço-temporais [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 97) –, nem mesmo o sujeito da enunciação-enunciado é pensado como um ser empírico individual, delimitado e homogêneo. Apesar de existirem categorias enunciativas bem claras nos postulados foucaultianos de **sujeito** (posição sujeito), **tempo** (acontecimento discursivo e história) e **espaço** (lugar de circulação do discurso), que pretendemos trabalhar na presente dissertação, elas são vistas por outras lentes. Segundo o autor:

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); *é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos*, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT, 2008b, p. 97-98, grifo nosso).

Fica evidente que não se está mais no domínio do discurso da língua, enquanto pensado por Benveniste, nem mesmo interior a um sistema linguístico cujos elementos descritíveis são estabilizados pela relação de interdependência que uns possuem com os outros, mas sim no domínio instável da linguagem, com materialidades semiológicas diversas, heterogêneas e dispersas, estamos dentro do domínio do discurso, que pode ser entendido em um primeiro momento como “[...] uma prática que tem suas formas

próprias de encadeamento e de sucessão [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 191), em que o “[...]discurso [pode ser compreendido como] um conjunto de enunciados [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 132). Estamos no interior de embates políticos e históricos em que se entrecruzam o poder e o desejo de tomar a palavra. E pensar no conceito história, que funciona como o *espaço enunciativo* dentro do qual o sujeito está inscrito e que possibilita a sua enunciação é muito importante.

Refletir sobre a noção de história em Michel Foucault, tanto em seus trabalhos em que metodologicamente oferecem aos analistas conceitos operatórios, quanto em seus trabalhos analíticos em que se pode ver métodos análise de discursos, fica evidente que o pensador se interessa pela abordagem das singularidades históricas. Ou seja, não tem por finalidade desvendar ou construir desdobramentos “meta-históricos” de significações ideais em busca de uma *origem* da história, mas ao contrário, busca compreender o *acontecimento*, a irrupção de uma singularidade na teia da história.

Dessa maneira, a “história” é colocada por Foucault na lâmina genealógica de observação, porque ao contrário do que se poderia pensar, a genealogia não se opõe à história, mas sim àquela história dos desdobramentos sucessivos e coerentes que busca uma *origem*, lugar da verdade e da perfeição imaculada, dos desdobramentos consequenciais. Fazer uma genealogia não seria buscar uma “origem”, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história, seria, ao contrário, demorar-se nas meticulosidades e nos acasos dos começos (FOUCAULT, 2000, p. 19 – 20).

Michel Foucault formula o conceito de genealogia (e de história) a partir dos trabalhos de Nietzsche em “Para uma genealogia da moral”, em que aparecem termos como *Entstehung*, *Herkunft*, *Ursprung*, que foram traduzidos de maneira genérica e “equivocadamente” por “origem”. Assim, existe a necessidade de compreender as diferenças entre esses termos para que se possa compreender mais propriamente o funcionamento de uma *nova história* por uma analítica do poder (genealogia) desenvolvida pelo estudioso francês.

O termo *Herkunft* estaria relacionado ao antigo pertencimento a um grupo, seja por sangue, tradição ou posicionamento social, que é atribuído ao tronco de uma “raça”, à *proveniência*. Entretanto, quando se fala em proveniência, não é usada com o intuito de atribuir um indivíduo, ideias ou práticas a um grupo social, como isto é brasileiro e isso é português. Ao contrário, é fazer valer as sutilezas, singularidades que formam uma rede “difícil” de desembaraçar, pois a análise na esteira de da proveniência permite

dissociar o eu centralizado e permitir a explicitação de lugares e recantos de inúmeros acontecimento postos à luz pelo trabalho do analista. Nesta perspectiva:

[...] *A genealogia permite recuar no tempo para reestabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento*; sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início. Nada que se assemelhe a evolução de uma espécie, ao destino de um povo. *Seguir o filão complexo da proveniência é, ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente*. Eis porque, sem dúvida, toda origem da moral, a partir do momento em que ela não é venerável – e a *Herkunft* nunca é – é crítica. (FOUCAULT, 2000, p. 21, grifo nosso).

Pode-se observar que o conceito apresentado de genealogia pelo sintagma *Herkunft*, assemelha-se ao projeto arqueológico empreendido por Michel Foucault – com o qual trabalharemos mais propriamente para entender o funcionamento de uma *enunciação-enunciado discursivo* (FOUCAULT, 2000b) –.

O exame da proveniência (*Herkunft*) procura observar no tecido da continuidade histórica (não dos grandes feitos de reis e sumidades, não observar o desdobramento como causa e consequência dos acontecimentos genéricos) as fissuras, as rachaduras que existem nessa ilusória homogeneidade histórica. É, ainda, promover a explicitação da não existência do indivíduo em sua unicidade, a não pureza da verdade, mas as camadas heterogêneas que as tornam instáveis “[...] A pesquisa da proveniência não funda, muito pelo contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conforme consigo mesmo [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 22).

Foucault ainda nos chama atenção para o lugar de funcionamento da noção de *Herkunft* é no corpo, inscrito nele e tudo que a ele está relacionado, como a alimentação, o clima, o solo etc. É sobre o corpo que se encontram as mazelas e o estigma dos acontecimentos passados, é sobre ele que se (des)atam e a(s)cendem os desejos, ocorrem os erros, apagam os desvios, que entram em luta, apagam uns aos outros e permanecem em conflito, pois

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ele deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo. (FOUCAULT, 2000, p. 22).

Além de Foucault explicitar um dos conceitos de genealogia pela *Herkunft*, ele também dá ferramentas necessárias para o trabalho do analista do discurso que queira se debruçar sobre a composição analítica da proveniência: o corpo. Nesta perspectiva, quando o estudioso toma o corpo como seu objeto de análise, ele se vale de um objeto que possui dois lados intrinsecamente ligados. Existem no corpo, por um lado, a história que é inscrita nele, como marcas, gestos, posição de submissão ou altivez²⁷, em que se inscrevem também, para além da história *per si*, discursos de uma determinada conjuntura. Por outro lado, dispomos também da história se fazendo no corpo, inscrevendo nele suas peripécias e singularidades. Temos, assim, um primeiro sentido para a “origem”, a *Herkunft* (proveniência).

Outra faceta para esta tradução de “origem” seria aquela que designa o surgimento ou de *emergência*, que é princípio e lei singular de um aparecimento, relacionada ao termo *Entstehung*. Foucault evidencia que assim como não podemos observar ou fazer uma análise da proveniência em uma continuidade sem interrupções e percalços, também seria um equívoco dar conta de uma emergência pelo seu ponto mais contemporâneo ou final, sem que olhemos para a materialidade da história com cautela, pois até o olho é um entre os diversos episódios de submissão pela história e pelo discurso: “[...] o olho foi primeiramente submetido à caça e à guerra; o castigo foi alternadamente submetido à necessidade de se vingar, de excluir o agressor, de se libertar da vítima, de aterrorizar os outros [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 23).

Enquanto a análise da *Herkunft* mostra de que maneira forças lutam e se digladiam umas contra as outras, como se dá esse combate frente a situações adversas, ou ainda como essas forças se separam para recobrar o vigor a partir do seu próprio

²⁷ Exemplos que podemos observar para que se sustente a argumentação de que o corpo é marcado pela história são as marcas de escravidão, que tanto serviam de “disciplina” para o escravo como para a marca de posse de um determinado senhor, o corpo contido, rígido e altivo de nazistas, que veicula-se a todo um discurso de superioridade de governos totalitários, ou, neste caso, de “supremacia”, entre outros. “[...] Pensamos em todo o caso que o corpo tem apenas as leis da fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho,

enfraquecimento, como um “jogo de forças”, a emergência se vale e se produz a partir de um determinado estado de forças: “[...] A genealogia reestabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações” (FOUCAULT, 2000, p. 23).

A análise da emergência é, portanto, a entrada em um cenário em que forças estão dispostas para compô-lo, é sua interrupção, designa um lugar de afrontamento. É preciso deixar de imaginá-la como um lugar fechado onde sempre desencadearia uma luta em que os adversários estariam em um lugar de igualdade e pacificidade. É de preferência um *não-lugar*, pois ninguém é responsável por uma emergência, ela se produz no *interstício*.

Em certo sentido, a peça representada nesse teatro sem lugar é sempre a mesma: é aquela que se repetem indefinidamente os dominadores e os dominados. Homens dominam outros homens e é assim que nasce a diferença dos valores; classes dominam classes e é assim que nasce a ideia de liberdade, homens se apoderam de coisas das quais eles têm necessidade para viver, eles lhes impõe uma necessidade que elas não têm, ou eles as assimilam pela força – e é o nascimento da lógica. Nem a relação de dominação é mais uma “relação”, nem o lugar onde ela exerce é um lugar. E é por isto precisamente que em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas, e até nos corpos; ela se torna responsável pelas dívidas. Universo de regras que não é destinado a adoçar, mas ao contrário a satisfazer a violência [...] (FOUCAULT, 2000, p. 24 – 25).

Nota-se que a emergência de uma singularidade está suportada pela prática de um sujeito responsável pelo seu aparecimento primeiro e original, mas pelo “*não-lugar*” em que ocorrem as lutas de cada época, pela dispersão. A sociedade, assim, não progride de combate em combate, mas instala um conjunto de regras que tem por fim possibilitar o aparecimento de certas práticas, de cada violência e resistência significadas materialmente. Assim, a emergência – *Entstehung* – pode não somente demarcar figuras sucessivas de uma mesma significação, mas também são efeitos de substituição, inversões sistemáticas etc., ou seja, é um jogo de submissão às novas regras. Observar a *emergência* se trata, sobretudo, de fazer aparecer os acontecimentos.

repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 27)

Com o intuito de compreender a relação de genealogia definida como pesquisa em *Herkunft* e *Entstehung* e qual é a concepção de história adotada para este trabalho, Foucault nos mostra que ela se relaciona mais à noção de “*Wirkliche Historie*” do que a noção tradicional de história pelos historiadores, à qual ele critica.

“*Wirklich*” é um adjetivo alemão que significa real, verdadeiro, *efetivo*. A história tratada sob esta égide seria aquela que não se preocuparia em construir um ponto que se apoia fora do tempo em que os feitos seguintes seriam aqueles que desencadeariam uma linha contínua, única e objetiva. Entretanto, o sentido histórico dessa “história efetiva” não se apoiaria sobre nenhum absoluto. “O sentido histórico, e é nisto que ele pratica a ‘*Wirkliche Historie*’, reintroduz no devir tudo o que se tinha acreditado como imortal no homem [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 27). A história só será “*Wirklich*” (ou “*Wirkliche*” – termo declinado) quando ela reintroduzir o *descontínuo* no próprio ser do sujeito, fazendo ressurgir o acontecimento, porque “[...] o verdadeiro sentido histórico reconhece que nós vivemos sem referências ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos”. (FOUCAULT, 2000, p. 29).

Nessa linha de raciocínio, o labor do analista é pautado por essa *história efetiva*, é lançar um olhar diagnóstico para o presente, para o que está próximo, em nossa atualidade para, posteriormente, dele se desatar bruscamente, apoderar-se dele à distância, como faz o médico que examina cautelosa e precisamente seu objeto, para sobre ele fazer um diagnóstico e dizer diferenças. Assim, “[...] o sentido histórico está muito mais próximo da medicina do que da filosofia. ‘Historicamente e fisiologicamente’ costuma dizer Nietzsche [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 29).

A última característica da “*Wirkliche Historie*” é que ela não pretende apagar o olhar do analista, mas ao contrário, esse sentido histórico é perspectivo e busca evidenciar o lugar de onde é feito o “diagnóstico”, é um olhar que sabe tanto de onde olha, o que olha e em que momento olham, ou seja, é lançar o olhar sobre a realidade – ou *Wirklichkeit*.

[...] Isto é de fato o próprio *Entstehung*: não é o nascimento daquilo que durante muito tempo tinha sido preparado antecipadamente; é cena em que forças se arriscam e se afrontam, em que podem triunfar ou ser confiscadas [...] É preciso despedaçá-lo a partir daquilo que ele produziu e não fundá-lo em uma filosofia da história; tornar-se mestre da história para dela fazer um uso genealógico, isto é, um uso rigorosamente antiplatoniano. É então que o sentido histórico libertar-se-á da história supra-histórica (FOUCAULT, 2000, p. 33).

O sentido histórico ainda comporta três usos que se opõem às três modalidades platônicas de história. O primeiro seria paródico e burlesco que opõe ao tema história-reminiscência. Observa-se que a história que tinha como tarefa restituir os grandes feitos, mantê-los perpétuos, devotados à veneração em uma “história monumental”, como já referido, não é trabalho do analista (ou genealogista), o trabalho deste é deixar claro que ela é apenas uma paródia em que coloca em cena o grande carnaval do tempo em que as máscaras reaparecem incessantemente. “[...] A genealogia é a história como um carnaval organizado” (FOUCAULT, 2000, p. 34).

O segundo seria aquele que se refere ao uso dissociativo e destruidor da identidade que se opõe à história-continuidade ou tradição. Essa dissociação de nossa identidade é possível e se torna necessária devido à fragilidade e porque nós procuramos reunir em uma só máscara paródica, pois “[...] o plural a habita, almas inumeráveis nela disputam, os sistemas se entrecruzam e se dominam uns aos outros [...]” (FOUCAULT, 2000, p.34). O trabalho genealógico não deve trabalhar com um intuito de reencontrar a identidade, mas ao contrário, de revelar as discontinuidades que nos atravessam, é dissipá-la.

Por fim, o terceiro uso que se faz da história seria o sacrificial e destruidor da história-conhecimento, do sujeito-conhecimento (*cogito*) e, principalmente, da Verdade. O “querer-saber”, esse desejo, não aproxima o sujeito de uma verdade universal e do controle de todas as coisas, mas arrisca-o, ele sempre se faz saber dos perigos, desfaz a unidade do sujeito ao mesmo tempo em que desfaz a si mesmo, dissocia-se e destrói-se.

[...] Nietzsche retoma por sua conta própria o que ele então recusava. Ele o retoma, mas com a finalidade inteiramente diferente: não se trata mais de julgar nosso passado em nome de uma verdade que nosso presente seria o único a deter. Trata-se de arriscar a destruição do sujeito de conhecimento na vontade, indefinidamente desdobrada, de saber (FOUCAULT, 2000, p. 37).

O desejo de “querer saber”, da vontade de saber é construído historicamente por certas práticas dispersas na sociedade, ligando-se estreitamente ao poder. Em suma, poder e saber estão entrelaçados, pois todo poder possui em suas bases um determinado saber e este produz práticas de poder na sociedade.

Pensar em uma noção de *enunciação-enunciado* com Michel Foucault no terreno da Análise do Discurso de linha francesa, levando em consideração o diálogo que se estabelece com as *Teorias da Enunciação* não é uma tarefa simples. O discurso, que se diferencia de um ato de fala, um pronunciamento, um texto verbal oral ou escrito, significa considerar uma “*enunciação* discursiva” como um elemento que está para além da língua, apesar de que as categorias teóricas básicas ao funcionamento da enunciação – sujeito, tempo e espaço – se fazerem presentes. Mas como se pode observar o sujeito, o tempo e o espaço no campo enunciativo do discurso? Para tanto, Foucault (2008b, p. 165-166) observa:

[...] Todo o *campo enunciativo* é, ao mesmo tempo, regular e vigilante: é insone; o menor enunciado - o mais discreto ou banal - coloca em prática todo o jogo das regras segundo as quais são formados seu objeto, sua modalidade, os conceitos que utiliza e a estratégia de que faz parte [...] (FOUCAULT, 2008b, p. 165-166, grifo nosso).

Pode-se entrever que tanto o “menor enunciado” quanto todo o campo no qual ele está inserido, envolve-o em instabilidades e práticas estratégicas, em *jogos* de e com os sentidos, sempre à espreita do golpe e da esquiwa, tornando-se astutamente outro em sua realização. Nesse sentido, na *Arqueologia do Saber* (2008b), livro adotado pelos analistas de discursos como sendo metodológico aos estudos discursivos, o autor explicita que em cada momento das práticas que os sujeitos realizam, a cada irrupção do acontecimento enunciativo – quando este aparece e circula em sociedade –, as materialidades enunciativas envolvem-se em uma dispersão espaço-temporais, elas estão localizadas na *história*. Ela, em conjunção com a linguagem, permite com que os enunciados sejam repetidos em suas positivities, sabidos e explicitados ostensivamente pelo *status* que ocupa, ou apagados e relegados ao esquecimento pelo mesmo, quando não estão na *ordem* das leis (FOUCAULT, 2008a). Entretanto, Foucault (2008b, p. 28) alerta que “[...] não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância [...]”, ou seja, no exame do presente, é preciso olhar para a *enunciação*, para a *acontecimentalização enunciativa*.

Nota-se, assim, os enunciados possuem uma certa singularidade na estreiteza da situação enunciativa, a instância do acontecimento do enunciado, que são efetivamente realizados na dispersão é que se precisa determinar, observar o que se tem de singular, determinar as condições que lhe possibilitam existir, [...] de estabelecer suas correlações

com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de *enunciação* exclui [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 31, grifo nosso). Com isso, o principal questionamento metodológico que se impõe ao analista é, justamente: *por que este enunciado e não outro em seu lugar, levando em consideração as regras de sua construção?*

Quando questionado sobre o surgimento de um enunciado e não outro em seu lugar, ou quando se observa o acontecimento de uma *enunciação* em detrimento de outra, pode-se observar que o funcionamento enunciativo a partir da ótica foucaultiana é levar em conta que tanto a enunciação quanto o enunciado estabelecem íntima relação com os poderes, saberes e, sobretudo, com a linguagem – tendo em vista que “[...] não se reconhece nenhum enunciado latente: pois aquilo a que nos dirigimos está na evidência da linguagem efetiva” (FOUCAULT, 2008b, p. 124).

Nem o discurso, nem a enunciação ou enunciado estão livres de uma materialidade concreta que lhes possibilite a existência. Os signos, entendidos no presente trabalho não como elementos gramaticais de uma dada língua, ou como unidades de uma lógica, podem ser entendidos como elementos que permitem a circulação e permanência de enunciados na sociedade, através das práticas enunciativas dos sujeitos em sociedade. Em síntese, os enunciados e enunciações são constituídos por signos de natureza semiológica (ou que encontram abrigo em diferentes e heterogêneos sistemas semiológicos) e são exercidos por posições sujeitos criadas pela história, os sujeitos, assim, localizados em certas posições, exercem uma *função enunciativa*. Com isso, os indivíduos podem exercer diferentes papéis de sujeitos em séries enunciativas diversas valendo-se de *materialidades enunciativas*: como uma palavra, uma imagem ou mesmo um gesto. Sobre a *função enunciativa* e a prática do sujeito Foucault (2008b, p. 132-133, grifo nosso) esclarece:

Não podemos confundi-la [prática discursiva] com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; *é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.*

Evidencia-se que as práticas discursivas, que são realizadas pelos sujeitos em sociedade, são, justamente, práticas de enunciação no discurso. Pontuadas em determinadas temporalidades e espacialidades, de modo a seguirem um conjunto de leis e normas oferecidas pelos discursos na história, o tempo e o espaço singularizam o acontecimento enunciativo, a [...]enunciação é um acontecimento que não se repete [...] (FOUCAULT, 2008b, p. 14). Isso significa dizer que não se pode dizer qualquer coisa em qualquer época “[...] não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 50, grifo nosso). Existe uma relação complexa de objetos para que deles se possa falar, há um feixe de relações que o discurso deve necessariamente efetuar para se possa realizar a *prática enunciativa*. Desse modo a *enunciação* é, sobretudo, uma prática discursiva que coloca em discurso os objetos de que se fala por meio do entrelaçamento de um sujeito, instância realizadora de um determinado enunciado, que fala a partir de um determinado espaço social, pontuado e perpassado pelas temporalidades históricas. Categorias articuladas no cerne relacional do saber-poder.

Sendo assim, o que deve preocupar interessar ao analista do discurso é capturar a materialidade própria do enunciado que permite a repetição e a singularidade do acontecimento. Os enunciados, assim, envolvem-se em um campo de estabilização que demarca suas *identidades enunciativas* ao atualizarem virtualidades estratégicas de sentido e em uma enunciação nova, “[...] O enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto” (FOUCAULT, 2008b, p. 124), o (re)aparecimento do enunciado é então um *já-dito, já-sabido* e, ao mesmo tempo, um *jamais-dito* na superfície da enunciação, pois “[...] a formulação é um acontecimento que, pelo menos de direito, é sempre demarcável segundo coordenadas *espaço-temporais* [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 121, grifo nosso).

Os enunciados, que em seus acontecimentos fornecem compostos de signos são concretizados em materialidades heterogêneas, são margeados sempre por outros enunciados, de modo que a cada acontecimento enunciativo, singularizado, atualiza e reatualiza outros enunciados por estarem dentro de uma *rede enunciativa* para produzir novos sentidos e objetos, ou melhor, todos eles pertencem a *domínios associados*, bem como a linguagem. Segundo Foucault (2008b, p. 126):

[...] A linguagem parece sempre povoada pelo outro, pelo ausente, pelo distante, pelo longínquo; ela é atormentada pela ausência. Não é ela o lugar de aparecimento de algo diferente de si e, nessa função, sua própria existência não parece se dissipar? Ora, se queremos descrever o nível enunciativo, é preciso levar em consideração justamente essa existência; interrogar a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz [...]

Os discursos, os enunciados e suas realizações possuem como a principal materialidade a linguagem, ou seja, quando nós estamos nos localizando dentro dos estudos discursivos não se trabalha com “extralinguísticos”, mas ao contrário. Procurou-se pontuar no presente trabalho que o trabalho do analista de discursos é, sobretudo, um trabalho de análise da linguagem em funcionamento na sociedade. Porém, não se trata da linguagem enquanto faculdade da natureza humana, mas enquanto essência semiológica de significação, como um sistema de positivities criadas historicamente.

Considerar uma enunciação-enunciado com Michel Foucault não é observar o sujeito que toma a fala, pura e simplesmente, deve-se considerar uma *disposição das séries enunciativas*, as maneiras pelas quais os enunciados estão repartidos no tempo e no espaços discursivos, os *tipos de correlação entre enunciados*, que não idênticos e homogêneos, mas lutam e se digladiam nas superfícies dos discursos e, por fim, os *esquemas retóricos dos enunciados*, que permitem encadeá-los para produção de efeitos de verdade históricos dentro de uma a história serial, da multiplicação das temporalidades episódicas, da *descontinuidade*. Assim, pensar o sujeito sob esta ótica é pensá-lo também de modo serial. Pensar nas inter-relações entre diferentes temporalidades e espacialidades, de uma multiplicidade de posições-sujeito, ou seja, um sujeito serial que é construído subterraneamente, nas evidências e opacidades, nos entremeios das legitimidades e ilegitimidades do discurso. O sujeito, dentro desta perspectiva, esfaca-se.

Como pretendemos abordar uma enunciação de si em Michel Foucault no *ciberespaço*, mais especificamente no *YouTube*, cabe salientar que as espacialidades, as temporalidades e as próprias práticas de subjetividades funcionam de maneira distintas. Segundo o autor:

[...] estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama.

Talvez se pudesse dizer que certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes encarniçados do espaço [...] (FOUCAULT, 2009, p. 411).

É notório que Michel Foucault é um teórico que se debruça sobre as problemáticas do presente: quando toma para si como objeto de estudo o sujeito e sua atualidade, suas experiências com outros sujeitos e consigo mesmo nas malhas da história, problematiza-se ainda mais aquelas categorias já apontadas no presente trabalho – o sujeito, o tempo e espaço –. Nesse sentido, estes objetos colocados na lâmina do estudioso, ele observa que o próprio espaço nas experiências dos sujeitos e o seu entrecruzamento com o tempo possuem uma historicidade, de que falaremos brevemente.

Foucault observa que durante o período que compreende a Idade Média, os espaços eram bem delimitados e localizáveis, era possível estabelecer oposições (quase dicotômicas) entre todos eles. Assim como existiam lugares sagrados onde podiam frequentar certos tipos sujeitos, que ocupavam posições específicas na sociedade, em diferença, existiam os lugares profanos, frequentados por outros sujeitos. Ou ainda, existiam lugares abertos e indefesos, em oposição aos lugares extremamente protegidos e inacessíveis. Assim, [...] toda essa hierarquia, essa oposição, esse entrecruzamento de lugares era o que se poderia chamar bem grosseiramente de *espaço medieval: espaço de localização*. (FOUCAULT, 2009, p. 412, grifo nosso).

Estes *espaços de localização* sofreram a primeira ruptura com os trabalhos de Galileu quando em sua pesquisa descobriu que a Terra orbitava em torno do Sol. Foucault (2009) observa que o “grande escândalo” não foi, justamente, ter posto uma visão heliocêntrica em detrimento da antropocêntrica, mas por ter constituído a *espacialidade infinita e aberta*, “[...] o lugar de uma coisa não era mais do que um ponto em seu movimento, exatamente como o repouso de uma coisa não passava do seu movimento infinitamente ralentado [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 412): a localização dá lugar à *extensão espacial*. Assim, os espaços tornaram-se menos evidentemente localizados, as relações de posicionamentos tornaram-se mais turvos – até onde se estende um espaço? –. Galileu *dessacralizou* o espaço. Entretanto, segundo o teórico francês observa que:

[...] talvez nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática

ainda não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho; todos são ainda movidos por uma secreta sacralização [...] (FOUCAULT, 2009, p. 413).

Entretanto, com o aparecimento de novos objetos no cenário social, em especial na internet, vista como um espaço multiplicador de outros espaços, superposição ou hiperposição espacial, as oposições entre público e privado, por exemplo, também foram dessacralizadas pelas instituições midiáticas, o espaço privado ganhou uma abertura pública sem igual hoje, pela hipervisibilidade. A fluidez e os entrelaçamentos espaciais foram possíveis o surgimento de novos objetos e novos espaços, os espaços que se consideravam “intocáveis” foram intensamente esquadrihados, fato que pincela novas práticas e contorna novas subjetividades no tempo, que “[...] aparece como um dos jogos de distribuição possíveis entre elementos que se repartem no espaço”. (FOUCAULT, 2009, p. 413).

Dessa maneira, para Foucault, existem os espaços atrelados a tempos, podem ser divididos em dois tipos. Por um lado, existem as *utopias*. Elas são espacialidades ou posicionamentos sem um lugar na realidade física, concreta, ou seja, elas não existem efetivamente, são espacialidades irreais que se asseguram pelas relações analógicas que estabelecem com os espaços efetivos, reais. Por outro lado, existem as *heterotopias*. Elas podem ser entendidas como “utopias” efetivamente realizadas na sociedade, são lugares reais e delineados, mas que possuem uma caracterização diferentes dos lugares usuais. São invertidos, contestados, interditos, mas que em seu interior não os são. Seria uma espécie de *espelho*, um lugar sem um lugar, um tempo sem um tempo (*heterocronia*).

A internet é, assim, um excelente exemplo de heterotopia contemporânea.

4 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO CORPUS

4.1 DE UM PASSEIO PELAS MÍDIAS TRADICIONAIS À ESTADIA NO *YOUTUBE*

[...] A cultura de massa é, na verdade, um dos grandes mitos do século XX [...] Como em todo mito, aí encontraremos uma concepção de mundo, uma ideologia e uma linguagem [...] (LIMA, 1990, p. 61).

Em introdução geral ao livro intitulado *Teoria da Cultura de Massa* (1990), o autor Luiz Costa Lima, em seu texto “Comunicação e Cultura de Massa”, afirma que a partir dos anos 40, principalmente nos Estados Unidos, tornaram-se assíduas as publicações entre os pesquisadores e estudiosos a respeito das consequências socioculturais das mensagens transmitidas por centros difusores de alto alcance e reprodução que podiam atingir um número expressivo de pessoas, como jornais, revistas, rádio, cinema, TV etc, ou seja, as mídias de massa, ao longo da história constituíram-se como um principal traço de nossa contemporaneidade, em que a “voz humana alcançou onipresença, o gesto humano, eternidade [...]” (LIMA, 1990, p. 14).

O autor ainda deixa claro nas primeiras páginas de seu texto que, nesta configuração midiática, as relações que se estabelecem lidam, principalmente, por meio de sistemas semiológicos, pois, “[...] a natureza de um fenômeno formulado em signos; cujas relações são primeira e essencialmente relações entre signos [...]” (LIMA, 1990, p. 15). Sabemos que o signo, recorrendo à noção saussuriana estabelecida no *Curso de Linguística Geral* é, sobretudo, a parte social da linguagem.

A partir do texto que se intitula “Problemas da cultura de massas”, apresentado por João Paulo Moreira na sessão inaugural do 4º Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, o autor buscou problematizar questões acerca da cultura de massa que, em consequência, levou-nos ao alargamento da compreensão que se possui sobre a cultura de massa e do funcionamento de seus meios de comunicação que, segundo o mesmo, “seríamos todos consumidores mais ativos e menos ativos”.

Logo nas primeiras páginas de seu artigo, Moreira (1984) já evidencia que “[...] cultura de massa’ tem tradicionalmente carregado o peso de uma conotação pejorativa – <<mass cult>> – que tem votado a juízos tão intolerantes [...]” (MOREIRA, 1984, p. 10). Sabemos que os termos *cultura de massa* e *mídias de massa*, desencadeiam noções um tanto pejorativas, como se elas fossem inferiores ao padrão que deveria permanecer

intocado, que são responsáveis por destruir a cultura, os prazeres estéticos ou que, ainda, a sociedade consumidora dessas mídias é apenas uma massa ingênua, não pensante e que realiza, sem pestanejar, os ditos por esses meios. Contudo, mesmo que haja ocasionalmente uma carga pejorativa com a expressão *mass media* o uso ainda assim seria bem colocado, pois, o funcionamento dos meios tecnológicos deste tipo de comunicação, bem como as práticas de que se utilizam para se sustentarem e se difundirem, levam em conta o número expressivo de pessoas que são atingidas por essas mídias. A “massa” é pensada como um conjunto padronizado e, assim, tanto a cultura quanto as mídias que buscam chegar a este coletivo, necessariamente, possuem em suas bases esse conjunto social, esta “massa”, ilusoriamente homogênea, a seus olhos.

Lima (1990) também chama a atenção para duas imprudências que se pode cometer quando depreendemos certas noções acerca da relação entre *mass culture* e *mass media*:

- a) A primeira é pensar na cultura de massa como um mero resultado da industrialização e criação de veículos que permitiriam uma comunicação em massa, somente. O autor mostra que houve uma distribuição de *papéis sociais* na sociedade, processo aqui entendido como produção de subjetividades e movimentações identitárias proporcionadas pelas *mass media*;
- b) A segunda imprudência é pensar nas mídias apenas em seu nível *quantitativo*, em vez de pensá-las também em seu nível *qualitativo*, ou seja, depreender a cultura que os integra. Nesta perspectiva, o autor define mídias tradicionais como sendo “[...] qualquer veículo de comunicação cultural, estabelecem *quantidades*, importam pelas quantidades que trazem à circulação; a cultura que os integra estabelece qualidade, importa pelo valor que socialmente se lhe confere” (LIMA, 1990, p. 20).

Nos meios de comunicação de massa há a coexistência de uma dupla relação, a *grosso modo*: *quantidades* (mídias massivas) e *qualidades* (cultura de massa). A primeira define-se principalmente pelos instrumentos usados para efetivar a circulação de mensagens para o grande público. Já a segunda, sustentada e difundida pelas primeiras, são os efeitos que tais mensagens causam nesse público, ou seja, são os processos de formação cultural que são operados pelos discursos vindos desses lugares,

pois como o próprio autor alerta, “[...] os *mass media* doam um simulacro de vida íntima. Seus aparelhos oferecem uma aparência de *horas desligadas*, que, na verdade, são outras tantas *horas ligadas* aos controles da opinião pública” (LIMA, 1990, p. 63)²⁸. Sendo assim, o que é veiculado pelas mídias é perpassado pelos jogos de poderes e pelos discursos e, portanto, “[...] só através da conjunção de dois modelos analíticos, o contextual e o semiológico, alcançamos uma visão, ao mesmo tempo, compreensiva e operacional de fenômenos da natureza da cultura de massa [...]” (LIMA, 1990, p. 54).

As tecnologias de cultura de massa, como observa Lima (1990) homogeneizaram-se e se tornaram também versáteis. Sabe-se que esses tipos de mídias foram amplamente usados na Segunda Guerra Mundial para promoção e difusão de certas ideologias de governos totalitários do século XX, como o nazismo²⁹, o fascismo, salazarismo e tantos outros, pois, na “[...] cultura de massa, ela [a ideologia] é diretamente declarada, seus embustes mais imediatamente perceptíveis, mais rápida a descoberta de sua “‘consciência parcial’” [...]” (LIMA, 1990, p. 61). Dessa maneira, as mídias de massa, por este motivo e por tantos outros, tornaram-se pontos alvos de críticas somente negativas por muitos teóricos, em que explicitaram o “caráter alienador” de seus canais.

Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld mostram a *preocupação social com o mass media*, em que enumeram três tópicos acerca dos medos e anseios que se têm dessas tecnologias em relação à sociedade e que se encontram intimamente relacionados. O primeiro deles diz respeito ao “poder potencial destes meios”. Os autores, no caso, referem-se à capacidade e ao papel que a mídia possui como produtora de opinião pública. Entretanto, devemos ter em vista que a mídia não é manipuladora a ponto de moldar a sociedade, ou aliená-la, como bem deseja, mas sim capaz de produzir, gestar e veicular determinados discursos, evidenciá-los ou *interditá-los*. O segundo medo apontado pelos autores consiste na perda de senso crítico da sociedade, ou seja, da “[...] entrega incondicional da capacidade do público a seu inconsciente conformismo” (MERTON; LAZARSELD, 1990, p. 107).

²⁸ Um interessante trabalho que aborda essa noção de *horas desligadas* está em Bucci (2004), quando diz que o “[...] tempo da TV é um tempo sem passado e sem futuro. O passado, quando emerge, emerge como presente. O futuro, quando vem à tela a pretexto de uma previsão qualquer, põe-se como um ato que está acontecendo naquele instante exato” (p. 35). Outro autor é Guy Debord (1997) que trabalha com essa noção de *presente perpétuo*, e que veremos mais adiante neste trabalho.

²⁹ “[...] Hitler, por exemplo, utilizou-se da forma de controle mais visível e direta: a violência organizada e a coerção da massa [...]” (MERTON; LAZARSELD, 1990, p. 106)

Sabe-se, como já dito, que as mídias de massa, para esta corrente, são formadoras de opinião e exibem uma vida que deveríamos possuir, falso *status quo* econômico e social. Contudo, afirmar que (todo) o público entrega-se incondicionalmente aos postulados da mídia seria uma argumentação parcial e generalizante, pois, mesmo no período que compreende o governo nazista, por exemplo, Hitler chegou ao poder com seu golpe de estado e conseguiu o controle das mídias para que fizessem favores ao seu governo, além da aceitação da sociedade, devido aos discursos nacionalistas vigentes, a desilusão da Primeira Guerra Mundial, a Crise de 1929, a instabilidade política, a necessidade da sociedade de possuir um líder que lhes dessem promessas de melhora, aos *discursos* do período, e não porque a sociedade, simplesmente, entregou-se sem pestanejar às vontades de um ditador, às vontades das mídias de massa.

O último medo abordado pelos estudiosos está na “[...] deterioração dos gostos estéticos e dos padrões culturais populares [...]” (MERTON; LAZARFELD, 1990, p. 107). Ora, com esta e outras afirmações feitas pelos autores, as mídias de massa se configuram como uma materialização de ditaduras, como uma “disfunção narcotizante” e, por este motivo, devem ser temidas – o que é bastante discutível. Quando Merton e Lazarsfeld fazem esta última afirmação, notamos que os autores se encontram em posições mais “elitistas”, conservadoras e normativas: não existe um só padrão estético nem muito menos um padrão cultural que a sociedade deve consumir, portanto, não é possível falarmos em deterioração³⁰ hoje.

Outro importante aspecto a ser evidenciado acerca do trabalho dos autores está no fato de que o funcionamento dos meios de comunicação de massa segue as normas sociais vigentes em uma determinada sociedade e em um determinado momento histórico, pois, como observam, “[...] os meios de comunicação de massa servem notadamente para reafirmar as normas sociais, expondo estas normas ao público [...]” (p. 114). Entretanto, sabemos que as normas sociais, o funcionamento dessas mídias e os discursos vindos desses lugares obedecem a uma *ordem do discurso* (FOUCAULT, 1996), conferindo-lhes legitimidade, caso contrário, por *jogos de poderes* em que

³⁰ O mesmo seria dizer em relação à língua que um sujeito que pronuncia uma sentença sem usar a concordância verbal ou nominal, prescrita na norma culta, é inferior a quem o faz, ou que não se pode falar a palavra *porta* com o “r” retroflexo em posição de coda (travamento da sílaba) com o argumento de estaria deteriorando a “língua nacional”, sem levar em consideração a variedade linguística existente no país, como se existisse uma só língua, um só padrão, uma só variedade.

ocorrem *lutas e resistências*, os discursos que não respeitam essa *ordem* são deixados à margem, ou seja, são *interditados*.

Dessa maneira, deparamo-nos com uma característica (crucial) do funcionamento das mídias de massa e de qualquer mídia, elas laboram em um duplo movimento: externo e interno. Esse movimento ao exterior visa lançar ao público certos tipos de discursos, o que depende, evidentemente, da posição ideológica da emissora de TV ou rádio, da revista, do jornal etc.

Já o processo de internalização acontece quando os meios de comunicação são moldados de acordo com certos tipos de discursos dispersos em uma determinada sociedade, ou seja, um canal de TV de cunho mais conservador, em seus programas, novelas e telejornais vão interditar discursos mais liberais, como a permissão ao aborto, casamento/relacionamento entre pessoas do mesmo sexo etc. Isto é, essas mídias, neste processo de *internalização*, possuem e constroem uma linguagem própria que, “[...] através de suas proibições, fixa positivamente, – como a sua antítese, a arte de vanguarda – uma linguagem sua, com uma sintaxe e léxico próprios [...]” (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p. 11), dando uma falsa estabilização dos discursos, pois, sabe-se que no interior dos discursos ocorrem lutas, sendo eles formados por enunciados vindos de lugares diversos e até mesmo divergentes.

Constrói-se, assim, um *princípio de contradição*: sendo o discurso campo de batalha, lugar onde ocorrem as lutas e as resistências, logo, não é estável. Dessa maneira, a respeito da “estabilidade” pela qual as mídias de massa se constroem, observam os autores:

Assim, as mesmas condições que agem em favor da máxima eficácia dos *mass media* operam em favor da manutenção da estrutura social e cultural vigente. Ou seja, trabalham muito mais para a manutenção desta estrutura sócio-cultural do que para sua modificação. (MERTON; LAZARFELD, 1990, p. 127)

Outros importantes teóricos que trabalham com mídias de comunicação e cultura de massa são Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, vinculados à Escola de Frankfurt. Segundo Moreira (1984), a:

[...] chamada Escola de Frankfurt, influente no panorama europeu e norte-americano até à década de 50, e cuja teorização tende igualmente a ver a cultura de massas como uma sistemática lavagem ao cérebro por parte da colossal força alienatória dos <<media>>

sobre indivíduos totalmente indefesos e passivos. Representada por nomes como Adorno, Horkheimer, Marcuse, Lowenthal, e certamente marcada por uma compreensível reacção à mobilização de massas que caracterizou o nazismo alemão – do qual alguns de seus expoentes fugiram para os Estados Unidos [...] (p. 14)

Assim, no famoso texto “Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das Massas”, no livro *Indústria Cultural e Sociedade* (2002), os autores apresentam-nos visões de grande valia para que possamos entender um pouco mais o funcionamento das mídias massivas, por isso, é importante abordarmos alguns pontos pertinentes de suas composições.

De início, pelo título do livro (*Indústria Cultural e Sociedade*), o leitor depara-se logo com um prelúdio do que encontrará ao longo de todo o texto e, apesar de possuir uma visão um tanto mecanicista (e negativa) a respeito do assunto, traz-nos concepções valiosas que nos permitem adentrar um pouco mais no universo complexo das mídias e entender seu funcionamento – mesmo que hoje, com as transformações políticas e culturais das décadas que nos separam desses estudos tenhamos de, por vezes, refutar algumas afirmações dos autores.

Uma primeira concepção que podemos observar está na seguinte afirmação:

O mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural. A velha experiência do espectador cinematográfico, para quem a rua lá fora parece a continuação do espetáculo que acabou de ver – pois que este quer precisamente reproduzir de modo exato o mundo perceptivo cotidianamente – tornou-se o critério da produção. Quanto mais densa e integral a duplicação dos objetos empíricos por parte de suas técnicas, tanto mais fácil fazer crer o mundo de fora é o simples prolongamento daquele que se acaba de ver no cinema. Desde a brusca introdução da trilha sonora o processo de reprodução mecânica passou inteiramente ao serviço deste desígnio. A vida não deve mais, tendencialmente, poder se distinguir do filme sonoro. Superando de longe o teatro ilusionista, o filme não deixa à fantasia e ao pensamento dos espectadores qualquer dimensão na qual possam – sempre no âmbito da obra cinematográfica, mas desvinculados de seus dados puros – se mover e se ampliar por conta própria sem que percam o fio. Ao mesmo tempo, o filme exercita as próprias vítimas em identifica-lo com a realidade [...] De cada filme sonoro, de cada transmissão radiofônica, pode-se deduzir aquilo que não se poderia atribuir como efeito de cada um em particular, mas só de todos em conjunto na sociedade [...] (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p. 10 – 11).

Como se observa na citação acima, os autores explicitam a essência hegemônica das mídias de massa, em que tudo e qualquer coisa necessita passar por suas lentes,

produzindo assim novos lugares sociais a serem ocupados por sujeitos, fato que também origina novas práticas.

Adorno e Horkheimer, ainda, direcionam o nosso olhar para a criação de ambientes cinematográficos que oferecem uma representação da realidade social vivida pelos sujeitos em sociedade. Assim, os sujeitos em contato com as imagens capturadas por suas retinas, ou por seus tímpanos e outras sensibilidades, acreditam que o que está lá é totalmente possível no cotidiano em que vivem, ou seja, que essa potencialidade se encontra no imaginário social, atualiza-se, concretiza-se lá. A partir desse ponto, mesmo contemporaneamente, as mídias pretendem criar um prolongamento da experiência do telespectador (JENKINS, 2009). A *vida* não deve mais divergir ou se distanciar do que é oferecido pelas mídias.

Entretanto, os autores Adorno e Horkheimer consideram os telespectadores como uma massa ingênua e isenta de racionalidade – o que, evidentemente, não é verdade. Apesar disso, o público, nesta configuração midiática, é parcialmente passivo, porque consome o que a mídia acha pertinente para o coletivo. Neste sentido, acreditamos que há um estabelecimento de um diálogo entre as mídias e o grande público, pois elas precisam trabalhar suas técnicas para que os telespectadores possam crer e consumir as (a)(re)apresentações tendo em vista sempre o outro.

Desse modo, outro ponto pertinente que podemos apontar encontra-se no fato das mídias de comunicação de massa nunca trabalharem no nível do individual, mas sim, pautadas no social, segundo já discutimos ao abordar o movimento com o qual as mídias tradicionais operam. Sendo assim, entendemos que elas, ao transmitir para o público certos programas, novelas etc, nunca difundem para um só indivíduo, mas criam posições sujeitos a serem ocupadas e novas identidades. Entretanto, Adorno e Horkheimer não hesitaram em deixar claro em seus postulados que essa “indústria cultural” deteriora a cultura e os gostos estéticos, corrompe o homem e aliena-o, como podemos observar na citação seguinte:

[...] A mistificação não está portanto no fato da indústria cultural manipular as distrações, mas sim em que *ela estraga o prazer*, permanecendo voluntariamente ligada aos clichês ideológicos da *cultura em vias de liquidação. Ética e bom gosto vetam como “ingênuo” a diversão descontrolada* – a ingenuidade não é menos mal vista que o intelectualismo – e limita, por fim as capacidades técnicas. *A indústria cultural é corrompida não como Babel pelo pecado, mas sim como templo do prazer elevado* [...] (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p. 23, grifo nosso).

As considerações feitas pelos autores novamente partem de um ponto de vista extremamente negativo. Ao dizer que os meios de comunicação de massa “estragam o prazer” significa considerar que há um prazer que deve ser proporcionado e concretizado por outros meios, caso contrário, a cultura estaria em vias de liquidação. Entretanto, sabe-se que com a inserção de novas tecnologias que trabalham em um movimento diferente no cotidiano dos sujeitos em sociedade, os discursos e as práticas desses sujeitos mudam. Criam-se novas identidades e subjetividades que dão margem a novos gostos, novos gestos, novos prazeres. Se antes um livro – atualmente cânone da literatura – ou uma obra de arte, satisfaziam os prazeres de uma determinada época, em outra, o cinema, a televisão, o rádio etc. é que cumprem esse papel.

A esse respeito, Moreira (1984) faz importantes contribuições ao discorrer sobre as mudanças ocorridas na sociedade pelo advento de novas tecnologias no cenário social, pois, como argumenta, “toda manifestação cultural (e a cultura de massas em particular) depende da tecnologia disponível e acompanha o desenvolvimento tecnológico [...]” (MOREIRA, 1984, p. 12). Para tanto, o autor faz um pequeno percurso histórico em que mostra o surgimento de novos objetos. Primeiramente, ele elucida o trabalho de Marshall McLuhan (1964) com o *Fedro*, de Platão, em que consta o receio do filósofo de que, com o aparecimento da escrita, viesse degradar a cultura existente. A visão mais moderna sobre o assunto considera que, ao contrário da visão negativa de uma degradação, o que ocorre são mudanças nas práticas dos sujeitos, fato que não é, necessariamente, ruim, como afirma Moreira (1984):

Ora, a cultura impressa é milenar, mas a inovação tecnológica introduzida por Gutenberg no século XV tem efeitos verdadeiramente revolucionários, especialmente em termos de democratização da cultura: vejam-se só, por exemplo, a maior facilidade de acesso e manuseio do texto, bem como a súbita perspectiva de alfabetização alargada e a criação de hábitos de leitura. A breve trecho proliferam jornais, revistas, bibliotecas públicas e clubes de leitores, paralelamente ao aperfeiçoamento do papel e das técnicas de impressão tipográfica. Desse modo, e a um ritmo cada vez mais acelerado, sucessivas revoluções – industrial, a das comunicações, a electrónica – viriam provocar outros tantos <<saltos>> na reformulação da relação do indivíduo com a experiência, isto é, com a cultura e a vida em todos os seus aspectos. (p. 12).

No texto “Visão, som e fúria”, título que nos traz à memória o movimento que compreendeu o futurismo no século XX, Marshall McLuhan (1990) também traz reflexões valiosas e indispensáveis para o desenvolvimento do presente trabalho, em que investiga as relações midiáticas que se estabelecem na sociedade. Sendo assim, o autor também faz um esboço das diferentes relações que os sujeitos estabelecem com diferentes “suportes” e as transformações acarretadas por este processo, mesmo que, *a grosso modo*, realizem as “mesmas” ações. Uma delas, segundo o autor, são as práticas de leitura realizadas pelos sujeitos ao longo da história que, pelo advento de novos objetos, estabeleceram diferentes práticas como podemos observar na seguinte passagem:

Na recente visita à América, Roy Campbell revelou que quando Dylan Thomas descobriu que podia ler poesia no rádio, tal descoberta transformou sua poesia, melhorando-a. Thomas descobriu uma nova dimensão na sua linguagem quando estabeleceu uma relação nova com o público. (MCLUHAN, 1990, p. 145).

E também:

Até Gutenberg, a publicação poética significava a leitura ou o canto dos próprios poemas para uma pequena plateia. Quando a poesia começou a existir fundamentalmente na página impressa, no século dezessete, ocorreu uma estranha mistura de visão e som [...] (MCLUHAN, 1990, p. 145).

A emergência de novos objetos acarreta também a emergência de novas *práticas discursivas* e enunciabilidades realizadas por sujeitos, estando eles inseridos em uma determinada conjuntura histórica e social que permite este fato. Nesta linha de raciocínio, a relação entre novos objetos e novas práticas proporciona a criação de um ambiente propício ao aparecimento de novos discursos – ou seja, criam-se *condições de produção dos discursos*, pois, como argumenta Fernandes (2012):

A noção de discurso implica considerar as condições histórico-sociais de produção que envolvem e determinam-no. Como exterioridade à língua e à fala, o discurso, considerado como objeto de investigação, constitui-se de conflitos próprios à existência de tudo que tem vida social, cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas linguísticos e/ ou semióticos estruturalmente elaborados. (p. 16).

Dessa perspectiva, o desenvolvimento de novas tecnologias no cenário social em que o sujeito se insere, proporcionou, evidentemente, maior uso de certos tipos de linguagem e causou mudanças sociais, além do aparecimento de novos discursos. Assim, McLuhan (1990) nos evidencia que o advento do rádio fortaleceu a linguagem oral e a comunicação, ou seja, o uso de uma linguagem mais simplificada, coloquial, favorecendo a construção de um cotidiano, por suas ondas sonoras, veiculando determinadas posições sujeitos e discursos. Além de ser, segundo o autor, um meio de comunicação que fortalece a cultura e identidades nacionais.

Entretanto, é importante explicitar que, mesmo sendo o público mais receptivo no período que compreende um determinado contexto histórico, há o estabelecimento de um diálogo, pois, como nos evidencia McLuhan (1990), as mensagens veiculadas por esses meios de comunicação não podem ser vistas como “[...] uma simples cápsula ou pílula produzida de um lado e consumida por outro. A comunicação é comunicação em toda a linha [...]” (p. 153). Assim, em relação ao rádio, pode-se observar que havia maior apreço pela oralidade, ou seja, com os meios de transmissão radiofônica o foco era dado à linguagem oral/coloquial, mas com o aparecimento de novas mídias no cenário social, como, por exemplo, a televisão e o cinema, surgirão novas linguagens e, em consequência, novas práticas e discursos. Nessa perspectiva, além de considerar as linguagens características do rádio, elas vão ser colocadas em conjunção com outros sistemas de linguagens, a oral, visual e a sincrética que, sob a seleção e organização dos discursos, é permitido aquilo que pode ser dito e visto, aquilo que deve ser ocultado e o que deve ser mostrado.

McLuhan (1990) também aponta para um importante fato em comum aos meios de comunicação de massa: a construção de certas personalidades e sua colocação no plano de recepção da sociedade por meio de seus veículos, como observamos no seguinte excerto:

Os novos meios fazem alguma coisa de similar para nós no Ocidente. Cinema, rádio e televisão situam certas personalidades num novo plano de existência. Elas existem não tanto em si mesmas, mas como tipos de vida coletiva sentidos e percebidos através de um meio de massa. L’il Abner, Bob Hope, o Pato Donald e Marilyn Monroe tornam-se pontos de consciência coletiva e comunicação para uma sociedade inteira. E à medida que a tecnologia intenta submeter cada vez mais o planeta todo, como também o conteúdo da consciência aos propósitos da inteligência factiva do homem, cumpre-nos examinar o processo inteiro da transformação mágica, aguda e extensivamente. (p. 153).

Essas celebridades do *YouTube* deixam de estar em certos lugares para ocuparem lugares outros, assim, deixam de pertencer a si mesmos em toda sua individualidade para constituírem todo um corpo social da mídia de massa e do imaginário social, ou seja, para a constituição como sujeitos que ocupam lugar de artistas, há a disposição deles por *práticas divisoras*, separando-os dos anônimos, fato possível, evidentemente, graças aos jogos de poderes, pois, o “[...] poder coloca em jogo relações entre sujeitos e os discursos refletem os lugares desses sujeitos” (FERNANDES, 2012, p. 59).

Nessa linha de raciocínio, a relação entre os objetos dos *mass media* com a cultura de massa possui a capacidade de atribuir valores a certas posições de sujeitos, conferindo-lhes prestígio e *status*. Assim, o “[...] reconhecimento pela imprensa, rádio, revistas e jornais falados atesta que uma nova personalidade despontou; um “alguém” de opinião e comportamento bastante significativos para atrair a atenção do público [...]” (MERTON; LAZARFELD, 1990, p. 111). Ou seja, se você é realmente importante e célebre dentro da cultura vigente, será bem conceituado por sujeitos em posições de prestígio, será foco de atenção das mídias e, em consequência, da “massa” sedenta pelo consumo do *espetáculo*, pois os “[...] meios de comunicação de massa criam ídolos do público [...]” (MERTON; LAZARFELD, 1990, p. 122). E o consumo “[...] é estimulado em seus diversos níveis, desde o geral – compra de enlatados, de detergentes, de eletrodomésticos, geladeiras e automóveis – até o mais sofisticadamente diferenciador [...]” (LIMA, 1990, p. 53), como as imagens e o próprio sujeito como objeto de contemplação e *espetáculo*.

Sobre o conceito complexo de espetáculo, provavelmente um dos primeiros nomes de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema é Guy Debord (1997). inserido em um contexto de relevante efervescência tecnológica e intelectual, e situado no interior de uma crítica marxista, publicou o livro *La Société du Spectacle* na década de 60, mais especificamente em 1967. Nele, o autor direcionou nossa atenção para os processos e relações que se estabelecem entre o progresso científico-tecnológico, cultura e estética. Dessa maneira, em epígrafe ao livro, Feuerbach diz:

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele

considera que a ilusão é sagrada, e a verdade profana³¹. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado (p. 13).

Feuerbach já nos previne sobre o que encontraremos ao longo de todo o capítulo e, de certo modo, também ao longo de todo o livro: o apreço pela imagem, pela representação, pelo consumo, pela mercadoria, pelo espetáculo.

Em uma primeira definição de espetáculo apresentada por Debord é que este “[...] não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14). Nesse sentido, observamos que o espetáculo possui uma relação íntima com a imagem. Assim, podemos compreendê-lo como uma prática social (e também histórica) com a imagem e que vem se modificando ao longo do tempo, pois as práticas dentro de uma sociedade se modificam à medida que novas materialidades aparecem no cenário social, portanto, também a relação que manterá com a imagem não será sempre a mesma, principalmente com o advento das mídias que só veio intensificar essa mudança.

Outro viés que o espetáculo pode assumir, segundo Debord, é a sua íntima relação com a mercadoria. Para o autor, a dominação da mercadoria sobre a economia não se deu de maneira aparente, mas de maneira silenciosa ao longo das épocas. Em um determinado momento da história quando a mercadoria era escassa, rara e destinada a uma parcela pequena da população, o domínio do dinheiro na sociedade tornava-se exacerbado. Porém, com a Revolução Industrial na segunda metade do século XVIII com seu capitalismo declarado e uma produção em massa para o mercado mundial, a mercadoria desponta com uma força que se configura de modo a ocupar permanentemente a vida social. E é assim que a sociedade do espetáculo ganha seus contornos com Debord (1997), como nos é evidenciado pelo mesmo:

O mundo presente e ausente que o espetáculo *faz* ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado *como ele é*, pois seu movimento é idêntico ao *afastamento* dos homens entre si e em relação a tudo que produzem. (p. 28).

³¹ É importante deixar claro que o conceito de verdade explicitado pelo prefaciador e adotado pelo autor é diferente do conceito de verdade trabalhado por Michel Foucault (vide *Microfísica do poder*, de Michel Foucault).

Quando o autor argumenta que a mercadoria ocupou a vida social, ou mais especificamente, que o espetáculo passa a ser consumido como mercadoria, isso causou um afastamento entre os homens. Tal fato nos remete a uma visão disfórica³² sobre consumo de mercadoria e espetáculo por meio desta, ainda permanente na visão de muitos críticos atualmente – entretanto, poderíamos pensar de outro modo.

O consumo generalizado de mercadorias por sujeitos, pensadas não apenas como um objeto físico capaz de ser consumido, mas de maneira mais abrangente, como por mídias, identidades, subjetividades etc., só veio a intensificar as relações entre os sujeitos na sociedade. Jenkins (2009) em seu livro *Cultura da Convergência* nos mostra que as mídias, principalmente as mídias digitais, criaram um “assunto para a hora do café”, ou seja, é oferecida aos sujeitos a possibilidade de desfrutar de uma mesma realidade na qual eles compartilham e podem dialogar entre si, o que cria um efeito ilusório de coexistência social igualitária, quando, na realidade, tanto as produções midiáticas quanto os sujeitos que as consomem são uma parcela específica da sociedade, o consumo de produtos midiáticos são verticalizados. Dessa maneira, “[...] o consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral” (DEBORD, 1997, p. 33) – de tal modo que com menor ou maior afino, todos o consomem, o que com que a mercadoria se torne para além de um simples objeto de consumo, uma manifestação social e contemplativa (DEBORD, 1997, p. 27).

Outro importante ponto tocado por Guy Debord está no fato de a manifestação (e funcionamento) do espetáculo trabalhar com a finalidade de criar um efeito de presente perpétuo (DEBORD, 1997, p. 47) nos sujeitos. Ou seja, não há mais em seus suportes a existência de um passado, nem de um futuro, mas sim, a presença permanente do não permanente, do simultâneo, do agora, constituído por bases sólidas pautadas na mudança. Nesta perspectiva, cria-se um cotidiano que busca estabelecer padrões, em função de estes materializarem-se por meio da língua, nunca são os mesmos. Os padrões sofrem constantes e permanentes mudanças. Do mesmo modo, os discursos que estabelecem regularidades pautam-se também na instabilidade, como nos mostra Fernandes (2012):

³² É importante deixar claro que o modo como lidamos com as materialidades e analisamos as práticas possui uma relação íntima com a inserção de nós enquanto sujeitos em um determinado contexto sócio-

[...] a noção de unidade vincula-se à dispersão, pois, como mostra Foucault, todo discurso resulta de um *já-dito* (não sabido, apagado) e esse já-dito é sempre um *jamais-dito*. Tudo o que foi/é enunciado, secretamente, silencia-se na dispersão temporal e, pela descontinuidade, na História, renuncia a temas e acontecimentos que, como discursos, permanecem apagados, *escondidos na poeira dos livros*. Porém, todo livro empoeirado tem voz e vez ao ser folheado, e o já-dito (re)aparece transformado em um jamais-dito, como continuidade de acontecimentos e discursos que se dispersaram no tempo [...] (p.25)

Desse modo, podemos depreender que a criação de uma “unidade” no discurso se cria no meio de uma dispersão de acontecimentos discursivos que muitas vezes são rememorados ou deixados à margem até serem esquecidos na história. “[...] Tudo que era absoluto torna-se histórico” (DEBORD, 1997, p. 49), e esta história apontada por Debord é uma história do presente, narrada e produzida no/para o presente por meio dos meios de comunicação midiáticos.

Nossa exposição acerca do conceito de espetáculo desenvolvido por Debord, olhado a partir da Análise do Discurso francesa de viés foucaultiano propõe, principalmente, atentar para o funcionamento discursivo do espetáculo nos meios midiáticos e sua configuração na sociedade contemporânea. Para tanto, torna-se necessário analisarmos as práticas discursivas dos sujeitos inseridos nesse contexto das mídias que, por vezes, inserem-se em embates discursivos no interior de opacidades da história, que são presentes e reificados no discurso. Ademais, é preciso ter em conta que o discurso é formado por discursos outros pontuados em outro tempo, em que uns se tornaram estrategicamente visíveis e outros permaneceram opacos, fadados, por vezes, ao esquecimento. Por fim, daremos atenção especial para a imagem que, para Guy Debord, é uma das principais formas de funcionamento do espetáculo na sociedade.

Como o presente trabalho procura analisar o funcionamento discursivo do espetáculo nas mídias tradicionais seguindo a uma concepção de Debord e partindo do lugar teórico da AD, trataremos em especial da linguagem audiovisual, que é a responsável pela realização do espetáculo na contemporaneidade, pois, sem uma materialidade, sua circulação torna-se impossível.

Para Guy Debord (1997), a sociedade possui uma relação intrínseca com a imagem na interação social desde os seus primórdios, fato facilmente visto em pinturas rupestres, em símbolos religiosos e outros. E tal relação com a imagem fortaleceria o

histórico de uma determinada formação discursiva, assim sendo, quando o autor faz suas afirmações,

funcionamento (e permanência) do espetáculo até nossa sociedade contemporânea (ou pós-moderna), pois, além de veicular por meio da linguagem subjetividades, identidades (prêt-à-porter) etc., inauguram novos lugares e novas práticas discursivas. Assim, para discutirmos e aprofundarmos um pouco mais neste tema, utilizaremos o livro *Videologias*, de Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl. Os autores procuram delinear um pensamento acerca do funcionamento e as consequências das mídias tradicionais na sociedade que, segundo eles, possuem uma função social e uma relação com imagens por meio das quais são veiculadas por meios midiáticos, pois:

[...] a imagem é simultaneamente alicerce, instrumento e resultado da operação midiática. Pensando menos na sociedade contemporânea como sociedade de massa ou de consumo e mais como sociedade do espetáculo, os autores enfatizam essa tríplice posição da imagem numa sociedade em que os seres somente são ou vêm à existência se forem dados à visibilidade imediata [...] (CHAUI, 2004, p. 7).

Como bem mostrado por Guy Debord em *La Société du Spectacle*, na década de 1960, as práticas começam a ser mais intensamente estabelecidas por sujeitos por meio de imagens, além de considerar que o espetáculo se faz, principalmente, por meio dessa relação social. Assim, ao longo da história, a imagem ocupou (e ocupa) um lugar importante, senão principal, em nossa sociedade, pois com ela os sujeitos realizam certas práticas discursivas e produzem discursos que configuram o espetáculo. De modo que bem como os dizeres, que estabelecem certas verdades e vontades de verdade no seio social, as imagens e o espetáculo portam também tal relevância e são controlados por uma ordem do discurso ou, mais especificamente, por uma ordem do olhar. Nesse sentido, devido aos jogos de poderes que se manifestam no discurso, tudo o que não pode ser visto por meio das lentes midiáticas, não é permitido vir à existência, ou seja, “[...] o que não é visível não existe [...]” (BUCCI, 2004, p. 33 – 34).

Bucci e Kehl (2004) ainda nos falam sobre a necessidade da visibilidade para a materialização da linguagem na sociedade contemporânea:

[...] Vivemos uma era em que tudo concorre para a imagem, para a visibilidade, e para a composição de sentidos no plano do olhar. É nessa perspectiva que falamos em videologias, ou seja, na perspectiva de que a comunicação e mesmo a linguagem passam a necessitar do

devemos levar em consideração esses fatores, para que não cometamos anacronismos.

suporte das imagens num grau que não se registrou em outro período histórico [...] (BUCCI; KEHL, 2004, p. 16).

Dessa maneira, acreditamos que uma mídia tradicional como a TV, no Brasil, possui grande influência no que diz respeito ao delineamento de um pensamento coletivo e por meio de enunciados (uns que se repetem e outros que, na dispersão da história, desaparecem) veiculados por essa mídia, principalmente por ser este meio midiático ainda o mais hegemônico no país³³. Entretanto, como já dito, a televisão, como qualquer outro meio, não tem poder absoluto sobre a audiência, pois, conforme Foucault (2000) o poder é sempre disperso na sociedade, múltiplo, microfísico e instável. Kehl e Bucci (2004) podem nos auxiliar a pensar sobre emergência e ordem do discurso nas mídias:

[...] Uns ainda creem que a TV “influencia” a plateia, como se ela desse ordens de conduta para a plateia, como se fosse urdida, arquitetada, premeditada, nem espaço exterior ao da própria linguagem compartilhada entre os falantes. Não é bem isso [...] A TV não manda ninguém fazer o que faz; antes autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já é feito. Autoriza e legitima práticas de linguagem que se tornam confortáveis e indiscutíveis para a sociedade, pelo efeito da enorme circulação e da constante repetição que ela promove [...] (p. 19).

Os autores derrubam argumentações que dizem respeito ao suposto poder que a televisão possui de controlar a sociedade como bem deseja, assemelhando-se a uma verdadeira ditadora que molda a sociedade à sua vontade – argumentações que, evidentemente, são inconsistentes. Esses meios de comunicação tradicionais, estando eles localizados em um determinado lugar social (e ideológico), por meio da linguagem materializam e veiculam os discursos que se encontram dispersos na sociedade por suas transmissões, seus programas, novelas, séries etc. É preciso estar em conformidade com as vontades de verdade da sociedade atual, manter os telespectadores fiéis e conquistar novas audiências para que mantenha a economia em circulação.

A respeito do funcionamento midiático dos meios tradicionais, Eugênio Bucci (2004) nos traz, com seu capítulo “Crítica da Televisão”, um texto publicado na revista *Kosmos*³⁴ pelo poeta Olavo Bilac (1904) no início do século XX que parece uma

³³ Sabemos que muitas mídias são presentes no cenário brasileiro, como o rádio, o cinema, a imprensa, as mídias digitais etc., entretanto, pesquisas apontam que a televisão ainda é utilizada por quase a toda a população e está presente também em todas as camadas sociais.

³⁴ Revista *Kosmos*, n. 1, janeiro, 1904.

“despretensiosa profecia” do que surgiria posteriormente, a televisão e, de certo modo, também o espetáculo:

Justamente agora, nos últimos dias de 1903, dois físicos franceses, Gaumon e Decaux, acabam de achar uma engenhosa combinação do fonógrafo e do cinematógrafo – cronófono –, que talvez ainda venha revolucionar a indústria da imprensa diária e periódica. Diante do aparelho, uma pessoa pronuncia um discurso: o cronófono recebe e guarda esse discurso e, daí a pouco, não somente repete todas as suas frases, como reproduz, sobre uma tela branca, a figura do orador, a sua fisionomia, os seus gestos, a expressão da sua face, a mobilidade de seus olhos e dos seus lábios. Talvez o jornal do futuro seja uma aplicação dessa descoberta... A atividade humana aumenta, numa progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e executar, em um minuto, o que seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relâmpagos no cérebro, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo justamente porque pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma hora toda, à leitura de cem páginas impressas sobre o mesmo assunto. Talvez o jornal do futuro – para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas, instantâneas e multiplicadas – seja um jornal falado, e ilustrado com projeções animatográficas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das festas, de todas as cenas alegres ou tristes, sérias ou fúteis, desta interminável e complicada comédia, que vivemos a representar no imenso tablado do planeta (apud BUCCI, 2004, p. 27 – 28).

Sabemos que muito se discutiu e se discute sobre as consequências da ascensão de novas tecnologias em detrimento de outras que, como efeito máximo, levaria ao desaparecimento do meio tecnológico mais antigo, como nos mostra Bilac quando diz que o livro se encontra em vias de extinção porque poucas pessoas podem dedicar seu tempo, tão curto, a uma prática que dispense relativo tempo, como a leitura. Entretanto, atualmente, somos capazes de observar que mesmo com o advento de novos objetos, outros, necessariamente, não deixam de ocupar um papel importante para os sujeitos, ou seja, não deixam de existir, como, por exemplo, o livro físico³⁵ ou o rádio que, apesar do surgimento da televisão, tablets, celulares com leitores de e-books, não deixaram de ocupar a vida do sujeito, ou mesmo a televisão, que também não deixou de existir com o advento de computadores pessoais e notebooks e outros suportes que permitem acesso à internet.

Além disso, atentando-nos para as palavras de Olavo Bilac, vislumbramos claramente a descrição de um meio de comunicação tradicional, mais especificamente a

televisão, mesmo que o poeta e crítico não tenha citado o nome atual do objeto midiático em parte alguma de sua composição. Ele nos descreve o modo pelo qual este meio de comunicação trabalha.

Logo nas primeiras linhas, Bilac já evidencia que este novo objeto que surge no cenário social vai mudar, ou “revolucionar”, as práticas midiáticas vigentes até então, como o jornal (ou melhor, o telejornal), em que, a partir de agora, será inerente a ele não somente a linguagem verbal, mas também a imagem em movimento com a qual a sociedade manterá uma relação. Não só será importante a linguagem verbal pelo suporte da escrita na transmissão de seus programas como também a oralidade, os olhares, os movimentos tanto corporais quanto pelas lentes da câmera, a gestualidade do apresentador etc., sendo estes elementos capazes de produzir efeitos de sentido que são apreendidos pela sociedade e ganham maior evidência e importância no modo como os sujeitos interagem em sociedade. Dessa maneira, se na sociedade do espetáculo descrita por Guy Debord é construída a partir da relação que os sujeitos mantêm com a imagem no seio social, na sociedade contemporânea, não só a imagem será de suma importância, mas os entrelaçamentos entre a linguagem (verbal, não-verbal e sincrética), a imagem em movimento e, principalmente, o audiovisual. E um dos lugares construído essencialmente pelo audiovisual é o lugar que se localiza nosso objeto de pesquisa: *YouTube*.

Os autores Jean Burgess e Joshua Green (2009), no capítulo “O e a mídia de massa”, buscam discutir as influências das *novas mídias*, mais especificamente a plataforma do YouTube, no modo pelo qual operam as mídias de massa. Embate posto não sem grandes batalhas e implicações de ambas as partes, o que permite com que pensemos em seus limites, que são nada sólidos e impenetráveis, mas pelo contrário, são porosos e fluidos, quase não sendo perceptível onde começa um e termina o outro, o que cria, assim, maiores intersecções entre as *novas mídias* e *mídias tradicionais* (ou de massa).

Logo nas primeiras linhas do capítulo, os autores nos chamam atenção para um ponto essencial acerca do funcionamento da plataforma do Youtube, principalmente quando dizem que:

O YouTube representa claramente uma ruptura com os modelos de negócios existentes e está surgindo como um novo ambiente do poder

³⁵ Por “livro físico”, refiro-me a livros em sua concepção mais tradicional.

mediático. Ele tem muita atenção da imprensa e agora faz parte, mesmo que aceito de maneira relutante, do cenário da mídia de massa [...] (BURGUESS; GREEN, 2009, p. 35).

Com essa afirmação sobreposta, poderíamos pensar que a plataforma faz parte do “cenário da mídia de massa” simplesmente por ter ganhado sua atenção. Entretanto, sabemos que a relação entre *novas* e *velhas* mídias não é uma relação pacífica, como tão bem nos mostra Henry Jenkins em sua *Cultura da Convergência* (2009), ao dizer que “[...] as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder produtor de mídia e o poder consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 29). Assim, como mostrado anteriormente as mídias de massa possuem uma lógica de operação que busca trabalhar tendo em vista o coletivo, o social, a totalidade – mesmo que impossível de ser apreendida – e, pelo ponto de vista rentável e mercadológico, aceitou de maneira “relutante” o lugar o ocupado pelas novas mídias.

Nessa perspectiva, para pensarmos em uma materialidade de convergência midiática no cenário que compreende o YouTube, podemos direcionar nosso olhar para os comerciais (de produtos, como shampoos, perfumes, hidratantes, bebidas, trailers de filmes etc.) veiculados no site e que aparecem antes de certos vídeos que se queira ver. Para que o internauta possa ver o vídeo desejado sem ter de assistir toda a propaganda, deve-se, necessariamente, esperar alguns segundos para que apareça a opção “pular anúncio” e escolher essa alternativa para interrompê-lo (como está descrito na figura seguinte). Entretanto, nesses segundos de espera, geralmente de três, cinco ou dez segundos, caso o vídeo chame atenção de quem vê, a pessoa também tem a possibilidade de esperar todo o *timer* e ver a propaganda, mas ainda sim tem a possibilidade de interromper quando quiser. Ainda, nesses lugares, há vídeos que nem mesmo possuem a opção de “pular” o anúncio audiovisual, a propaganda provoca uma quebra no vídeo desejado, assim, ou se assiste toda a propaganda para posteriormente ver o vídeo desejado ou não se vê nem um nem outro, necessariamente. Isso nos mostra um fato de convergência midiática, principalmente no que concerne à convergência entre as *mídias tradicionais* e as *novas mídias*. Sabe-se que geralmente esse tipo de propaganda é veiculado pela televisão tanto de sinal aberto como fechado, em que o telespectador, permanecendo no mesmo canal para não perder o programa que está assistindo, vê o comercial antes e durante aos programas transmitidos, em que pode correr o “risco” de trocar ou *zapear* pelos canais de outras emissoras e perder o

programa, ou o telespectador pode se interessar pela propaganda e ver todo o comercial. Dessa maneira, observamos certo atravessamento nas práticas midiáticas das *mídias tradicionais* e das *novas mídias*.

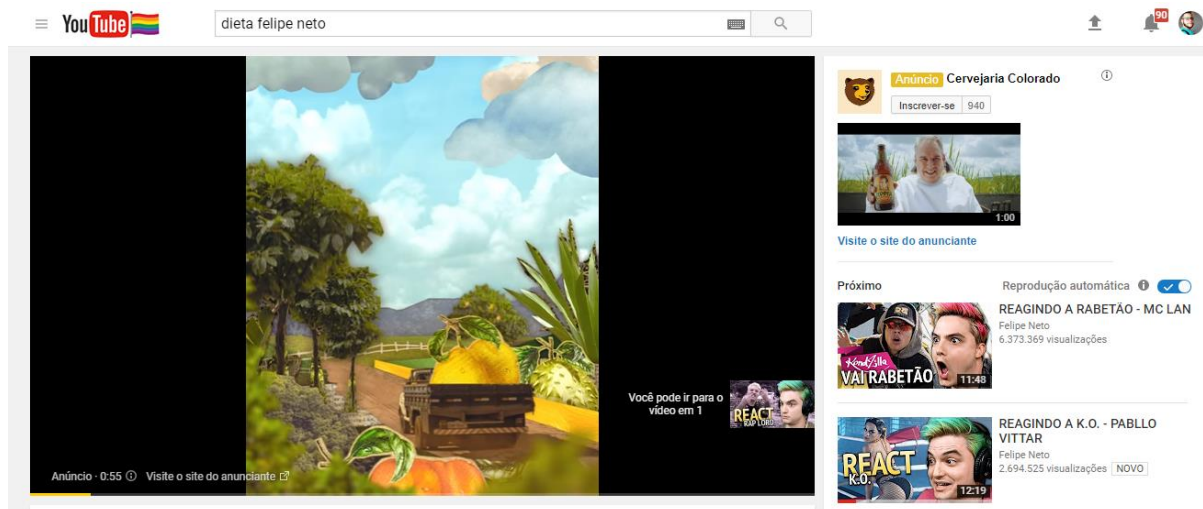


Figura 4: Timer do comercial da cerveja Colorado presente antes do vídeo no YouTube

O fato de o sujeito poder ver o comercial ou propaganda e, talvez, interessar-se, traz-nos à memória uma imagem produzida pela *Apple Box Production, Inc.* e analisada por Henry Jenkins em seu livro “Cultura da Convergência” (2009, p. 100). Tal imagem pode ser vista no enunciado da figura abaixo:



Figura 5: Jovem com um controle remoto que tem a “autonomia” de escolher o que vai assistir nos canais de televisão – Imagem produzida pela *Apple Box Productions, Inc.*

Jenkins (2009) nos mostra que o verbo “*to impress*” (impressionar, em português) possui duas funções: designa tanto o consumidor que procura por algo “impressionante” que o faz dar uma pausa por tê-lo encontrado e, por isso, merece sua atenção, quanto a unidade medida historicamente que é usada pelas redes em suas

conversas potenciais, ou seja, representa o número de telespectadores que assistem a algum programa de televisão em um dado momento³⁶.

Dessa maneira, observa-se que mesmo o consumidor de mídias tradicionais, o público deixou de ser considerado “passivo” pelas grandes corporações. As empresas de mídias também precisam conseguir a atenção de seus telespectadores ou ouvintes. Precisam trabalhar com as identidades para que os sujeitos criem uma relação sólida de fidelidade aos programas transmitidos.

Bem como os vídeos veiculados por certos canais do YouTube, principalmente por esses sujeitos que são como *covers* de si mesmos (*corpus* do presente trabalho). Caso contrário, vão se dispersar e serem opacificadas no mar de informações das mídias. Nesse sentido, compreende-se que esses embates entre mídias tradicionais e novas mídias formam

[...] um ciclo de retroalimentação dinâmica, de modo que a luta de mídia de massa – ou estabelecida para entender e dar sentido aos significados e implicações do YouTube – não só reflete os interesses públicos, mas também ajuda a produzi-los [...] (BURGUESS; GREEN, 2009, p. 36).

Ou seja, além desse conflito e jogos de intersecção, há um processo de delineamento do pensamento coletivo e das *vontades*, esses embates produzem novos lugares a serem ocupados por sujeitos e novas *verdades*, movidas evidentemente pelos *jogos de poderes*, e, claro, pelas identidades e subjetividades.

Uma característica da relação entre as mídias tradicionais e as novas mídias que podemos considerar encontra-se na luta pela legitimação de ambas. Nesses embates, determinados tipos de mídias que ocupam também lugares distintos, apontam para o que uma e outra podem oferecer de negativo, mesmo que seja em potência, mas passíveis de serem refutáveis.

Em relação às mídias de massa, foi visto que alguns teóricos (como Lima, Adorno, Horkheimer etc.), mesmo que tenham evidenciado contribuições valiosas a respeito do funcionamento dos meios midiáticos tradicionais, condenaram-nas como deturpadoras. Do mesmo modo acontece com as *novas mídias* e o YouTube, mas, como visto, mesmo que teorias as/o condenem, elas mostram pontos cruciais para que

³⁶ No Brasil, o principal medidor (e o mais conhecido) de audiência televisiva, que compreende o número de pessoas que assistem a um dado canal em um dado momento, é o Ibope.

possamos compreender seu funcionamento, ainda que discordemos de certos pontos, como nos expõe Burgess e Green (2009) quando dizem que:

Esses embates [entre novas e velhas mídias], embora familiares, contribuem para moldar o nosso entendimento do que o YouTube é e o que tem de importante: os discursos de mídia – sejam enaltecedores, condenatórios ou algo que transite entre uma coisa e outra – podem somente refletir e moldar o significado de novas formas de mídias [...] (p.36)

Essa passagem, retirada da seção do capítulo de Burgess e Green (2009) intitulado “pânico midiático”, aborda práticas realizadas principalmente pelas mídias tradicionais que explicitam o mau uso das *novas mídias* para sua legitimação, ou seja, a única mídia válida e que merece ser consumida é a mídia tradicional. Assim, a argumentação que se baseia em apontar as (novas) mídias como sendo as responsáveis por corroer a cultura e destruir o conhecimento e certos padrões morais, artísticos etc. é presente e ainda realizada por teóricos contemporâneos.

Um exemplo de condenação dos meios de comunicação de massa que geram “[...] tensões habituais acerca dos jovens e das mídias atuais, especialmente em relação aos riscos, uso e mau uso de internet e telefones celulares [...]” (BURGUESS; GREEN, 2009, p. 37), encontra-se numa matéria realizada para o programa matutino *Hoje em dia*, exibida pela Rede Record de televisão no dia 29 de janeiro de 2014 (quarta-feira) que indicava o uso excessivo desses tipos das novas mídia, colocando-a como um vício, comparável, inclusive, com o alcoolismo – como se o consumo excessivo de programas de televisões não causassem também o mesmo tipo de vício ou hábitos contemporâneos. Nesses lugares, essas críticas em relação às mídias em geral, incluindo a televisão, não são possíveis.

Em relação à “deturpação” da cultura, dos padrões morais e do conhecimento na sociedade, como pensado por Adorno, Horkheimer etc em relação aos meios de comunicação de massa, teóricos contemporâneos, em relação às novas mídias, também apontarão para isso, como Andrew Keen em seu *The Cult of the Amateur: How Today's Internet is Killing Our Culture* (2007 apud BURGUESS; GREEN, 2009), em que o autor “[...] deflagrou um ataque polêmico à cultura participativa on-line apoiando-se na alegação de que esse fato estaria corroendo as habilidades intelectuais e os padrões morais [...]” (BURGUESS; GREEN, 2009, p. 41). Keen localiza-se também em uma determinada posição sujeito, mais elitista e conservadora, que lhe permite considerar

qualquer tipo de cultura ou transformação cultural nulo ou, como já dito, deturpador dos padrões que deveriam permanecer em voga. Entretanto, esses discursos vindos desses lugares permitem que compreendamos que o advento da plataforma do YouTube em 2005 e sua permanência, atualmente sob a égide do *Google*, causaram consequências imprescindíveis na sociedade, como a

[...] junção de juventude, gênero e **celebridades DIY** – como perspectiva da criatividade vernacular, em que o consumo de mídia anteriormente considerada privada e a produção cultural constituem parte legitimada esfera cultural pública [...] (BURGUESS; GREEN, 2009, p. 47, grifo nosso)

Estas celebridades DIY – *corpus* do presente trabalho – podem ser entendidas como sujeitos que realizam determinadas práticas (artísticas) de maneira autônoma. A abreviação “DIY” (*do it yourself*), em tradução ao português, seria o “faça você mesmo” que, como nos mostra Burgess e Green (2009), ao mesmo tempo é uma empreendedora e também reveladora de discursos de cunho anarquista, que guiou movimentos como o Punk na década de 1970. Assim, vemos que os discursos vindos de outras formações discursivas se repetem na sociedade e aparecem em outras FDs como um *jamaís-dito*, como mostra Fernandes (2012), o que traz à tona certas identidades da presente juventude como “sem-lei”, destruidora de certos padrões, como argumentado por Keen (2007).

Em resumo, ao pensarmos nas articulações entre as *novas mídias*, mais especificamente o YouTube, e as mídias tradicionais, não podemos deixar de enxergar os embates ora pacíficos ora conflituosos dessa relação. Não se trata de julgar a qualidade ou a função demolidora de uma ou outra, mas de entender as consequências que esses embates produzem no âmbito da cultura para as subjetividades contemporâneas

Como bem pôde se ver, o *YouTube* é um ambiente virtual vasto, nele podemos observar uma miscelânea de conteúdos variados, que dialogam uns com os outros ou que deles se distinguem completamente. Tais conteúdos são produzidos desde sujeitos do cotidiano e, por meio da convergência midiática em que mídias tradicionais e novas mídias colidem e, sobretudo, fundem-se, também pelas grandes corporações. Desde produções propagandísticas produzidas por empresas de *marketing digital* ou até mesmo programas televisionados, com cenários, entrevistados etc., aos sujeitos do cotidiano amadores ou os que se profissionalizaram estão presentes nesse lugar de mídia.

Tendo em vista a multiplicidade de conteúdo, podemos observar que há o funcionamento de algumas categorias e subcategorias existentes. Assim, a título de exemplificação e de uma visão macroscópica genérica do YouTube, observam-se algumas *categorias youtubológicas*³⁷, tais como:

- a) **Moda e beleza:** nesses canais, alguns *youtubers* com um olhar mais especializado, mostram seus conhecimentos sobre roupas, calçados, com tutoriais de como “se bem vestir”, sobre procedimentos estéticos faciais e corporais e até, mesmo, explicações sobre reações químicas para cabelos e afins;
- b) **Jogos e tecnologia:** muitos *youtubers* são dedicados a abordar temas sobre lançamentos tecnológicos, até mesmo com coberturas antes de chegar ao consumidor final. Nesses canais também mais especializados, há a exposição do melhor produto a se comprar, quais informações técnicas de determinados produtos, comparações e testes de desempenho de um dois ou mais objetos tecnológicos etc. Ainda, quando se refere a jogo, mostra-se desempenho de *gamers*³⁸, com gravações, explicações de comando para facilitar o jogo (“macetes”) etc., com sujeitos que possuem um conhecimento prático e um repertório de *games* mais amplos;
- c) **Educação:** nesses canais importantes, alguns *youtubers* ou organizações educacionais são montadas para oferecer à comunidade youtubológica propostas de ensino e aprendizado sobre temas diversos, como por exemplo o ensino e aprendizagem de língua estrangeira, música e artes, reforço escolar com conteúdos do ensino básico, sugestões e dicas em disciplinas do ensino superior, cursos inteiros preparatórios para concurso, educação financeira e, até mesmo, disciplinas inteiras gravadas e postadas. Tal fato torna esse lugar um profícuo meio de estudo em nossa contemporaneidade;

³⁷ Pontua-se que neste trabalho tratamos de algumas categorias genéricas, em que se observam certas regularidades de discursos, de linguagem e nas práticas dos sujeitos.

³⁸ *Gamer* é um substantivo de língua inglesa que se refere a jogadores. Entretanto, nos meios digitais, é comum conferir a esses sujeitos o título de *gamer*, ao invés de jogador. Uma explicação para esse fato diz respeito ao grau de especialização que compete a esses sujeitos quando se trata de jogos digitais, além de evitar polissemias com relação à identificação, pois o termo jogador, em língua portuguesa, pode se referir a jogadores de futebol ou qualquer outro esporte, jogador de jogos de tabuleiro ou qualquer outro com objetos físicos que não precisem do auxílio de computadores etc. Para ser um *gamer* necessariamente se deve dispor do computador e sua possibilidade de interface com o homem.

- d) **Gastronomia:** Nesses canais, os sujeitos mostram receitas de refeições, técnicas para a feitura de certos alimentos, como técnicas de cozimento, temperaturas, movimentos etc.;
- e) **Comédia e entretenimento:** são colocadas à disposição dos usuários verdadeiras programações feitas no formato do *youtube*, um exemplo é o famoso canal *Porta dos Fundos*, onde profissionais atuam em episódios elaborados também de maneira profissional;
- f) **Canal tradicional ou canal pessoal:** nestes canais que chamamos de *canal tradicional* ou *canal pessoal* pontua-se o *corpus* do presente trabalho e marca, justamente, as primeiras produções youtubológicas. Ele é criado por meio de uma conta digital pessoal com marca da identificação da personalidade do sujeito, seja sob o rótulo do próprio nome, como “Felipe Neto” ou sob apelidos ou nomes para o canal, como “5inco minutos” etc. Ainda, outro fato que especifica essa categoria das outras aqui aludidas, além de todo esse suporte de conteúdo girar em torno da figura de um sujeito³⁹, todas as outras categorias anteriores são presentes e atravessadas nesta categoria, porém, todas são tratadas de maneira pessoal, sob o ponto de vista do *youtuber* responsável pelo canal, ou seja, “eu e cozinha”, “eu e moda”, “eu e a faculdade” etc. Entretanto, há uma subcategoria que trata em especial que da relação “eu e eu”, em que se escreve por meio das lentes globais do *YouTube* a própria vida: **biodigitalização**.

Podemos compreender essa subcategoria *biodigitalização* como sendo o processo por meio do qual estes sujeitos *youtubers* constrói suas vidas, ou uma versão mais ficcionalizadas de suas vidas, nos meios digitais do *YouTube*, por certas práticas regulares e repetíveis, de modo que estabelecem uma certa obediência a uma generalidade. Tal fato estabelece uma relativa estabilização do funcionamento do canal.

Às praticas dos sujeitos nós conseguimos observar algumas regularidades e generalidades audiovisuais:

- a) Os sujeitos possuem uma competência para discursar, falar, ou expressar suas opiniões de maneira desembaraçada, de modo que uma das habilidades

³⁹ Observa-se que as produções que se enquadram dentro desta categoria regularmente são feitas através da imagem de um ou dois sujeitos. São poucos os casos de grupos de três ou mais pessoas.

desses sujeitos é o convencimento e a persuasão dos sujeitos que veem suas produções midiáticas;

- b) Os vídeos produzidos gravam as partes superiores desses sujeitos, notadamente os rostos e membros superiores;
- c) Esses sujeitos falam de maneira muito expressiva e enfática em seus vídeos, geralmente com muitos gestos com as mãos e expressões faciais muito bem marcadas. A eloquência dos gestos torna os vídeos mais teatralizados e, de certa maneira, faz com que segure o telespectador até o final de cada vídeo;
- d) Os vídeos são regularmente caracterizados por uma frase de efeito na abertura, um efeito sonoro, visual ou textual que pontua um ponto de partida de cada vídeo de um determinado *youtuber*, que serve, também como uma “marca” ou uma “assinatura” de um determinado canal;
- e) Nesse formato de produção midiática *biodigitalização* (canal pessoal ou canal tradicional), os *youtubers* realizam suas produções midiáticas no interior de suas próprias casas que serve como um palco digital para as suas *performances*. Em suas casas é selecionado um ponto específico, como um lugar do quarto, da sala, ou mesmo uma parede, cujos objetos que compõem esses lugares são pensados em suas minúcias, de modo que expressem a singularidade do sujeito;
- f) Esse lugar interior às suas casas, apesar de ser também um lugar íntimo, é (e)laborado em suas minúcias para o espaço público, serve como cenário às programações dos sujeitos, sendo incabível estipular um limite onde começa e termina o que é público e privado;
- g) A fotogenia é um dos pontos mais recorrentes nas produções mais profissionalizadas *youtubológicas*, a preocupação com o tratamento da imagem e a aparência do sujeito são regulares nos vídeos, como a iluminação, o foco, a ausência de ruídos nas imagens, nitidez e

posicionamento da câmera etc. Nota-se, assim, que a questão econômica para investir em equipamentos específicos é evidente;

- h) A questão sonora nos vídeos é muito importante, a qualidade do som e efeitos sonoros que acompanham as falas, os gestos ou algumas atitudes que se quer dar mais ênfase

Dessa maneira, pode-se observar de maneira mais geral que o *YouTube* possui uma grande influência na contemporaneidade. Todos os elementos aqui elencados a título de exemplificar a organização estrutural desse lugar tensivo (com relação à imensidão de conteúdos), teve o objetivo de delimitar o lugar de funcionamento do nosso *corpus* de análise, que será tomado mais detidamente no capítulo seguinte.

5 ANÁLISES DAS CONSTRUÇÕES DO EU NA ENUNCIÇÃO DE SI

5.1 MEU EU, MEU CORPO: SOU O QUE DIGO SER

Sob esta perspectiva, elegemos como *corpus* de pesquisa vídeos produzidos por dois canais brasileiros do *YouTube*, um produzido pela *vlogger* Kéfera Buchmann (canal 5inco Minutos) e outro produzido pelo *vlogger* Felipe Neto (canal homônimo). Esses produtos audiovisuais são inicialmente amadores, possuem como principal finalidade a produção de vídeos que tratem de assuntos triviais, baseados em sua maioria no humor. Nesse sentido, valendo-se do discurso humorístico, esses sujeitos se colocam diante das câmeras para mostrarem suas habilidades performáticas, retóricas e, sobretudo, para estetizarem suas vidas ao narrar fatos de seu cotidiano, ao contar “intimamente” suas lembranças e ao dar suas opiniões sobre temas diversos, principalmente temas referentes a si mesmos. Assim, uma questão inicial que nos serviu de engrenagem para a feitura do trabalho e, especialmente, para a presente seção foi: tendo em vista os objetos e os sistemas enunciativo-discursivos contemporâneos, que lugares esses sujeitos criam para si e para os outros ao realizarem *enunciações de si*?

Nosso *corpus* de pesquisa apresenta duas faces que cremos serem interdependentes: uma voltada para a materialidade verbal (sobre as falas dos sujeitos, que serão transcritos fragmentos para análise de enunciados verbais) e outra voltada para materialidade não verbal e para os traços suprasegmentais, que também compõem o as enunciações-enunciados veiculando certos discursos (tais como efeitos audiovisuais, edições de vídeo, gestos, expressões etc., Pretende-se realizar descrições e/ou apresentações na forma de imagens no corpo da dissertação).

A articulação de ambas as facetas é imprescindível para o funcionamento de discursos humorísticos nesse espaço digital, pois, nesse espaço de hipervisibilidade é condição necessária a essas celebridades⁴⁰ não somente o que se diz, mas também como se diz, as diferentes maneiras que os dizeres são colocados em discurso, os gestos, os sons e as tantas outras maneiras de significar. Nesse sentido, o humor, enquadrado em

⁴⁰ Estas celebridades, chamadas de *vloggers* ou vlogueiros, são sujeitos que fazem uso de vídeos de si mesmos, normalmente publicados com uma periodicidade constante no canal do *YouTube*, para expressar suas opiniões sobre assuntos diversos. Uma das peculiaridades do *vlog*, diferenciando-se do *blog*, é seu conteúdo, predominantemente vídeos.

diferentes gêneros, faz uso de enunciados que estão para além do estritamente verbal: estão no discurso.

Assim, para entender o funcionamento discursivo das *enunciações de si*, pontua-se *o que se diz* (enunciados verbais e também não verbais), a maneira *como se diz* (enunciados não verbais, a imagem, o audiovisual etc que produzem determinados efeitos de sentido, efeitos suprasegmentais da fala), o *lugar do dizer* (lugar de circulação de discursos enquadrados em gêneros) e, principalmente, *por que se diz* (constructos sociais, econômicos e históricos que conferem ao dizer condições de existência).

Levando em conta que o *YouTube* pode ser considerado o altar da visibilidade na contemporaneidade e, portanto, em alguns lugares desses meios digitais a aparência do sujeito é levada em consideração, nota-se que esses sujeitos *youtubers* tratados no presente trabalho possuem uma preocupação com uma determinada *estética do corpo*, característica dos dias atuais.

Nota-se que o *corpo* dentro das reflexões foucaultianas, possui lugar central. Dentro de seus estudos, o autor explicita que se desenvolveram certos poderes que produziram o corpo e que funcionam a partir dele. Historicamente, nas atuais *sociedades disciplinares*, foi conferido ao corpo a obediência a certas regras, técnicas e mecanismos que organiza todo um sistema de submissão do corpo, “[...] o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 235). Nesse sentido, esse poder exerce de maneira incessável, incansável nas sociedades contemporâneas, naturalizado e internalizado pelos sujeitos em suas práticas diárias, os quais realizam o exercício de certos poderes em suas microrealizações: o poder sobre o corpo é uma agulha injetada no sujeito, é microfísico. Achamos necessário, assim, algumas considerações acerca da noção de poder que é utilizado na presente dissertação.

Em um texto que se chama “Soberania e poder”, Foucault (2013) faz uma espécie de balanço e de explicitação metodológica do trabalho com a concepção de *poder*. Na leitura de seus trabalhos, observa-se que Foucault tentou demonstrar não somente o que seria o poder, quais são suas bases, mas também o *como* do poder. O autor, então, discerne dois pontos em que o poder faz referência:

- a) As regras de direito que limitam formalmente o poder;
- b) Os efeitos de verdade que são tomados como produtos do poder

Fica claro que as noções apontadas por Foucault produzem um triângulo que se processa com base em três pontos: o poder, o direito e a verdade. A título de exemplificação, este triângulo pode ser exemplificado com a figura abaixo:

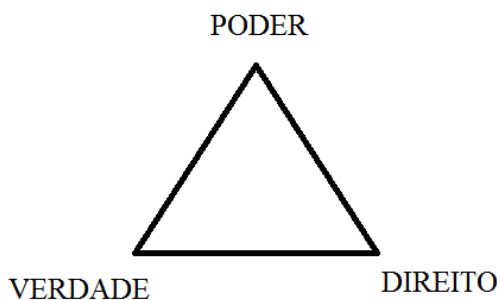


Figura 6: triângulo para análise do poder

Coloca-se, então, um outro questionamento diferente da questão da filosofia política tradicional que gira em torno de como o discurso da verdade pode fixar os limites do direito e do poder. Pretende-se averiguar, ao contrário, “[...] de que regras as relações de poder lançam mão para produzir *discursos de verdade*? [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 278). Dessa maneira, o foco do olhar do analista desloca-se para outros aspectos, que ambientam as análises em um outro terreno, mais conflituoso.

O sujeito então é submetido à produção de verdade e ao exercício da verdade em suas próprias práticas e a verdade, ou melhor, a vontade de verdade de uma determinada época pode ser considerada a lei regente do funcionamento discursivo de um pontuado tempo histórico. A verdade coordena as *enunciações* e *enunciados*, permitem ou não o funcionamento das enunciabilidades. Por este viés, poderíamos pensar em Foucault (2010b) quando elabora a noção de uma *polícia dos enunciados* e de um *controle das enunciações*. Esses mecanismos de poder determinam o vocabulário autorizado à circulação pela operação de interdições na linguagem, define quando, onde, em quais situações e quais sujeitos a tomada de palavra é possível e em que condições de emergência a fala é legítima e, por extensão, do sujeito que faz uso de uma determinada fala.

Na *História da sexualidade: a vontade de saber* (FOUCAULT, 2010b), título que faz referência ao desenvolvimento da noção de sexualidade, das práticas sexuais, do uso dos prazeres, do cuidado de si e dos outros ao longo da história da sociedade ocidental, o autor explica que com o surgimento da pastoral cristã, principalmente, inscreveu-se como um dever tudo passar pelo crivo da palavra, ou seja, é necessário que o sujeito materialize na concretude linguística seus desejos e pecados: na linguagem projetam-se as práticas mais íntimas que constroem *o sujeito que fala*. E como se pretendeu mostrar nos capítulos anteriores, a fala é constituída, também, por todos os traços semiológicos que os sujeitos expressam. Nesse sentido, Foucault (2013, p. 279, grifo nosso) esclarece:

[...] estamos submetidos à verdade também no sentido de que *ela é lei e produz o discurso verdadeiro* que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, *somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder* [...]

Observa-se, desta perspectiva, que os poderes e as verdades como práticas materiais dos sujeitos produzem também as existências e os modos que os sujeitos experienciam e se experienciam em sociedade. Instala-se uma *ética da existência* no exercício das relações que ligam o sujeito a (“sua”) verdade. O poder, então, não está mais centralizado em uma figura corporal, como a de um rei, “[...] o personagem central de todo edifício jurídico ocidental é o rei. É essencialmente o rei, dos seus direitos, do seu poder e de seus limites eventuais, que se trata se trata a organização do sistema jurídico ocidental [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 280).

Segundo Foucault, a teoria geral do direito na Idade Média teria como principal finalidade a fixação da legitimidade do poder, ou seja, o principal ponto de organização da teoria seria justamente a *soberania*, que fariam aparecer duas grandezas concernentes ao domínio genealógico:

- a) Fazer aparecer os direitos legítimos da soberania: a palavra da verdade é o posicionamento régio;

- b) Obrigação legal da obediência: “[...] o sistema do direito é inteiramente centrado no rei e é, portanto, a eliminação da dominação e de suas consequências” (FOUCAULT, 2013, p. 281)

Quando Foucault pretende observar a dominação no seu íntimo, resvalando naquilo que ela tem de mais brutal dentro de suas opacidades, mostra não só como o direito é um instrumento de dominação e sob que forma e de que maneira o direito põe em prática relações que não são de soberania, mas de *dominação*. O direito, então, não é “[...] simplesmente a lei, mas o conjunto de aparelhos, instituições e regulamentos que aplicam o direito [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 281).

Foucault (2013) pretende observar o caráter cada vez menos jurídico do exercício de poder, não se trata de observar a dominação de apenas um sujeito sobre todos os outros, ou de apenas um grupo privilegiado sobre outros grupos, que não possuam os mesmos posicionamentos e *status*, mas observar as múltiplas produções de subjetividades que existem no interior do social e as permanentes técnicas de sujeições polimorfas. Desse modo:

[...] Em vez de perguntar como o soberano aparece no topo, tentar saber como foram construídos, pouco a pouco, progressiva, real e materialmente os súditos, a partir da *multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos etc.* [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 283).

Nota-se uma *economia do poder* que funciona e se exerce em rede nos e pelos sujeitos. O poder é positivo, ele produz certos objetos. Uma nova mecânica do poder surgida pós século XVII-XVIII, com procedimentos, instrumentos e aparelhos bastante diferentes e específicos, incompatível com as relações de soberania, nos quais os indivíduos (não em sua “essência” – como pregadas por outras teorias –, mas um *efeito de individualidade* produzido pelo poder) “[...] não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte e consentido do poder, são sempre centros de transmissão [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 284). Nesse sentido, com relação às diferenças entre a mecânica antiga do poder (soberania) e a nova (dominação) mostrada por Foucault, podemos sintetizar as seguintes diferenças:

SOBERANIA	DOMINAÇÃO (DISCIPLINA)
Riqueza dos bens, terra e produtos	Poder sobre os corpos, tempo e trabalho
Obrigações descontínuas	Obediência contínua
Centralidade	Descentralidade
Existência física e una do soberano	Dispersão na multiplicidade corporal
Sistema de representação do poder	Sistemas de vigilância e controle contínuo
Poder absoluto	Poder relativo, parcial e fracionário
Gasto irrestrito	Economia do poder, gasto mínimo (sentido lato)
Eficácia do poder	Eficiência e eficácia máxima do poder

Dessa maneira, dentro dessa nova mecânica e economia do poder, um tipo específico funcionará no e para os sujeitos: a disciplina. Ela é portadora de um discurso que não está baseada propriamente no direito, apesar dele ela tangenciar, como a relação devocional e íntima com a verdade, ou nas leis e regras subordinadas à vontade soberana, ela veicula um discurso que é da regra “natural” – ou naturalizada –, da norma, da “normalidade”.

No trabalho intitulado *História da Loucura*, de 1962, Michel Foucault busca o momento em que a loucura pôde ser tomada como objeto de saber, que permitiu ao sujeito normal a expulsão do convívio social daquele considerado louco, cuja palavra deveria ser impronunciável. Em um primeiro momento os loucos eram inseridos em grandes navegações, lançados a própria sorte. Em um segundo momento, com o surgimento dos saberes médicos psiquiátricos, houve uma *patologização* do “louco”, em que, a partir da prática do exame e de sua identificação, os loucos, cuja fala era anormal, deveriam ser confinados em um determinado local para serem tratados, corrigidos, “normalizados”.

Para Michel Foucault, a noção de norma liga-se verticalmente à noção de disciplina ou, melhor dizendo, *poder disciplinar*, que de modo geral poderia ser em um primeiro momento como uma forma de individualização do poder por técnicas coercitivas economicamente rentáveis e positivas. A regra não mais seria aquela cuja base seria um efeito da vontade soberana corporificada na figura de um rei, por

exemplo, ou em códigos cujas regras regem as ações dos sujeitos de modo descontínuo e, por vezes, eventual, mas sim do “normal”.

Distanciada da regra jurídica derivada da soberania, as práticas da norma discursiva são, pois, contínuas e locais, como uma extensão das práticas da clínica médica que não se dedica à separação daquilo que é lícito ou ilícito, advindo do domínio jurídico, mas antes se guia pela cisão da normalidade e anormalidade patológica. Instala-se, com isso, uma verdadeira “medicina social” nas práticas cotidianas, formas de *governamentalidade*, ou seja, de poderes que gestam a vida dos sujeitos em sociedade. Busca-se, assim, “[...] captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício” (FOUCAULT, 2013, p. 283). Revel (2005) aponta que:

A norma corresponde à aparição de um bio-poder, isto é, de um poder sobre a vida e das formas de governamentalidade que a ela estão ligadas [...] [a norma] permite aplicar à toda sociedade uma distinção permanente entre o normal e o patológico e impor um sistema de normalização dos comportamentos e das existências, dos trabalhos e dos afetos [...] (p. 65)

Dessa maneira, as ações se dão de modo disperso e contínuo na sociedade, nos lugares íntimos onde o poder, em suas opacidades, é exercido de maneira a demonstrar sua eficácia e eficiência máxima, sua estrutura mais econômica: as formas de dominação são realizadas de modo horizontal, de um sobre os outros e de um sobre si mesmo, fato que resvala em uma obediência e controle contínuos, de maneira descentralizada, por técnicas de produção de subjetividades polimorfos, pois, com relação ao discurso e práticas discursivas, “[...] se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2000b, p. 7).

Os sujeitos capturados por um olhar discursivo são considerados a centralidade dos processos discursivos na sociedade. São eles a principal engrenagem do discurso, pois é somente por meio deles e a partir deles que os discursos encontram seu grau de aparição e dispersão histórica. Porém, um dos “medidores” que Foucault elenca como sendo um dentre vários sistemas de exclusão que perpassam e perfazem o discurso seria a *vontade de verdade*. Ela é sócio, histórico e politicamente construída em cada sociedade, que seleciona os enunciados que seriam considerados verdadeiros e falsos, apoiada em determinadas práticas ligadas a saberes de uma sociedade, como as pedagógicas e dos livros, “[...] mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem

dúvida, pelo **como** o saber é aplicado na sociedade, **como** é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído [...]” (FOUCAULT, 2008b, p. 17, grifo nosso).

Em vista disso, a norma discursiva é apoiada tanto por práticas institucionais como por meio de práticas não institucionais de transmissão de um determinado *saber-poder* e possuem por fim último normalizar, dominar e governar os comportamentos existenciais do sujeito por suas próprias práticas cotidianas, localizadas em determinados lugares: o lugar que o sujeito se inscreve é muito importante. A plataforma do YouTube é um tipo de mídia que permite ao sujeito ver, ouvir um excesso de conteúdos por apenas um toque de busca, permitindo-o zapear. Tal fato lembra muito a mídia televisiva, porém, com uma peculiaridade, o sujeito tem a opção de transmitir-se por esse meio midiático. Um efeito de “liberdade” é instituído, mas derrubado à sua primeira prática de transmissão, pelo obedecer ao mandamento “anônimo” da plataforma, que é *broadcast yourself*, em tradução ao português fica como transmita-se. E, transmitindo-se (*broadcasting yourself*), os sujeitos constroem o outro e a si mesmo por meio de uma enunciação de si (e do outro) assegurados pelo discurso e da relação que estabelecem entre si. Em última instância, trata-se de uma enunciação discursiva.

Buchamann, cria o canal chamado Cinco minutos, que gera conteúdos cuja temática é “ela mesma”. Cria-se em torno dela uma comunidade virtual de pertencimento a essa figura, cultuada, exaltada, cujos passos devem ser seguidos, fragmentos de sua pessoa incorporados e, principalmente, identidades mobilizadas por suas práticas vestidas. É um *tutorial*⁴¹ da vida cotidiana, um *DIY*⁴² de como viver, se quisermos utilizar um termo youtubológico e, no caso, de como ser mulher.

Kefera Buchmann produz o vídeo em um cômodo interior de uma casa, que se assemelha a um quarto “extravagante”, esteticamente e estrategicamente pensado para as produções para o espaço público da internet, com muitos adornos, abajures acesos, quadros e porta-retratos coloridos que estão em um segundo plano. Todos esses objetos são iluminados com uma *meia-luz* vinda de duas fontes de luz do alto, de modo que

⁴¹ Tutorial é um neologismo de língua inglesa e pode ser definido como uma fala, orientação, conselho de um *tutor* para ensinar ao interlocutor alguma prática ou técnica *passo a passo* sobre determinado assunto. No espaço youtubológico, é muito comum *tutoriais* nas produções audiovisuais sobre gastronomia, artesanato ou, até mesmo, configurações de softwares na informática, com uma linguagem bem simples, de modo que não surjam dúvidas corriqueiras. Porém, observamos que nestas produções em que esses sujeitos falam deles mesmos, de seus pensamentos e cotidianos, configura-se também como uma espécie de tutorial da vida cotidiana.

⁴² Termo em Inglês *Do It Yourself*, que traduzido ao Português corresponderia ao “faça você mesmo”.

todas essas peças componentes de seu vídeo estejam em uma espécie de penumbra, nem totalmente iluminados, nem totalmente apagados com a escuridão.

O ambiente de *meia-luz* é muito comum em espaços de restaurantes, bares entre outros. Tal fato (do quarto e dos objetos à sombra) produz muitos efeitos de sentido, dentre os quais, de que esse espaço não é somente um quarto, mas é um espaço para se passar o tempo, para se distrair das mazelas cotidianas de um dia difícil, um *happy-hour* para as horas vagas – e é isso que se propôs os vídeos do canal *5inco minutos* desde a sua fundação –. Além disso, pode-se pensar que todos os objetos são envolvidos por uma certa sombra porque outra coisa precisa *brilhar* no desenrolar do vídeo: a estrela youtubológica Kéfera Buchmann. Porém, ela não é como qualquer uma *celebridade* equiparada das mídias tradicionais construídas historicamente, como aqueles seres quase etéreos, prodigiosos e distantes do público, mas cria um laço de amizade e confiança, ela o insere na intimidade de sua casa, de seu quarto. Ela é alguém que você não só pode, mas deve acreditar.

Com a focalização da parte superior de seu corpo, especialmente seu rosto, Kefera veste uma roupa branca simples, com dois brincos de cor prata, de modo que seus cabelos presos com um coque os façam mais evidentes, e um cordão de mesma cor. O ponto central de seu vídeo é seu próprio rosto, especialmente sua boca e sorriso, com os dentes da mesma cor que sua camisa (salvos sutis gradações). Seu rosto é cuidadosamente maquiado, de modo que não apareça uma imagem “pesada”, mas leve, “natural”. Imageticamente, ela, em conjunção com seu *privado-público* quarto, transfigura-se em uma “princesa” (às avessas, como se verá ao longo desta análise). Portanto, tanto seu quarto, quanto o YouTube, é um espaço outro, íntimo, privado, mas também oníscopo e público, uma heterotopia.

Kefera então inicia seu vídeo dizendo:

“Oi, oi, gente! No vídeo de hoje vou falar de um *defeito muito comum de você...*
E nós ... *Todas ...* [Eu com *ela*, eu sem *ela*, nós por cima, nós por baixo]... *MULHERES!*



Figura 7: Kéfera nos momentos iniciais de seu vídeo

Kéfera, ao enunciar esse enunciado, que dialoga com muitos outros que podem ser rememorados. “Oi, oi, *gente!*” pode ser considerado uma marca característica de seus vídeos, sempre ao inicia-los ela faz uso desta frase como uma abertura, uma marca sua para seu programa. Ela dirige-se sempre a uma coletividade, pelo uso de “gente”, “nós”.

Observa-se que o uso do “nós” não seria apenas um “eu” mais um não “não-eu”, mas um “eu” que veicula pela enunciação de si a voz de um grupo por um “eu” e um “outro” que se estende e é entendido pelo “eu”, há um efeito de homogeneização e coerência pela enunciação do sujeito Kéfera: “eu” e outro, “você”, “ela”, “todas” se misturam, o sujeito esfacela-se e logo se (com)(sobre)põe ao falar de um “defeito” muito comum a si e aos outros: “mulheres” – o sujeito não é marcado pelas pessoas gramaticais, empíricas, mas pelo discurso. E a música de criança (“eu com *ela*, eu sem *ela*...), muito comum entre as crianças brasileiras, cria uma maior proximidade, intimidade com quem se interage, todas estão posicionadas na mesma posição, são Kéfera e todo sujeito mulher que assiste seus vídeos, são amigas.

A coletividade, então, é delimitada ao gênero feminino, portanto, o “defeito” que será tratado será concernente a esse sujeito “mulher”. A tonicidade que se dá à fala ao enunciar a palavra “mulheres” (marcada graficamente no vídeo com a palavra em uma fonte em tamanho ampliado, em caixa alta, em branco (para contrastar com todo o ambiente colorido e relacionar ao sujeito Kéfera, que também está “vestida de branco”, como as noivas que no imaginário social “exalam” feminilidade)) funciona como se a temática fosse muito aguardada. Mas o seu quando grita, estendendo seus braços, com

as feições muito expressivas e caricaturais assemelham-se às “animadoras de torcida” ou, melhor, “animadoras de público televisivo”, cujo resultado é a audiência (como pode ser visto na figura acima). E a audiência, tanto de ordem televisiva quanto da ordem yotubológica, refere-se à ordem econômica, ganha-se dinheiro quanto mais “likes” (curtidas) e “followers” (seguidores) se ganha – por isso que em outros vídeos, esses sujeitos afirmam com uma certa regularidade a profissionalidade.

Entretanto, há uma mudança na sua voz ao enunciar a palavra “mulheres”. Sua voz fica mais metalizada, com um curto eco, semelhante quando a fala está sendo pronunciada por um sujeito que sobe em um palanque ou palco e enuncia por meio de um microfone, ou mesmo um megafone. É como se sua fala quisesse alcançar efetivamente toda e qualquer mulher.

Em seguida, ela enuncia em forma de citação, que aparece textualmente na materialidade do vídeo:

“*Eu* adoro procurar defeitos em mim e quando eu os acho eu fico muito frustrada e começo a chorar”.

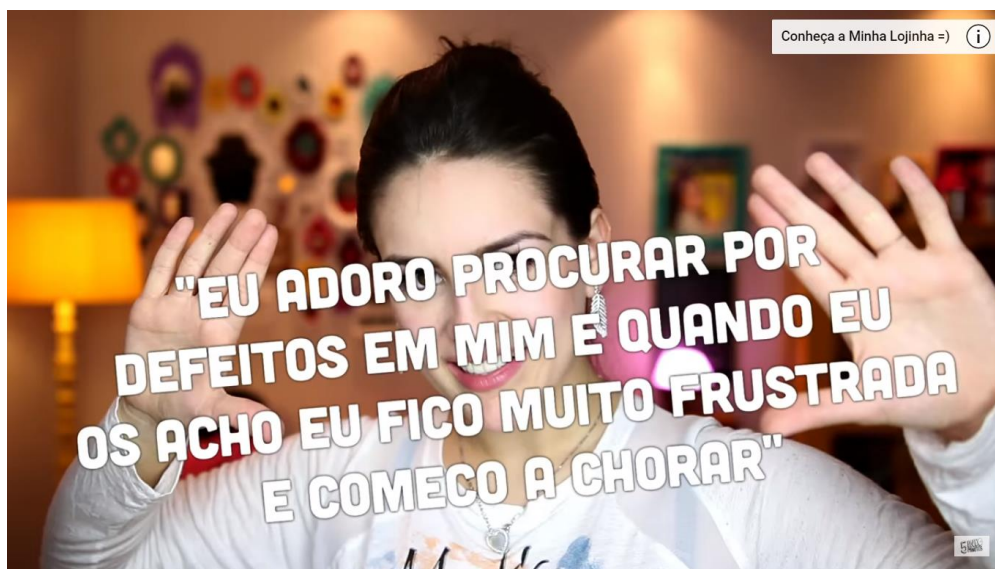


Figura 8: Kéfera cita uma frase em caixa alta

Neste enunciado habita vários outros enunciados e discursos que extrapolam, inclusive, o pressuposto de Benveniste a respeito da enunciação. Na língua, o “eu” sempre é a instância que profere a enunciação. Aqui, o “eu” coincide não somente com quem fala, mas uma generalidade que inclui eu, tu e ele (ou, melhor, elas). Fato que é

possível na língua, possível no discurso. Nesse sentido, o que é posto em jogo é que a mulher deve adorar realizar esse procedimento de exame do próprio corpo, deve procurar incessantemente seus defeitos, achá-los para reforçar sua fragilidade ao ficar triste quando os encontrar. Além da fragilidade, reforça-se ao mesmo tempo a noção de feminilidade construída sócio-historicamente pelas mãos do discurso, como se à mulher não fosse possível a satisfação com seu próprio corpo, independente de como ele seja esteticamente, ela deve flagelar-se, permanecer indefesa ou, ironicamente, uma “princesa”. Entretanto, como realizar essa prática, que também é médica? A resposta é dada logo em seguida, pela figura do espelho. Segundo Foucault (2009, p. 414):

[...] O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, *eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou*: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe.

A visão de Foucault sobre essa materialidade nos é muito válida para a análise da prática que Kéfera realiza ao se olhar no espelho. O espelho é um espaço que está em um entrelugar, entre o “não lugar” e um outro lugar efetivo, um espaço dentro de outro espaço. O sujeito, então, divide-se, parte-se em dois e se insere efetivamente em dois espaços diferentes, no aqui e no lá, concomitantemente. O espelho serve, assim, como uma suspensão do sujeito. Porém, no vídeo proposto por Kéfera, ela se configura não como um objeto de contemplação de si para si, mas de uma suspensão para o exame de si. Sabe-se que na sociedade, o espelho representa um papel quase mitológico, interpretáveis de diferentes maneiras, atualizado e reatualizado em diferentes culturas e épocas. O espelho, por exemplo, é presente no mito grego de “Narciso”, atualizado semi-inversamente na materialidade do nosso objeto de estudo, como é observável na seguinte figura:

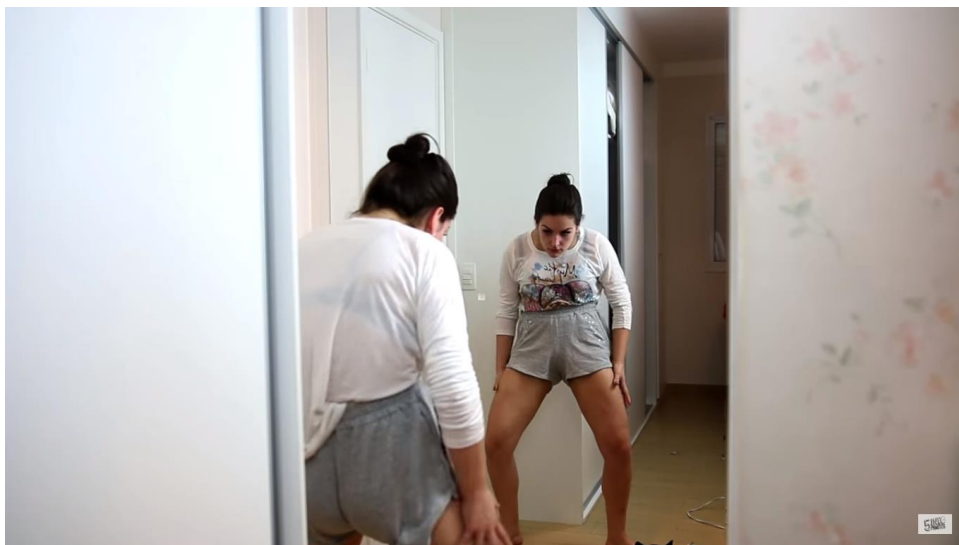


Figura 9: Kéfera procura por defeitos em frente ao espelho

Como narra o mito, Narciso era um jovem de beleza singular, filho de Céfiso e Liríope, que recorreram ao oráculo Tirésias para descobrir o futuro de seu filho. Tirésias disse que Narciso poderia ter uma vida longa desde que não visse a própria imagem. Na idade adulta, Narciso, por sua beleza, foi alvo de muitas paixões às quais jamais correspondia, dentre elas a de Eco. Abalada pela indiferença de Narciso, recolheu-se amargurada à solidão. Nêmesis, deusa da vingança, induziu Narciso a beber água no rio para que pudesse se deparar com sua imagem. Encantado com sua beleza, ele admira-se em uma ininterrupta contemplação até a sua morte (há ainda outras interpretações, de que ele, em uma tentativa de beijar-se, cai no rio e se afoga etc.).

Entretanto, o mito é atualizado semi-inversamente na materialidade audiovisual proposto por Kéfera, não se deve ver-se no espelho para se amar, admirar-se a si mesmo, apaixonar-se por si mesmo, mas para se flagelar, achar meios para desencadear o sofrimento pela imagem de si, olhar-se para se insatisfazer, instaurar um desejo e perseguir o que não se possui, ainda.

Esse exame minucioso do próprio corpo em que se faz necessário realizar “posições escrotas” (como informa Kéfera) serve para identificar, diagnosticar e tratar da doença contemporânea, o corpo defeituoso constituído por gordura, celulite, ou, como o título faz referência, as “crateras na bunda”. E mesmo que em um dia, em que a mulher acorda se achando “linda” e “maravilhosa”, mesmo que ela tenha motivos para enamorar-se de si mesma, a este sujeito não é dado o direito do desejo de si, para si,

sobre si – o que seria um “pecado” (cristão). Deve-se procurar, examinar e identificar os defeitos porque eles existem. Kéfera diz:

“... quando eu estou num dia que eu tô me achando muito maravilhosa, aí eu chego na frente do espelho eu falo assim: não é possível, tem algum problema aí, só que eu não tô vendo...”

Quando Kéfera enuncia esta materialidade verbal, ela vem acompanhada da simulação de alguns gestos, como se estivesse pensando com o seu *eu*, exteriorizando o seu pensamento “interno” para a produção de seu vídeo, o “*pensar alto*”, oferece aos sujeitos um *tutorial* para se pensar, não se pode confiar em ninguém, nem mesmo em em si mesmo, quando as opiniões satisfazem seu desejo pelo seu próprio corpo feminino, não creia na sua “perfeição”, deve-se realizar um auto exame, achar os pecados inscritos na superfície da própria pele. Evidencia-se que as prática também passa pelo crivo cristão, da lógica do pecado, em que cada um deve sofrer com seus “próprios pecados”, carregar a “própria” cruz.

Há um esfacelamento do sujeito médico e da polícia. Como se somente a mulher tivesse o dever de diagnosticar seu problema e realizar contra si todos os procedimentos de tratamento já cristalizados na sociedade (como a academia, a alimentação saudável para fins estéticos, procedimentos por profissionais do “corpo perfeito”, especialmente esteticistas etc.) e se policiar, vigiar-se para não realizar práticas infratoras (como a escolha do açúcar ao invés do adoçante, ou do *cheese burger* ao invés de alimentos de valor calórico baixo). Uma política do corpo e, em especial, do corpo feminino é instalado e os poderes sobre ele são exercidos microfisicamente. Sobre o assunto, Gregolin (2006, p. 132-133, grifo nosso):

[...] *Esse controle do olhar se funde com a disciplina organizadora do tempo e do espaço* [...] Entranhada no cotidiano, a vigilância aparece como algo que deve ser contínua, ininterrupta e que, acima de tudo, precisa ser vista, pelos indivíduos que a ela estão expostos, como perpétua, permanente [...] *A vigilância é, pois, um olhar invisível, que deve impregnar quem é vigiado de tal modo que este adquira de si mesmo a visão de quem olha.* O poder sobre os corpos, desta forma, atinge o ápice da submissão, pois o corpo não distingue entre si mesmo o olho do poder

Nesse sentido, o olhar que o sujeito exerce sobre si mesmo é muito importante para o funcionamento desse exercício de poder específico sobre o corpo, sobre o próprio corpo. O esfacelamento do sujeito e a indistinção do que é olhar do outro e o próprio olhar, qual são os pensamentos do outro e os próprios pensamentos, quem são *elas*, mulheres, quem é você, que assiste os vídeos, quem sou “*eu*”, Kéfera e quem assiste os vídeos, quem é o médico, que pelos indícios corporais diagnostica a enfermidade, da polícia que vigia com risco de realizarem coronhadas e porretadas invisíveis não são mais delimitados, as práticas do sujeito na materialidade audiovisual inderterminam ou multireferenciam o *sujeito da enunciação discursiva*, o espaço de inscrição do sujeito é encontrado em outras enunciações e enunciados, em outros posicionamentos de sujeito, é encontrado no discurso.

À procura incessante por defeitos e, principalmente, por consequentes tratamentos para se chegar a um “corpo perfeito”, heterotópico, como os são das *divas pop*, por exemplo, é indagado e veiculado pela voz de Kéfera: o que seria afinal essa perseguição de si mesma, cujo objetivo já é sabido: o sofrimento? Em seguida ela mesmo responde o que seria: “burrice”, como pode ser visto na figura abaixo:



Figura 10: Kéfera respondendo a indagação do porquê a mulher persegue a si mesma

A palavra “burrice” aparece também em branco e em caixa alta e, posteriormente, depois de um segundo ou dois, o sinal sonoro do aplicativo de celular *Whatsapp*⁴³ e a marca visual de *check* ou “ok”, que marca a mensagem visualizada (lida,

⁴³ É um aplicativo utilizado por celulares com acesso à internet, destinado a trocas de mensagens (escritas, áudios, imagens, vídeos, hiperlinks, documentos etc.) instantâneas, de maneira prática e rápida.

vista ou ouvida), mas a esse sinal são acrescentados outros sentidos. Ele pode ser tomado como um “sim”, uma concordância de todas as mulheres. A única flecha, quando no aplicativo de celular são duas, em verde, quando no aplicativo é azul, reforça o argumento. A única flecha se dirige à única visualização e concordância não de uma pessoa (flecha 1) para outra (flecha 2), mas para todas, ao mesmo tempo. A cor verde, que é sacralizada pela memória visual como sendo o “positivo”, o “avance”, o “sim”, marca a concordância de todos os sujeitos posicionados no lugar de mulher: “é sim uma burrice de todas”. Essa “burrice”, então, localiza a mulher em um lugar inferior, como um ser que possui como último objetivo o sofrimento. Esse enunciado se vincula ao menos a dois discursos bem recorrentes e relacionados historicamente entre si: o religioso e o machista.

O primeiro funciona no vídeo no momento quando molda a mulher como o ser que deve sofrer, desesperar-se (no vídeo materializado simuladamente em vários momentos, como, por exemplo, quando Kefera profere em excesso a palavra “porra”, ficcionalizando o desespero da mulher ao encontrar uma nova celulite), pois ela, a mulher, na tradição cristã, foi responsável pelo pecado, o que remonta, inclusive o mito de Adão e Eva, quando Eva oferece a *comida*, o alimento pecaminoso a Adão, que inocentemente come. E, por não seguir as instruções dadas por Deus, são expulsos do paraíso e condenados: à mulher foi dado, fora do paraíso, a dor, por comer o que não devia. Lá a maçã, que metaforiza o desejo da carne, aqui, o açúcar, o *cheeseburger*, que satisfaz o desejo da “gula”, do “pecado”. Ela constrói o pecado não mais pela “destruição” de si e do outro, mas somente de si pela celulite, como se fossem “exclusivamente” às mulheres, “... porque aí você pensa em todos os *brownies* que você comeu, todos os cafezinhos. E quando perguntavam pra você “adoçante ou açúcar?” – [e, com uma fisionomia sorridente, como se estivesse satisfazendo um desejo responde, como visto na seguinte figura] açúcar!”.



Figura 11: Kéfera opta por açúcar ao invés do adoçante.

O pensamento e as opiniões não são propriamente da Kéfera pessoa, como bem sabemos, mas são enunciados gestados pelos discursos, social e historicamente. Pode-se ver pelo atravessamento desse discurso religioso com o médico, no *site* “minha vida”, página digital destinada a discutir sobre assuntos diversos referentes à saúde. Para uma definição de celulite, segundo o *site*: “Celulite não é uma condição médica grave, mas pode causar desconforto *nas mulheres* por causa da aparência que confere à pele”⁴⁴. Dessa maneira, podemos observar que não é permitido ter celulite, um corpo que não se enquadra nos padrões oferecidos pelos discursos, do que seria belo ou, mais contemporaneamente, do que seria sadio. Tanto a saúde quanto a beleza estão ao lado do corpo “perfeito”, e ele é magro, ele não possui celulites ou “imperfeições” à superfície da pele, ele é funcional e economicamente produtivo, rentável.

Porém, além da mulher não poder acreditar em si mesma, quando a crença for de que o próprio corpo é bonito, ela também deve desconfiar de todos que a rodeia, não se pode confiar em quase ninguém. No momento do encontro da nova celulite (quando não for por meio do espelho, por meio de uma suspensão de si para retorno a si), Kéfera indaga se sua “amiga” aponta seus defeitos, leva-a para a casa de salvação, que seria a academia, ou para os centros estéticos, para exorcisar qualquer tipo de gordura que tenha sido incorporada em seu corpo, ou se ela é simplesmente honesta. A resposta é um “não”.

⁴⁴ Site minhavida. Acesso 13 de agosto de 2016. link: <http://www.minhavida.com.br/saude/temas/celulite>.

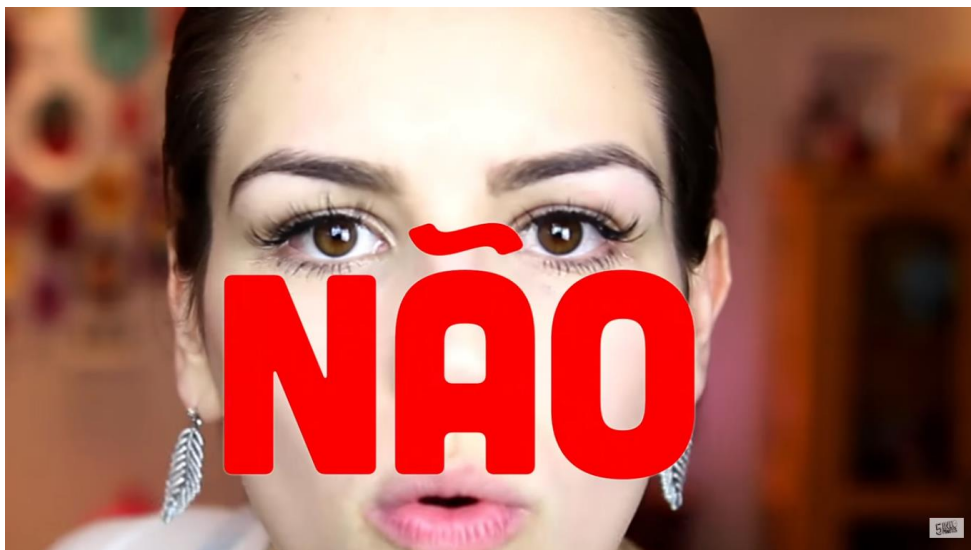


Figura 12: Kéfera mostra a negação de sua amiga em te ajudar.

O advérbio, ao ser enunciado pela Kéfera, aparece textualmente no vídeo em caixa alta, porém com uma outra cor. Aparece em vermelho que, ao ser pronunciado, a voz da *vlogger* alterna, torna-a muito mais grossa, forte. Esta modalidade de voz é amplamente usada nos meios audiovisuais para ficcionalizar uma voz demoníaca ou de alguém que possui muita raiva. Dessa maneira, a sua amiga que a elogia, que não fala a verdade é uma amiga que quer apenas seu declínio, é aquela que permite que você tenha o fruto proibido para ser expulsa do paraíso, constituído apenas por pessoas que possuem o corpo magro, esbelto e sem celulites. Em seguida, Kéfera descreve verbalmente e gestualmente este tipo de amiga, como se pode ver na figura abaixo:



Figura 13: Kéfera ao simular uma amiga falsa

Kéfera verbalmente diz:

“...Imagina, miga, que buraco? Não tem nada, cê tá ótima, cê está *linda*, miga, *mais linda do que nunca*, isso é pira da sua cabeça... Sabe por quê? Porque a sua amiga, ela é uma maldita! Não confie na sua amiga! [...] Amiga boa é aquela que avisa quando você engordou, quando você está com celulite nova...”

Observa-se que Kéfera teatraliza o comportamento de uma suposta amiga, aquela que você não deve confiar. A “amiga”, quando perguntada sobre uma nova celulite, ela responde com movimentos de mãos acompanhados de um revirar de olhos, que a impedem de ver diretamente o “problema” da nova celulite e de olhar diretamente para os olhos daquela que passa um momento difícil e muito provavelmente deve estar sofrendo, mas que precisa ser alertada pelo diagnóstico daquela que deveria avisar do surgimento. No imaginário social, não olhar diretamente para os olhos também reforça a ideia de que a uma pessoa é falsa, pois existe a crença de que quem não consegue fixar o olhar está mentindo: com o desvio do o olhar também se desviaria da fala verdadeira. Ainda a focalização de Kéfera, em seu falar e em seus olhos, possui uma certa mudança, a câmera é posta em um nível mais alto e está sutilmente invertida, elementos que reforçam ainda mais a distorção do falar falso da suposta amiga. Os gestos nervosos, voz mais estridente, exagero no modo como fala e no excesso de elogios (que posteriormente no vídeo essa “amiga” receberá uma nova atuação de Kéfera), fazem com que a fala e todos os elementos semiológicos que rodeiam essa fala pintem a “amiga” como uma “*amiga da onça*”. Alguém que se mostra amigo e, ao mesmo tempo, revela-se como aquele que não se deve confiar, utilizado de uma maneira pejorativa, ao tom de uma ofensa. Além disso, nem mesmo no namorado se deve acreditar, que dialoga com o discurso de que o homem mente, que somente a elogia, ou não enxerga tais “defeitos”, porque quer satisfazer seus desejos sexuais.

Caso confie nesses mentirosos, ou nesses falsos *espelhos*, e não na sua amiga que lhe aponta defeitos, que lhe pega pela mão e leva para a casa de salvação, lugar em que há a conversão à ordem do discurso, onde se cultua a imagem do corpo perfeito, onde se cura de todo o mal que assola seu corpo, a partir do momento em que permanece em constante e contínua vigilância para não mais pecar, ao invés de confiar em um exemplo de amiga, que merece todo o apreço, a mor e confiança, que quer ouvir sua experiência, sofrimentos dores e mazelas, que se oferece de exemplo legítimo de

que a mudança é possível. Esta amiga verdadeira, que está dentro do padrão do que é considerado belo hoje que, apesar de ter uma ou outra celulite, conseguiu se livrar de quase todas elas, que foi restaurada visualmente com o “antes e depois”, muito comum em programas televisivos de beleza e estética. Neste caso, o antes seria quando Kéfera era gorda, possuía muito provavelmente celulites e, com certeza uma cara de lua, pela foto mostrada como prova – que posteriormente aparece o desenho de um emoji do *WhatsApp*. E o depois é ela mesma, própria, que fala ao vídeo, no aqui e agora. Ela é sua amiga verdadeira, que quer te ouvir, pelas mensagens em forma de comentários ao vídeo visto⁴⁵. Você deve ser como ela, perseguir seus fragmentos deixados em outros lugares e vestir sua identidade, suas roupas, pela compra na loja dela, referenciada no vídeo. Você deve ser esse sujeito mulher, você deve ser Kéfera Buchmann. É este sujeito, desse tempo e desse espaço o legítimo, caso contrário, se você não sofre com uma celulite que aparece no seu corpo o “deforma”, caso não se importe em ser “esburacada”, você é uma “fora da curva”, como diz Buchmann, e não merece estar no paraíso do que é considerado belo, deve ser expulsa pelo “Deus-Discorso”.

Assim como Kéfera, Felipe Neto pode ser considerado mais um famoso *youtuber* brasileiro. Suas produções foram uma das primeiras a serem realizadas nesse formato *vlog* no Brasil, de modo que o sujeito se coloca diante das câmeras, frequentemente em um lugar simples, como no interior de um cômodo ou espaço da casa, de maneira informal e descontraída. Entretanto, ao longo do tempo, ambos os *vloggers* foram aprimorando profissionalmente seus vídeos, de modo com que o cenário, mesmo sendo na própria casa, fosse minuciosamente trabalhado, como a iluminação, o foco, os objetos colocados e ordenados em segundo plano, para que expressem suas características “pessoais”, a qualidade da imagem e da câmera, para que seus rostos e, especialmente, a boca ganhe maior visibilidade e nitidez enquanto praticam enunciativamente a fala de si, a eloquência de sua fala, com edições e cortes de vídeos, para que todas as suas produções não exista nenhum espaço de silêncio intencionado etc. Todos esses fatores fazem com que as produções adquiram um *status* de profissionalidade em suas próprias casas, em suas próprias vidas “íntimas”.

No vídeo colocado em nossa lâmina para análise do funcionamento enunciativo e discursivo, Felipe Neto escolhe um tema que se insere no mesmo campo semântico

⁴⁵ A plataforma do *YouTube* oferece aos internautas a possibilidade de realizar comentários a algum vídeo youtubológico quando a pessoa possui uma conta de acesso. Ela, ao mandar esta mensagem em forma de

que aquele escolhido por Kéfera Buchamann no vídeo “Crateras na bunda”, que seria o corpo, a estética, a dieta. Entretanto, antes mesmo de Neto começar efetivamente seu vídeo, fazendo uso também de uma marca personalizada na abertura do vídeo, que caracteriza suas produções midiáticas, uma nova prática surge, como mostra a figura abaixo:



Figura 14: Felipe Neto antes de começar efetivamente o seu vídeo

Em imagem *preto e branco*, em contraposição ao desenrolar de seu vídeo, que será quase completamente em imagem colorida, Felipe Neto enuncia:

“Desliga o ar, pa ficar calorzinho. De que aí acaba o barulho e acaba também a sensação de querer viver...”

Observa-se que Felipe Neto, ao proferir esta frase, ele mostra ao sujeito que assiste seu vídeo o que está “por trás” do momento anterior ao acontecimento de sua fala. Explicita que a sua fala não é uma fala espontânea de alguém que simplesmente posiciona a câmera em um cômodo, liga-a para fazer declarações sobre algum assunto na internet, ela é muito bem pensada e “limpa”, de modo que não haja nenhuma interrupção de barulhos externos que prejudiquem a qualidade do som para o público que o segue, que sustenta sua profissão e o paga indiretamente com as visualizações, curtidas do vídeo, compartilhamento etc. A profissionalidade da fala de si deve ser tida

texto verbal, pode estabelecer um diálogo com a própria pessoa que postou o vídeo ou mesmo com outras pessoas que realizaram comentários.

como um compromisso de Felipe Neto, fato este materializado no enunciado imagético acima. A imagem audiovisual em *preto e branco* dialoga com outras práticas enunciativas e enunciados inseridos nos discursos cinematográficos.

É muito frequente em gravações de filmagens de vídeos contemporâneos a imagem em *preto e branco* para produção de *making-off*. O significado do termo de origem inglesa corresponde, a uma tradução ao Português, por “feitura”, “fazimento de”, consiste em uma gravação de um vídeo que revela o que está nos bastidores de algum conteúdo audiovisual principal. Seria um anexo, um “*extra*”, muitas vezes com cenas que não haviam sido premeditadas, pensadas, como acontece no vídeo “dieta”, de Felipe Neto. Tal prática, assim, reforça ainda mais o efeito de sentido de profissionalidade que sua prática youtubológica possui: como se, por outros meios (semiológicos), expressasse que seu conteúdo é profissional e bem laborado, trabalhado especialmente para “você”, pois o *vlogger*, assim como Kéfera Buchmann, não fala de qualquer lugar. Ele fala do espaço interior e “íntimo” de sua casa e o torna público para quem visualiza o vídeo. A vida “íntima” de seu lar, Neto faz dele um palco público para “você”.

No momento posterior aos momentos iniciais já referidos em *preto e branco*, aparece uma imagem colorida por alguns milésimos de segundos, que tecnicamente é chamada de *color bars* (CB) ou *barras de cores*. Ela seria um padrão de barras coloridas de formato internacional que serve para circuitos eletrônicos de vídeo para realizar testes e regulagens de imagem e cores, muito comum em televisores de tubo. Nesse sentido, após estar tudo “regulado”, ele começa efetivamente seu vídeo, com a seguinte marca de abertura, na qual ele se apresenta – “Olá! Eu sou Felipe Neto e seja bem-vindo para mais um vídeo” – e, em sequência, diz:

“... Eu odeio fazer dieta. Eu sei que essa frase é clichê pra caralho, né? Que tipo de pessoa chega numa conversa e fala: [há uma mudança da cor da imagem, o colorido torna a ficar em preto e branco] *gente, adoro fazer uma dietinha, adoro me privar...*”

Nesta passagem de sua fala, Felipe Neto informa ao público a sua relação com a alimentação monitorada que é a dieta, dizendo que a odeia demasiadamente (pelo palavra de baixo-calão “caralho”, linguagem usual de seus vídeos, que gramaticalmente funciona como um advérbio de intensidade) e que todos odeiam também. Para demonstrar que realmente todos odeiam fazer dieta, no momento seguido ele simula a

fala de uma pessoa que nunca falaria em sã consciência que gosta, afinal, quem adora se “privar”? Ou seja, que sujeito gostaria de se privar de um dos prazeres capitais? Entretanto, comer indeterminadamente todos os alimentos, excessivamente, satisfazendo seus desejos não se pode, a gula, como prega o imaginário social e cristão é elencado como um dos sete prazeres e pecados capitais e, como todo prazer e pecado, devem ser controlados e/ ou corrigidos.

Porém, outras características na materialidade audiovisual nos chamam a atenção. Além da imagem que torna ao *preto e branco*, dos momentos iniciais de seu vídeo, outros efeitos de sentido são causados. O aumento da altura da sua voz, emitindo-a de maneira mais aguda, de modo a explicitar que não é uma fala sua, seguida de gestos mais lânguidos (regularmente são referidos como os gestos mais femininos) e exagerados, com mãos que rodopiam ao ar ao enunciar as palavras, a imagem *bicolor* então marca que não é apenas uma ficcionalização de um outro sujeito que não é Felipe Neto e que, ao longo do vídeo, será recuperado: é a fala especificamente da mulher (futilizada). Com gestos que a torna objeto de riso, como mostra a figura abaixo:



Figura 15: Felipe Neto encena outro sujeito ao falar que gosta de fazer dieta

Felipe Neto então diz:

“... Algum tempo atrás eu percebi que eu estava ficando com um físico de *bojão de gás*. Que meu corpo ia pra *casa do caralho*, porque a tendência da minha família era essa:

família *muito magra com um pança*. Falei: eu não posso deixar que isso aconteça comigo, porque eu sou uma pessoa que me cuido, sou uma pessoa que me preocupo ...”

Atenta-se que Felipe Neto, bem como Kéfera Buchmann, se insere no terreno do humor para relatar suas opiniões e se enunciar, ao materializar por sua *fala* diante da câmara seu corpo. Seu corpo então é um corpo que estava sendo “deteriorado”, estava indo para a “*casa do caralho*”. O sintagma “*casa do caralho*” (de mesma raiz morfológica primária da palavra caravela) é um termo muito usual da língua portuguesa, que antes designava a cesta que se encontrava no alto dos mastros de uma caravela. Dada a localização dessa cesta, o *caralho* era um lugar de muita instabilidade, oscilação e declinações, tendo em vista as mesmas instabilidades que as ondas marítimas causam nas caravelas ao navegar. Por este motivo, este lugar é referido como um lugar do castigo, da punição de profissionais do mar que por algum motivo mereciam estar lá, de *derrisão*, dada a dificuldade de se manter firme, porque “*as atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na medida exata em que esse corpo nos faz pensar numa simples mecânica [...]*” (BERGSON, 1996, p. 33; grifo do autor). Ir para a “*casa do caralho*”, nesse sentido, é ser desfavorecido de alguma forma. Adquirindo certos sentidos sinonímicos de “se dar mal” ou, relacionado com o órgão sexual masculino (pênis), o “se dar mal” teria correlações com este campo semântico (como os termos de baixo calão “se foder”, “tomar no cu” etc.). A expressão, nesse sentido, perdeu esta referência, mas preserva certos sentidos na poeira desse enunciado.

Neto, ao enunciar que seu corpo ia para um espaço que se localiza não mais em um espaço com uma referência física em especial, mas no da linguagem, do discurso, “[...] o espaço do risível é então a outra “metade” da sociedade ou da linguagem, indispensável para dar conta de suas totalidades” (ALBERTI, 1999, p. 23). Assim, discursivamente, seu corpo se tornaria a própria espacialidade da “*casa do caralho*”. Felipe Neto se alojaria dentro de uma espacialidade da *derrisão*, que é seu próprio corpo, tornado uma “*casa do caralho*” por se assemelhar a um “bojão de gás”, comparação que Neto faz a uma pessoa de sobrepeso que possui seu diâmetro aumentado, realizando uma analogia entre pessoa gorda e a forma esférica do bojão de gás doméstico. Mas não é qualquer pessoa, caso contrário, não estaria dentro daquilo que se considera politicamente correto e poderia eventualmente ser punido por um tipo de discriminação nos meios digitais. Aqui o poder encontra sua esQUIVA: o objeto de que

Felipe Neto faz uso para depreender o riso é seu próprio corpo, é si mesmo. Há remanejamentos para causar o riso dentro dessa *ordem do discurso*.

Pode-se observar um duplo remanejamento, o primeiro que seria do objeto e outro que seria da prática risível. Não há uma exposição de um sujeito individualizado por outro sujeito individualizado, mas sim do próprio Felipe Neto por Felipe Neto. Há uma suspensão do sujeito, o *eu* que enuncia fala de um *eu* enunciado, uma despersonalização. Nesta perspectiva, Bergson (1996, p. 19, grifo nosso) diz (em um tom de mandamento): “[...] *despersonalizai-vos* agora e presenciái a vida como espectador indiferente: quantos dramas passarão à comédia! Basta taparmos os ouvidos ao som da música numa sala onde se dança para que os dançarinos nos pareçam logo ridículos [...]”. Além da visão que o autor possui sobre o riso (e o humor), de que a prática irrisória nada possui de ingênua, leve, mas muito pelo contrário, nas opacidades ela age de maneira perversa – um “lobo em pele de cordeiro” –, a despersonalização (não identificação do objeto que se ri) é necessária ao funcionamento da *derrisão*, uma *inversão*. Felipe Neto, assim, não se identifica com ele mesmo, o corpo, o próprio corpo, é também uma heterotopia de si para si.

A *inversão* é uma das características apontadas por Bergson (1996) para o funcionamento do riso. Ela funcionaria como um mecanismo de *derrisão*. Segundo o autor, funcionaria como quando um ladrão torna-se vítima de roubo, ou quando o perseguidor torna-se vítima de uma perseguição, por exemplo. É uma troca na posição sujeito dominante para uma posição em que ele é dominado por um outro sujeito ou uma situação, como mostra a figura abaixo, quando Felipe Neto fala de seu corpo e compara com uma imagem que aparece por alguns milésimos de segundo no canto superior direito quando diz que a característica de sua família é que seus membros são muito magros, mas possuem uma “pança”.



Figura 16: Felipe Neto ao falar do seu corpo quando estava engordando

Esta prática específica de rir de si há uma parcialidade daquilo que Bergson caracteriza como *inversão*. Não é um sujeito que se torna vítima de um outro sujeito, para quem dirige suas ações, mas o próprio sujeito torna-se vítima de si mesmo, ele *objetifica-se* para fazer funcionar a engrenagem do riso, há uma suspensão de si, uma despersonalização e distanciamento de si para poder rir-se de si mesmo, pensamos que esta prática seria uma *semi-inversão* da prática derrisória: “eu rio do outro e o outro é efetivamente eu”. O sujeito é, ele mesmo, agente e objeto de sua punição. O riso, portanto, enquadra-se dentro de uma economia do poder para a manutenção de uma ordem do discurso, que localiza certos sistemas de representação e sensibilidades dentro de um *desejo*.

[...] E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o *desejo* e o poder? [...] (FOUCAULT, 2008a, p. 19-20 grifo nosso).

E o desejo e a “verdade” da época é o corpo magro, que deve ser perseguido e corporificado no próprio corpo – afinal, quem quer ser uma pessoa “descuidada”, “despreocupada”, ou ter uma “pança” como o *Grinch*? O *Grinch* seria o ser natalino que aparece no vídeo de Felipe Neto, de pelagem verde, alto, com uma preponderância na região abdominal, que seria a “pança” de que Neto faz referência. Em uma de suas versões presentes no imaginário social, o *grinch* invadiria a casa das pessoas no período

do natal para roubar todos os presentes ou se alimentar da carne das crianças, ele possuiria, nesta versão, uma figura sádica. Nesse sentido, o alimento é absolutamente interdito, ele é pecaminoso, comparado ao assassinato de si.

A comparação que Felipe Neto realiza por meio desse enunciado da imagem do *Grinch*, mesmo que tenha aparecido por milésimos de segundo, com a sua própria figura distanciada com sobrepeso, produz um efeito de sentido de que o corpo não é somente “defeituoso”, “descuidado”, mas monstruoso, anormal. Desse modo, Bergson (1996, p. 92) sintetiza: “[...] Dessa maneira o humorista é um moralista disfarçado de sábio, qualquer coisa como uma anatomia que só fizesse dissecações para nos aborrecer; e o humor, no estrito sentido em que tomamos a palavra, não é mais que uma transposição do moral para o científico”. Através do procedimento do exame que é o riso o sujeito se revela como um “doente” que precisa ser curado de sua enfermidade: o corpo gordo.

5.2 “Decifra-me ou te devoro”: entrada às subjetividades

O enunciado “decifra-me ou te devoro” está presente ao longo da história de nossas civilizações. Uma das atualizações do mito está aportado na figura da esfinge. Ser mitológico traçoeiro, voraz e impiedoso, geralmente tomada como guardiã, a esfinge proferia enigmas aos homens que se não respondessem corretamente ela os devorava. O deciframento possui um papel muito importante, ele é a chave de entrada a um espaço ou, em se tratando do YouTube, às subjetividades.

Kéfera Buchmann no vídeo “#24 – A maior vergonha que já passei?” lança uma pergunta feita por um de seus seguidores e se pretende responder frente às câmeras. Tanto o formato do vídeo quanto o próprio título evocam características muito importantes com relação à prática desses sujeitos de maneira mais genérica e a especificidade de Kéfera. Nota-se pelo próprio título que o vídeo faz parte de uma série de vídeos, sendo este o vigésimo quarto vídeo, em que se propõe a responder algumas perguntas feitas pelos *followers* aos comentários do vídeo. Porém, não são todos os comentários que recebem o “privilégio” de ser lido pelo *yputuber*, mostrado na materialidade audiovisual e comentado, somente alguns enunciados dos outros são

estrategicamente postos à enunciação, para que o vídeo produza determinados efeitos de sentido.

Um dos fatores que indica a serialização videológica, além do número, é o símbolo “#”. Conhecido popularmente no Brasil como jogo da velha ou quadrado, a *hashtag* é muito comum nas redes sociais da internet para categorizar conteúdos que estejam relacionados à palavra que precede o símbolo. Um complexo paradoxo é realizado concretamente, há a produção de efeitos de homogenia e contingência por um lado, por outro, de heterogenia e incontingência simultâneo. O conteúdo quando posto sob o título de uma determinada *hashtag* é planejado, o efeito de homogeneização realiza-se quando o vídeo se propõe a tratar de um determinado assunto pertinente a um determinado conjunto em que ele é incluído e contido como pertinente à *hashtag*. Entretanto, o mesmo conjunto contém vídeos de maneira variada, que pode abordar o assunto em sua completude, tangenciar ou mesmo nem abordar o assunto. Uma heterogenia monta-se dentro do efeito de homogeneidade. E o mesmo vídeo que é produzido por um determinado sujeito, incluso a um conjunto sob o título de uma *hashtag*, ele mesmo envolve-se de uma incontingência videológica, ele é atravessado por outros vídeos, relacionado como antecessor ou sucessor de uma *playlist*⁴⁶. A *hashtag* é transformada em um *hiperlink*⁴⁷, em que o usuário pode por mecanismos de busca procurar por determinada *hashtag*. ele então recebe efeitos de sentido quando localizado em uma determinada disposição de vídeos, ele localiza-se em outro lugar, em outros vídeos e sujeitos.

Nessa locação em si mesmo e em outros sujeitos que podemos identificar no sujeito outros lugares de enunciação. A *youtuber* em questão categoriza esse formato de vídeos como “Kéfera responde”, como ela mesma enuncia

“Bem-vindos a mais um “Kéfera respondee...”

⁴⁶ *Playlist* é um termo que inicialmente se referia à lista organizada de músicas que ao gesto inicial para reprodução, as outras músicas posteriores são reproduzidas automaticamente. Atualmente, refere-se também à organização de vídeos em um determinado canal YouTube, por exemplo, quando um *youtuber* faz uma lista de vídeos sobre um determinado assunto que do mesmo modo pode ser reproduzido automaticamente.

⁴⁷ *Hiperlink* pode ser definido, *grosso modo*, como um endereço digital que comporta o transporte do usuário para outro endereço.



Figura 17: Kéfera dá boas vindas ao seu público para mais um vídeo de sua série “Kéfera responde”

Com os braços estendidos e seu rosto iluminado Kéfera dá boas-vindas aos sujeitos que estão vendo seu vídeo. Dentro de um cenário privado/ público que sintetiza certos elementos de sua vida aos meios digitais, como um quadro de fundo rosa com uma foto de sua cadela Vilma Tereza, famosa por meio de seus vídeos, ou no pôster de seu último filme “É fada”, cujo título faz uma brincadeira com a interjeição de baixo calão em língua portuguesa “é foda”, ou seu último livro ao fundo do lado esquerdo do vídeo “Querido Dane-se”, ou o quadro com frase em Inglês “*stop talking start making*” com uma mensagem produtivista, capitalista etc. Desses elementos em segundo plano em conjunção com a prática enunciativa feita por Kéfera em primeiro plano esse vídeo será para a promoção de si. Entretanto, além do lugar cenográfico que gira em torno de si, outro lugar é criado por sua prática.

Ao se colocar em um lugar de onde ela pode tomar a palavra para responder aos questionamentos dos sujeitos que por meio dos comentários realizam perguntas para questionar o que pensa sobre determinado assunto, ações etc., ela, Kéfera, possui a voz de importância, validade, verdade. Kéfera é, então, atravessada por discursos que carregam outras posições sujeitos e que, por fragmentos, constituem sua figura diante às câmeras. Uma posição sujeito, ou fragmento desta que podemos identificar é a do *sábio*. Esta posição sujeito, retratado pela mitologia e literatura como um ser envolvido por saberes (e poderes) divinatórios e, até mesmo, por uma certa misticidade, faz dele um sujeito que possui certas especificidades. Sua representação é

como ser bondoso, que usa o conhecimento pessoal, das pessoas e até mesmo conhecimentos não tão superficiais para conduzir os sujeitos, como um mentor, construído continuamente ao longo do vídeo.

No momento que se inicia o vídeo, com a enunciação de sua famosa frase que marca a abertura, ela é interrompida por um barulho de tira, seguido dos gestos que simulam um sujeito baleado no peito, com a sua mão esquerda levada ao peito e a outra, que faz seu corpo estar em segundo plano e a mão direita, em primeiro, em um gesto de “pare”, pronuncia a frase:

Oi, oi, gente!!! Ai... Pera... Ai... Sim... Eu sei, eu sei. Eu também levei.. Eu também levei o mesmo impacto porque... Eu sei, esse vídeo vocês estão esperando desde de semana passada porque, né? O que que eu falei? Que nesse vídeo ia ter o trailer do meu novo filme, então, solta aí DJ



Figura 18: Kéfera simula um “tiro” nas redes sociais.

Sabe-se que os lugares de circulação dos enunciados fazem com que eles adquiram sentidos outras nas práticas dos sujeitos em sociedade. Em se tratando dos meios digitais, o “tiro” assume polissemias que constroem efeitos de sentido interessantes à construção da imagem de Kéfera. O “tiro”, elemento estabilizado no imaginário social como um objeto perigoso, geralmente usado para abater animais ou pessoas causando dor e até mesmo a morte, por isso tomado no presente trabalho como disfórico, negativo, assume sentidos outros no funcionamento digital. O “tiro”,

geralmente usado nas mídias sociais como uma interjeição – “que tiro!” – assume sentidos eufóricos, positivo, o sujeito então seria impactado emocionalmente por alguma notícia, imagem, frase. Neste caso, pelo vídeo tão aguardado de Kéfera, em que mostra o *trailer* de seu novo filme.

Além do cruzamento midiático entre o YouTube, que serve como meio de divulgação do cinema, em um filme estrelado por Kéfera, a materialidade audiovisual em questão evidencia as diferentes práticas enunciativas que o sujeito Kéfera realiza. Ao realizar a prática enunciativa no momento de reprodução do vídeo do YouTube, Kéfera localiza-se no aqui e lá, simultaneamente, há um desdobramento da prática enunciativa. Tomando a prática de fala da Kéfera diante das câmeras como um momento de referência para a temporalização e espacialidade da materializada enunciativa, o vídeo com o sujeito Kéfera é um acontecimento da ordem do agora, ela traz para essa ordem outro momento, do filme, que é envolvido por outros discursos e sujeitos. Kéfera ocupa um lá, uma outra posição, de atriz das grandes mídias.

Entretanto, o trailer do filme prometido é interrompido por ela. Kéfera, após a interrupção enuncia:

Cortou, pera aí, voltou... Q, q, q... ãhn ãhn ... ehn ... Que que aconteceu? Por que parou no meio? Êh? Nem no meio foi. Que que aconteceu, Kéfera, é um jogo comigo isso? Que palhaçada é essa?

Podemos observar na materialidade linguística que por meio da fala de Kéfera é enunciada a fala do outro. Com o aumento da altura da voz, a insatisfação instalada na voz de Kéfera é, portanto, (o que deve ser) a fala do outro, dos sujeitos que acompanham seus vídeos. O sujeito evidenciado na voz de Kéfera e construído por ela revela-se como um sujeito que segue seus passos, seja por meio dos meios digitais, assistindo seu canal do YouTube, seja nos cinemas, quando do filme ela faz parte, ou teatro etc. Kéfera constrói um fã, sujeito que manifesta grande admiração por uma pessoa pública, originado da palavra latina *fanaticus*, como aquele que se diz inspirado pelos deuses, relativo a *fanum*, templo. Entretanto essa insatisfação encenada por Kéfera é pautado no humor. O enunciado “é um jogo comigo isso?” é uma frase proferida por uma artista dos meios digitais Inês Brasil. A artista que ganhou fama quando realizou um vídeo para inscrição do *reality show Big Brother Brasil*, realizado pela Rede Globo, e teve seu vídeo divulgado pelas lentes globais do YouTube. O enunciado é pontuado

quando ela participou do programa *Domingo Legal*, do quadro *telegrama legal*, produzido pelo SBT, momento em que pregaram uma peça em Inês Brasil e ela, em um momento de nervosismo e insatisfação, proferiu tal enunciado, tomado pelas redes digitais como frase de efeito para produzir humor.

Embarcada por esse humor, Kéfera afirma que enganou os seus *followers*, quem ela chama de *Ké-lovers*⁴⁸. Ela quer ver o “poder” de seus seguidores. Para tanto, ela dá as instruções para que eles mostrem tal poder, que serve também como condição necessária para que eles possam ver o trailer e, conseqüentemente, a realização de sua promessa: eles dever dar *like*⁴⁹ e comentar seu vídeo, no campo determinado do site do YouTube. E caso ocorra de ela receber um *dislike*⁵⁰, ela pode como punição não reproduzir o trailer em seu canal do YouTube. Dessa maneira, é possível notar que a prática presente na materialidade audiovisual é uma prática religiosa. Há uma espécie de endeusamento da figura de Kéfera, como um sujeito que possui um lugar de privilégio dentro de um grupo de cultuação a sua figura, uma microssociedade se move em torno dela, de suas enunciações (de si mesma). O discurso religioso que atravessa sua fala funciona como um intermédio entre a presença e ausência do ato miraculoso, porém, há um custo: a prova(ção). Nesse sentido, a obediência às regras ditadas por Kéfera, a aceitação sem grandes questionamentos (dogmas) tem como boa consequência o saber contido em seus vídeos. Kéfera, ao iniciar efetivamente seu vídeo, enuncia:

“vamos responder a primeira pergunta desse Kéfera responde, porque eu sei que vocês, cá entre nós, que a gente é tudo íntimo, então a gente pode desabafar que a gente estava com saudade do *“Kéfera responde”*, e eu estava com saudade de responder as perguntas de vocês, e *vocês estavam com saudade de ouvir as minhas belíssimas respostas* (ze zes postas !@#\$)... Que agregam.. Nossa, senhora... (!@#\$)... Eu fiz um *beat-box* aqui... *Essas respostas que agregam muito na vida de vocês*

⁴⁸ *Ké-lovers* é um termo utilizado para se referir aos seguidores de Kéfera Buchmann. “Ké” seria um apelido afetivo criado a partir do nome Kéfera. Lovers, uma palavra de origem inglesa que significa amantes, apaixonados ou, até mesmo, adeptos. A palavra composta, então, teria o seu significado melhor delineado por *adeptos de Kéfera*.

⁴⁹ *Like* é uma palavra de origem inglesa que, nesse contexto, assume o significado de “curtir”. Este recurso serve como um marcador que mostra se um vídeo está sendo bem avaliado ou não. Se boa avaliação atingir um número elevado, isso ajudará na divulgação do vídeo.

⁵⁰ *Dislike* seria o contrário de *like*, de má-avaliação, “descurtir”.



Figura 19: Kéfera lê os comentários de seus seguidores com auxílio do celular

Kéfera então afirma a importância de suas respostas aos sujeitos que fazem parte dessa comunidade virtual criada a partir dela. A sua palavra possui, para os *ké-lovers*, valor, ela produz verdade, cria uma determinada prática. Com seriedade com que pronuncia tais palavras verificadas por meio da imagem em movimento e suas reações (ou *react*⁵¹) “espontâneas” na leitura das respostas por meio de seu telefone célula, ela encena efeitos de verdade.

Evidentemente os questionamentos realizados pelos sujeitos à Kéfera Buchmann não são lidos todos, em totalidade. As perguntas são selecionadas de maneira estratégica, para a promoção da figura da *youtuber* e para a coesão do vídeo. Como a primeira pergunta:

E1/ Kéfera: “Kéfera, você se imagina com 70 anos?”

⁵¹ *React* pode ser considerado como uma estética youtubológica em que o *youtuber* mostra-se diante das câmeras para mostrar suas reações, que se creem espontâneas, ao ler, ouvir, ver determinada materialidade linguística, por exemplo: *react* do clipe novo de uma determinada artista. Geralmente, tal materialidade é mostrada simultaneamente para o *youtuber* e para o sujeito que assiste o vídeo dele.



Figura 20: Kéfera fala sobre os males que atingem as pessoas idosas.

Quando indagada sobre o que pensa sobre si quando for uma pessoa idosa, ela responde que não se imagine, em seguida, ela cita uma série de doenças que regularmente atingem pessoas com uma determinada idade. Os nomes dessas doenças aparecem em caixa alta ocupando um grande espaço na materialidade imagética do vídeo quando citadas por Kéfera. Isso produz um efeito de sentido específico. Nessa construção sobre a velhice, ela é vista como uma idade a pessoa é atingida por numerosas doenças, portanto, o apelo pelo presente, pela juventude, pelo hoje. Há um atravessamento do *carpe diem*. A expressão latina que significa “aproveite o dia” e que caracterizou a produção literária brasileira da corrente que ficou conhecida como Arcadismo ou Neoclassicismo (da segunda metade do século XVIII). Tal expressão assume um valor significativo na produção de Kéfera Buchmann e da produção youtubológica, enquadrada nessa especificação, de maneira geral. Assim, cientes a efemeridade do tempo que concerne as mídias digitais, onde tudo corre, escorre, aparece e desaparece, a permanência é a exceção à regra. O sujeito *youtuber*, configurado como pastores que conduz seus seguidores pelo melhor caminho e convida-os a aproveitar o dia, a juventude, o hoje, permanecendo no aqui e agora. Entretanto, tendo em vista o lugar de circulação desse enunciado, o *carpe diem* não assume sentidos bucólicos, de exaltação da natureza, pureza e ingenuidade, muito pelo contrário. A interdição à velhice possui uma carga capitalista, em que a o corpo idoso não é mais um corpo produtivo, economicamente rentável. Mas Kéfera abre a condição:

... Eu tenho um sonho... de ficar velhinha com alguém... porque eu sou uma pessoa muito romântica. Não, é sério, apesar de vocês terem essa visão de que eu sou uma caminhoneira vida loka, escrota que arrotta, eu sou uma menina muito romântica e sonhadora, que às vezes faz umas histórias meio Disney na cabeça...

Podemos notar que a velhice é posta por Kéfera de maneira romantizada, porém, esta colocação serve, justamente, para construir a sua imagem no presente: apesar de ser uma mulher que fala palavrão, ela não é uma mulher masculinizada como pinta (preconceituosamente) em sua argumentação, mas sim uma princesa, como mostra a figura abaixo:



Figura 21: Kéfera fala sobre a velhice

Kéfera ao enunciar sobre a velhice imagina por ela, ela se delinea como uma menina romântica, em que tal estágio da vida é pensado do mesmo modo. Observa-se que quando ela enuncia, a qualidade de sua voz muda, tornando-se mais fina. Ela inclina sua cabeça levemente para baixo, de modo que a imagem centralizada no *frame* do vídeo sejam seus olhos, o que faz deles maiores e mais iluminados. Seus gestos são mais sutis, delicados, com a junção de suas duas mãos logo abaixo de um dos lados de sua cabeça, traço que regularmente é atribuído à feminilidade, como mostra a figura abaixo:



Figura 22: fotograma da Cinderela⁵²

Kéfera, identificada como um sujeito que fala o que pensa, menina que xinga, arrota em frente às câmeras, qualidades nomeadas por ela como “caminhoneira vida louca escrota que arrota”. O discurso, então, molda Kéfera dentro de suas ordens, ela é uma *princesa*, que na regularidade dos enunciados expostos acima a identifica com a *Cinderella*, personagem da *Disney*, e deve ser identificada como tal, por sua prática enunciativa, ela ativa e faz funcionar uma ordem do discurso. O discurso é como uma fábrica têxtil: ele liga no processo de fiação linhas de enunciados e discursos, ele fabrica uma malha e vestem sujeitos.

Kéfera segue com a pergunta feita por Anelisa Lucas: o que Kéfera faria se fosse cachorro por um dia? Kéfera, após de zombar do nome “Anelise” e do próprio nome “Kéfera”, de modo a pontuar a raridade do nome e, portanto, a “unicidade”, ela diz e contradiz que lamperia a própria vagina:

E com certeza seria lamber minha vagina.... óbvio, gente, pelo amor de Deus... Já falei isso no último vídeo, inclusive. Eu n... mentira, eu não falei isso, lógico que, foi impressão que vocês ouviram no último vídeo e vocês tiveram a impressão de que ouviram tudo de novo agora... (!@#)\$...

Em uma sociedade historicamente patriarcal, governada, de maneira geral, de homens para homens, a sexualidade feminina foi e ainda é silenciada, mas colocada no

⁵² Site de acesso: http://disney.wikia.com/wiki/File:Cinderella_14.png

plano da existência. O silenciamento do objeto não ambienta o objeto no plano do esquecimento, mas como aquilo que não se pode falar, um interdito. Entretanto, quando velado, o objeto revela-se na vontade de saber, no desejo. Assim, surge na materialidade audiovisual o objeto, que se envolve em um jogo pendular de velado e revelado, do silêncio e do som agudo e alto. A sexualidade é posta à mulher Kéfera como uma condição: “se ela fosse uma cachorra por um dia”. Sabe-se que o termo “cachorra” é uma definição de ordem pejorativa dada à mulher, como um sujeito desavergonhado, devasso, malicioso, imoral, que se deita com vários homens, a analogia entre a cachorra (canino) e cachorra (mulher) acontece, sobretudo, nessa questão: a cachorra que se envolve com diferentes cachorros e da mulher que se envolve com diferentes homens. Nesse sentido, a negação do posicionamento insere a mulher na ordem do moral e não empoderada. A afirmação insere a mulher na ordem do imoral e empoderada. Nesse sentido, podemos observar ao menos duas formações discursivas que se digladiam e instalam uma lógica discursiva para o posicionamento do sujeito, mas que logo é parcialmente decomposta na materialidade enunciativa: ser uma “cachorra” por um dia, apenas. Nessa condição, Kéfera diz que lamberia a própria vagina e, em seguida, contradiz o dito de maneira humorística, fazendo com que a negação dita seja uma afirmação não dita, compreendida por implicaturas. Assim, o sujeito posiciona-se em um lugar estratégico, a linguagem o permite a negação da posição sujeito com dito linguístico e a afirmação semântica não dita linguisticamente.

A materialidade audiovisual produzida por Kéfera Buchmann configura-se, assim, como um objeto para a construção de si por meio das respostas ao questionamento da comunidade formada em torno de si. E pela seleção das perguntas, observa-se que ela não é feita de maneira aleatória, os questionamentos são estrategicamente montados para a promoção mercadológica de si. Ela fala sobre seu terceiro livro e a certeza de haver um quarto, sobre seu estrelado no filme e a hipótese de lançar até na *Broadway*, famosa por suas superproduções teatrais etc. Essa série de projetos que se enunciam “intimamente” em rede permite com que o *to follow* aconteça exteriormente, *ex-rede*.

Já no vídeo produzido por Felipe Neto, intitulado “Reagindo aos comentários”, o *youtuber* já pontua desde início qual será a temática: esboçar uma reação diante às câmeras ao ler alguns comentários selecionados. Neto, então, ao inicia seu vídeo como de costume, com sua marca de apresentação, a sua famosa frase é interrompida com uma outra frase que, no momento que é enunciada, a tela fica em *preto e branco*, fato

que marca uma suspensão do vídeo e uma traquinagem, como podemos observar na seguinte figura:



Figura 23: momento de suspensão do vídeo de Felipe Neto

Quando a coloração da tela fica monocromática, com a frase “será que eu consigo?”, em destaque, a pergunta é direcionada de Felipe Neto a seus interlocutores. Fica evidente que na materialidade audiovisual que se referencia a uma travessura que ele realizará nos segundos posteriores: tentar pular da estante de televisão até o sofá, anunciando sua marca de abertura. Porém, alguns efeitos de sentidos são provocados e a referência evidente do seu enunciado é quebrada. Existe, antes, uma referencialidade partida, que não se contém às evidências. A frase que corresponderia ao desafio de pular de uma mobília a outra também se pode destinar à realização do vídeo, que para além do perigo físico, como cair e se machucar devido ao salto, muitos outros perigos estão reservados à tomada da palavra (FOUCAULT, 2008a). Dessa maneira, com o desafio colocado, Neto dá continuidade a seu vídeo.

Felipe Neto, ao comentar sobre seu último vídeo, prática recorrente em programações serializadas, como séries que antes da reprodução do vídeo faz reminiscências do capítulo anterior, em que ele relata as mudanças ocorridas em sua vida, em como ele é hoje, em seus pensamentos, opiniões e atitudes. Ele enuncia:

“O meu vídeo do meu último sábado foi falando sobre mudanças na minha vida, como hoje eu sou uma pessoa diferente, e aí eu fiz testes on-line pra ver se eu conseguia acertar os *testes sobre mim mesmo*. E como era um vídeo que falava sobre mim, sobre essa *pessoa linda, maravilhosa e muito humilde*, eu falei: *tá aí uma oportunidade para*

ler os comentários do YouTube, que é uma coisa que eu raramente faço, que os comentários do YouTube são uma merda, vamos combinar que a maioria é spam pedindo like, pedindo inscrito. Mas ignorando toda essa parte chata dos comentários eu vou ler o que as pessoas tão falando sobre mim e vou gravar um vídeo reagindo a esses comentários”

É possível observar em sua enunciação que o *youtuber* além de construir por meio da fala um determinado posicionamento sujeito, ele também pontua explicitamente a influência que ele possui. A existência de testes *on-line* sobre a vida de Felipe Neto, dentro e fora dos meios digitais, faz dele uma personagem contemporânea que se deve acompanhar, copiar, *seguir (to follow)*. Nesse sentido, os questionários servem como testes ou provas de conhecimento sobre um saber que uma determinada comunidade deve possuir – e caso as respostas aos testes sejam correspondentes a pessoa de Felipe Neto, elas podem ser corrigidas, a verdade está na fala do objeto dos testes: ele mesmo. Além disso, é possível observar a construção de determinadas posições sujeito que ele cria para si e para ou outros, concomitantemente, no momento de sua fala.

A princípio, de maneira humorística ele se pontua como um sujeito com um conjunto de qualidades. Ele é lindo, maravilhoso e muito humilde. Tais qualidades, em especial a humildade, que é intensificado pelo advérbio “muito”, faz com que os julgamentos negativos que ele lerá nos comentários sejam injustos, podendo ser enquadrados como uma “merda”. Mas mesmo assim, ele se lança às críticas, selecionando estrategicamente alguns comentários para a produção de seu vídeo para reagir para deles concordar ou discordar. Entretanto um elemento é muito interessante: a fala verdadeira. Como é um vídeo de pessoas que pensam “Felipe Neto” em luta com Felipe Neto que pensa “Felipe Neto”, a refutação ou endossamento das críticas é posta dentro de uma lógica que possui um efeito de incontestabilidade, dada aos dogmas youtubológicos feitos por Felipe Neto: não importa o que os outros pensam sobre você, mas sim o que você pensa sobre si. Ele segue enunciado:

“Vamos ver se a internet me ama tanto quanto os números parecem indicar (SOM SUSPIRO). Inclusive se você faz parte desse grupo maravilhoso que não me odeia já desce a tela e clica no botãozinho chamado “inscrever-se”, que aí você faz parte dessa

equipe maravilhosa de corujas fantásticas que curtem o meu trabalho e assistem todos os vídeos, todo dia às dez horas da manhã (SOM FÔLEGO)”

Os números que Felipe Neto faz referência e que estabelece seu campo de influência nos meios digitais são os de *likes* e de *inscritos* (seguidores – *followers*) que ele possui – para tanto, é regular na generalidade dos vídeos youtubológicos as instruções para “curtir” e “se inscrever” nos canais dos *youtubers*. A comunidade digital cuja figura de centralidade é Felipe Neto, é nomeada por ele como “equipe maravilhosa de corujas fantásticas”. Salvo os adjetivos eufóricos, o grupo funciona dentro de uma lógica administrativo-empresarial, de modo cíclico. Cada qual, dentro de uma equipe, possui sua função bem demarcada, de maneira geral, os sujeitos seguidores devem, justamente, seguir os passos de Felipe Neto, curtir suas produções videológicas e este produzir conteúdos diante das câmeras para serem curtidos e comentados pela comunidade. Entretanto, além de equipe, Felipe chama essa comunidade de “corujas”. Podemos observar dois sentidos que podem convergir. Sabe-se que o animal “coruja” possui um significado simbólico-social sacralizado dentro de nossa sociedade. A regularidade semântica dentro de diferentes culturas, como na mitologia grega, xamânica etc. possui sentido de sabedoria, inteligência, percepção, ciência. Inclusive na mitologia indígena Guarani Nhamandu, em que o Criador teria se manifestado na forma de coruja para criar a sabedoria⁵³, dentre outras. Outro sentido que podemos observar, e que pode ser incluso dentro do mesmo campo semântico, é a “coruja” utilizada como um adjetivo para caracterizar pessoas, como “mãe coruja”, “vó coruja”, “pai coruja” etc. Sabe-se que o uso desta palavra significa “cuidado”. No Português Brasileiro, tanto a palavra “cuidado” e sua palavra primária “cuidar” provêm da forma latina do verbo *cogitāre*⁵⁴, que significa meditar, refletir, pensar, agitar no espírito. O cuidado se dá justamente pela ação do pensamento, de uma dada sabedoria. Nesse sentido, além do cuidado, o público que Felipe Neto constrói em suas práticas enunciativas é de um público “cuidadoso” e “inteligente” e para ocupar tal posição ele dá as instruções: curtir o trabalho e assistir todos os vídeos do *youtuber*.

Felipe Neto segue com sua fala:

⁵³ É interessante observar que a simbologia do animal coruja está presente em cursos acadêmicos, tais como a Filosofia, Pedagogia e Letras.

⁵⁴ <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/cuidado-e-cuidar/30559>

Uma coisa que eu acho impressionante nos comentários da internet como um todo, seja no Twitter, no Facebook, nos comentários do YouTube, é que todo mundo é muito corajoso, né? A bola cresce, toda vez você vai comentar uma coisa, ainda mais se sua conta for um anônimo fake, tu fica com uma bola, amigo, com o testículo que não cabe no teu saco, fica com elefantíase sacal



Figura 24: Felipe explica gestualmente o que seria um homem com os testículos grandes.

Felipe Neto evidencia que os comentários das redes sociais de relacionamento, como *Facebook*, *Twitter* e o próprio *YouTube* os sujeitos se inserem em um campo anônimo que confere a eles coragem para dizer “qualquer coisa”. Assim, observa-se que nas mídias não somente a hipervisibilidade que caracteriza esse espaço, mas também a submersão do sujeito no mar digital, fato que permite com que o sujeito se insira nas opacidades da rede, na penumbra da imensidade de informações para preservar sua face. A coragem da ofensa e da violência verbal advêm da invisibilidade digital, em que você pode ser anônimo ou *fake*⁵⁵(outro sujeito). Felipe Neto diz que neste processo há um crescimento descabido dos testículos do sujeito – “elefantíase sacal” –. De maneira humorística, o *youtuber* cita uma doença parasitária, endêmica nos países mais quentes, cujas características são o enrugamento e crescimento descabido de determinada parte do corpo, para enfatizar o crescimento das “bolas”. Sabe-se que estes enunciados

⁵⁵ *Fake* é um adjetivo de Língua Inglesa que traduzido ao Português Brasileiro significa *falso*. Tal termo é amplamente utilizado nos meios digitais para referenciar perfis falsos em redes sociais, por exemplo quando um sujeito se faz passar por outro sujeito.

proferidos pelo *youtuber* dialogam com um enunciado presente no imaginário social brasileiro: “ter culhões” ou “ter culhão”, ambos sinonímicos. Os dois enunciados, que denotativamente significam “testículos”, no sentido metafórico e usual na sociedade significam ter coragem, aceitar e aguentar consequências de uma ação ou decisão. Porém, na prática enunciativa, tais enunciados ocorrem de maneira humorística, irônica, assim, tem seus sentidos postos em contrariedade ao que se diz, em sentido oposto. Felipe Neto, então, constrói esses sujeitos como sendo covardes, desprovidos de inteligência e sabedoria.

Nota-se que há uma iniciação dos sujeitos à leitura efetiva dos comentários. Tal preparação insere o sujeito dentro de um jogo estratégico praticado pelo sujeito midiático. Dada as construções dos sujeitos pela prática enunciativa de Felipe Neto, o *youtuber* polariza dois sujeitos presente nos comentários: pró Felipe Neto (sentido eufórico) e contra Felipe Neto (sentido disfórico). Para além de um jogo argumentativo que promove uma indubitabilidade, instala-se um jogo de verdade, os sujeitos querem estar dentro da verdade, do poder, do *saber* (ou da sabedoria), portanto, o pertencimento a uma dada posição sujeito, criada pela enunciação de Felipe Neto, é afirmável mais facilmente pelo discurso. E a afirmação de tais posições serão colocadas durante toda sua prática enunciativa durante o vídeo, reagindo aos comentários dos dois sujeitos por ele construídos.

O primeiro comentário é, então, apresentado na seguinte figura:



Figura 25: Felipe Neto lê um comentário de um sujeito que dá apoio a ele

No momento que o *youtuber* lê o comentário, aparece o comentário em uma imagem recortada em primeiro plano, muito provavelmente capturada da própria plataforma do *YouTube* (com a estrutura visual que caracteriza o *site*) editada e posta na materialidade audiovisual. Em segundo plano, aparece Felipe Neto que enuncia o comentário, porém, ele e todo o cenário fica em *preto e branco*, a qualidade da sua voz muda, fica mais fina e metalizada, o que dá a entender que há uma suspensão de sua fala, ele não mais enuncia a si, mas o outro. Com o enunciado: “Felipe Neto não fala mal dos outros, ele fala o que muita gente não tem coragem de dizer”. Com a apresentação de tal materialidade enunciativa e a concordância do *youtuber* com o enunciado permite-nos afirmar que Felipe Neto constrói um sujeito – corajoso, sábio e com todas as características ditas anteriormente – não somente para os outros, mas para si mesmo. Os outros sujeitos firmam sua posição em suas enunciações dispersas, verticalizadas pela seleção do *youtuber* e endossadas por ele: “Eu achei tão fofo que esse comentário tem quase dois mil likes, olha só, gente, não é apenas de ódio que vive os comentários do YouTube”.

Entretanto, antes de mostrar um exemplo de sujeito que caracteriza o outro polo da caracterização feita por Felipe Neto, existem aqueles que ocupam o entremeio, como mostra a seguinte materialidade audiovisual:



Figura 26: Felipe Neto lê um comentário de um sujeito que se encontra no meio termo

Na materialidade linguística em primeiro plano (“às vezes eu gosto de Felipe Neto, às vezes eu não gosto. Aí eu volto a gostar, aí eu odeio. Não sei... só sei que eu tô adorando essa fase nova”) e na prática enunciativa de Felipe Neto no momento em que lê o comentário e quando faz encenações desse sujeito no momento posterior à leitura, ainda com sua fala suspensa, mostra que o sujeito que ocupa esse meio termo é “volátil”, como diz Felipe Neto. Dentro dessa inconstância há a conjunção à figura do *youtuber*, afinal, como ele mesmo mostrou nos momentos iniciais de seu vídeo, houve uma mudança em sua vida, uma “fase”.

Por fim, o sujeito que ocuparia uma posição contrária a Felipe Neto é mostrada na seguinte materialidade audiovisual:



Figura 27: Felipe Neto lê um comentário de um sujeito que é contrário a ele

Em seguida, Felipe Neto enuncia:

“Um indiota. Aí você reclama que o português é uma merda, sabe o que as pessoa falam? Ai, Felipe, isso é preconceito linguístico, porque as pessoas têm que escrever o que elas sabem escrever, o importante é passar a mensagem. Parabéns... você é um indiota”

Felipe Neto, ao selecionar estrategicamente este enunciado, constrói um sujeito inculto, que não possui o saber de prestígio, evidenciado pelas inadequações previstas pela *gramática normativa*: da norma.

Desde os estudos saussurianos escritos postumamente no século XX aos estudos mais recentes dentro do campo dos estudos da linguagem, algo que se repete regularmente é a consideração de que a língua não opera de maneira desregrada e livre de qualquer *condicionamento linguístico*, que modula sua materialidade. É possível afirmarmos que a língua, bem como os outros sistemas semiológicos, possui um conjunto de regras e leis que fornecem aos sujeitos um paradigma de conduta para que eles possam realizar suas atividades linguísticas e práticas interacionais por meio da linguagem. E como sabe-se, existe uma gama de variedades linguísticas e de línguas diferentes no cenário brasileiro, cada qual com suas regras, leis e normas de intercompreensão linguística, porque:

A prática de linguagem, um comportamento social, é normalizada. Língua e norma são conceitos inseparáveis, portanto. Isso significa que todas as comunidades linguísticas têm sua linguagem normal, obrigatória, e que qualquer infração a ela é sancionada por seus membros, fato típico do comportamento humano [...] (LEITE, 2008, p. 102).

Dos limites acessíveis de nossa memória histórica existe, de época em época, a seleção de um conjunto específico de regras e leis que devem funcionar como normas mudam, pois em uma determinada época elas podem ser detentoras de um *status* social eufórico, tomadas, inclusive, como o falar correto, acompanhado dos desdobramentos desse julgamento de valor, em outro período histórico esse valor se perde, às vezes ocupa a outra polaridade espacial, como aquilo que foge à regra.

A lei, a regra e a norma, apesar de estarem dentro de um mesmo campo semântico e possuírem certas similitudes, etimologicamente elas possuem algumas sutilezas semânticas e derivam de noções valiosas para a nossa reflexão. Rey observa então a convergência e peculiaridades referentes aos três termos em questão. Segundo o referido autor:

A *lei*, a *regra*, a *norma* é aquilo que não se afasta de uma direção designada; a *regularidade* e o *normal* são construções *a priori*, hipotéticas, e seus complementares, o *irregular*, o *anormal*, são antivalores, mais do que exceções. Os historiadores das ideias, assistindo ao aparecimento dos conceitos científicos, e sobretudo do de “lei”, veem-nos desenvolver-se abrigados em termos-armadilhas: a *régua/ regra* (ambas derivadas de *régula*) é uma reta materializada que permite criar outras retas conformes; *norma* vem do latim, traduzindo o grego *gnomon*, “esquadro”, e desempenha o mesmo papel em relação ao ângulo “reto”. Ambos derivam de modelos

concretos, geométricos, ao passo que lei (*lex*) acrescenta, primeiramente num contexto religioso, o elemento imperativo, a obrigação ditada pela vontade do “juiz (REY, 2011, p. 114-115; grifo do autor).

É notória a dinamicidade entre os três termos, que funcionam como um medidor classificador daquilo que pode ser arranjado como da ordem do normal e do anormal, este pensado em uma dimensão antivalorativa, ou seja, como um desprestígio, enquanto aquele é visto em uma valorativa, de prestígio.

Ambos os termos, *normal* e *anormal*, para o campo da Sociolinguística (BAGNO 2001; 2004) aproximam-se da ideia da regularidade das realizações linguísticas, apoiados em *leis* da linguagem, a partir das quais os sujeitos farão uso, ou seja, considera-se a *fala normal* como aquilo que é regular na língua e a *fala anormal* o que é divergente à regra da língua, pois “[...] é somente pela influência do adjetivo *normal*, transportado por um uso teimoso do domínio ético para o da quantidade, que *norma* pôde passar do “bom” e do “justo” para o “habitual” e “frequente”; do “desejável” para o “usual”” (REY, 2011, p. 115; grifo nosso). Já nos estudos discursivos foucaultianos, considera-se não a fala normal ou anormal, mas sim a *fala do normal* e a *fala do anormal*.

No trabalho intitulado *História da Loucura*, de 1962, Michel Foucault busca o momento em que a loucura pôde ser tomada como objeto de saber que permitiu ao sujeito normal a expulsão do convívio social daquele considerado louco, cuja palavra deveria ser impronunciável. Em um primeiro momento os loucos eram inseridos em grandes navegações, lançados a própria sorte. Em um segundo momento, com o surgimento dos saberes médicos psiquiátricos, houve uma *patologização* do “louco”, em que, a partir da prática do exame e de sua identificação, os loucos, cuja fala era anormal, deveriam ser confinados em um determinado local para serem tratados, corrigidos.

Das exclusões sociais e confinamentos, esses sujeitos foram considerados como aqueles que fogem à normalidade, às práticas regulares do que é considerado normal, ou *recorrente*, que na esteira de Rey, poderia ser tomado também como um *esquadro*, figuras que são desenhadas, a partir de uma linha padrão, outras derivadas, com regras semelhantes. Mas neste caso, já fazendo referência ao sujeito, a recorrência também funciona: aquele que deve, necessariamente, obedecer a *régula*, ou seja, aquele deve seguir a regra em suas práticas concretas de linguagem.

O obedecer a estas regras é possível graças às leis (*lex*) que funcionam como elementos a serem seguidos e sob a qual os sujeitos devem estar. Geralmente, elas são ditadas pela figura de um rei, juiz ou quem possui o direito à fala na sociedade, aquele que é considerado detentor de um saber assegurado historicamente, que visam à norma. Sobre “lei” e “norma” comenta Rey:

[...] se a lei, historicamente, é o que deve ser obedecido, a norma é o que deve ser realizado. A primeira vem do passado: pode ser um discurso prescritivo; ela pode ser injusta, iníqua, arbitrária e precisará, para ancorar-se no valor, de um enunciador eleito (Deus, natureza, razão) ou de uma qualificação positiva (*lei moral etc.*). *Norma*, ao contrário, metaforiza inicialmente a retidão geométrica – como *regra*, *direito* e todas as palavras em *orto-* –, supõe finalidade e valor; ela é “o que deve ser”, um futuro regulado” [...] (REY, 2011, p. 115; grifo nosso).

A distinção que o autor faz entre lei e norma permite uma identificação mais apurada e resolve certas confusões que ambos os termos podem possuir. A lei possui uma memória histórica atualizáveis em práticas, logo, elas mesmas podem ser encaradas como regras de conduta às práticas que, mesmo podendo ser injustas, iníquas ou arbitrárias, são obedientes a um conjunto de regras formadas e formuladas em torno de uma figura de autoridade que as deve colocar em circulação. E a norma é justamente as realizações concretas das práticas de leis. Nesse sentido, quando todas elas não efetivadas, os sujeitos são logo corrigidos, endireitados, como uma *ortopedia da linguagem*.

Em um sentido mais abrangente a norma pode ser encarada como sendo um princípio que serve de base à regra ou lei, ou seja, é um modelo a ser seguido e não violado, por isso é aplicada e se exige estar em vigor para a manutenção da ordem.

Sabemos que o sintagma “norma” possui uma significação problemática devido a polissemia que o envolve e o caracteriza. Como não pretendemos utilizá-lo no intuito de esgotá-lo – fato que cremos ser impossível –, recorreremos a ele na tentativa de usá-lo como uma ferramenta teórica e analítica, tendo em vista ele é utilizado dentro dos estudos da Sociolinguística e Análise do Discurso de linha francesa. De maneira geral, concernente ao primeiro domínio do saber, bem como também ao segundo:

“o conceito de *norma* só pode ser bem apreendido e analisado quando se abandona o campo estritamente linguístico e se recorre a outros pontos de vista, como o antropológico, o histórico, o sociológico, o

psicanalítico, o pedagógico, o jurídico etc. [...]” (BAGNO, 2001, p. 11)⁵⁶

São numerosos os conceitos para a definição de normas dentro da Sociolinguística, porém, selecionamos alguns deles que serão valiosos para nossa reflexão. O primeiro seria o conceito de *norma explícita*. Como o próprio termo pode fazer lembrar, seria algo desprovido de qualquer dúvida, ambiguidade ou comedimento, ela possui, ao contrário, a intenção de ser a mais clara e categórica possível. Esta norma se realiza por práticas ostensivas de prescrições linguísticas. Aléong (2001) assim define:

[...] A norma explícita compreende esse conjunto de formas linguísticas que são objeto de uma tradição de elaboração, de codificação e de prescrição. Ela se constitui segundo processos sócio-históricos [...] Codificada e consagrada num aparato de referência, essa norma é socialmente dominante no sentido de se impor como ideal a respeitar nas circunstâncias que pedem o uso refletido ou monitorado da língua, isto é, nos usos oficiais, *na imprensa escrita e audiovisual*, no sistema de ensino [...] (p. 149; grifo nosso)

A norma explícita possui uma tradição histórica assegurada principalmente por práticas de escrita, fato que a faz se tornar um parâmetro de orientação às ações que se baseiam nesta modalidade linguística, pois ela é detentora de um valor de prestígio social, portanto, é em si um objeto de poder, hoje atrelada a uma instituição – como bem sabemos.

Em oposição a norma explícita, o autor supracitado desenvolve a ideia de uma *norma implícita*, que se refere aos comportamentos linguísticos nem (institucionalmente) ostensivos, nem *standardizados* em um objeto físico, como o livro gramática, por exemplo. Na verdade:

[...] trata-se daquelas formas que, por serem raramente objeto de reflexão consciente ou de um esforço de codificação, *nem por isso deixam de representar os usos concretos pelos quais o indivíduo se apresenta em sua sociedade imediata*. Obviamente, trata-se sobretudo

⁵⁶ O abandono da extensão estritamente linguística em direção a outros campos do saber para a compreensão mais ampla do funcionamento linguístico (tanto da ordem da língua como da linguagem), a Sociolinguística classifica essa atitude de como sendo uma recorrência aos *fatores extralinguísticos*, ou seja, exteriores ao sistema da língua, como preconizou Ferdinand de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*, datado em 1916. Para a Análise do Discurso de linha francesa, tal distinção não é pertinente, pois sob este ponto de vista, aquilo que seria considerado exterior à língua (ou linguagem) é constitutivo e inseparável do discurso, a saber: a língua, o sujeito, a história e suas intersecções.

da língua falada e, por isso, este tipo de norma não tem a rigidez de um código escrito” (ALÉONG, 2001, p. 149, grifo nosso).

A norma implícita refere-se assim às normas linguístico-sociais de sujeitos em práticas interação na sociedade, cada qual posicionado em grupos de pertencimento, com suas especificidades e peculiaridades identificáveis e, principalmente, com suas regras.

Quando se trata dos usos da linguagem, sabemos que eles não se fundam apenas na materialidade da escrita, mas também na fala, por exemplo. Se pensarmos em uma norma explícita e implícita da linguagem não restritivas, poderíamos supor que a *norma padrão*, que *grosso modo* seria aquela em que os usos formais da língua escrita se fazem necessários, como em vestibulares, concursos, tribunais entre outros, estaria contida dentro do conjunto da norma explícita⁵⁷. Além disso, esta estaria dentro de uma outra norma que Rey (2001) chama de *norma objetiva*, que seria o padrão observável da atividade de um grupo, tanto de ordem escrita, quanto oral.

Já a *norma subjetiva* seria as regularizações valorativas que os sujeitos praticam ao considerar que uma determinada variedade é equivalente ao padrão a ser seguindo, em detrimento de muitas outras, às quais são rechaçadas nas ações cotidianas. Em resumo, é uma imagem valorativa criada pelo sujeito com relação à linguagem, estendendo-a a quem a utiliza, ou seja, é a atribuição de “[...] juízos de valor sobre a linguagem e de suas retroações sobre o uso [...]” (REY, 2011, p. 127). Rey (2011) ainda:

A pressão social unificadora, que se manifesta em outros planos pela estruturação das classes, pela tendência à hierarquização (tendência ecológica muito geral), pelo estabelecimento de uma ideologia dominante, cria no plano da linguagem uma tendência à unificação da norma subjetiva [...] (REY, 2011, p. 128).

A norma subjetiva, por ser justamente uma norma com um conjunto de regras e parâmetros, dirige-se também a uma estabilização das práticas linguísticas de modo a seguir, bem como as outras anteriormente citadas, a valoração social de certos aspectos

⁵⁷ A utilização da norma padrão, como uma norma explícita é tão evidente na sociedade que poderíamos nos valer do concurso como exemplo. Em alguns concursos ou vestibulares, quando a escrita é considerada pelos profissionais da linguagem como sendo merecedora de uma alta nota, a redação é ostensivamente divulgada tanto pelas instituições como em cursos pré-vestibulares, torna-se, assim, um parâmetro, um exemplo que deve ser seguido.

da linguagem, o que cria uma imagem em que se projeta um determinado sujeito, em detrimento de outros.

Nesse sentido, a *norma culta*, que por ser aquela que se caracteriza pela fala utilizada por um grupo de pessoas que possuem nível superior e seguem determinadas regras que configuram uma “fala cultivada”, como por exemplo a concordância verbal, nominal e outros aspectos⁵⁸, este fato produz também uma imagem eufórica do sujeito que faz uso dessas regras. Entretanto, “[...] reduzir tudo à norma culta, ainda, identificando-a exclusivamente com regras da gramática tradicional, é um despropósito. Além disso, a norma culta é, como todas as normas, dinâmica, mutável [...] (LEITE, 2008, p. 102). Levando em consideração o conceito de norma subjetiva e a mutabilidade e porosidade que concerne à natureza de toda e qualquer norma, poderíamos incluir a norma culta como estando dentro de uma norma subjetiva, que possui fortes intentos de homogeneização e exclusão pela fala do sujeito em plena atividade linguística.

Quando se pensa em uma norma de cunho discursivo, é importante observar que ela se refere não apenas aos sistemas de domínios estritamente linguísticos, de materialidades verbais, como também a outros sistemas semiológicos, inclusive aos sistemas de representações subjetivas por meio das quais são veiculadas subjetividades. Em suma, ela destina-se à concepção do discurso propriamente, que no presente trabalho é tratado na esteira foucaultiana.

Uma *norma discursiva* não visaria, portanto, apenas os mecanismos aplicados à produção verbal baseada no sistema linguístico em congruência com fatores de outra ordem, como social, duração histórica etc., em geral, tratados metodologicamente como em um movimento pendular, do interior e do exterior à linguagem. Sob uma égide discursiva, ela é tratada de uma outra maneira, pois visa também à produção do próprio sujeito e de sua linguagem, baseadas em sistemas de representações sócio-historicamente produzidas, cujo movimento não é mais pendular, mas interligado, como em pontos em uma grande rede que pulsam enérgica e continuamente.

Os conceitos de *norma* desenvolvidos de maneira concisa no presente trabalho, aplicadas dentro do campo de investigação científica que se dedica ao estudo do funcionamento da língua e linguagem, especialmente referentes à Sociolinguística e Análise do Discurso de linha francesa, observamos que há uma delimitação muito tênue de cada conceito. Cada um deles são identificáveis por suas conceituações formuladas

⁵⁸ Vide LEITE, 2008.

pela análise de seu funcionamento, porém, em seus limites, são notórias certas intersecções.

Se considerarmos, por exemplo, que uma *norma explícita* é aquela que se realiza de maneira ostensiva na sociedade, possuindo uma relação muito estreita com as práticas de escrita, uma *norma implícita* também pode ser ostensiva. Ou especialmente uma *norma discursiva* que é ostensiva, mas também se realiza nas opacidades, pode estar ligada a instituições, bem como pode acontecer de maneira dispersa, nas práticas mais íntimas, periféricas possíveis. Assim, em último caso, chega-se ao desfecho de que as normas linguísticas são, na verdade, uma das modalizações da norma discursiva, que possui por finalidade justamente a *normalização* do sujeito em suas práticas de linguagem. Essa *normalização* não somente molda artesanalmente os sujeitos pelas mãos dos discursos, como também opera uma cisão dos enunciados, daquilo que pode e deve ser efetivado e, em se tratando do “preconceito linguístico”, daquilo que porventura deve ser esquecido, excluído, silenciado? Na prática enunciativa de Felipe Neto evidencia que o *preconceito linguístico* é positivo, ele produz o sujeito que sofre o preconceito e, em especial, quem o realiza. O *youtuber* possui o saber de prestígio, do *saber-poder*, que é partilhado com seus *followers* que estão em concordância consigo. Sendo assim, ele aplica um conjunto de normas de linguagem e da língua para a produção de certos preconceitos positivos sobre a língua, sobre o sujeito.

Desse modo, podemos observar genericamente que tanto Felipe Neto quanto Kéfera Buchmann, em suas práticas enunciativas, localizam-se em lugares identificáveis e não identificáveis, simultaneamente. Podemos delinear o lugar de circulação de certos enunciados e discursos, mas não dizer os limites de seu funcionamento. As espacialidades e temporalidades que eles enunciam estão efetivamente no momento de sua enunciação, mas também em outros lugares, em outros tempos. Os discursos ofertam aos sujeitos a possibilidade de suas enunciações e seus ditos sejam um já dito, contornados pelo acontecimento enunciativo como um jamais dito. Já os meios digitais ofertam aos sujeitos a possibilidade de se multiplicarem, em suas espacialidades e temporalidades, eles podem estar aqui e lá, agora, antes e depois, simultaneamente. Assim, as práticas enunciativas ocorridas nos meios digitais, sob o ponto de vista da Análise do Discurso de viés foucaultiano são, sobretudo, práticas heterotópicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Epiméleia heautoû*⁵⁹, termo de origem grega, traduzido pelos latinos, como *cuidado de si*, é um dos elementos tratados por Michel Foucault em sua primeira aula (da primeira hora) do curso *Hermenêutica do Sujeito*⁶⁰ em 1982, em que buscará mostrar a constituição do sujeito ético constituído na história por meio de técnicas e certos procedimentos que moldam sua existência e modelam sua subjetividade em atualidade: em último dado, trata-se de analisar a relação entre o sujeito e a verdade. Segundo Michel Foucault “[...] *Epiméleia heautoû* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo etc. [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 4).

Segundo a prescrição délfica do *gnôthi seautón* (conheça-te a ti mesmo) é o ponto fundante da relação entre o sujeito e a verdade, noção aparentemente marginal à *epiméleia heautoû*, qual a relação entre os dois termos (conheça-te a ti mesmo e cuidado de si mesmo)? E por que o *epiméleia heautoû* foi deixado na penumbra?

Gnôthi seautón, ou conheça-te a ti mesmo, não seria uma questão filosófica do termo na atualidade da época, segundo a interpretação de Roscher, de 1901. Parece-nos que a sociedade grega vivia sob a égide do comedido. A ponderação dirigia-se, portanto, ao agrado e à apresentação aos deuses. Reconhece-se, assim, três preceitos no qual se inclui o que estamos aqui tratando: O *méden ágan*, o *engýe* e o *gnôthi seautón*. O primeiro significa “nada em demasia”, sendo um princípio ético para a conduta humana. O segundo significa “as cauções”, que dirigia a não fazer promessas aos deuses quando não pode cumprir. O terceiro, por fim, seria o “conheça-te a ti mesmo”, que se dirigia à observação de si para que reduzisse ao máximo a precisão que tem em saber. Tais preceitos seriam postulações para a consulta ao oráculo, aos deuses. Em última instância, o “conheça-te a ti mesmo” não é, de modo algum, um postulado para o conhecimento de si, mas uma prescrição de conduta e prudência. O *gnôthi seauthón* e *epiméleia heautoû* estão intimamente atrelados. O cuidado de si seria uma aplicação concreta da regra geral, baseada no conheça-te a ti mesmo, para que não se esqueça de si, não se descuide de si.

A tarefa de Sócrates, como aquele que incita os outros a ocuparem consigo mesmo, seria de suma importância ao delineamento desse processo. O cumprimento da

⁵⁹ Traduzido pelos latinos como *cura sui*, que significa ocupe-se de si.

⁶⁰ O curso foi editado por Frédéric Gros.

taxe (posição), de fazer os outros a ocuparem-se consigo⁶¹ seria, então, um negligenciar que o filósofo opera ao cuidar dos outros. Cuidar de si e se esquecer dos outros seria, então, a tarefa do filósofo. E, segundo Foucault, a tarefa do *epiméleia heautoû* foi uma tarefa filosófica que perpassou toda a cultura grega, helenística e romana: “[...] todo homem, noite e dia, e ao longo de toda a vida, deve ocupar-se com a própria alma [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 10), fórmula epicurista⁶².

O que se pretende no exame da relação entre o cuidar de si mesmo e conhecer a si mesmo é, para Foucault, mostrar que:

[...] essa história na qual esse fenômeno cultural de conjunto (incitação, aceitação geral do princípio de que é preciso ocupar-se consigo mesmo) constituiu, a um tempo, um fenômeno cultural de conjunto, próprio da sociedade helenística e romana (de sua elite, pelo menos), mas também um acontecimento no pensamento. Parece-me que a aposta, o desafio que toda a história do pensamento deve suscitar, está precisamente e, apreender o momento em que um fenômeno cultural, de dimensão determinada, pode efetivamente constituir, na história do pensamento, um momento decisivo no qual se acha comprometido até mesmo nosso modo de ser moderno” (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Os postulados relacionados entre conhecer-se e cuidado de si estiveram presentes na história e ao longo das diferentes sociedades e regimes discursivos. Passando sob a égide cristã, a significação desses princípios sofreu derivações e aplicações diversas. A noção do *epiméleia heautoû*, como mostra-nos Foucault, possui três sentidos:

- a) É uma atitude de si para consigo e para com o outro, ou seja, é um modo de estar no mundo, de agir e de estabelecer relações com o outro;
- b) É uma conversão do olhar, que seria dos outros para si mesmo, ou seja, a observação dos outros atentando para o que pensam de si;

⁶¹ Para Sócrates, o momento de ocupar-se consigo mesmo equivaleria ao primeiro despertar, do sono obscuro.

⁶² Epicuro utiliza um termo polissêmico para ocupar-se de si, que seria o *therapeúein*, verbo que possui no mínimo três significados. O primeiro seria aos cuidados médicos (terapia da alma). O segundo ao serviço que o servidor presta a seu mestre. O terceiro seria ao culto ao divido, estatutariamente regulada.

- c) É uma ação exercida para si mesmo, “[...] ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos, nos transfiguramos [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 12).

Dessa maneira, para Foucault, ao tomar como tema de estudo o *epiméleia heautoû*, a reflexão não se dirige somente para entender uma história das representações com seus atores e papéis específicos, nem muito menos somente dos pensamentos e formações das teorias, “[...] mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 12), que vai desde o exercício filosófico até o ascetismo cristão e exame da atualidade.

O cuidado de si foi convertido ou repartido em uma série de formulações que a partir dele constrói uma rede de relações: como ter cuidado consigo, sentir prazer em si mesmo, buscar deleite em si, estar em si como fortaleza, permanecer em companhia e ser amigo de si mesmo, cultivar a si mesmo, respeitar-se, amar-se somente (ou primeiramente) a si etc. Esse grupo de princípios, para Foucault, não são somente maneiras de como o sujeito deve proceder em sociedade e, sobretudo, para consigo. Eles se envolvem em uma economia que cria certas subjetividades e molda uma certa estética e ética do sujeito. Evidencia Foucault (2010, p. 13):

[...] Ora, nós bem sabemos, existe uma certa tradição (ou talvez várias) que nos dissuade (a nós, agora, hoje) de conceder todas essas formulações, a todos esses preceitos e regras, um valor positivo e, sobretudo, deles fazer fundamento de uma moral [...] uma vontade de ruptura ética, uma espécie de dandismo moral, afirmação-desafio de um estádio estético e individual intransponível [...]

Essas regras austeras, que além de serem uma positividade, possuem um valor positivo, eufórico. Entretanto, na atualidade, tal conjunto de regras foram transferidas e assentadas pelo cristianismo e pela atualidade como uma moral do não egoísmo, de uma obrigação para com os outros: “[...] seja sob a forma cristã de uma obrigação de renunciar a si mesmo, seja sob a forma “moderna” de uma obrigação para com os outros [...] vieram a ser assentados pelo cristianismo e pelo mundo moderno numa moral do não egoísmo [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 14)

Sobre as razões pelas quais o tratamento pelo estudo do cuidado de si fora deixado de lado seria, justamente o *momento cartesiano*. Para Foucault, Descartes

requalificou o *gnôthi seautón* e desqualificou, em contrapartida o *epiméleia heautoû*. Sua empreitada filosófica do funcionamento da consciência humana isenta de dúvida a partir do pensar, ou do conhecer a si mesmo, desenhou o acesso fundamental para o acesso à verdade no século XVII. Porém, sabemos que para esse estudioso, não importa o verdadeiro, ou o falso, mas como se constroem certas verdades, ou seja, “[...] não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz com que haja e possa haver verdadeiro e falso, o que nos torna possível ou não separar o verdadeiro do falso [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 15) – isso seria, para ele, a concepção de filosofia. Já “espiritualidade” seria um conjunto de experiências e experimentações, convenções e conversões, purificações e ascetes que o sujeito pratica (para se chegar a verdade).

Segundo Foucault, a espiritualidade (transformação do sujeito para ter acesso à verdade) na antiguidade possui três aspectos:

- a) A verdade é inacessível em sua totalidade pelo sujeito, mas ela própria o modifica, pois “[...] a necessidade de que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito acesso à verdade. A verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz de verdade [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 16);
- b) A verdade é uma conversão (trabalho de si para consigo). Esse movimento arranca o sujeito de seu estado pela verdade, que chega até ele e o ilumina. O movimento é feito pelo *éros* (amor).
- c) A verdade é um trabalho. “[...] Trabalho de si para consigo, elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (*áskesis*) [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 16).

Em resumo, para Foucault, a verdade não é dada ao sujeito de maneira a recompensá-lo, ou de modo gratuito. Há necessidade de haver um trabalho, uma transformação do sujeito. Procedimento este cunhado por Foucault como *efeito de retorno da verdade sobre o sujeito*. Ainda, “[...] na verdade e no acesso à verdade, há

alguma coisa que completa o próprio sujeito, que completa o ser mesmo do sujeito e que o transfigura [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 16-17). Entretanto, a transformação que se opera a verdade é do sujeito, em si, não do indivíduo. E “[...] a *epiméleia heautoû* (cuidado de si) designa precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, o conjunto das transformações de si para consigo que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 17).

Na Idade moderna encontra-se o que Foucault chamou de *momento cartesiano*, em que o verdadeiro é o próprio conhecimento, e somente ele pode ser capaz de constituir intrinsecamente e extrinsecamente a verdade. Intrinsecamente porque o sujeito é capaz de chegar a verdade por meio de um exercício de conhecimento, de reconhecimento da verdade e a ela ter acesso por meio de práticas e procedimentos de pensamento, como métodos e objetos a conhecer. Extrinsecamente, o acesso ao conhecimento possui ao menos três condições: *condição de sanidade* (o louco não possui acesso à verdade); *condição cultural* (é preciso ter realizado estudos e possuir uma formação); *condição moral* (é preciso esforçar-se, de modo que o conhecimento, e somente ele, seja o interesse).

A própria definição do conhecimento e ocupação de si como práticas realizadas pelo sujeito, este que é capaz de produzir e verdades, e estas, por sua vez, é capaz de salvar o sujeito, de modificá-lo. Entretanto, “[...] diremos então que a idade moderna das relações entre o sujeito e a verdade começa no dia em que postulamos que o sujeito, tal como ele é, é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito” (FOUCAULT, 2010, p. 19).

Desse modo, constata-se que as práticas discursivo-enunciativas realizadas por sujeitos *youtubers* nos meios digitais configuram-se, na contemporaneidade, como práticas de aluição e multiplicação de subjetividades e efeitos de verdade, aos quais os sujeitos se ligam, dos quais se apropriam, a partir dos quais se ramificam e se ausentam.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, V. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zaar, 1999.
- ALÉONG, S. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M (Org.) *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 141-170
- BAGNO, M. Introdução: norma linguística e outras normas. In: BAGNO, M (Org.) *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 9-21.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- BRAIT, B. Análise do Discurso: balanço e perspectivas. In: GREGOLIN, M. R. & NASCIMENTO, E. M. F. S. (org.) *Problemas atuais da Análise do Discurso*. Araraquara: 1994, Ano VIII, nº 1.
- BRANDÃO, H. N. A subjetividade no discurso. In: GREGOLIN, M. R. & NASCIMENTO, E. M. F. S. (org.) *Problemas atuais da Análise do Discurso*. Araraquara: 1994, Ano VIII, nº 1.
- BURGESS, J & GREEN, J. Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.
- COSTA, R. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 2003.
- COURTINE, J. J. *O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985)*. Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, nº 6, p. 5-18, abr. jun. 1999.
- COURTINE, J-J. *Decifrar o corpo*. Pensar com Foucault. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- FLORES, V. et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, V. N & TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2008a.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.
- FOUCAULT, M. *As verdades e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

- FOUCAULT, M. Linguística e ciências sociais. In: _____. (org.) *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento: Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: _____. (org) *Estética: Literatura e Pintura, música e cinema: Ditos e escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 411- 422.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000b.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Forense Universitária, 2008c.
- GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- GREGOLIN, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Linguagem. Vitória da Conquista: UESB*, 2007.
- GREGOLIN, M.R. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (Org.). *Estudos do Texto e do discurso. Mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 19-34.
- GREGOLIN, M.R. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J.B. (org.). *Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: UFU, 2003.
- GREGOLIN, M.R. Bakhtin, Pêcheux, Foucault. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 33-52
- GREGOLIN, M.R. J-J Courtine e as metamorfoses da análise do discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V. et ali. *Discurso, Semiologia, História. São Carlos: Claraluz*, 2011.
- GREGOLIN, M.R. Michel Pêcheux e a história epistemológica da Linguística. *Estudos da língua(gem)*. Vitória da Conquista: UESB, nº1, 2005, p.99-111.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2007.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

- LUCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M (Org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 63 – 92.
- MALDIDIER, D. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MELO NETO, J. C. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2000.
- PUECH, Ch. A emergência do paradigma semiótico estrutural na França. In: SARGENTINI, V. et ali. *Discurso, Semiologia, História*. São Carlos: Claraluz, 2011.
- REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- REY, A. Usos, julgamentos e prescrições linguísticas. In: BAGNO, M (Org.) *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 141-170
- SARGENTINI, V. & GREGOLIN, M. R. (org.) *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008.
- SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da análise do discurso no Brasil. In: *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ANEXO – Transcrição das materialidades audiovisuais

Youtuber: Kéfera Buchmann

Canal: Sinco Minutos

Vídeo: Kéfera responde #24 – A maior vergonha que já passei?

Data: 15 de agosto de 2017

Comentário ao vídeo por Kéfera: “Oioi gente, fazia tempo que eu não fazia um Kéfera Responde, então eu decidi responder mais umas perguntinhas que você me fizeram”.

Categoria: Entretenimento

Licença: Licença padrão do YouTube

Endereço de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=7xo0wB8DHS0>

Kéfera: Oi, oi, gente!!! Ai... Pera... Ai... Sim... Eu sei, eu sei. Eu também levei... Eu também levei o mesmo impacto porque... Eu sei, esse vídeo vocês estão esperando desde de semana passada porque, né? O que que eu falei? Que nesse vídeo ia ter o trailer do meu novo filme, então, solta aí DJ

E1: Talvez você tenha razão: uma organização...

Kéfera: A gente precisa mudar o cardápio.

E1: O cardápio?

E2: Tá, tá, tá, cu, cu

E3: Tá “cu” o quê, Barbosa?...

E1: Vamo parar?!

E2: Tá, tá, tá, tá cu, cu, cozido demais

Kéfera: Cortou, pera aí, voltou... Q, q, q... ähn ähn ... ehn ... Que que aconteceu? Por que parou no meio? Êh? Nem no meio foi. Que que aconteceu, Kéfera, é um jogo comigo isso? Que palhaçada é essa?

É uma palhaçada mesmo porque, gente, vocês vão ficar putinhos da vida comigo, mas ah... Bem-vindos a mais um “Kéfera responde” Deveria ser: “Kéfera engana trouxa”.

Gente, calma, não vai ser nesse vídeo, bem nesse vídeo ainda que eu vou mostrar o trailer do filme pra vocês. Que eu não sei, me deu uma vontade ainda de, de... De ver o poder de vocês ainda. Quero ver sei lá... Será que esse vídeo bate... cem mil *likes*?... Será que sei lá, os comentários vão bombar desse vídeo?... Não sei, quero ver ainda o poder de vocês, cadê os Ké-lovers na ativa pra ver se, se... ca, ca, cadê, cadê? Quero, Quero ver... Parei mesmo, so, so, sou locona memo, sou cuzona memo. Então parei o trailer no meio do caminho, tá? Pra atiçar um pouquinho mais a curiosidade de vocês. E se derem *deslike* por isso, aí é que eu não no ar.. Aí é que eu ã... opa... Quase que eu caí aqui, querida. Cuidado com o tripé. Cuidado com a burra, linda. Aí se der *deslike*, aí que eu não coloco a porra do trailer no ar mesmo. Porque sou dessas... Cuidado com a venenosa aqui ó: ... Semana que vem tem o vídeo. Não, mentira. Semana que vem vai ter o vídeo memo. Talvez... não sei... deixei no ar...Então vamo lá: como vocês estavam há muito tempo me pedindo muito um “Kéfera responde”, toma um “Kéfera responde” na cara de vocês. Bem na cara de vocês. Vamos lá, não fiquem putos comigo e vamos responder a primeira pergunta desse Kéfera responde, porque eu sei que vocês, cá entre nós, que a gente é tudo íntimo, então a gente pode desabafar que a gente estava com saudade do “Kéfera responde”, e eu estava com saudade de responder as perguntas de vocês, e vocês estavam com saudade de ouvir as minhas belíssimas respostas (ze zes postas !@#)\$)... Que agregam... Nossa, senhora... (!@#)\$)... Eu fiz um *beat-box* aqui... Essas respostas que agregam muito na vida de vocês, como por exemplo essa excelentíssima pergunta aqui ó:

El/ Kéfera: “Kéfera, você se imagina com 70 anos?”

Kéfera: Resposta dela... Não me imagino, querida. Puta, que informação do caralho, olha aí... Cês num iam poder dormir sem isso... Não, mentira, com 70 anos, qual é minha visão de pessoal com 70 anos? Essas pessoas já estão um pouco com artrite, com artrose, com reumatismo, não t, t, tenho medo, tenho um pouquinho de medo. Por exemplo, eu já com 14 anos, já dei uma leve zuadinha no meu joelho... Então tenho um pouquinho de medo de como vai tá meu joelho, por exemplo, de quando eu tiver 70... Será que meu joelho ainda vai estar aqui? Se Deus quiser, né? A gente torce pra que sim. Mas eu tenho medo de comé que vai tá o joelho vai tá lá, os mamilos vão estar em contato com os joelhos se ele ainda estiver... Vai tá tudo meio lá embaixo... Tudo mesmo lá embaixo... Eu tenho um sonho... de ficar velhinha com alguém... porque eu sou uma pessoa muito romântica. Não, é sério, apesar de vocês terem essa visão de que eu sou uma caminhoneira vida loka, escrota que arrota, eu sou uma menina muito

romântica e sonhadora, que às vezes faz umas histórias meio Disney na cabeça. Eu queria muito ficar velhinha com alguém, porque eu fico... Eu acho muito fofo, quando eu vejo um casal de velhinhos, assim, na rua, é... andando de mãozinha dada, tipo, os dois de bengalinha, acho muito bonitinho...

Próxima pergunta: Anelisa Lucas, que nome é esse, amiga?... Tá quase pior que Kéfera, que isso... “Se você fosse um cachorro...” Mentira, tadinha, desculpa, um beijo pra você, tudo de bom, vai dá tudo certo na tua vida, só seu nome que é um pouco esquisito, mas tudo bem, meu nome é Kéfera, então quem sou eu pra te falar alguma coisa...

“Se você fosse um cachorro por um dia, o que você faria? Manda um beijo pra pinhal” Um beijo pra pinhal. E com certeza seria lamber minha vagina.... óbvio, gente, pelo amor de Deus... Já falei isso no último vídeo, inclusive. Eu n... mentira, eu não falei isso, lógico que, foi impressão que vocês ouviram no último vídeo e vocês tiveram a impressão de que ouviram tudo de novo agora... (!@#)\$...

Próxima pergunta: “Qual foi a maior vergonha q já passou em uma balada?” Qual foi a maior vergonha que eu já passei em uma balada? Foi com você? Ah, eu sei uma vergonha que eu passei: estava eu numa balada, com meus amigos, e daí eu estava no andar de baixo, os meus amigos estavam no andar de cima. E aí eu avistei eles de longe, e eu estava na pista dançando, e eles estavam me vendo e eu estava dançando e até então estava tudo bem e aí tinha um degrau e eu fui até eles, e no meio do caminho e fui até eles e bum! Eu sumi no meio da pista, porque tinha um degrauzinho e eu sucumbi perante todos. E aí quem tava em volta de mim me reconheceu, só deu assim ó: a Kéfera caída. Não é a Kéfera ali caída? Ó a Kéfera no chão. Só alguns burburinhos do tipo e pessoas me ajudando e me catando do chão, me puxando pelo braço. Aí me cataram. Surgiu o namorado da minha amiga pra me catar do chão e me puxou pelo braço da maneira menos delicada possível, porque ele é meio ogrinho, e aí eu fui salva. Ah, não foi a maior vergonha, mas é que agora de cabeça eu também não lembro, porque gente, cá entre nós, eu tô passando vergonha o tempo todo, né? Hum então fica meio difícil lembrar de uma vergonha específica. Ainda mais até porque quando eu estou na balada, a gente bebe um pouquinho, aí fica meio difícil de lembrar especificamente mais ainda da vergonha. Mentira, que eu não sou essa pessoa bêbada que sou... Só um pouquinho... Não, gente, cá entre nós, ninguém é santo aqui nessa porra, não vou fazer a namoradinha do Brasil, quando a gente vai para uma balada a gente bebe um pouquinho e aí quando a gente bebe um pouquinho é um pouquinho mais

difícil de a gente lembrar das coisinhas, mas não façam isso em casa. Aliás, na balada, não bebam, pronto... E daí num sai: “Ah, Kéfera... Ah, a influenciadora que tá convertendo os jovens para as bebidas, pronto, então não bebam, porra, porque eu já tô...

Próxima pergunta: “Se vocês pudessem passar um mês de férias com os seus fãs, qual seria o melhor lugar, além do hospício, claro?... (RISOS) Juro que ele falou isso (RISOS). Olha só você respondeu (RISOS)... Não, mentira, tô brincando, é que têm uns Ké-lovers que são meio vida louca (RISOS) Ah, sei lá, acho que... Não, Disney é um opção, tá? Disney é uma opção porque todo mundo iria se divertir, tal, todo mundo a ficar indo nos brinquedos, tudo mais, provavelmente iria me entupir daquelas comidas loucas, doces que têm na Disney. Eu nunca fui na Disney, aliás. Seria um bom legal, um bom lugar, seria um bo lu r (!@#\\$)... “Alô, o quê? Que que ela tentou dizer? Oi, tudo bom? Ela tentou dizer seria um bom lugar, tá bom? Brigada. Um beijo. Tchau, tchau. Então Disney, porque eu nunca fui pra Disney também. Vamo todo mundo pra Disney, foda-se, um mês na Disney.

Próxima pergunta: “Além de peças de teatro, você também gosta de musicais da Broadway?” Sim, gostaria muito de fazer um dia, inclusive isso está nos meus planos, por que não? Fica lançado o *Spoiler*. Aliás, falando em *spoiler*, gente, cês tão vendo que, que, que ó o Querido Dane-se aqui ó... Lembrando que se você comprar o meu terceiro livro “querido Dane-se” que está ali, escondidinho, fazendo um pequeno mercham, um auto mercham dele mesmo, tá alí ó, tá se auto merchanzando, se você comprar na pré-venda da Saraiva, você recebe seu livro autografado, então corre pra comprar o livro na pré-venda da Saraiva, vou deixar o link aqui na descrição, tá bom? Aqui embaixo.

“Se um brinquedo do Toy Story morrer, a criança continua brincando com o cadáver dele, já pensou nisso?” Caralho! Amiga, que pesado.

“Como xingar alguém com classe?” Seu equino, eu lhe odeio. Foi com classe. Eu chamaria de Equino, com classe. Chama de cavalo, mas... Chamou de equino... Entendeu? Pronto. Se alguém falar alguma merda, fala “seu equino, cala a boca, seu equino”. Não, não pode mandar calar a boca porque daí tem que ser com classe. Potro. Gosto da palavra potro.

“Se você tivesse que escolher um planeta para morar, qual seria?” Marte. Porque deve ter vida lá, e tem uma teoria que dizem que tudo começou em marte que daí

migrou pra terra... O Castanhari que me falou isso. Encham o saco do Castanhari no *Twitter* pra ele explicar essa teoria dele, que foi ele que me contou, uma coisa assim..

“Terá um quarto livro” Querido... Querido, eu vou pegar essa bosta aqui e dá na tua cara. Eu acabei de lançar isso aqui, não tá nem lançado, tá na pré-venda, e tu tá me perguntando de um quarto, t tá me perguntando de um... de um quarto livro? Vai, vai ter quarto livro sim.

“Largaria o YouTube pra fazer um filme em Hollywood? Óbvio. N, n... Cê viu que eu nem quis terminar de ler o... a pergunta que pra eu já soltar aqui... Lógico que nããão... Cuidado com a falsa. Gente, assim, “largaaar o YouTube” é uma palavra assim.. que não é nem uma palavra, é uma frase “largar o YouTube”, mas largaaar o youtube, que, que coisa pesada de ser dita, mas por que não fazer vlogs em Hollywood, enquanto faz o filme? Q... (!@#\$)... Que rico que seria isso. Acho chique. Acho nobre.

“Ké, entre comer um sanduíche de pelo e tomar um copo de suor, qual escolheria?” Augh... Q, q... Que nojo. Que porra. Gabi Naara, sua porca. Que merda, caralho, nossa, tomar um copo de suor, foda-se, eu tenho muita aflição de pelo éi ó, tem duas coisas que me fazer perder o apetite enquanto eu tô comendo, que é cabelo, pelo na comida e falar sobre amoeba comigo, enquanto eu tô comendo. Falar “amoeba” quando eu tô comendo, eu paro e fico puta, juro, eu tô comendo, fala de amoeba, na minha ó.. (!@#\$)... Geleca, gele... sabe aquela geleca maldita? Me dá uma ânsi... Sobe a comida aqui ó... Me dá uma ânsia, eu paro de comer (Uhrhum TIPO CACHORRO) dá um n... dá até um ruim.

“De onde surgiu a ideia e o convite de fazer o terceiro livro” Eu já tinha a minha editora como a minha parceira, de vontade de fazer um terceiro livro... Eu gosto muito de escrever, desde nova, então... eu tinha muita vontade de fazer uma ficção e principalmente que fosse um romance, a ideia foi baseada pegando várias pequenas coisinhas de... de experiências que eu já tive na minha vida e de coisas que eu já ouvi, histórias de amigas minhas e aí eu peguei um ponto pra Sara ser paranoica que era essa historia dela ter que casar antes dos 30 e aí eu falei: “cara, vou focar nisso, e aí eu vou desenvolver a historia em cima disso”, mas aí a paranoia principal dela vai ser isso. E aí eu fui pegando uma mistura de, de coisas que eu já vivi, de coisas que amigas me contaram, de coisas que eu imaginei que seriam legais de serem vividas, de coisas que eu imaginei que seriam, que poderiam ter acontecido comigo mas não aconteceram.. E aí saiu o Querido Dane-se. E eu tô ansiosa pra vocês lerem, porque foi feito com muito carinho, e eu me dediquei bastante pra ele... De verdade.

“Qual sua reação ao apertar em um vídeo e é o gemidão?” (RISOS) Cara, eu, eu demorei pra cair no gemidão, eu não sou muito de, de abrir vídeo de whatsapp que me mandam, mas quando eu abri eu fiquei meio tipo assim, eu abri e falei “mano, que porra é essa? Dá onde tá saindo esse gemido?” Eu fiquei, mano, será que é vírus? (RISOS) Será que é vírus que pegou no celular? Que porra é essa? Eu fiquei sem entender nada. Até eu entender que era a porra do gemidão e tal levou um tempinho, mas aí logo peguei... Mas eu sempre caio no gemidão, sempre, sempre caio, sou muito trouxa.

“Você prefere atuar de comédia ou drama? Você faria uma personagem lésbica ou trans? Uhh... Adorei essa pergunta. Eu adoro a ideia de fazer um drama, quero muito, inclusive. Não ficar só fazendo comédia. E óbvio, lógico que eu faria uma personagem lésbica e uma trans. Lógico, tipo m.. nossa, super, cem por cento, seria um.. m, m.. seria um puta personagem que eu ia adorar fazer.

“Kéfera, o que você mais gostou no Egito e por quê? O templo da deusa Ísis, a deusa do amor, eu senti uma energia maravilhosa lá dentro e, gente, segura o coração, que tá chegando “Kéfera viaja”, os vídeos já estão prontos e editados, e a gente vai lançar, a gente quem, né, querida? Eu vou lançar no canal e os vídeos ficaram irados, então cês vão gostar muito e tem muita coisa legal da viagem que eu filmei, que eu mostrei pra vocês nesses vídeos e os vídeos tão muito especiais e eu vou ficar muito feliz quando vocês assistirem. Então aguardem que “Kéfera viaja Egito” tá chegando.

“Qual sua pior foto da galeria?” Guenta... Eu sou cheia das fotos (RISOS) Mano, eu não sei por que eu tenho uma foto dessas (RISOS) **É essa...** (RISOS). São fotos que eu mando pra Marisa (RISOS) Noun... (RISOS) Eu achei uma pior do mundo, mas eu num vou mostrar, vou passar ela rapidamente (RISOS). Mas foto feia **na minha galeria é que eu mais tenho** (RISOS).

“Se você pudesse voltar ao passado, o que você diria pra Kéfera da escola que sofria bullying?” Fia, relaxa... Vai dar tudo certo. Fia, relaxa que sério, espera chegar até uma idade aí que olha, muié, cê vai tá ó... Tchuca! (RISOS) E cê vai tá, olha, com um cara gato, um cara gato, babado... Diz que sim, amor. (RUÍDO) Cê se acha lindo, amor? (RISO 2) Trabalhando pra ter essa autoestima aqui ó... (RISOS).

“Qual seria sua reação se seu filho te cotasse que é uma menina trans?” Cara, eu ia apoiar muito, não iria ter nenhum problema com isso, e iria com certeza dar maior força e me juntar mais ainda... Lutar contra os preconceitos que ela enfrentaria no mundo, assim.. É... Que a gente sabe que infelizmente as pessoas ainda são babacas, escrotas, e não aceitam isso, e eu acho que a gente tá atualmente num... num mundo

onde as pessoas estão aceitando um pouco melhor a questão de transe tudo mais, opção sexual das pessoas também, ainda tem muito preconceito em cima disso, ainda tem muita pessoa fazendo piada em cima disso, que é ridículo.

“Se Deus falasse: Kéfêra, chegou seu dia, você vem comigo. Você iria feliz e realizada ou iria pedir pra ficar até realizar o que mais deseja?” Eu iria pra ficar, gente, ainda tem coisa que eu quero fazer, oxi, quer me matar já? Oxi..

E essas foram as perguntas que eu respondi hoje pra vocês, não fiquem tão bravos comigo por e não ter mostrado o trailer, eu prometo que semana que vem eu vou ser boazinha e eu vou mostrar, tá bom? E é isso, um beijo, até o próximo vídeo, nossa, fiquei cansada, respondi bastante pergunta, hein? Um beijo, até semana que vem (beijo) e tchau.

Youtuber: Kéfera Buchmann

Canal: 5inco Minutos

Vídeo: Crateras na bunda!

Data: 8 de setembro de 2015

Comentário ao vídeo por Kéfera:

“Por que é que nós mulheres insistimos em procurar defeitos em nossos corpos? Nada é mais desastroso do que ficar olhando a própria bunda no espelho em busca de novas celulites. Bem, uma coisa é fato, quando menos esperar novas crateras aparecerão na sua coxa para atormentar seus pensamentos

Visita a minha loja e conheça os novos Produtos!

<http://www.keferastore.com.br>

Siga-me nas minhas redes sociais!!!

→ Twitter: <http://www.twitter.com/kefera>

→ Fanpage: <https://www.facebook.com/5incominutos>

→ Instagram: <https://instagram.com/kehbbuchmann>

→ Snapchat: keferabuchmann

→ Kéfera Vlog: <https://www.youtube.com/user/keferavlog>”.

Categoria: Entretenimento

Licença: Licença padrão do YouTube

Endereço de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=Ner_Zq4BFY0&t=43s

Oi, oi, gente! No vídeo de hoje eu vou falar de um defeito muito comum de você e nós, todas, eu com ela, eu sem ela, nós por cima, nós por baixo: mulheres! A gente tem um problema maravilhoso chamado: eu adoro procurar por defeitos em mim e quando eu os acho eu fico muito frustrada e começo a chorar. Uma coisa que mulher faz muito é chegar na frente do espelho pelada, porque não basta chegar de roupa, bonita, fazer a egípcia uhul... Autoconfiante, maravilhosa. Não! A gente chega pelada, Aí a gente fica fazendo umas pose escrota: chupa a bunda pa dentro, empina o quadril, fica

meio corcunda, aí junta o braço assim, sabe? Pra ver se tá gorda... Fica fazendo um monte de posição escrota pra ver defeitos e achar problemas na gente (MÚSICA) Por exemplo, quando eu tô num dia que eu tô me achando muito maravilhosa, aí eu chego na frente do espelho e falo assim: não pode ser, não é possível, tem algum problema aí só que eu não tô vendo. E aí eu começo a procurar, isso se chama... Exatamente! Burrice! Quando a gente tá feliz, a gente podia continuar feliz, mas não, a gente opta por sofrer, e aí a gente fica procurando defeitos... Quando acontece o maldito momento em que encontramos uma nova celulite. Ai, meu Deus! Aii... Seria isso uma nova celulite? E aí a gente sofre, a gente chora, a gente pensa puta que me pariu, x-burguer maldito, tem um buraco, uma cratera na minha bunda além do meu cu, porra, porra, caralho, porra... E aí cê começa a espremer mais ainda, assim, se contorcer mais ainda, pra ficar focando mesmo naquele problema, cê fica apertando o buraco da celulite, pra cada vez fazer um buraco maior e cê fala: filha da puta! Caralho, por que é que eu fui comer açúcar? Agora tem aí, olha aí ó, o Grand Canyon tá na sua bunda. E aí você procura também outros defeitos. E se cê tá nesse processo de engorda, emagrece, engorda, emagrece, engorda, emagrece, cê acha uma estria nova. Aí, quando você acha esses defeitos, você repensa todos os brownies que você comeu, todos os cafézinhos, que quando perguntaram pra você: adoçante ou açúcar? Açúcar. Por que é que eu falei açúcar? E o pior de tudo é você contar com a amizade nessas horas. Por que você chega pra sua amiga e aí você mostra a nova celulite que você acabou de descobrir: Meu Deus, cê tá vendo? A um mês atrás eu num tinha isso. E a sua amiga, que que ela faz? Ela é honesta com você? Ela te pega pela mãozinha e te leva na academia? Ela pega você no colo te leva pra um centro estético pra você ficar fazendo aqueles aparelho ou massagem que dói pra cacete pra tirar o buraco da sua bunda? Não! Ela fala o seguinte: Magina, miga, que buraco? Num tem nada, cê tá ótima, cê tá linda, miga, mais linda do que nunca, isso aí é pira da sua cabeça. Sabe por quê? Porque a sua amiga, ela é uma maldita. Não confia na sua amiga quando ela diz que você tá bem, porque você não tá. Provavelmente tem um novo cu na sua nádega direita que ela tá tentando te enganar. Esse tipo de amiga num é amiga boa, amiga boa é aquela que avisa quando você engordou, quando você tá com celulite nova, aquela que fala: amiga, tem uma pelanca surgindo aí, tu num devia tá na idade das pelanca ainda, vamo pegar um durex, pegar essa pelanca e grudar ela pra cima, entendeu? Não, ela num tenta te arranjar uma solução. Ela fala: magina, migaaa... Tá ótima, cê tá linda, meu deus do céu. Se colocassem você e a Gisele Bündchen uma do lado da outra, eu ia escolher você, miga,

porque você é maravilhosa, você é mara, você é vida, você é tudo, te amo, você é lindaaa... E aí tá lá você com 5 novos buracos daqui a pouco, porque se depender da sua amiga ela vai continuar a te levar para o caminho do açúcar, o caminho que você vai mergulhar numa piscina de refrigerante e vai tomar no meio do seu cu. Aahh.. que escrota, que babaca, nossa, cê tá se importando com estética... Queridinha, num é uma questão de ser escrota, de ser babaca. É uma questão de que toda mulher faz isso. E toda mulher fica chateada quando descobre novos defeitos. Aahh.. Eu sou feminista... Celulite num é defeito, celulite é fato de liberdade de expressão. Ah, meu cu pra puta que pariu, cara, num seja chata. Você é uma escrota. Você tá querendo dizer então que todas nós temos que ser paniquetes. Num é você que defendia as gordas? Cala a boca, puta. Eu num tô dizendo: Ai, meu Deus, quem tem celulite vai pro inferno, quem tem celulite é idiota, eu odeio celulite, mulher num pode ter. Eu num tô falando isso, eu tô falando que é um momento muito triste quando você descobre nova celulite. Celulite, queridinha, desculpa te informar, mas até a Beyonce tem. Beyonce, Beyon C, Beyonsabe, Beyonceee... Num sei como pronuncia direito o nome dela. Inclusive mulher filha da puta de maravilhosa, tenho muita raiva dela, que olha, demorei meses pra achar uma foto dessa vagabunda na internet que aparecesse uma celulite de tão bonita a filha da puta que é aquela bunda dura que chega na nuca. Infelizmente até a Beyonce tem. Infelizmente o caralho, porque eu fiquei muito feliz quando eu descobri que ela tem celulite, eu fiquei muito tipo (RISOS) * Nem você escapou, sua puta (RISOS)* Beyonce tem celulite Tem um coro de mulher que ficou muito feliz. Porque isso é outro ponto: mulher é um bando de filha da puta a ponto de que, quando a gente descobre que tem alguma famosa que é maravilhosa, que a gente não achava defeito, quando a gente vê uma foto dela que tem ali ó um buraquinho, tem uma gordurinha ali saindo, uma estriazinha, cê fala (RISOS) uuuuhh... Comemoro mesmo, cara, compro um bolo, me entupo de pizza pra comemorar a celulite da outra, entendeu? E num é porque cê é uma escrota perfeccionista, talvez seja, tô falando que eu fico feliz de saber que as outras mulheres são gente como a gente. E eu sei que é ignorância achar por um momento que elas num são gente como a gente, que elas num têm defeitos. Cara, entenda, essas divas do pop, elas são muito endeusadas de um jeito que a gente fica chateada as vezes. Essas mulheres são maravilhosas, que chance tenho eu de ser linda perto dessas vag... (CORTE LISTRAS DE CORES) A gente fica com um pouco de ódio, num dá pra dizer que não. Você não seja escrota de ser ridícula de falar que num tem ódio xxxxx... Vocês tão assim... Eu quero vocês assim... E eu estou chamando celulite de defeito aqui,

porque cá entre nós, mas ninguém queria ter. Então se é uma coisa que ninguém queria ter, pra mim é um defeito. Eu já fui extremamente complexada com celulite, eu passei um ano, que foi, acho, que do ano retrasado até o ano passado usando calça, porque eu tinha tanta celulite de tanta merda que eu comia, mas era tanta celulite que o sol batia os buraco fazia assim ó (SOM) tô aqui, cacete. UH... E aí eu morria de vergonha, ficava desesperada, tipo, ai, meu Deus do céu, por quê? Ainda tenho celulite? Ainda tenho celulite, só que a academia e a alimentação saudável entraram na minha vida e aí tudo mudou, gente, indico pra todas, porque olha, eu num podia usar shorts, segundo eu mesma, porque daí tem lá as mulher que ficam “ah, meu deus, toda mulher é linda”, de fato, tudo bem, todo mundo tem sua beleza, concordo, jóia, mas eu num conseguia usar shorts mostrando minhas pernas (SOM) cheia de buraquinho, entendeu? Não me sentia confortável, não me gostava daquilo. Tudo bem ser gordinha, mas esburacada, daí eu num curtia. Você tem ódio da sua celulite, não é possível você gostar. Cá entre nós, se você gosta, você é fora da curva, você é esquisita, mas respeito e admiro, parabéns por mostrar sua celulite, queria eu ser assim. Hoje em dia, sinceramente, lido bem e tenho bem menos, então a minha vida tá melhor por conta disso, não virei uma babaca escrota, preocupada cem por cento com estética, só setenta e cinco por cento escrota. Me conformei, aceitei, num vai sair pra sempre, assim, tudo, por mais que a gente se cuide, sempre vai ter aquele buraquinho ali maldito que vai falar: linda, tô aqui. E aí com a celulite a gente acaba se conformando. Eu era muito magra, aí eu virei uma criança obesa, aí eu virei uma criança problemática magra, aí eu fiquei obesa de novo, aí eu emagreci, aí eu engordei tudo muito mais do que sempre pra sempre cheguei no ápice da minha vida que foi a um ano atrás, como vocês podem acompanhar por essa foto aqui maravilhosa, olha como eu era em novembro do ano passado, novembro de 2014 (SOM) Essa lua redonda maravilhosa, olha aqui, maravilhosa, essa era eu. Enfim, passei por milhares de efeito sanfona (SOM) Caralho, eu tô com muitos gases, que saco. É muito escroto peidar no YouTube? Desculpa, gente, foi mal. Me sigam em todas sociais. Não se esqueça de ver meus últimos vídeos e de ver os vídeos do futuro, que eu tô prevendo o futuro, eu vou continuar fazendo vídeo. E não se esqueça também de comprar minhas camisetas em keferastore.com.br. Lá tem um monte de camisa, no momento eu num tô vendo nenhuma aqui perto. E sinceramente, eu estou fazendo esse vídeo só de calcinha, então se eu sair daqui pra pegar alguma coisa, vai aparecer minha bundinha, então tô tranquila, vou ficar por aqui mesmo. Me fala aqui em baixo se você se sente desconfortável com a celulite. Você que é homem e tá assistindo esse vídeo

comente aqui se realmente homem não se importa com celulite, porque quando eu pergunto pro meu namorado ela fala: magina, tá linda, num vejo nada. Celulite, onde? Mas eu sei que ele tá fazendo a Kátia a cega, entendeu? Ele tá me poupando da verdade. Se você é homem, você repara? Você já falou pra tua namorada que ela tem celulite? Você já falou alguma sinceridade ou você foi uma amiga que chegou e falou pra amiga: amiga, entããã... o que que é esse braile aí na sua coxa? E se você gostou e se identificou com esse vídeo não esquece, por favor, do joinha, que você dá aqui em baixo pra mim. E... Tchau (RISOS) Beijo (SMACK)

Youtuber: Felipe Neto

Canal: Felipe Neto

Vídeo: Dieta

Data: 4 de março de 2016

Comentário ao vídeo por Felipe Neto:

“Entre: <http://www.minhavidanaofazsentido.com.br>

//// VENDA DE INGRESSOS ////

05/03 - Caxias do Sul / RS

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

06/03 - Porto Alegre / RS

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

13/03 - Petrópolis / RJ

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

18/03 - Teresópolis / RJ

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

19/03 - Nova Friburgo / RJ

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

20/03 - Rio de Janeiro / RJ

26/03 - Porto Velho / RO

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

27/03 - São Paulo / SP

<https://www.ingressorapido.com.br/com...>

01/04 - Jequié / BA

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

02/04 - Ilhéus / BA

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

03/04 - Itabuna / BA

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

09/04 - Campo Grande / MS

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

10/04 - Dourados / MS

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

15, 16 e 17/04 - Brasília / DF

<http://www.ingresso.com/brasil/brasilia/home...>

29/04 - São Caetano do Sul / SP

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

30/04, 01/05, 07/05, 08/05 - Niterói / RJ

<http://www.ingresso.com/niteroi/home/...>

14/05 - Araçatuba / SP

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

15/05 - Birigui / SP

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

10/06 - Presidente Prudente / SP

<http://www.bilheteriarapida.com.br/de...>

11/06 - Marília / SP

<http://www.tkingressos.com.br/loja/pr...>

19/06 - Cuiabá / MT

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

24/06 - Ribeirão Preto / SP

<http://www.bilheteriarapida.com.br/co...>

Categoria: Entretenimento

Licença: Licença padrão do YouTube

Desliga o ar, pa ficar calorzinho. De que aí acaba o barulho e acaba também a sensação de querer viver. (BARRAR DE CORES) Olááá... Eu sou o Felipe Neto e seja bem-vindo para mais um vídeo... Eu odeio fazer dieta. Eu sei que essa frase é clichê pra caralho, né? Que tipo de pessoa numa conversa e fala: gente, eu adoro fazer dietinha, adoro me privar. Não, eu sei que todo mundo odeia fazer dieta, mas eu odeio pra caralho fazer dieta. E antes de começar esse vídeo, www.minhavidanaofazsentido.com.br, garanta o ingresso para apresentação da minha peça na sua cidade, é só comprar e garantir. Vambora. Algum tempo atrás eu percebi que eu tava ficando com um físico de boião de gás. Que meu corpo ia pra casa do caralho, porque a tendência da minha família era essa, família muito magra com uma pança. Falei: não posso deixar que isso aconteça comigo, eu sou uma pessoa que me cuido, eu sou uma pessoa que me preocupo. Nutricionista, montagem de dieta, personal trainer, coach da vida, assessor e o caralho, todo mundo cuidando de mim. É muito difícil você ser feliz sem um Big Mc. Num tinha que ser faculdade de nutrição, tinha que ser chamada faculdade de filha da puta, o filho da profissional, o cara que vai foder

a sua vida, ele vai olhar pra você, naquele momento em que você está desesperado falando: poxa, doutor, me ajuda. Quando cê vai no médico e fala isso, ele te dá um remédio pra cê se sentir melhor, quando você vai num psicólogo e fala isso, ele fala uma coisa pra você se sentir melhor, mas quando você vai num nutricionista e fala isso: Então, agora você vai comer um franguinho com batata doce, isso, um peixinho a noite, mas só 50 gramas, que você vai combinar com um tomatinho em cima, mas muito pouquinho, tá? Você... Você num vale nada, nutricionista. Você foi feito pra foder meu cu. Você foi feito pra acabar com a minha vida. Eu sempre tive um problema, porque eu sabia que o meu corpo estava ficando escroto. Eu sempre pensava, pô, agora eu vou começar a dieta. Todo mundo é assim: agora eu vou começar a dieta. Ih... Tá vindo o Natal aí, né? Porra, não, então deixa pra depois do Natal. Agora eu vou começar a ih... Daqui a dois meses é meu aniversário. Não, então espera o meu aniversário e aí eu, eu faço. Agora eu vou come... ih, mas é o dia do índio... hum... Vou esperar mais um pouco então... Agora eu vou, agora eu vou começar. Cê começa, aí cê come no primeiro dia, no segundo dia sai promoção do McDonald's: se você comprar 55 você só paga dois (SOM) Aí cê vai no restaurante, aí vem: ai, isso aqui é cortesia da casa. Vem aquela caralha daquele negócio banhado em queijo, que cê fala: eu não quero cortesia da casa, você enfia essa cortesia da casa no cu da sua mãe. É você começar a dieta todo mundo começa a querer acabar com você! Conclusão: cê faz duas semanas de dieta e você consegue perder 14 dias, porque peso não dá (SOM) Aí beleza, o cara montou a minha dieta: cê você ficar com fome, no momento do lanche da tarde você come 50 gramas de mix nuts (SOM) cin... se eu estiver com fome eu vou comer 50 gramas de mix. Sabe que que dá 50 gramas de mix nuts? Dá tipo 5 castanhaas, três uva passa e duas amêndoas. Cê bota essa merda na boca com uma mordida só. A calopissita mata a fome com essa porra, eu sou um ser humano, eu tenho um metro e oitenta, como é que cê manda eu comer 5 castanhas se eu estiver com fome, seu filho da puta desgraçada. Eu quero hambúrguer, eu quero carne, eu não quero um caralho de: você agora vai pegar uma porçãozinha de tomates, misturar com couve-flor. Cara, tem coisa que te enche menos do que tomate com couve-flor? Aí a pessoa vem e fala de que Deus é justo, caralho, se Deus fosse justo o alface tinha gosto de brownie, num tinha gosto de alface. Ai, Felipe, mas eu adoro uma salada, adoooro um alface. (SOM) Na sua cara, seu cu que cê gosta de salda. Ninguém no mundo gosta de salada. Você tolera salada. Cê passa a olhar pra salada e fala: é, num é tão ruim assim... Se salada fosse bom tinha rodízio. Nunca vai existir um restaurante de rodízio de salada com fila na porta. As pessoas vão

falar: hum, hoje eu tô a fim de comer um rabanete... chega o agrião, gente... Ai, meu Deus. Algum pedido especial, senhora? Hum... Aquela rúcula caprichada bem passada, por favor (SOM) Mas beleza, depois de muito sofrer eu entrei na dieta de verdade. Passei a me comprometer, passei a comer que nem uma merda de uma galinha, ficar de mal humor, reclamar, mas consegui, fui lá. Sobre opinião de nutricionista é coisa também que irrita na porra da dieta. Toda semana tem uma informação nova. O ovo faz bem, não, agora o ovo faz mal, não ovo faz bem, o ovo faz mal. Cê começa a fazer o ovo mexido, até você acabar de fazer o ovo mexido aquela merda já mudou trinta e cinco vezes, cê num sabe mais se cê pode comer. Parece aquela punheta com culpa. Cê fala, puta que pariu, preciso tocar uma punheta, e você toca a punheta pensando que Jesus tá te olhando. Eu sei que depois de uma semana fazendo dieta, eu já estava sofrendo, né? Obviamente, chorando, suando, mas a pior coisa porque cê fala assim: aí eu vou cortar o carboidrato, vou passar a me alimentar mais de proteína, vou comer isso aqui, isso aqui, isso aqui. Velho... O teu intestino fica puto, o que ele fala: meu amigo, agora você vai conhecer o poder do gás (SOM) Todo ser humano que tá fazendo a dieta peida mal pa caralho, você nunca vai ver um cara que come hambúrguer, pizza e chocolate soltando aquela bufã que esvazia ambiente, é sempre o filho da puta que tá de dieta, depois que eu passei a fazer dieta, meu amigo, quando eu peido, eu saio. Outro dia eu cheguei em casa, meus cachorros vieram desesperados de felicidade pra me ver, eu soltei-lhe uma bufã que os dois saíram correndo na mesma hora, falaram não, foda-se, vou cumprimentar o vizinho. Parece que alguém pegou um cu e colocou aqui, e não vai sair. É um cu teleguiado, se você não correr de imediato cê vai ficar com aquele cheiro de cu durante meia-hora, que eu só tô comendo coisa saudável e mesmo assim, parece que meu peido agora é fabricado por defuntos, por dentro eu tô morto (SOM) E aí eu comecei a fazer uma coisa que eu descobri que é muito irritante, que é avisar pra todo mundo que eu tô de dieta. Gente, parem de fazer isso, cês são muito chatos, eu fui também. Para de botar no seu facebook que você hoje almoçou frango grelhado com batata doce. Foda-se o frango grelhado com batata doce, passa no seu rabo, ninguém tá nem aí pra sua dieta. Aliás, fica uma informação super bacanapra você que quer começar a fazer uma dieta: um copo de cerveja equivale a sete fatias de pão. Aí cê quer falar que Deus é justo, porra... (SOM) Mas no final de tudo isso, tá valendo a pena pra mim, meu corpo tá melhorando, eu tô praticando exercício, eu tô me sentindo mais vivo, mais saudável, tô ficando muito mais feliz no meu dia a dia, justamente pela combinação de dieta com exercício. Mas se tem uma coisa que acaba com meu dia, que

acaba com a minha vida é quando eu conheço aquela porra daquela mulher gostosa pa caralho que eu olho e falo: meu... deus... filha, que que cê come? Ai, eu nem faço dieta, eu como de tudo, vou no McDonald's direto, como pizza e tal, é super... (SOM) Você... isso é pacto... você vai pro inferno, maldita. Eu espero que você seja esquarterada enquanto viva, engasgada no próprio sangue, sua maldita desgraçada. Ai, Felipe, para, é genética. Enfia a genética no cu. Cê pega o seu DNA e cê crava todo no seu rabo, desgraçada m.. Sai da minha frente, sai da minha frente. Eu acho que eu preciso comer, eu tô ficando meio mal humorado (SOM) É isso, se cê concorda com as coisas que eu falei nesse vídeo e também teve dificuldade dá like aqui embaixo, deixa sua curtida, comenta qual é a coisa mais difícil de fazer dieta pra você, volta lá no facebook, marca seu amigo. E é isso, galera, tá passando o meu último vídeo aqui pra vocês assistirem, me segue no Snapchat "felipenetoreal" tá muito legal, vocês vão gostar, eu prometo... valeu, galera, um beijo e tchaaau...

Youtuber: Felipe Neto

Canal: Felipe Neto

Vídeo: reagindo aos comentários

Data: 31 de outubro de 2016

Comentário ao vídeo por Felipe Neto:

“***NÃO ESQUEÇA DE SE INSCREVER***

Inscriva-se aqui: <http://bit.ly/1f2kX84>

** Vamos ajudar? Clique abaixo:

<http://bit.ly/2cYIZTU>

Snap: felipenetoreal

Insta: felipenetoreal

Twitter: felipeneto”.

Categoria: Entretenimento

Licença: Licença padrão do YouTube

Endereço de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=2WKnNfdj0tA&t=65s>

Olá... (Será que eu consigo?)... Olá... uhh... Esses olás estão ficando cada vez mais perigosos, daqui a pouco eu vou fazer olá fazendo malabarismo com serras elétricas pegando fogo. Eu sou o Felipe Neto, seja bem-vindo para mais um vídeo... O meu vídeo do meu último sábado foi falando sobre mudanças na minha vida, como hoje eu sou uma pessoa diferente, e aí eu fiz testes on-line pra ver se eu conseguia acertar os testes sobre mim mesmo. E como era um vídeo que falava sobre mim, sobre essa pessoa linda, maravilhosa e muito humilde, eu falei: tá aí uma oportunidade para ler os comentários do YouTube, que é uma coisa que eu raramente faço, que os comentários do YouTube são uma merda, vamos combinar que a maioria é spam pedindo like, pedindo inscrito. Mas ignorando toda essa parte chata dos comentários eu vou ler o que as pessoas tão falando sobre mim e vou gravar um vídeo reagindo a esses comentários. Vamos ver se a internet me ama tanto quanto os números parecem indicar (SOM SUSPIRO) Inclusive se você faz parte desse grupo maravilhoso que não me odeia já desce a tela e clica no botãozinho chamado “inscrever-se”, que aí você faz parte dessa equipe maravilhosa de corujas fantásticas que curtem o meu trabalho e assistem todos os vídeos, todo dia às

dez horas da manhã (SOM FÔLEGO) Uma coisa que eu acho impressionante nos comentários da internet como um todo, seja no Twitter, no Facebook, nos comentários do YouTube, é que todo mundo é muito corajoso, né? A bola cresce, toda vez você vai comentar uma coisa, ainda mais se sua conta for um anônimo fake, tu fica com uma bola, amigo, com o testículo que não cabe no teu saco, fica com elefantíase sacal. O que muitas vezes comina com comentário do tipo “se eu te pego na rua, te espanco”. E quando você vai ver é um menino de onze anos (SOBREPOSIÇÃO CACHORROS LATINDO) Então vamo lá, vamos ler e reagir aos comentários: “Felipe Neto não fala mal dos outros, ele fala o que muita gente não tem coragem de dizer”. (SOM) ahhh... que fofis! *** Música “os ursinhos carinhosos estão aí pra ajudar, estão aí pra ajudar. Os ursinhos carinhos, estão aí pra ajudar, se precisar é só chamar”. Combina super com o seu nome, que é Luba Leitin (RISOS). Eu não podia perder essa piada, desculpa. Eu achei tão fofo que esse comentário tem quase dois mil likes, olha só, gente, não é apenas de ódio que vive os comentários do YouTube. Ah, meu Deus, estou excitado e com o piu piu duro... Eu espero muitos comentários como esse daqui para frente (SOM) Oh, Felipe Neto, você tem avô? Porque você é o Felipe Neto (MÚSICA) É, essa fo... foi boa a piada. Já... Já pode ter um canal no YouTube de humor já. Tá excelente. E o mais impressionante é que esse comentário teve trezentos e treze likes, trezentos e treze curtidas numa coisa idiota dessas. Felipeeee... Você tem avô? Porque você é o Felipe Neto (SOM). Às vezes eu gosto de Felipe Neto, as vezes eu não gosto. Aí eu volto a gostar, aí eu odeio. Não sei... só sei que eu tô adorando essa fase nova. Parabéns, você acabou de resumir o sentimento da internet inteira por mim. Ai, eu adoro o Felipe Neto. Ai, eu odeio o Felipe Neto. Ai, eu adoro o Felipe Neto. Ai, ele é um cuzão. Ai, ele é maravilhoso. Ai, meu Deus, eu quero ser atropelado por um... gato. Vocês são muito voláteis, tá? (SOM) Cês deveriam gostar de mim sempre, porque olha a minha carinha (SOM DE TRANSMISSÃO). Curte aqui que você perde a virgindade em dois dias. Salve putos. Sé... N, n numa boa, n, n vamo, vamos conversar sério aqui entre nós dois. Tem quase trezentas curtidas esse comentário. Alguém realmente achou que era o cocielo comentando. Num passa pela sua cabeça, só passar o mouse em cima do comentário pra você ver que o canal é fake? Assim, tem um fenômeno que eu queria muito entender nos comentários de YouTube que é o seguinte : tem gente que faz perfil no Twitter e quer ganhar seguidor. Legal. Tem gente que faz fanpage no Facebook e quer ganhar curtida. Legal. Tem gente que faz conteúdo no YouTube e quer ganhar inscrito. Legal. Agora o que leva um filho da puta a fazer uma conta fake no YouTube,

não produzir vídeo e viver em função de conseguir like em comentário. O quão vazia tem que ser a sua vida pra você tentar a todo custo ter like em comentário? Vai arrumar o que fazer pelo amor de Deus, tem louça na pia. Vai varrer tua casa, ganhar like da tua mãe, tem muito mais valor do que like em comentário. Que nem um perfil que tem aí, que o título do perfil é: toda vez que você ler o comentário eu estarei lá. O trabalho da vida do cara é ficar abrindo todos os vídeos, de todos os youtubers grandes e comentando: olha eu (RISOS) Eu não como ninguém (RISOS) Eu só tiro nota baixa (RISOS) Minha vida é um vazio existencial (RISOS) Mas eu ganho like no YouTube (RISO) Numa boa mesmo, no fundo do meu coração, a vocês que tem uma conta fake no YouTube só pra ganhar like, por favor, repensa sua vida, velho, vai arrumar um serviço, vai arrumar um chão pa limpar, um muro pa levantar (SOM) Mano, quem concorda que ele é idiota, dá like. Dezoito likes. Dezoito likes falando que eu sou o quê? Um idiota. Aí você reclama que o português é uma merda, sabe o que as pessoas falam? Ai, Felipe, isso é preconceito linguístico, porque as pessoas têm que escrever o que elas sabem escrever, o importante é passar a mensagem. Parabéns... você é um idiota. (SOM) Felipe Neto é claramente sentimental, quem se preocupa o que os outros pensam e vive vendo o que os haters falam é no mínimo infeliz (SOM-Música) Você me pegou... (CHORO) (GRITO) Coó eu vou ser feliz?... Eu sou um indiotaaa... Os haters têm razão sobre mim, por isso que eu !@#\$ (CHORO) (SOM) Na moral, medonho, você melhor fosse Felipe Quieto. Caralho, eu gostei disso. Tá aí um nome que eu num usei ainda. Olá... Olá, eu sou o Felipe Quieto, seja bem-vindo para mais um vídeo... (SOM) Eu odiava o Felipe Neto, hoje eu adoro. (Música segura o tchan, amarra o tchan, segura o tchan, tchan, tchan, tchan) Viado, cano diredo, seu lixo, seu viado. Alguém traduz pelo amor de Deus e me explica que que ele disse, que eu num entendi não. Mas o nome dele é Biel do Grau. Tô com medo (SOM) Esse comentário agora é maravilhoso. Sério, e, e, e, eu u estou em polvorosa de felicidade com esse com... Olha esse comentário: só eu que continuo achando o Felipe Neto um bostinha? Aí a pessoa respondeu embaixo: Inveja... E eis a saída do cara pra inveja: inveja? Pera aí, né?... Nunca terei inveja de uma pessoa do mundo, que vai sofrer uma eternidade no inferno. Te convido bem a conhecer Jesus (PALMAS) Eu adoro esses fervorosos, essas pessoas que são crentes mais do que são qualquer outra coisa na vida, e que acham que são verdadeiros missionários de Jesus Cristo. E devem pelo seu sangue e pelo seu poder arremeter as pessoas e mostrar pra elas o caminho da verdade, o caminho da misericórdia. E como você chega no caminho da misericórdia, irmão? É mostrando pra

ela que ela vai pecar, que ela vai pro inferno, que ela vai apodrecer por toda eternidade no fogo eterno, irmão, e é dessa forma que a gente prega o amor, que a gente prega a aceitação, que a gente prega a humanidade, é mostrando os erros dos outros, apontando o dedo na cara e falando: você vai soffreeer... (SUSPIRO) E aí você pega tudo o que Jesus fez enquanto passou pela terra e você percebe que em nenhum momento ele fez nada disso. Ele dava a outra face, ele perdoava, ele incluía, ele não segregava, ele não apontava dedo, ele não te condenava. Mas você, que acha que é o mensageiro de Cristo na terra faz tudo que ele não fazia e acha que está no caminho certo (PALMAS) (SOM) Que vontade de enrubar esse cara. E com esse comentário a gente finaliza (RISOS) Eu não consigo entender se esse cara tá me elogiando ou me xingando, porque eu preciso dar um aviso pra vocês, queridos, comer também é gay. Aliás o Maurício Meireles tem uma teoria maravilhosa que ele fala o seguinte: o cara que come é mais gay do que o cara que dá. Porque o cara que dá as vezes ele só fica de quatro, fecha o olho ali e vai pra outro paralelo, e fica imaginando outra coisa no mundo. Ele pode dá ali e pode tá pensando na, na, na morte de cavalos na Indonésia. Mas o maluco que come, tá olhando pra uma bunda de um cara, pa aquele cu peludo suado e tá de pau duro, e tá ali, tipo: ah, isso aí... eu gosto é disso aqui... eu gosto é desse saco balançando embaixo... (RISO) Ai, que merda... Então não venha dizer que você enruba os outros, você é macho pa caralho, o hétero, o viril, o varão... Que você também é gay, tá, querido? E é isso, não deixe de se inscrever aqui no canal e deixa seu like aqui embaixo pra eu saber que você gostou, e quem sabe eu volte comentando mais comentários, tá? Um beijo na teta esquerda de todo mundo e tchaaau... (MÚSICA).